

**UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

SILVANA AYUB POLCHLOPEK

**O MUNDO PÓS “11 DE SETEMBRO” EM TÍTULOS:
TECENDO FIOS/TEXTOS ENTRE A TRADUÇÃO
E A NARRATIVIDADE JORNALÍSTICA**

**FLORIANÓPOLIS (SC)
JULHO 2011**

Silvana Ayub Polchlopek

O mundo pós “11 de Setembro” em títulos: tecendo fios/textos entre a tradução e a narratividade jornalística

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^a Dr^a Meta Elisabeth Zipser
Co-Orientadora: Prof^a Dr^a Maria José Damiani Costa

Florianópolis (SC)
Julho 2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

P762m Polchlopek, Silvana Ayub
O mundo pós 11 de Setembro [tese] : tecendo fios/textos
entre a tradução e a narratividade jornalística / Silvana Ayub
Polchlopek ; orientadora, Meta Elisabeth Zipser, co-
orientadora, Maria José Damiani da Costa. - Florianópolis,
SC, 2011.
324 p.: il., grafs., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina,
Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Tradução.

Inclui referências e apêndices

1. Tradução e interpretação. 2. Narrativa - (Retórica).
3. Jornalismo - Tradução e interpretação. 4. Cultura. I.
Zipser, Meta Elisabeth. II. Costa, Maria Jose Damiani. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

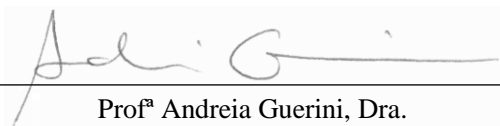
CDU 801=03

SILVANA AYUB POLCHLOPEK

**O MUNDO PÓS “11 DE SETEMBRO” EM TÍTULOS:
TECENDO FIOS/TEXTOS ENTRE A TRADUÇÃO
E A NARRATIVIDADE JORNALÍSTICA**

Esta tese foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de **Doutora em Estudos da Tradução** junto ao **Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução** da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 01 de Julho de 2011.

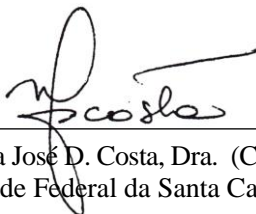


Profª Andreia Guerini, Dra.
Coordenadora da PGET

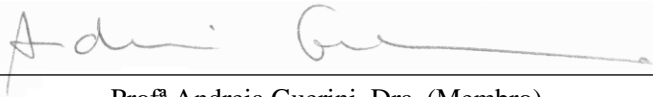
Banca Examinadora



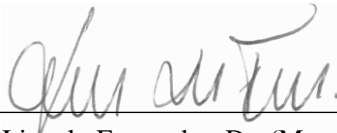
Profª Meta Elisabeth Zipser, Dra. (Orientadora)
Universidade Federal da Santa Catarina - UFSC



Profª Maria José D. Costa, Dra. (Co-orientadora)
Universidade Federal da Santa Catarina - UFSC



Profª Andreia Guerini, Dra. (Membro)
Universidade Federal da Santa Catarina - UFSC



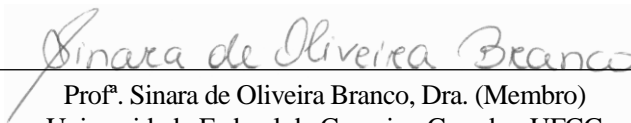
Prof. Lincoln Fernandes, Dr. (Membro)
Universidade Federal da Santa Catarina - UFSC



Prof. Ronaldo Lima, Dr. (Membro)
Universidade Federal da Santa Catarina – UFSC



Profª Rosana de Lima Soares, Dra. (Membro)
Universidade de São Paulo - USP



Profª. Sinara de Oliveira Branco, Dra. (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Aos meus pais e ao meu marido que
escreveram essa tese comigo, de muitas
maneiras, ao longo destes dois anos.

AGRADECIMENTOS

Tem um artigo que diz que “viver a tese é preciso”. Embora autoexplicativo, eu não tinha ideia da dimensão desse processo até engrená-lo de vez. Houve muitos altos e baixos, mas quer saber se valeu a pena? Sim. Aprender nunca é demais e revendo todo esse percurso acadêmico e a pesquisa assim estruturada, agradeço a todos que me ajudaram a viver a minha tese:

Mãe, Pai, Angie, Tuca, Marido, Vó Helena (*in memoriam*); **Sogros; Meta e Zeca**, verdadeiras orientadoras (no mestrado e no doutorado), que me abriram caminhos, oportunidades e que apostaram e confiaram em mim e nos títulos, literalmente, no ar;

Christiane Nord, cuja teoria inspirou mestrado e doutorado;

Professores **Rosana de Lima Soares** (ECA-USP) e **Lincoln Fernandes** (UFSC) por terem aceito o convite pra qualificação e defesa e Professores **Ronaldo Lima** (UFSC), **Andreia Guerini** (UFSC) e **Sinara Branco** (UFCG) por terem aceito o convite para a banca final! Meu respeito e admiração a todos vocês como professores e como pesquisadores!

Professoras **Clarissa** e **Mariza** (UFPR) e **Míriam** (UTFPR) que me motivaram (direta e indiretamente) a finalizar o doutorado devido aos concursos e Professores da PGET: **Andreia Guerini, Mauri Furlan, Markus Weininger, Werner Heidermann, Maria Lucia, Inna Emmel;**

Fernando, Guilherme e **Marivone** da secretaria da PGET;

Robert Coulthard; Hutan Almeida; Karin Pessoa e Paulo Maltzahn – colegas de doutorado e amigos que eu tanto admiro! Obrigada pelas conversas, pelos cafés na La Bohème, pela amizade de vocês, pela troca constante de conhecimento e pelas traduções!

Neuzeli; Rogério, Ormecinda; Suzana; Maria Herondina; Daniel e Iara, prestativos funcionários da BU; **Lena** e **Marcos** pelas fotocópias;

Dr. Imad, Dr^a. Carmen e **Dr. Ribas** que cuidaram de mim em 2010; **Marileuza** e **Simone** pelas palavras de incentivo sempre sábias e pela amizade pessoal e profissional,

Janaína e Hilton; Ioanna e Vlademir pelo auxílio com os protocolos no DPA e na PRPG e,

A Universidade Federal de Santa Catarina – absolutamente incrível!

*Ainda que eu ande pela sombra do vale da morte,
não temerei mal algum porque Tu estás comigo. (Salmo 23)*

(...) ce que j'appelle encore «texte» pour des «raisons partiellement stratégiques, et qui ne serait plus, dès lors, un corpus fini d'écriture, un contenu cadré dans un livre ou dans ses marges mais un réseau différentiel, un tissu de traces renvoyant indéfiniment à de l'autre, référées à d'autres traces différentielles.

Jacques Derrida (1986, p.127)

RESUMO

POLCHLOPEK, Silvana. **O MUNDO PÓS “11 DE SETEMBRO” em títulos: tecendo fios/textos entre a tradução e a narrativa jornalística.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2011.

Partindo de um conceito ampliado de texto deslocado para o fato noticioso esta pesquisa contextualiza os desdobramentos do “11 de Setembro” propondo um estudo que se desprende igualmente do texto e se volta para o título que apresenta o tem a e abre o texto para o leitor. A sequencialidade evidenciada pelos títulos constrói um novo texto/tradução que resgata a historicidade do fato e gera deslocamentos de enfoque que representam culturalmente o evento. O *corpus*, constituído de títulos de reportagens sobre o “11 de Setembro” publicados nos jornais *The New York Times* e Folha Online marca os desdobramentos do fato entre 2001 e 2009 fundamentado em três vértices: o funcionalismo alemão (NORD, 1991), a teoria enunciativa de Bakhtin (2000) e a teoria da representação cultural (ZIPSER, 2002) em tradução. A metodologia emprega uma rede semântica que contextualiza o cenário pós “11 de Setembro”, permitindo identificar rapidamente os títulos como pertencentes a esse evento. Resultados evidenciam a representação cultural através: i) de aspectos que categorizam a narrativa (tema, personagens, cenário); ii) do léxico e efeitos de sentido gerados pela rede semântica; iii) das modalidades retóricas que articulam os textos e iv) da narrativa deslocada para o campo do discurso jornalístico. Os dados obtidos enfatizam os títulos como traduções do fato noticioso e narrativas jornalísticas circunstanciadas (inscritas num determinado momento sócio-histórico-cultural) e contextualizadas (envolvendo sujeitos, significações, pressuposições e memórias específicas). Tal perspectiva abre espaço para pensar a tradução a partir da própria relação interlocutória entre sujeitos e/ou instituições sociais, de onde tem origem a intencionalidade do dizer, bem como as maneiras de se construir, organizar, narrar e representar a realidade culturalmente.

Palavras-chave: tradução jornalística, títulos, representação cultural, narrativa.

ABSTRACT

POLCHLOPEK, Silvana. **O MUNDO PÓS “11 DE SETEMBRO” em títulos: tecendo fios/textos entre a tradução e a narrativa jornalística.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2011.

From a broad concept of text, shifted to the journalistic event, this thesis focuses the “September 11th” developments within the North American and Brazilian contexts analyzing news reports titles, understood as an utterance that represents the topic and introduces the text to the reader. Its continuing succession enables the production of another text/translation which states the historicity of the fact and generates shifts in focus that culturally represents the event within the focused contexts. The *corpus* is designed by titles about the “September 11th” published in two online newspapers: *The New York Times* and *Folha Online* from 2001 to 2009 and studies from three specific angles: the German functionalism (NORD, 1991), Bakhtin’s (2000) enunciative theory and the theory of cultural representation (ZIPSER, 2002) in translation. The methodology applies a semantic network to contextualize the scenario of the events and rapidly identify titles related to such events. Results highlight cultural representation through aspects that categorize the narrative (theme; characters, scenarios); the lexis and meaning effects generated by the semantic network; the rhetorical modalities underling textual articulation and the narrative shifted to the journalistic discourse field. Data obtained from the analysis point out the texts produced from the titles as translations about the developments of 2001 events in the world. Hence, these narratives are both circumstantiated (inserted within a certain socio-historic-cultural moment) and contextualized (involving subjects, meanings, presuppositions and selective memories) journalistic translations. One may, then, think translation from the viewpoint of the interlocutive relationship between subjects and/or social institutions, from where the speech intentionality, as well as means to culturally structure, organize, narrate and represent reality emerge.

Key-words: journalistic translation; titles; cultural representation; narrative.

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1 - Capas da Time-edição norte-americana (esquerda) e latino-american (direita).....	86
Figura 3.2 - Capas da Time-edição latino-americana e da revista Veja	87
Figura 4.1 - Exemplo de título com resumo em uma frase	101
Figura 4.2 - Exemplo de títulos em lista.....	102
Figura 4.3 – Ondulatória	111
Figura 6.1 – Modalidade retórica do NYT e da FSP	266
Figura 6.2 – Linha do tempo NYT – 2001-2009	268
Figura 6.3 – Linha do tempo FSP – 2001-200	269
Figura B.1 - Títulos de primeira página do NYT sobre o “11 de Setembro” (impresso).....	304
Figura B.2 - Homepage da Folha Online – quinto aniversário 24/08/06	305
FiguraB.3 - Notícia online da FSP sobre o “11 de Setembro” - 11/09/2001 ..	306
Figura B.4 - Tipos de títulos	309
Figura D.1 - Homepage da Folha Online.....	317
Figura D.2 - Homepage do <i>The New York Times</i>	318

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 – Nomenclaturas para o jornalismo via internet.....	36
Tabela 5.1 - Exemplos de títulos coletados para o corpus	119
Tabela 5.2 - Exemplos de títulos descartados do corpus	123
Tabela 5.3 - Total de títulos publicados e considerados para análise.....	124
Tabela 6.1 - Marcas culturais nos títulos do NYT e FSP	273

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico5.1-Comparativo entre títulos (ano) e seção <i>World</i> – NYT.....	120
Gráfico5.2-Comparativo entre títulos (ano) e seção <i>Mundo</i> – FSP.....	121
Gráfico 5.3 - Comparativo entre títulos (<i>World</i>) e títulos efetivamente analisados – NYT.....	122
Gráfico 5.4 - Comparativo entre títulos (<i>Mundo</i>) e títulos efetivamente analisados – FSP.....	122
Gráfico 5.5 - Comparativo entre títulos efetivamente analisados - NYT e FSP.....	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TF	–	Texto –fonte
NYT	–	<i>The New York Times</i>
FSP	–	Folha de São Paulo – online
AD	–	Análise do discurso
TJ	–	Texto Jornalístico
WTC	–	<i>World Trade Center</i> - Torres Gêmeas
UE	–	União Europeia
NY	–	Nova York
CIA	–	<i>Central Intelligence Agency</i> – Agência Central de Inteligência
FBI	–	<i>Federal Bureau of Investigation</i> - Escritório Federal de Investigação
OTAN	–	Organização do Tratado do Atlântico Norte
UFSC	–	Universidade Federal de Santa Catarina
TT	–	Texto Traduzido
AQ	–	Al Qaeda

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	17
1. TEMA DE PESQUISA.....	17
1.1 ASPECTOS GERAIS.....	17
1.2 ASPECTOS ESPECÍFICOS.....	19
1.3 PREMISSAS E PROBLEMA DE PESQUISA.....	21
1.4 TRABALHOS RELEVANTES.....	25
1.5 OBJETIVOS.....	29
1.5.1 Objetivo Geral	29
1.5.2 Objetivos Específicos.....	30
1.6 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES.....	31
1.7 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	33
1.8 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	34
1.8.1 Da Terminologia Empregada.....	35
1.9 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	38
CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO: LINGUAGEM, ENUNCIÇÃO E (CON)TEXTOS.....	41
2.1 A LÍNGUAGEM ENQUANTO EVENTO SOCIAL.....	41
2.2 SUJEITO E ENUNCIÇÃO: DIALOGISMO.....	43
2.3 TEXTO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....	47
2.4 CONTEXTO E CONSTRUÇÃO DE REALIDADES.....	51
2.5 TRADUÇÃO, PENSAMENTO, (INTER)CULTURA(LIDADE).....	56
CONCLUSÕES PARCIAIS.....	63
CAPÍTULO 3 – A TRADUÇÃO EM INTERFACE COM O JORNALISMO.....	65
3.1 O PARADIGMA FUNCIONAL E A TRADUÇÃO COMO ATO COMUNICATIVO	65
3.2 UM OLHAR FUNCIONALISTA SOBRE A PRÁTICA JORNALÍSTICA.....	72
3.3 APROXIMANDO PRINCÍPIOS; O CONTEXTO DA INTERFACE	76
3.4 REPRESENTAÇÃO CULTURAL: DIFERENTES ENFOQUES, DIFERENTES LEITURAS	81
3.5 IMPÉRIO VULNERÁVEL X NAÇÃO INDIVISÍVEL: UMA VISÃO SINCRÔNICA SOBRE O “11 DE SETEMBRO”	84
CONCLUSÕES PARCIAIS.....	92

CAPÍTULO 4 – TÍTULOS E NARRATIVIDADE:TECENDO FIOS.....	95
4.1 TÍTULO: ORIGEM E FUNÇÕES	95
4.2 ASPECTOS GERAIS SOBRE A LINGUAGEM DE TITULAÇÃO.....	100
4.3NARRATIVIDADE: TECENDO FIOS E NOVAS POSSIBILIDADES TRADUTÓRIAS.....	103
4.4NARRATIVA DIGITAL – TEMPO, ESPAÇO E MEMÓRIA COLETIVA.....	109
CONCLUSÕES PARCIAIS.....	113
CAPÍTULO 5 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	115
5.1 DA CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	115
5.2 DA NATUREZA PRÁTICA PESQUISA.....	116
5.3 DA COLETA, SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DE ESTUDO.....	117
5.4 PROCEDIMENTOS GERAIS DE ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS	119
5.5 DESCRIÇÃO DO CORPUS	125
CAPÍTULO 6 – TECENDO FIOS, CONSTRUINDO (NOVOS) TEXTOS.....	127
6.1 O ANO DE 2001: a manhã que marcou a história do mundo.....	127
6.1.1. A NATION CHALLENGED:THE EVIDENCE: another tape ties bin Laden to hijackings (NYT).....	128
6.1.2. Tropas de elite “caçam” bin Laden no Afeganistão” (FSP).....	130
6.2 O ANO DE 2002.....	149
6.2.1 THREATS AND RESPONSES:STRATEGY; Rumsfeld Says Other Nations Promise to Aid Attack on Iraq (NYT	149
6.2.2 Bush pede paciência na caçada a Bin Laden (FSP).....	155
6.3. O ANO DE 2003.....	168
6.3.1 TWO YEARS LATER: World Opinion; Foreign Views of U.S. Darken After Sept. 11 (NYT).....	169
6.3.2 O mundo após dois anos do 11 de Setembro (FSP).....	174
6.4 O ANO DE 2004.....	184
6.4.1 THE REACH OF WAR; in video message , Bin Laden issues warning to US (NYT).....	185
6.4.2 Após três anos do 11/9, terrorismo mantém Bin Laden "vivo" (FSP).....	187
6.5 O ANO DE 2005.....	194
6.5.1 Bush Lets U.S. Spy on callers without courts (NYT).....	194
6.5.2 Bush admite ter autorizado escutas secretas (FSP).....	196

6.6 O ANO De 2006.....	202
6.6.1. Al Jazeera Shows Tape of bin Laden and Planners of 9/11 (NYT).....	202
6.6.2. Casa Branca confirma veracidade de vídeo com preparação do 11/9 (FSP).....	205
6.7 O ANO DE 2007.....	218
6.7.1 Seeking Terror's Causes, Europe Looks Within (NYT).....	219
6.7.2 Bin Laden exige que europeus saiam do Afeganistão (FSP).....	221
6.8 O ANO DE 2008.....	231
6.8.1 Muslims in India Put Aside Grievances to Repudiate Terrorism (NYT).....	231
6.8.2 Ministro do Interior da Índia reconhece falhas do governo em ataques (FSP).....	234
6.9 O ANO DE 2009.....	246
6.9.1 Passport Is First Evidence of 9/11 Suspect in 2 Years (NYT).....	246
6.9.2 Obama diz que EUA fazem progresso real no combate ao terror (FSP).....	250
6.10 SOBRE O TEXTO TECIDO.....	262
CAPÍTULO 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	275
7.1 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	281
REFERÊNCIAS.....	283
APÊNDICE A - Características gerais da linguagem jornalística.....	297
APÊNDICE B - Categorias e estratégias para elaboração dos títulos.....	301
APÊNDICE C - Enquete sobre a leitura de títulos no ambiente online.....	315
APÊNDICE D - Da Folha Online (FSP) e do The New York Times (NYT)....	316

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Curiosidade, criatividade, disciplina e especialmente paixão são algumas exigências para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade. (Mirian Goldenberg)

1. TEMA DE PESQUISA

O tema desta tese constitui o estudo de títulos jornalísticos publicados em jornais online. Esses títulos são compreendidos como narrativas tradutórias, culturalmente marcadas, acerca dos desdobramentos que sucederam os eventos do “11 de Setembro”. Convém ressaltar que não se trata da tradução de títulos, mas sim dos títulos como traduções de fatos noticiosos.

1.1 ASPECTOS GERAIS

Os últimos quarenta anos, período relativamente recente, têm sido um período bastante representativo para os estudos da tradução, em relação ao desenvolvimento de teorias e metodologias de pesquisa, cujo resultado direto incide em novos olhares e objetos de estudo que efetivam e consolidam a área como campo independente de pesquisa no meio acadêmico.

Uma das tendências que vem se firmando neste sentido é a parceria dos estudos da tradução com áreas afins (antropologia; filosofia; ciências da comunicação; sociologia; psicanálise), gerando interfaces de investigação e conduzindo a tradutologia a uma característica multidisciplinar. Tal fato, segundo Martins (1999) tanto pode descaracterizar e sufocar a disciplina com um excesso de aportes teóricos, caso se distancie demasiado do seu objetivo maior, como também colaborar para um processo de amadurecimento e expansão e múltiplos cruzamentos do conhecimento. Acredita-se que o aspecto positivo dessa tendência é, de fato, o caminho mais produtivo, caso da interface na qual este estudo está inserido: a tradução-jornalística.

Originalmente proposta por Zipser (2002), a interface representa hoje, após sete anos de intensas pesquisas, um ponto de entroncamento para reflexões que tematizam a questão maior da linguagem e da cultura no ambiente tradutório, ou seja, o papel exercido pela linguagem e pela cultura na construção e na tradução de fatos noticiosos, especialmente estes quando

atravessam fronteiras geográficas e culturais. A percepção e a construção de sentido dos fatos são, portanto, mediadas por diversas realidades sociais, econômicas, políticas, históricas e culturais possibilitando composições inovadoras do ponto de vista acadêmico e enriquecedoras não só para a prática de tradução como também para a prática jornalística em si, bem como seus pressupostos, concepções e agentes.

Observa-se, nesse sentido, um grande interesse das pesquisas pelo trabalho com o texto propriamente dito, isto é, a reportagem, capas de revistas, jornais, a *homepage* de um site como convém à tradução em si, cujo foco volta-se também a questões do texto como processo e/ou produto (ZIPSER & POLCHLOPEK, 2009). Pouca atenção é dada, nesse âmbito, a outros elementos textuais como, por exemplo, os títulos que atuam como fios condutores de leitura e elementos responsáveis, por si próprios, por uma construção narrativa que eventualmente resulte na tradução do fato noticioso. Em outras palavras, a atenção volta-se para o contexto no qual o texto/fato foi produzido e/ou traduzido (re textualizado), ignorando-se o fato que o evento geralmente se desenrola em inúmeras outras reportagens por semanas, meses ou anos, até que se esgote ou outro acontecimento tome seu lugar na mídia.

Buscas realizadas em bases de dados de teses e dissertações apontam os seguintes caminhos de pesquisas relacionados aos títulos: composição da estrutura da notícia (JORGE, 2007); estratégias de construção (LOURO 1994); função e retórica dos títulos em blogs (FERREIRA, 2009). Tais resultados demonstram, conforme o item 1.4, que pesquisas acadêmicas voltadas aos títulos/manchetes jornalísticas são escassas, ponto de vista corroborado também por Medina (1988, p.118), visto que em sua grande maioria os títulos constituem apenas um capítulo de análise em relação a um *corpus* maior estudado, apesar da ênfase dada à sua função de atrair o leitor para a reportagem. Nord (1993) reitera, igualmente, que do ponto de vista teórico da tradução, o fenômeno do título mostra-se interessante e rico e que é admirável que a ciência tradutológica não lhe tenha ainda concedido um enfoque mais minucioso. Esta constatação reitera não só a necessidade de uma proposta voltada para o estudo mais pontual da titulação, como também a possibilidade de expansão dos horizontes de pesquisa relacionados à tradução jornalística, atribuindo aos títulos não apenas uma função linguística, mas também narrativa, no sentido da construção de uma história paralela àquela contada pela própria reportagem e de representação cultural do fato em contextos socioculturais distintos. Esclarecemos que a vertente teórica que fundamenta este estudo é o funcionalismo alemão para os estudos da tradução, seguindo a organização dos capítulos e a análise conduzida, sempre dos aspectos mais gerais para os mais pontuais.

1.2 ASPECTOS ESPECÍFICOS

Ao longo da história da tradução (DELISLE e WOODSWORTH, 1998; MUNDAY, 2002; GUERINI e FURLAN, 2002) a concepção de tradução mais comumente aceita é a da transposição de um texto dito original (TF) escrito em uma determinada língua, para outra língua qualquer de modo que os leitores-finais possam ter acesso às suas informações. Esta é a concepção mais aceita entre leitores e também entre os próprios pesquisadores¹. Desta é possível deduzir algumas regras, tais como a necessidade, quase arbitrária, de se ter um texto para que a tradução possa existir; a concepção de tradução como transposição (conversão, passagem, transcrição, transferência, reescrita, interpretação entre outros sinônimos) de ideias, deixando implícito um código (linguístico) que precisa ser dominado para que o texto se faça compreender em outra língua. Estes cânones não são compatíveis com a tendência interdisciplinar, devendo ser revistos para compreender não só os paralelos entre tradução e jornalismo como também o conceito de tradução como representação cultural (ZIPSER, 2002).

A interface tradução-jornalismo parte de uma noção ampliada de texto que não se origina no texto escrito, como se compreende a tradução na sua vertente tradicional. Parte-se do próprio fato (re)traduzido para diferentes culturas, conforme interesses locais pela temática da notícia. O “11 de Setembro” é pertinente, neste caso, em vista da repercussão mundial que alcançou em 2001, gerando reações e leituras distintas em diversos países (POLCHLOPEK, 2005). Isto significa dizer que o fato “11 de Setembro” foi culturalmente representado, ou seja, culturalmente traduzido, em razão de que os diferentes veículos de comunicação empregam marcas das culturas destinatárias para relatá-lo. Esta constatação se explica pelo fato de que, em abordagem funcionalista, o leitor é sempre prospectivo, pensado a frente do fazer tradutório e jornalístico; afinal, o leitor é o responsável por realizar a função do texto e atribuir sentidos para a sua leitura, através dessas marcas culturais. Esta proposta não trata, portanto, de textos traduzidos a partir de um original, mas sim a partir de um fato que desencadeia diferentes traduções (angulações e enfoques) para a representação cultural da notícia.

Num primeiro momento, a tradução jornalística causa alguma estranheza, visto que seus elementos de aproximação nem sempre são

¹Esta afirmação é feita com base em questionários de pesquisa aplicados a leitores que já contrataram serviços de tradução. Cerca de 80% deles associam essa atividade à ideia de equivalência total e fidelidade ao TF. Quanto aos pesquisadores, a afirmação é feita tendo por base opiniões e avaliações feitas em congressos sobre a interface. Nota-se que é muito difícil o desprendimento da noção de TF.

facilmente percebidos. Porém, através da ótica das ciências da comunicação, jornalismo e tradução apresentam muitos pontos em comum, sendo o primeiro e mais visível deles a própria linguagem. Segundo Mayra Rodrigues Gomes (2000, p.19), o jornalismo é um fato de língua, visto que a linguagem articula e organiza o “real” discursivamente. Aproximando essa lógica da tradução, Sobral (2008, p.58) afirma que traduzimos discursos e não apenas enunciados. Nesse sentido, ousamos dizer que se o jornalismo é fato, a tradução é um ato de língua para lembrar o conceito de tradução como ação comunicativa, proposto por Nord (1991, p.15; 1997a, p. 2; 22). Por essa razão, e sendo a tradução um ato comunicativo, lembramos que antes dos textos, os títulos das matérias jornalísticas são os elementos que estabelecem esse primeiro contato com o leitor que, muitas vezes, toma conhecimento do fato lendo apenas os títulos sem, necessariamente, acessar o texto completo. A dinâmica da notícia e a rapidez da informação fazem com que o título assuma o papel fundamental de resumo do fato para o leitor (NUNES, 2003). No entanto e, mesmo recebendo alguma atenção em pesquisas, o título não foi abordado, até o momento, como representação cultural de fatos nem tampouco constituindo narratividades jornalísticas, conforme explicitado no item anterior. Neste sentido, apesar de ser elemento fundamental na estrutura dos textos (especialmente os midiáticos), não se atribui ao título o papel de fio condutor e narrador de histórias que traduzem eventos noticiosos. Atribui-se a isso, provavelmente, o fato de não se encontrar nos títulos propriedades lexicais e/ou sintáticas suficientes para análises detalhadas em razão das regras de elaboração que regem a titulação jornalística; os títulos são apenas um aspecto complementar da estrutura da reportagem (NUNES, 2003), provável razão pela qual, apenas capítulos em trabalhos mais amplos sejam dedicados a eles.

Tal constatação pode levantar uma aparente contradição quanto ao fato de os títulos não oferecerem elementos de análise em si mesmos, mas ainda assim receberem o foco de atenção para uma tese. O que poderia, então, ser um aspecto desfavorável, ressalta características positivas: a atração que o título exerce sobre o leitor; a circunstância do fato; o impacto da informação e o seu poder de determinar o sucesso de uma obra ou o caráter marcante de uma reportagem; as pressuposições tecidas pelo leitor; os critérios de noticiabilidade que agregam o fator cultural à reportagem; além do poder inerente de atuar como resumo da notícia e de sedução do leitor para uma leitura efetiva do texto e também as razões translatólogicas (relacionadas às teorias de tradução), como observa Nord (1990, p.153), visto que o título é uma unidade textual que ilustra relativamente bem às possibilidades e necessidades de uma tradução que se pretenda funcional. Por essa razão, os elementos lexicais e sintáticos exercem papel crucial na construção de

sentidos no texto, mesmo que condensados ou mais pontuais no espaço delimitado dos títulos.

A narratividade também encontra nos títulos espaço para construir o que pode ser chamado de uma tradução paralela àquela narrada pela própria reportagem, o que possibilita que os títulos *per se* movimentem o tear dos acontecimentos. É nesse sentido que **esta proposta se insere**: sistematizar um estudo sobre títulos jornalísticos, cuja sequencialidade possibilite não apenas a (re)construção da historicidade narrativa dos fatos noticiosos, como também sua tradução ou representação cultural.

1.3 PREMISSAS E PROBLEMA DE PESQUISA

Conforme já mencionado, ao longo da história da tradução, o processo tradutório tem sido pensado e analisado como derivativo exclusivamente de um TF, dificultando o desprendimento necessário para pensar a tradução independente da existência de um texto especificamente. O funcionalista Hans Vermeer (1986), entretanto, comenta que isso é possível, o que significa que pensar a tradução sob o viés jornalístico faz sentido. Com efeito, Zipser (2002) afirma que do acontecimento até a reportagem final o caminho percorrido pela notícia é longo e há sempre um recorte, uma angulação no relato da matéria, pois nada é divulgado sem antes passar por responsáveis como editores chefe ou chefes de redação. Isso significa que os textos, e por extensão os títulos, obedecem a critérios de pauta, noticiabilidade e, até mesmo, interesses do próprio veículo midiático.

Esta situação nos faz lembrar que a imprensa não escreve para si e que no outro vértice dessa relação fato-imprensa-reportagem está o leitor que imprime ao jornalismo a sua função testemunhal e espera ser informado sobre os fatos com a devida “isenção”. Esta é uma afirmação que se comprova ao questionarmos o leitor sobre qual é o papel do jornalismo. Muitos dizem que esse papel é o de ‘garantir o acesso à informação com honestidade, imparcialidade, responsabilidade, competência’. Enquanto isso, o tradutor, por extensão, deve ser capaz de ‘redigir em uma língua o que entende em outra com coesão, sentido, sem alterar o texto original²’. Esse contexto evidencia uma interferência entre o fato e o seu relato na imprensa cujo teor é capaz de produzir diferentes enfoques para uma mesma notícia, quando

²Estes dados, sistematizados parcialmente, fazem parte de uma pesquisa da autora sobre tradução.

publicada em diferentes contextos e para públicos que, eventualmente, não compartilham dos mesmos traços da cultura de partida.

Conforme já observado, pesquisas³ que vem sendo realizadas nesta interface têm demonstrado com consistência que o deslocamento de enfoque responde à tradução da notícia através de elementos verificados externa e internamente aos textos (NORD, 1991). Acreditamos, nesse sentido, que os títulos também sejam capazes de registrar o fato e narrar uma história enquanto ele [o fato] permanece repercutindo na imprensa em maior ou menor grau, através do que Gomes (2000) chama de processo de remetência ou de memória, isto é, cortes realizados pelo jornalista em reportagens já publicadas sobre o fato com o objetivo de agregar um elemento novo a este relato, produzindo uma nova notícia.

Através destas inserções, a reportagem se inscreve na história e, agrupada a outras notícias geradas a partir do referente, configura uma sequência narrativa de acontecimentos que se relacionam entre si diacronicamente, especialmente através dos títulos, por uma relação de simultaneidade ou de remetência. Curiosamente, mesmo na literatura jornalística (LAGE, 2001; COIMBRA, 1985; LIMA, 2004; WOLF, 2003; NUNES, 2003; LONARDONI 1999a/b; FONTCUBERTA, 2002; MEDINA, 1988; PINHO, 2003) pouco se fala sobre a elaboração e função do título ou da possibilidade de ele mesmo tecer uma narrativa jornalística, configurando uma tradução para ao fato. Até mesmo Nord (1991), no que se refere aos estudos tradutórios, não faz menção ao título como um elemento capaz de gerar uma sequência narrativa tradutória. Nord (1991) contextualiza os títulos à luz das funções da linguagem e como parte dos fatores intratextuais, ligado ao ‘tema’ na sua sistematização para análise textual. A autora, entretanto, evidencia o estudo dos títulos e subtítulos (beletrística, livros técnicos, infantis, contos, poesias e revistas especializadas) no livro *Introdução em tradução funcional (Einführung in das funktionale Übersetzen: am Beispiel von Titeln und Überschriften)* de 1993, analisando-os do ponto de vista das funções da linguagem; dos princípios da tradução funcional; do títulos como gêneros textuais; das dificuldades pragmáticas da sua tradução e dos problemas gerados pelas especificidades linguísticas nos pares linguísticos. Nord, porém, não trata dos títulos jornalísticos e da sua capacidade (ou função) narrativa.

Como resultado desta exposição, evidenciamos os seguintes aspectos: os títulos não são elementos recorrentes de análise para os estudos da tradução, tampouco para o jornalismo, apesar do interesse pelos títulos em

³Essas pesquisas são de mestrado e podem ser acessadas pela página da pós-graduação em estudos da tradução (PGET) pelo site www.pget.ufcs.br.

obras literárias e cinematográficas (legendagem) e de integrarem a estruturação da notícia. Mesmo nas pesquisas listadas e nos quais são analisados, os títulos são vistos apenas como enunciados isolados, ou seja, ligados unicamente ao texto que qualificam e não como tendo a capacidade de, em conjunto, narrar e configurar uma tradução para o fato noticioso. Das poucas vezes que a literatura existente lhe concede espaço (NUNES, 2003, FONTCUBERTA, 2002; LOURO, 1994; FERREIRA, 2009; LONARDONI, 1999a/b) o título é mostrado apenas como elemento integrante da notícia, cuja função é atrair o leitor. Mesmo quando se fala em hipertextos (KOCH, 2006, p.67) como o contexto do *corpus* em questão, o título perde em importância para a topicalidade, isto é, perde para o pano de fundo da notícia que pode vir no papel de *lead* (ou lide) ou do tema apresentado em sequência de hiperlinks. E sem título a obra literária, o texto técnico, a poesia, a notícia não vende, pois do mesmo modo com que o leitor decide a ordem de sua leitura através de um sumário ou de links num site de pesquisa, ele também seleciona as notícias de seu interesse através do título. Tais aspectos ensejam, portanto, as seguintes **premissas**:

- O código linguístico não é a única variável envolvida no processo de tradução, nem tampouco a medida maior para se avaliar as traduções e a habilidade do tradutor como observa LOPES (2008), cuja concepção de tradução situa o profissional, ainda que indiretamente, no campo de domínio da cultura, conhecimento(s) prévio(s) do leitor sobre o assunto, do autor do TF, da realidade da produção do original e da recepção da tradução, noções de estilística, fidelidade e equivalência;
- Tradução e jornalismo assumem paralelos que possibilitam ao pesquisador explorar textos impressos e/ou online, neste caso, à luz do funcionalismo alemão, enfocando a construção de sentidos concretizada pelo leitor e a tradução como representação cultural (ZIPSER, 2002);
- Os títulos, devido à característica de resumir fatos, permitem tecer uma narrativa histórica sem a necessidade de acessar continuamente as reportagens. Do ponto de vista da tradução jornalística essa narrativa se configura como tradução cultural dos eventos desencadeados a partir do fato-fonte em 2001.
- Em razão de não constituir o foco de análise dessa proposta no que diz respeito a sua estrutura, a narratologia representa unicamente a metodologia de trabalho empregada, segundo Motta (2004, apud SILVA, 2005, p.14) que considera como segmento narrativo “um conjunto de notícias publicadas ou divulgadas dias ou semanas seguidas (até mesmo por anos) sobre um mesmo assunto”.

Uma provável resistência em relação a análises desvinculadas do texto propriamente dito, ou seja, que considerem elementos outros que não aqueles tecidos dentro do texto de estudo (ou fatores internos como os denomina Nord (1991)) pode advir do fato de que o título, neste caso, não é tido como um elemento que agrega valor ao texto ou ainda que ele não contenha elementos suficientes para possibilitar uma análise linguística, a exemplo da dificuldade em aceitar que uma tradução possa não se originar, efetivamente, de um texto considerado fonte. Um exemplo disso é o número reduzido de pesquisas encontrado no levantamento preliminar para este estudo no campo da tradução e mesmo na área jornalística. Tal atitude parece um tanto reducionista pensando que não raro o leitor escolhe o seu material de leitura (livro, notícia, jornal, revista, etc.) justamente pelo (apelo do) título. É esta a ferramenta que atrai e que aciona esquemas de memória ou *schematas* (MANDLER, 1985; BRUNING, 2003) necessários para que aquele título seja suficientemente significativo e atraente ao ponto de o leitor desejar desvendar o que ele resume. Por esta razão, nos parece interessante e produtivo não só poder ampliar o escopo de pesquisa no campo da tradução jornalística, especificamente, como também contribuir para outras formas de pensar não só a tradução como também o jornalismo, revelando o poder dos títulos de construir narrativas que resultam em novas traduções, tão ou mais significativas do que o próprio texto e igualmente contextualizadas em uma situação comunicativa, visando os leitores⁴ pertencentes a estes contextos.

Acredita-se, portanto, que o fato se mantém atual quanto mais expectativas desperte no leitor ou quanto mais consequências produza para o contexto no qual está inserido ou que influencie, como é o caso do “11 de Setembro”.

Neste sentido, estabelecemos duas **hipóteses de pesquisa**:

- i) A sequencialidade dos títulos constrói uma narrativa que traduz o mundo pós “11 de Setembro” diacronicamente. Em razão de o referente estar ancorado no contexto norte-americano, esta tradução assume uma modalidade retórica predominantemente opinativa no NYT, em razão de o leitor compartilhar do contexto cultural referente e, predominantemente mais informativa na FSP, devido ao afastamento desse mesmo leitor;
- ii) Esse novo texto tecido e configurado como uma nova tradução representa culturalmente o fato noticioso através do léxico (verbos, substantivos, adjetivos). Tais escolhas revelam marcas culturais que comprovam

⁴Entende-se por leitores da seção Mundo da FSP, o público-leitor brasileiro, enquanto que os leitores da seção *World* do NYT podem ser caracterizados por norte-americanos não residentes no país e/ou qualquer leitor estrangeiro interessado, eventualmente, nos desdobramentos do fato para seu país ou com algum vínculo direto com o evento de 2001.

enfoques distintos para os desdobramentos do “11 de Setembro” no mundo e marcam categorias narrativas (tema; personagens, cenário) que constroem um perfil para o leitor dos jornais nos contextos analisados.

Dessas hipóteses emerge a **questão norteadora da pesquisa: os textos tecidos pelos títulos narram efetivamente os acontecimentos pós “11 de Setembro” configurando uma nova tradução para o mesmo?** Decorrentes desta questão norteadora surgem alguns **questionamentos subjacentes** para guiar o desenvolvimento do trabalho, fundamentar as leituras e análises e orientar a coleta de informação, a saber:

- É possível não recorrer ao corpo da notícia para construir a narrativa, ou seja, os títulos sozinhos têm a capacidade de narrar e traduzir a historicidade dos eventos, em razão de ter sua origem no lide, cuja função é resumir os pontos principais da notícia?
- Existem diferenças lexicais significativas entre estes contextos capazes de gerar deslocamentos de enfoque e revelar marcas culturais em enunciados tão breves, traduzindo o fato culturalmente?

Dessas considerações surgem ainda questionamentos secundários, tais como: é possível construir um perfil para o leitor dos jornais analisados a partir das escolhas lexicais e das categorizações da narrativa, considerando-se a concepção funcionalista em tradução que prevê os processos de retextualização voltados a um leitor prospectivo? E na hipótese de uma narrativa efetivamente construída com os títulos, que tipo de tradução (hipertextual, contextual, circunstancial) se configura com os novos textos? Na busca por respostas a estas questões, encontramos alguns trabalhos acadêmicos considerados relevantes para a proposta de pesquisa, descritos a seguir.

1.4 TRABALHOS RELEVANTES

A partir da pesquisa bibliográfica e em bancos de dados de teses e dissertações, com a intenção de fundamentar a pesquisa e análises realizadas, foram selecionadas algumas referências resumidas nos parágrafos a seguir. Mas é possível adiantar um dado observado através desta pesquisa e confirmado por Medina (1988, p.118) e Lonardoni (1999a/b): o fato de que a bibliografia em geral sobre títulos de imprensa é escassa restringindo-se a alguns capítulos em teses; dissertações; livros e artigos. Os autores destas obras propõem discussões e geram argumentos que fundamentam esta proposta de tese, tendo sido motivadores não só para a pesquisa, como

também para a construção do *corpus* de trabalho. Apresentamos primeiro trabalhos acadêmicos, artigos e livros para a tradução e, em seguida, para o jornalismo.

No universo da tradução, encontramos menções aos títulos nas obras de Vinay & Darbelnet (1995, p.175-176) e Peter Newmark (1981), além de artigos de Christiane Nord (1995; 1990; 1997c) e dos livros da autora (NORD, 1991; 1993) anteriormente comentados. Vinay & Darbelnet tratam da tradução de títulos de filmes, de obras literárias e também de *newspaper headlines* (manchetes jornalísticas) de um ponto de vista estilístico. As manchetes aparecem no quarto capítulo sobre a mensagem na comunicação e a questão de ganhos e perdas com a tradução. Os autores comentam que no inglês, especificamente, manchetes e títulos geralmente exigem o recurso da clarificação, ou seja, precisam da referência contextual e cultural para ser interpretados devido ao uso de convenções estilísticas para surpreender o leitor e dizer o máximo com o mínimo de caracteres impressos. Já em Newmark (*ibid*⁵, p.148; 151; 157; 159) os títulos são mencionados num capítulo sobre ‘técnicas de tradução’ sugerindo que sejam: traduzidos somente após a finalização da tradução do texto; particionados se forem extensos; padronizados estiverem em língua alemã e, no caso de títulos ou manchetes jornalísticas devem precisos e objetivos. Novamente, nenhuma menção é feita sobre sua característica tradutória e narrativa, mas tão somente sobre dificuldades linguísticas na tradução efetiva desses elementos.

Ainda no universo tradutório, destacamos Nord (1990; 1995; 1993; 1997b). A autora aborda ‘titles’ e ‘headings’ (títulos e manchetes) em gêneros textuais diversos (literatura infantil, de ficção, não ficção; artigos acadêmicos; poesias, contos, revistas), analisando-os do ponto de vista das funções da linguagem propostas por Karl Bühler, em 1930 e Jakobson na década de 60; do conceito de tradução funcional vinculado à intenção e as especificidades culturais tradutórias; da pragmática e das especificidades sintáticas e lexicais geradas por pares linguísticos que, em conjunto, permitem compreender o título como um gênero textual visão da qual compartilhamos e que requer o envolvimento da teoria enunciativa de Bakhtin (2000). Mesmo dedicando uma obra para a tradução de títulos, Nord não considera sua qualidade narrativa, mesmo considerando-os elementos importantes para a tarefa de tradução. Nord (1991, p.93-5) também comenta sobre a tradução de títulos, subtítulos e manchetes como elementos que auxiliam a determinar o tema

⁵These should normally be translated last. A non-literary text should normally be factually and accurately described by its title. (...) Usually, the translator has control over the title of any text. A heading or title is static, and describes a finished narration: it should normally be centered on one or two nouns, and have SL verbs converted to present or past participles qualifying them. (NEWMARK, 1981, p.159).

(assunto) do texto durante o processo de análise dos fatores intratextuais feito pelo tradutor; porém não é dada maior ênfase aos títulos como elementos independentes para a construção de sentido nos textos.

Podemos mencionar também Gérard Genette (1982). Embora voltado ao âmbito literário, o autor aborda títulos, subtítulos e entretítulos como peritextos, isto é, uma categoria textual dentro de outra maior chamada de paratextos (elementos que estão além do texto, que acompanham uma obra e que motivam sua aquisição e/ou leitura) e cuja função é atribuir um nome à obra em questão. Mesmo não vinculado a estudos de tradução, o autor reconhece a existência e importância dos títulos para obras literárias e fornece elementos para pesquisas em tradução voltadas ao papel do tradutor e questões de visibilidade.

No campo do jornalismo destaca-se a tese de Thaís de Mendonça Jorge (2007) sobre a construção do relato noticioso no jornalismo online através das mudanças no jornalismo pré e pós internet, as principais classificações dos formatos das notícias e as mudanças que ocorrem nestas, em ambiente virtual. Os títulos são analisados somente como parte da composição da estrutura da notícia e dos elementos do jornalismo digital.

A tese de Elton Antunes (2007), fundamentada na análise do discurso (AD), estuda o discurso jornalístico da atualidade como efeito de sentido gerado nas associações de representações de figuras de tempo. O autor analisa matérias da FSP e apresenta apenas um capítulo dedicado aos títulos de jornais impressos dentro da AD. Os títulos são apresentados como elementos identificadores das matérias jornalísticas, indicando seu elemento central de interesse.

Eliane Mequeletti (2007) apresenta ainda um artigo resultante de sua dissertação sobre a leitura de títulos, sobre títulos e subtítulos cujo estudo concentra-se nesse elemento como responsável pela construção de efeitos de sentido no texto, estratégias de direcionamento da interpretação em reportagens impressas em um periódico do Mato Grosso do Sul.

Inês Louro (1994) desenvolve dissertação na qual dedica aos títulos de revistas nacionais e norte-americanas papel central, analisando suas estratégias de construção, também afirmando que a grande maioria dos leitores lê apenas os títulos em revistas ou jornais impressos.

Marcio Ferreira (2009), em dissertação apresentada a PUC-RS, trata da retórica do título e do seu polemismo em blogs de jornais políticos brasileiros.

Dentre os artigos enfatizam-se três: o primeiro é de Ivo José Dittrich (2006) sobre a “Retórica dos títulos em reportagens impressas”. O autor aborda o papel persuasivo e sedutor desempenhado pelo título em reportagens de revistas de informação, argumentando que se a conjugação desses aspectos orienta quem escreve, também serve de ponto de partida para quem lê. Nesse

sentido o título é um elemento crucial para a tomada de decisão do leitor sobre a reportagem que mais lhe interessa. Os outros dois são de Marinês Lonardoni (1999a/b), publicados em um livro sobre discursos jornalísticos. A autora busca ressaltar a qual categoria pertence o título dentro do esquema de superestrutura de van Dijk (1980) utilizando como *corpus* jornais impressos da FSP em 1994 e a historicidade intrínseca aos fatos jornalísticos, empregando referencial teórico da linguística textual. A autora estuda também a submanchete ou o subtítulo, outro tema pouco explorado não só no jornalismo como também na linguística e nos estudos tradutórios.

Dentre os livros não existe uma obra inteiramente dedicada a títulos/manchetes, mas sim capítulos como se observa em Nunes (2003) que trata da sua elaboração apresentando o que se pode chamar de uma gramática dos títulos; Pinho (2003) que trata da elaboração dos títulos na mídia online como tarefa do redator web, bem como das regras de elaboração para manter o interesse do leitor e Fontcuberta (2002), professora espanhola e ex-jornalista que dedica um capítulo inteiro aos títulos em relação a sua estrutura, tipos, regras e linguagem.

A partir desta pesquisa bibliográfica, sintetizada nos parágrafos anteriores, infere-se que:

- As obras referentes aos estudos da tradução não abordam o título em detalhes, apenas apontam estratégias tradutórias para o seu tratamento, sobretudo em relação a obras literárias que devem ou não ser traduzidas. Mesmo os trabalhos de Nord (1990; 1993; 1995; 1997c) destacam apenas a função e especificidades em pares linguísticos dos títulos (não jornalísticos) no caso de uma tradução, aproximando-se de Vinay & Dalbérnet (1995) ao ressaltá-los como elementos que devem ser considerados no processo tradutório em relação ao contexto e cultura, diferentemente de Newmark;
- A maioria dos trabalhos, mesmo aqueles pertinentes à tradução-jornalística, destacam a mídia impressa e o texto. Poucos consideram o título como representativo para construção de sentidos no texto e se o fazem é sempre em relação ao texto e não de maneira distinta e capaz de traduzir o fato.
- As pesquisas de caráter científico-acadêmico enfatizam os títulos apenas como aspectos do discurso jornalístico, vinculados a outras questões maiores do texto. Mesmo quando analisados em capítulos individuais, constituem apenas um elemento de análise dentro de uma estrutura maior, além do fato que não analisam o título como resultado de uma angulação, por exemplo. Nenhuma pesquisa confere um estudo específico nem tampouco menciona sua capacidade de traduzir fatos.

- As publicações em livros, e mesmo os artigos, sobre títulos são escassas e não conduzem a análises detalhadas, mencionando apenas algumas regras para a sua elaboração, apesar de observarem a sua importância como elemento que atrai a atenção do leitor para a matéria.
- Não se estuda o título como constituindo ele mesmo uma narrativa jornalística, narrando uma história paralela à do texto da notícia. Portanto, faltam pesquisas, mesmo em tradução jornalística, que analisem os títulos como elementos que reconstróem a realidade para o leitor, sendo capazes de representar culturalmente um fato noticioso.

Os aspectos motivadores desses trabalhos, bem como suas conclusões sugerem a necessidade de pensar a tradução jornalística não só através do relato veiculado pelo corpo da notícia, mas também pelo seu título como primeira entrada da matéria jornalística. Portanto, na busca por respostas aos questionamentos propostos e da confrontação entre essas respostas, a bibliografia da área (NORD, 1991; 1990; 1993; 1995; 1997; ESSER, 1998; ZIPSER, 2002; VINAY & DARBELNET, 1995; NEWMARK, 1981; LAGE, 2001; COIMBRA, 2002; LIMA, 2004; WOLF, 2003; NUNES, 2003; LONARDONI, 1999a/b; FONTCUBERTA, 2002; MEDINA, 1988; PINHO, 2003) e os trabalhos acadêmicos pesquisados, formula-se **a tese de que os títulos jornalísticos do NYT e da FSP tecem uma narrativa histórica pós “11 de Setembro”, compreendida como tradução para os desdobramentos do fato, culturalmente representado pelas escolhas lexicais e categorias narrativas.** Sendo assim, os itens a seguir apresentam os objetivos deste trabalho.

1.5 OBJETIVOS

Neste item, definimos o objetivo geral e também os específicos da pesquisa que norteiam a organização dos capítulos para construção do argumento teórico; a estruturação da metodologia de refinamento do *corpus* e também as análises.

1.5.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho de tese é analisar, **diacronicamente, títulos de reportagens online pós “11 de Setembro” em contexto norte-americano (NYT) e brasileiro (FSP), a fim de verificar se estes tecem uma nova tradução do fato, compreendida como narrativa histórica e**

culturalmente representada pelas escolhas lexicais e categorizações narrativas.

O tema “11 de Setembro” expande a dissertação da autora sobre a representação cultural do “11 de Setembro” nas revistas *Veja* e *TIME* de 2001. Nesse sentido, propõe analisar a perspectiva narrativa do contexto americano, tendo em vista que é o contexto de referência do fato, através de títulos de reportagens publicadas no site do jornal *The New York Times* e, em seguida, a *Folha Online*. A fundamentação teórica sustenta-se no funcionalismo de Nord (1991; 1993) e Zipser (2002), no modelo proposto por Esser (1998) para o jornalismo e na teoria enunciativa de Bakhtin (2000). Em seguida, é feita a análise do *corpus* no sentido de analisar itens lexicais e narrativos que configurem um deslocamento de enfoque culminando em uma nova tradução para o fato.

Para tanto, a metodologia⁶ de coleta de dados foi realizada via internet, utilizando-se os mecanismos de busca disponíveis nos sites dos jornais. Ambos disponibilizam um mecanismo de busca por datação (dia/mês/ano) que auxilia o refinamento da busca. Por outro lado, este mecanismo não evita a inclusão de outros fatos ocorridos no dia 11 de setembro, não propriamente relacionados ao fato “11 de Setembro”. Outra questão é de ordem cronológica para os títulos listados. Na FSP essa ordem é decrescente, ou seja, vai de dezembro para setembro. Já no NYT, a listagem é aleatória com fatos ocorridos em meses distintos todos misturados e sem nenhuma cronologia aparente, obrigando o pesquisador a selecionar todos os resultados para só então afunilar a busca e organizá-los mensalmente, tornando a coleta mais demorada. O NYT disponibiliza uma busca por tópicos, mas não oferece a mesma chance de selecionar as reportagens por sequência dia/mês/ano. Sendo assim e, uma vez listados, os títulos foram salvos em arquivos Word e organizados por ano de modo a se obter uma sequência comparável e facilitar a análise lexical e diacrônica. Desta forma, as leituras teóricas se valem da complementação dos dados coletados nestes jornais para o desenvolvimento da tese.

1.5.2 Objetivos específicos

Este trabalho deverá contemplar, portanto, aos seguintes objetivos específicos, para cumprimento de seu objetivo geral:

⁶A metodologia de análise dos dados coletados é detalhada no Capítulo 5, o qual descreve as etapas do trabalho e justifica a terminologia empregada na pesquisa.

- Verificar se a sequencialidade dos títulos efetivamente constrói uma nova narrativa para os desdobramentos do “11 de Setembro” e se esta narrativa se configura como uma nova possibilidade tradutória para os fatos noticiosos;
- Analisar as escolhas lexicais (verbos, substantivos e adjetivos) empregadas pelo NYT e FSP na construção dos títulos, no sentido de verificar se geram deslocamentos de enfoque que ressaltem marcas culturais e categorizações narrativas passíveis de configurar a narrativa como tradução culturalmente dos fatos noticiosos.

Com efeito, a intenção da autora é ampliar o escopo de pesquisa na área da tradução e também do jornalismo, consolidando os resultados primeiros de sua dissertação de mestrado e implicando a diversificando os olhares com relação às pesquisas em tradução jornalística.

1.6 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

O que se percebe empiricamente é que os títulos, num primeiro momento, não fornecem elementos sintáticos e/ou lexicais suficientes para análise, em razão de sua natureza objetiva e de chamamento para as matérias. Por outro lado, como se observa em sites que instruem sobre como escrever matérias jornalísticas, os títulos são o que se chama de “porta aberta” para que o leitor acesse a reportagem/notícia e, portanto, devem ser rápidos e objetivos, como observa Newmark (1981). Outras duas questões são apontadas por Medina (1988, p.119) ao ressaltar que falta ao estudo da titulação, no âmbito da imprensa, uma perspectiva mais global que o vincule, por exemplo, à angulação ou à própria edição. Medina pontua que uma pesquisa concentrada na titulação vale o investimento do trabalho no sentido de que o título é um apelo verbal significativo em épocas de uma cultura [online] de massa, anunciando o título como uma mercadoria, isto é, o “produto oferecido pelo jornalismo na indústria cultural” (ibid., p.123) que, no entanto, não configura escopo desta discussão.

Mas como deslocar o título para o campo dos estudos tradutórios e linguísticos se é, fundamentalmente, um elemento jornalístico? Medina oferece a resposta justamente ao considerá-lo como um ‘apelo verbal’ e por duas razões: primeiro porque os títulos são capazes de traduzir a notícia e incorporar pressuposições sobre os constituintes do fato que instigam as capacidades cognitivas de memória do leitor e segundo porque o título detém uma capacidade intrínseca de dialogar, de chamar o leitor para o texto

deslocando-o, assim, para o campo da teoria enunciativa de Bakhtin (2000). Títulos são enunciados que comunicam todo um contexto para o leitor e que, ao mesmo tempo, dialogam com ele chamando-lhe para a leitura.

Estas parecem ser boas razões para se dedicar um estudo à titulação jornalística. Como elemento que traduz o acontecimento narrado pela notícia, visto que deve ter a capacidade de centralizar o seu tema principal e também como elemento independente, isto é, capaz de produzir em conjunto uma narrativa paralela sobre um fato e representá-lo culturalmente. Tais razões evidenciam não só a funcionalidade dos títulos como elementos textuais, como também o escopo da pesquisa no âmbito da tradução e do jornalismo. Este é o caso dos, assim denominados, ‘atentados terroristas’⁷, que, apesar de não dominarem mais as primeiras páginas dos jornais e sites como há oito anos, ainda figuram no imaginário do leitor brasileiro e especialmente do leitor norte-americano, por razões óbvias. Portanto, acreditamos que a traduzibilidade do título e a narratividade jornalística operam no interior da notícia e também fora dela, ambos articulados no fio tecido pelos títulos, cujo recorte incide sobre esta proposta de tese.

A grande maioria das obras de cunho acadêmico, conforme citado anteriormente e que enfatizam os títulos como objetos de análise, os apresentam diluídos por focos de interesse maior que convergem para aspectos do interior do texto da reportagem. Artigos e livros direcionam suas perspectivas para o mesmo viés, o que pode justificar dois caminhos: primeiro a razão pela qual os títulos são pouco explorados nas pesquisas, dadas as possíveis discrepâncias que podem ocorrer entre a angulação da reportagem e o título; segundo, a força que o título detém como chamada de capa, possibilitando inferir que podem construir uma história paralela ao fato narrado, (re)construindo os eventos para o leitor. Guardado, portanto, o mérito de todas estas pesquisas em mostrar alguma relevância para a função dos títulos em jornais e revistas impressos e/ou online, os caminhos escolhidos

⁷Mesmo não constituindo foco desta pesquisa, ressalta-se que essa denominação foi atribuída pelos jornais norte-americanos para designar os eventos de 11 de setembro de 2001. Empregá-la implica, inevitavelmente, uma postura de valorização ao nomear/rotular fatos, pessoas, locais como ‘terrorismo; terroristas; aliados; guerra antiterror; homens-bomba’ pela cultura estrangeira. Esta nomeação é, entretanto, adotada pelo discurso jornalístico e aceita pelos leitores não cabendo, portanto, sugerir outra que pudesse descaracterizar o fato e suas traduções. Resta apenas acordar no leitor a percepção para juízos de valor camuflados nos discursos que se pretendem neutros e isentos. Para informações sobre a valorização do emprego de palavras, ver: Capítulo 3, itens 3.1 e 3.5.

apenas tangenciam possibilidades parcialmente exploradas. Isso não significa negligenciar o que já existe, mas apenas instigar o andar por caminhos que permanecem entreabertos, especialmente no que se refere à interface da tradução jornalística.

Neste sentido, esta pesquisa se justifica e contribui com seguintes aspectos:

- A proposição de um estudo acadêmico voltado a um novo elemento de retextualização - o título - que, do ponto de vista da interface tradução jornalismo, adquire duas novas funções: narrar e traduzir culturalmente fatos noticiosos, ampliando as possibilidades de pesquisa para os estudos tradutórios e também jornalísticos;
- A consolidação de uma visão ampliada e desafiadora da tradução oriunda de um fato e não, necessariamente, de um texto. Engendrada numa concepção de língua articulada como enunciação e discurso, amplia-se o alcance da teoria da representação cultural para o campo da linguística textual, permitindo pensar a tradução como processo emergente da própria relação interlocutiva (de intencionalidade) entre emissor (autor/tradutor) e receptor (leitor final);
- Uma análise diacrônica do título como fio que tece traduções; que configura a representação cultural do fato noticioso e se articula para produzir sentido no espaço desta narrativa e consolida a pesquisa da autora iniciada no mestrado no campo dos estudos da tradução.

1.7 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O estudo realizado e as proposições apresentadas nesta proposta estão delimitados, em termos contextuais, pelos seguintes aspectos:

- A tradução em seu contexto jornalístico. Isso implica dizer que as análises realizadas consideram, especificamente, a interface tradução-jornalismo em abordagem funcionalista e o conceito ampliado de texto para o fato de acordo com o proposto para a interface por Zipser (2002);
- O contexto de apreciação dos leitores sobre a questão do título de matérias jornalísticas. Este é um dado bastante amplo, subjetivo e envolveria uma pesquisa à parte; porém, apenas para complementar as análises propostas neste trabalho, delimitamos os leitores ao público que tem acesso aos jornais online (caracterizado pela condução de uma pesquisa informal sobre a importância do título, via internet, e registrado nos Anexos);

- A coleta e análise dos títulos. A leitura e análise das reportagens às quais os títulos estão vinculados são consideradas como apoio para tecer as narrativas apenas quando os fatos se apresentarem distantes do seu referente, vagos ou quando, em contexto estrangeiro, não forem passíveis de total compreensão em razão de a autora não compartilhar do referente.
- O conteúdo disponibilizado e a acessibilidade do mesmo nos sites dos jornais analisados. Muitas vezes a busca não é refinada da mesma maneira em ambos os jornais, visto que se corre o risco de não se conseguir todas as matérias relevantes para um determinado ano.

Nesse sentido, a consolidação dos objetivos desta pesquisa articula-se não só em teorias, mas também em conceitos tais como o dialogismo bakhtiniano, as características do hipertexto e dos títulos e da linguagem jornalística online. Conforme Maingueneau (1989, p. 18) “frente a um *corpus*, (...) nada o obriga [o pesquisador] a recorrer a um determinado procedimento ao invés de a qualquer outro.” Portanto, ainda que delimitados por estes aspectos, busca-se a articulação de elementos que permitam não incorrer em alguma impertinência teórica, no sentido de complementar e melhor sustentar as análises e os argumentos propostos.

1.8 METODOLOGIA DE PESQUISA

Silva e Menezes (2005) classificam uma pesquisa⁸ de quatro maneiras: quanto aos procedimentos adotados, natureza, forma de abordagem e objetivos.

Conforme a classificação sugerida pelos autores (ibid) quanto aos **procedimentos metodológicos** utilizados nesta proposta tem-se uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de materiais já publicados especialmente livros e periódicos e de levantamento no que se refere a pesquisa informal aplicada ao público da internet sobre a influência dos títulos na seleção de matérias jornalísticas. O material bibliográfico abrange livros, artigos, manuais de redação, teses e dissertações correlatas da área jornalística, linguística e tradutória, além da consulta de sites na internet. O questionamento aos leitores foi realizado simultaneamente à pesquisa bibliográfica, permitindo uma comparação mais efetiva entre os dados teóricos e práticos. A pesquisa não considerou sexo, idade ou profissão,

⁸A formatação deste trabalho segue as normas e recomendação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para trabalhos acadêmicos. Ressalta-se ainda que para figuras, cuja fonte não esteja citada, subentende-se como sendo da autora.

apenas a acessibilidade à internet, a fim de manter a coerência com o material analisado, no caso as versões online da FLS e do NYT.

Quanto à sua **natureza**, a pesquisa se caracteriza como aplicada, considerando não só o levantamento do *corpus* como também o questionamento, mesmo sendo informal, dos leitores online e, em relação à sua **forma de abordagem**, a pesquisa qualifica-se como quantitativa em razão da análise estatística dos dados referentes ao *corpus* e também qualitativa, no sentido de que busca atribuir significados aos dados coletados e visa à interpretação dos títulos pesquisados. Já do ponto de vista de seus **objetivos**, a pesquisa configura-se como exploratória no sentido de que trabalha com hipóteses, levantamento bibliográfico; entrevistas relacionadas ao tema com pesquisadores nas áreas de tradução e jornalismo.

Assim fundamentada, esse estudo se articula em cinco etapas, detalhadas no Capítulo 5, a saber: i) coleta de dados nos bancos de dados dos jornais analisados; ii) organização do *corpus* por títulos de seção nos jornais e escolha das seções ‘Mundo’ (FSP) e ‘World’ (NYT) como referência para o olhar sobre os desdobramentos do evento de 2001; iii) construção de uma rede semântica para triagem dos títulos dessas seções filtrando apenas aqueles efetivamente relacionados ao evento; iv) organização sequencial e temática dos títulos filtrados e, v) construção da narrativa e análise das escolhas lexicais para testagem das hipóteses.

1.8.1 Da terminologia empregada

Tendo em vista o hibridismo natural que caracteriza as abordagens interdisciplinares, torna-se necessário esclarecer alguns termos empregados neste estudo a fim de orientar a leitura da tese. Os termos relacionados constituem áreas distintas de conhecimento, implicando diferentes concepções teóricas ou são empregados dentro numa mesma área suscitando diferentes interpretações, justificando seus esclarecimentos, a saber:

a. Jornalismo Digital X Jornalismo Online: a literatura aponta diversos nomes para essa nova modalidade de jornalismo – online, digital, web/cyberjornalismo – geralmente tratando-os como sinônimos. Em conversas com o professor Elias Machado, do departamento de jornalismo da UFSC, notamos que essa terminologia é distinta conforme pode ser observado na tabela 5.4 e a tendência atual tem sido “jornalismo digital” que compreende todos os sites, noticiários e produtos que nasceram diretamente na web segundo Ferrari (2008, p.40-1). Para efeitos desta pesquisa, adotamos

o termo jornalismo online⁹ por três razões, a saber: i) o *corpus* de análise foi editado e disponibilizado para o meio *web*; ii) o termo *online* é empregado em grande parte da literatura jornalística e, nem mesmo entre os autores existe consenso, além de esta proposta não estar vinculada diretamente com a área jornalística e iii) a coleta de dados foi realizada de forma interativa através de mecanismos de busca nos sites específicos. Acreditamos que esta opção não interfere diretamente na análise dos dados, sendo mais questionada na área jornalística do que na Letras.

Tabela 1.1 - Nomenclaturas para o jornalismo via internet.

Nomenclatura	Definição
Jornalismo eletrônico	Utiliza equipamentos e recursos eletrônicos
Jornalismo digital ou jornalismo multimídia	Emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica o tratamento de dados em forma de bits.
Ciberjornalismo	Envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço
Jornalismo online	É desenvolvido utilizando-se de tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real.
Webjornalismo	Diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a Web.

Fonte: MOHERDAUI, 2007, p.121.

b. Narrativa e Narratividade: o termo ‘narrativa’ designa um tipo de estrutura textual que se organiza de acordo com um modelo específico: enredo, ambiente, personagens, tempo, espaço, narrador e faz distinções entre tipos de discurso, tema, assunto, mensagem – isso para fatos reais e/ou fictícios. No jornalismo, narrar é basicamente relatar fatos reais sem, necessariamente, seguir a estrutura narrativa tradicional. A narrativa é apenas um recurso a mais para o relato da notícia. Portanto, o termo ‘narratividade’ designa o modo de narrar do jornalismo, ou seja, o efeito narrativo que o relato jornalístico alcança junto ao leitor final considerando-se a articulação entre: linguagem jornalística, princípios da imprensa e mecanismo de construção do real.

c. Discurso: Neste estudo o termo é empregado do ponto de vista bakhtiniano (SOBRAL, 2009, p.90; 96) e implica o intercâmbio linguístico (processo) entre enunciados (produto) dependentes, na sua significação,

⁹Para outras informações acesse: <http://gelson-filho.sites.uol.com.br/> - Jornalismo Online- guia teórico e prático. Acessado pela última vez em Março, 2010.

desses intercâmbios e das situações nas quais ocorrem. Nesse sentido, o discurso remete ao mundo empírico dos falantes, aproximando-se da concepção de Nord (1991) sobre tradução como ‘atividade comunicativa em situação’. Para o jornalismo o discurso dá sentido ao que está disperso socialmente, possibilitando a construção de realidades e sentidos por meio da palavra (SOARES, 2009, p.42).

d. Funcionalismo: conforme citado no Capítulo 3, o termo é empregado em diversas áreas (antropologia, etnografia, sociologia, jornalismo e ciências matemáticas) com significados específicos. Na área tradutológica, convém reforçar a diferença entre o funcionalismo de Christiane Nord (1991), vertente teórica desta pesquisa, e o de Michael Halliday (1994). A diferença está justamente no termo ‘função’. Enquanto para Halliday a função é pensada internamente ao texto, isto é, justifica as funções comunicativas de uma seleção de escolhas dentro de uma rede de sistemas da língua (sua gramática), para Nord a função integra o contexto de situação, termo cunhado por Malinowski (1923) e que se refere ao contexto de recepção (fatores externos) do leitor final do texto, ou seja, a função não é interna, mas externa a língua. É a função que dá sentido ao texto e que justifica as escolhas lingüísticas (fatores internos).

e. Mundo: refere-se a todas as nações do globo, a partir da perspectiva dos jornais analisados, ou seja, do ponto de vista do qual os títulos são elaborados. Novamente recorremos a figura da ondulatória na Física, cujo centro é marcado pelo evento de 2001 de onde as ondas repercutem e se desdobram em acontecimentos e consequências diversas para contextos distintos.

f. Manchete e título: em geral, assim como ocorre com o termo ‘online’, a tendência da literatura é considerá-los como sendo sinônimos, mas pode haver diferenças. Primeiro, geralmente o título (ou manchete) de primeira página não é o mesmo do interior do jornal, para as modalidades impressa e online. Isso significa que pode haver um título que contextualiza o momento do fato, apresentado em maiúsculas e até em cores distintas, e outro que resume o texto, o corpo da notícia. O jornal O Estado de São Paulo, por exemplo, recomenda que os títulos sejam sempre elaborados em minúsculas, sendo a caixa-alta (maiúsculas) em casos especiais como manchetes de maior destaque. Segundo, a manchete¹⁰ é tida como o título principal que indica a notícia mais importante do jornal podendo estar só na primeira página, em cada caderno, seção ou em cada página do jornal. Independente da diagramação é aquela que incute maior destaque com letras mais carregadas e chamativas. Neste caso, é também conhecida por “chapéu”, colocada acima

¹⁰<http://www.correioescola.com.br/glossario.html>

do título da reportagem. Como situamos esta proposta nos contornos dos estudos da tradução e não, propriamente, do jornalismo nos permitimos fazer a seguinte distinção que norteia os argumentos propostos. Manchete: é um formato de título, cuja função é contextualizar o fato para o leitor sendo, portanto, mais abrangente e não estando vinculada a um texto. Título: é o enunciado que apresenta especificamente o texto, isto é, o corpo da reportagem e a ele deve estar ligado por meio do lide. É este enunciado que estudamos aqui, visto que carrega uma expectativa (uma função) que pode ser comprovada/realizada (ou não) com a leitura do texto.

g. Fios: no jornalismo fio é o que separa as colunas do texto ou o que destaca frases ou circunda os blocos de texto. Novamente lembramos que esta proposta se insere nos contornos dos estudos tradutórios, portanto, ao empregarmos ‘fios’ queremos tão somente nos remeter a metáfora do tear que tece a trama dos fios em desenhos. Neste caso, os fios constituem-se das unidades lexicais que amarram os títulos e formam os textos.

Uma vez delimitados esses contornos apresenta-se a seguir a estruturação geral desta proposta.

1.9 ESTRUTURA DO TRABALHO

Em abordagem funcionalista, a argumentação da tese se estrutura a partir de um contexto maior e mais abrangente – a linguagem – para o menor, isto é, da concepção maior de língua, para a interface tradução-jornalismo e desta para considerações sobre os títulos e a narratividade jornalística. Esta fundamentação permite conduzir as análises do corpus de forma a sustentar a proposta e comprovar as hipóteses formuladas:

- O Capítulo 1 trata das considerações iniciais da pesquisa, justificando e delimitando o tema; apresentando questionamentos, hipóteses, a proposta de tese, os objetivos do trabalho e a sua organização;
- O Capítulo 2 discute a linguagem como a questão maior que envolve os campos da tradução e do jornalismo fundamentada na concepção bakhtiniana da linguagem como evento social. Discute também o dialogismo entre sujeitos e textos e a construção de sentidos e realidades através da linguagem, implicando a tradução como um fenômeno eminentemente comunicativo e cultural;
- O Capítulo 3 aborda a interface tradução-jornalismo fundamentado nos princípios do funcionalismo alemão para os estudos tradutórios e em aproximações com a área do jornalismo, de modo a explicitar a concepção

de tradução como representação cultural. Por extensão, tece considerações sobre o conceito de cultura e interculturalidade, além do deslocamento de enfoque para o processo tradutório com textos jornalísticos. Por fim, retoma-se algumas considerações sobre a dissertação da autora que fornece elementos para os procedimentos metodológicos adotados;

- O Capítulo 4 consolida a argumentação abordando a origem e função(ões) dos títulos do ponto de vista da tradução e do jornalismo, além de um panorama sobre as características da linguagem de titulação. Por fim, discute a narratividade jornalística e o discurso, retomando a linguagem como articuladora de sentidos para tradução e jornalismo;
- O Capítulo 5 explicita a metodologia proposta para coleta, seleção, organização e análise do *corpus*. Apresenta também dados sobre o NYT e a FSP, além de informar sobre os elementos da titulação e estratégias de construção e elaboração dos títulos;
- O Capítulo 6 constrói a sequencialidade dos títulos, analisa as escolhas lexicais empregadas na sua construção e tece, ao final, considerações sobre eventuais deslocamentos de enfoque nos textos tecidos;
- O Capítulo 7 apresenta as considerações finais desse estudo retomando aspectos teóricos e analíticos que incidem sobre as perguntas de pesquisa, hipóteses, objetivos e a tese formulada.
- O Capítulo 8 traz as referências bibliográficas, apêndices e anexos nesta sequência:
 - APÊNDICE A – Características gerais da linguagem jornalística;
 - APÊNDICE B – Categorias e estratégias para elaboração dos títulos;
 - APÊNDICE C – Enquete sobre a leitura de títulos no ambiente online;
 - APÊNDICE D – Da Folha Online (FSP) e do *The New York Times* (NYT);

CAPÍTULO 2 – LINGUAGEM, ENUNCIÇÃO, (CON)TEXTOS

“Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal”. (BAKHTIN, 2000, p.98)

Este capítulo aborda a questão da linguagem como elemento maior de união entre tradução e jornalismo. A partir de uma perspectiva interativa e dialógica, discute-se a enunciação como ato de natureza eminentemente social realizado *no* e *pelo* sujeito que, no ato da fala ou leitura imprime e constrói sentidos *no* texto e *através* dele. Isso significa pensar todo ato de tradução envolvendo uma forma de leitura, tendo na figura do tradutor um primeiro leitor do texto, bem como a prática jornalística fundamentada numa organização linguística que reconstrói os fatos (o “real”) também de maneiras diversas. Esta fundamentação permite compreender os corpora como enunciados conjuntos, postura necessária para poder organizá-los em um novo texto, isto é, como tradução dos fatos e também como discurso jornalístico.

2.1 A LINGUAGEM ENQUANTO EVENTO SOCIAL

Antes de iniciar qualquer reflexão mais pontual sobre a tradução e o jornalismo, convém deixar claro o posicionamento assumido em relação à questão maior que envolve ambas as áreas – a linguagem, visto que as reflexões e análises propostas se orientam pelas concepções que começam a ser delimitadas neste capítulo. Tanto para a tradução quanto para o jornalismo, entende-se a linguagem como sendo dialógica e interativa de acordo com um jornalismo que “fala diretamente ao leitor”, condizente com a maneira como diversos periódicos online se apresentam e com uma tradução que se pretende funcionalista, ou seja, que parte da prioridade da função comunicativa (e análise) de determinadas estruturas linguísticas que servem às intenções pragmáticas dos usuários da língua (WEININGER, 2000, p.35). Assim, portanto, o ponto de partida das reflexões propostas encontra na concepção de língua (e texto) como lugar de interação, a possibilidade de construção de sentidos através da leitura.

Retomando Saussure (1969, p. 16; RODRIGUES, 2000), a linguagem apresenta dois lados distintos: um individual e outro social, ambos necessários à sua realização. A língua (*langue*) é o lado social, coletivo, normativo; já a fala é lado individual (*parole*), sem normas, imprevisível e, portanto, impossível de ser estudada porque lhe falta uma sistematização. Nesse

sentido, Saussure (1969, p. 17; 92) compreende a língua como: i) acervo linguístico, isto é, um “conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”; ii) instituição social e não individual, ou seja, um “produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (ibid., p. 17), uma materialização exterior ao indivíduo e, iii) como realidade sistemática constituída por um sistema de signos que correspondem a ideias distintas, favorecendo uma visão homogeneizadora da língua enquanto instituição social.

Apesar do caráter relevante destes estudos e de ter consolidado a Linguística como uma ciência dos fatos da língua, a concepção estruturalista de Saussure falha ao separar língua e fala como fenômenos isolados, excluindo a fala do campo social, que também é lugar de interação e ao atribuir aos signos linguísticos significados estáveis e únicos, como se todo leitor ou falante fizesse uso dos mesmos processos cognitivos para construir sentidos através da linguagem. Saussure falha ao não permitir a interatividade *na e pela* língua, falha corrigida posteriormente por Mikhail Bakhtin.

Linguagem e texto como lugar de interação são abordados segundo a ótica bakhtiniana (1992), cuja concepção de língua é interacional e dialógica, ou seja, o sujeito age e constrói o social tendo no texto ou na fala um lugar de interação e de diálogo entre os interlocutores no qual constroem e são construídos pelo social. Tal concepção vem de encontro tanto a perspectiva funcionalista em tradução quanto à jornalística. Segundo Nord (2002) a interação se mostra comunicativa quando é efetuada por meio de signos emitidos pelo emissor e dirigidos ao receptor e quando existe a intenção de uma troca informacional. De forma similar, a perspectiva da tradução jornalística integra a visão de uma prática tradutória que compreende o texto como uma ação comunicativa voltada a um leitor final e de um jornalismo que pauta e é pautado pelo seu entorno social. O meio ou as situações sociais onde essas interações ocorrem também é mencionado por Nord (2002) como sendo temporal e geograficamente delimitados e que, por sua vez, geram dimensões histórico-culturais que incidem diretamente na maneira como as informações são transmitidas e recebidas ou interpretadas.

Neste sentido, a língua é um evento social e, como tal, atenta para um indivíduo concreto localizado no tempo e no espaço, a exemplo da teoria funcionalista de Christiane Nord (1991) segundo a qual, os textos traduzidos ou não, precisam muitas vezes passar por alterações se se pretendem funcionais (comunicativos/interativos) para leitores localizados em diferentes contextos espaciais e temporais. Mais uma vez falha o estruturalismo ao não considerar a língua real como objeto de estudo, falada por indivíduos socializados. Assim, a língua é a expressão da necessidade humana de se

congregar socialmente, de construir e desenvolver o mundo (Mey apud SIGNORINI, 1998, p. 76). Desse modo, “embora o usuário individual da língua a perceba como a expressão de uma personalidade singular (...) essa língua, é também, propriedade da comunidade” (ibid., p. 76). É exatamente esse usuário, este sujeito entendido como psicossocial (individual e social ao mesmo tempo) que está presente na teoria bakhtiniana e que também é responsável pelas intenções que exprime em enunciados e pelas construções de sentido que provoca através do uso da linguagem. Nesta perspectiva sócio histórica, o sujeito é singular e social, enquanto a compreensão se origina na interlocução construída por meio da troca de textos e enunciados.

2.2 SUJEITO E ENUNCIACÃO: DIALOGISMO

A teoria da enunciação¹¹ (BAKHTIN, 1992) ganhou impulso na França com a obra de Benveniste, que propôs estudar a subjetividade na língua: *o aparelho formal da enunciação*. Bakhtin concebe a língua como um produto sócio histórico, como forma de interação social¹² realizada por meio de enunciações. O autor chama a atenção para o fato de que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações: “a interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 1992, p.123).

A natureza da enunciação é predominantemente social (daí o texto entendido como prática social), visto que a palavra comporta duas faces: ela procede de alguém e se dirige para alguém. Neste sentido, constitui produto da interação do locutor e do ouvinte, servindo de expressão de um em relação

¹¹Para Bakhtin a palavra é enunciação e sua natureza social implica que a significação é inseparável da situação concreta em que a se realiza. Ver: ROJO, Roxane (Org.) A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. São Paulo: Mercado das Letras, 2000. O cap. 5 do livro trata do uso enunciativo e discursivo dos títulos em gêneros textuais, incluindo a imprensa, como prática didática de letramento, ou seja, leitura e escrita como práticas sociais.

¹²O conceito da língua como interação social desempenhou um papel importante nos estudos que, hoje, se desenvolvem sobre a interação verbal, como a pragmática, a teoria da enunciação e a análise do discurso que tem como princípio que a linguagem é ação e não um mero instrumento de comunicação (NORD, 1991; BAKHTIN, 2004).

ao outro. Bakhtin instaura aí o que chama de ‘dialogismo’¹³ como princípio constitutivo da linguagem e condição de sentido do discurso: “A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal dos locutores” (ibid., p.127) e, em se tratando de tradução o leitor dialoga com o texto construindo conhecimento a partir das informações novas apresentadas e somadas ao seu conhecimento prévio, assim como no jornalismo o leitor dialoga a partir dos fatos noticiados na mídia. Isto porque, na mídia, a realidade só existe enquanto fato construído pela linguagem, ou seja, se não existe nada referente ao acontecimento antes de ele ser noticiado, não há possibilidade de o leitor ativar conhecimentos prévios, como foi o caso da manhã do dia 11 de setembro minutos antes dos fatos, e então dialogar através do processo de troca informacional. Até então, o que se tinha era apenas uma data que nos dias subsequentes tornou-se um fato passível de ativar a *schemata*, os esquemas de memória dos milhares de leitores mundo afora para tecer comparações com outros fatos violentos da história da humanidade como o fez a Revista Veja, por exemplo, ao falar do terrorista Osama bin Laden (POLCHLOPEK, 2005).

Em outras palavras, o Outro¹⁴ (na figura do leitor) está sempre presente no trabalho do tradutor e também do jornalista e sua função não é apenas receber a informação, como também de permitir ao locutor/enunciador/emissor perceber o seu próprio enunciado:

Os outros, para os quais o meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo o enunciado se elabora como para ir ao encontro dessa resposta. O índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém de estar voltado para o destinatário (BAKHTIN, 2000, p.320).

¹³Sobral (2009, p.33) explica que o dialogismo é fundado no pensamento participativo, isto é, sujeitos e sentidos são construídos através da relação com outros sujeitos e sentidos, base para a produção dos discursos e da própria linguagem

¹⁴O “Outro” se refere aqui ao enunciatário, ao leitor final tanto na tradução como no jornalismo e é representado em maiúscula de forma a ter, respeitados, seu lugar e sua função na comunicação. Não se trata aqui de nenhuma relação com teorias da análise do discurso.

Dessa forma, o interlocutor (emissor) é constitutivo do próprio ato de produção da linguagem, de certa maneira, ele é *co-enunciador* do texto e não um mero decodificador de mensagens. Ele desempenha um papel fundamental na constituição do significado e na sua produção. Logo, um enunciado deve ser analisado levando-se em conta sua orientação para o *Outro*. Essa perspectiva é compartilhada por Zipser (2002), Nord (1991) e Esser (1998) para quem o leitor exerce um papel indiretamente ativo na produção textual jornalística e tradutória em abordagem funcionalista, visto que é o leitor quem determina as estratégias de produção textual em ambos os caminhos, derivando daí o verdadeiro sentido do texto.

Bakhtin (1992, p.93-5) define, portanto, como enunciado a intenção e a realização dessa intenção, resultando na união entre contexto e enunciação. O primeiro refere-se ao momento histórico, social e cultural, enquanto o segundo é a forma linguística, o meio pelo qual o enunciado se realiza. Segundo o autor, o enunciado está relacionado à prática viva da língua, pois o que pronunciamos ou escutamos não são palavras, mas enunciados apropriados ou não, agradáveis ou não, visto que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (ibid., 1992, p.95).

Neste sentido, a palavra ou o enunciado, nos termos bakhtinianos, será sempre determinado pelo uso, pelas interações que estabelecem com outros enunciados¹⁵ e com os sujeitos dessas interações (BAKHTIN, 2000). A forma linguística não é o signo em si, mas “a orientação que é conferida à palavra por um contexto e por uma situação precisos” (BRAIT, 1997, p.110). Mais uma vez Bakhtin distancia-se de Saussure para quem o signo era arbitrário, quase imutável na sua tarefa de unir um conceito a uma imagem acústica, através de associações mentais.

O conceito bakhtiniano de língua como interação social reintroduz ainda, nos estudos da linguagem, a reflexão sobre a noção de sujeito. Ao deixar de lado uma concepção de língua como um sistema neutro, passa-se a vê-la como um lugar privilegiado de manifestações enunciativas. Tal proposição apresenta-se claramente na teoria da enunciação de Benveniste e também na abordagem funcionalista de Nord (1991), Reiss (1970) e Vermeer (1986) para a tradução.

Segundo Benveniste (1988), é através da intervenção do sujeito que investe sua subjetividade no discurso que a língua se articula como ato

¹⁵De acordo com a perspectiva de Bakhtin não existem enunciados isolados, pois pressupõe-se aqueles que os precederam e os que virão depois, portanto a palavra adquire força quando usada em determinado contexto sociocultural (BRAIT; MELO, 2010, p.67)

individual na enunciação, mas ele não enuncia voltado para si e sim, prioritariamente, para o Outro que está presente, fisicamente ou não, diante dele. Já Ducrot (1987) define a enunciação, independentemente do autor da palavra, como o acontecimento constituído pela aparição do enunciado. Maingueneau (1989, p.34-40) faz restrições ao uso da enunciação na análise do discurso afirmando que não deve ser concebida como apropriação do sistema *da língua* por parte de um indivíduo, visto que o sujeito enuncia segundo regras dos gêneros discursivos; que a enunciação não se encontra num único sujeito, mas sim que a interação é que está em primeiro lugar e, finalmente, que o sujeito que fala não é necessariamente a instância que se encarrega da enunciação (caso do papel do Iniciador segundo a concepção de Nord para a tradução). Apesar dessas ressalvas, Maingueneau admite que a enunciação oferece contribuições, tais como colocar em evidência a dimensão *reflexiva* da atividade linguística, isto é, o enunciado só remete para o mundo, seu referente, quando reflete o ato da enunciação que o produz¹⁶.

Portanto, uma concepção de língua como lugar de interação implica um sujeito psicossocial (SOBRAL, 2009, p.30; 47), conforme já tínhamos apontado anteriormente, individual no uso da sua linguagem, responsável pelas suas opiniões e enunciados e também social quanto ao seu caráter ativo através da interação e participação nas mais diversas situações comunicativas, socializando-se e produzindo o social concomitantemente, através de suas intenções ou enunciações. Este é o caminho adotado por diversos veículos midiáticos, como o jornalismo de revista, por exemplo, que mesmo se dirigindo a um grupo trata o leitor de ‘você’, de forma individualizada (SCALZO, 2003).

Nesse sentido, entender o homem como um ser social e historicamente construído implica no reconhecimento de sua trajetória, aproximando-se da dinâmica do fenômeno linguístico que privilegia a relação entre sujeitos. Essa aproximação entre a teoria do jornalismo e os conceitos bakhtinianos é pertinente, visto que se a reportagem não dialoga com o leitor ou não dá conta de suas expectativas como sujeito individual e social, esse leitor não compra o jornal, não desenvolve o interesse pela leitura dessa reportagem; conseqüentemente, o jornalismo não cumpre com a sua função de formar, informar e testemunhar o ‘real’, ou seja, os fatos.

Assim a linguagem, em termos bakhtinianos, é essencialmente dialógica, sócio histórica, intencional. Movida pela intenção do enunciador

¹⁶A reflexão sobre a prática jornalística como discurso é extremamente importante e rica, porém não a abordamos neste trabalho com a profundidade necessária por duas razões: isto não se constitui como nosso objetivo e buscamos privilegiar o campo das interseções com a tradução e não propriamente do jornalismo com o discurso.

(jornalista/chefe de redação/jornal) de atingir determinado objetivo ilocucional (transmitir a notícia, vender o jornal) em relação ao enunciatário (o leitor), o enunciado representado pelo título ou manchete jornalística estabelece o primeiro contato no processo de comunicação. Conseqüentemente é capaz de gerar a expansão do fato noticioso, ou seja, o enunciado do leitor como resposta ao evento ou a remetência deste ao seu referente primeiro que é o momento em que o fato ocorreu; afinal, a enunciação também se articula como resposta a um enunciado passado ou pressuposição de um enunciado futuro. É, portanto, fundamental para Bakhtin a compreensão do contexto para que se entenda o enunciado produzido e para que se compreenda o texto como prática social. Novamente, é possível aproximar a perspectiva bakhtiniana com as práticas tradutória e jornalística vinculadas ao social através dos fatores extratextuais em Nord (1991) referentes à situação de produção e/ou recepção do texto; a esfera social no modelo de Esser (1998), referente as condições político-sociais de produção do discurso e aos filtros culturais em Zipsler¹⁷ (2002), elementos naturais integrantes do sistema de comunicação intercultural do leitor.

2.3 TEXTO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Ancorado em elementos situacionais e passíveis de compreensão pelo leitor, o texto estabelece ligações com outros textos, apresenta novos conhecimentos e gera marcas específicas da cultura para a qual é destinado, especialmente quando as notícias transitam em ambiente internacional, visto que as diferenças culturais se tornam geralmente mais sensíveis. Bakhtin (1992; 2000) segue o mesmo caminho, no sentido de que o texto dialoga com o interlocutor, provoca respostas e favorece a interação, de forma semelhante ao jornalismo e a tradução. O autor afirma, portanto, que o enunciado é social e construído sócio historicamente, à exemplo de todo ser humano, sendo determinado pelo enunciador e pelo enunciatário, tornando-se produto dessa interação.

A importância do contexto observada por Bakhtin (1992) determina, portanto, o sentido da palavra e não a sua relação direta com as coisas, visto que as leis da língua são leis sociais. O significado das palavras está no uso, não mais na imobilidade e na arbitrariedade do signo saussureano, o que significa dizer, por extensão, que tradução e jornalismo podem ser compreendidos como relações sociais mediadas pela linguagem, através do uso da palavra. Por essa razão concordamos com Mayra Rodrigues Gomes

¹⁷Estes autores articulam a interface tradução-jornalismo que será abordada no Cap. 3.

(2000, p.19) ao afirmar que “o jornalismo é ele próprio um fato de língua”, pois a sua prática não leva em conta somente seu papel, mas também sua função como instituição social e também pelo fato de que a própria língua é, por ela mesma, uma prática, uma instituição social com normas e regras de interação entre os indivíduos – os manuais de redação, por exemplo, ditam as regras da linguagem jornalística considerada como apropriada. Esta afirmação também pode se estender para o universo da tradução, visto que também ela [a tradução] pode ser considerada um fato de língua na medida em que a linguagem é objeto de trabalho e reflexões do tradutor, podendo estar condicionada a determinantes teóricas, e é voltada para a comunicação entre culturas e instituições sociais dentro destes contextos culturais.

Essa normalização garante uma organização mínima que permite entender a prática jornalística como um discurso socialmente instituído, mediado pela palavra e que parte de um emissor para um conjunto de leitores que, mesmo indiretamente, estabelecem as pautas e a ordem desse discurso. É a responsividade desses leitores que garante a manutenção da ordem, dos princípios éticos e da função do jornalismo. Por essa razão, Mattelart, M. & Mattelart, A. (1989) propõem o receptor, e não o emissor, como sujeito do processo comunicativo, considerando a mediação operada por este sujeito na produção de sentido. Isso implica a possibilidade de a informação jornalística não ser de todo objetiva, mas também *intersubjetiva*, ou seja, a possibilidade de haver uma negociação, um diálogo para que haja produção de sentidos, o que nos remete mais uma vez à perspectiva dialógica de Bakhtin (2000) e à teoria funcionalista de Nord (1991) que compreende a prática tradutória como estando voltada predominantemente à figura de um leitor em prospecção, a frente do processo para o qual o tradutor, a exemplo do jornalista, direciona o seu trabalho.

Nessa reflexão, e especificamente para a área de pesquisa da *corpus*, está envolvida a questão da veracidade do conteúdo produzido pelo jornalismo, visto que o sentido (a verdade) não parte mais, exclusivamente, do emissor, mas pode ser dado e negociado também pelo receptor. A questão seria, então, qual o grau de verdade que poderia ser atribuído ao discurso da imprensa. Uma discussão com o nível de profundidade exigido para esta reflexão excede, no entanto, os objetivos desta pesquisa implicando conceitos de outras áreas como a filosofia, por exemplo. Por essa razão, entendemos que se existe poder nas mãos do receptor para que esta prática intersubjetiva ocorra, este deve estar relacionado a fatores cognitivos que remetem a leitura de determinado fato noticioso a referentes diversos com os quais o leitor consegue estabelecer alguma ligação. Entendemos que, no caso do discurso jornalístico, a necessidade de haver certo controle por parte do emissor é, de certa forma, necessária tendo em vista que o relato noticioso não é

direcionado a um leitor em particular, nomeado, mas a um conjunto de leitores que, mesmo não pensando de forma igual, possuem características que possibilitam o relato jornalístico assumir ar de discurso institucional e regulador da comunicação. Essa ideia é corroborada por Fontcuberta (2002, p. 35) ao afirmar que a audiência dos meios de comunicação compartilha de dois elementos: da pertença a um mesmo grupo social e da comunhão de tradições culturais aproximando-se das reflexões de Esser (1998) sobre as instâncias que integram o fazer jornalístico.

Fontcuberta (2002, p.14) diz que o discurso jornalístico, em sua arquitetura mais tradicional, segue cinco características principais: atualidade da notícia; novidade do fato; veracidade; periodicidade que, no jornalismo online transformam-se em instantaneidade e, logicamente, o interesse público, ou seja, os fatos servem como ponto de referência ou “correspondem às expectativas e necessidades de informação de um público massivo”. Para vincular essa estrutura à questão do real, compartilhamos do pensamento de Gomes (2000) ao dizer que o que lemos, independente de haver ou não um diálogo entre emissor e receptor para construção de sentidos, jamais é o real ou a verdade, mas apenas uma ilusão de realidade construída pelo signo e em razão de raramente estarmos *in-loco* para conferir-lhe o grau de exatidão que pudesse ser entendido como verdade. E, mesmo assim, ainda haveria alguma diferença entre os relatos obtidos, visto que, como observa Nord¹⁸:

Toda situação tem dimensões históricas e culturais que condicionam o comportamento verbal e não verbal de seus agentes, seus conhecimentos e expectativas, sua avaliação da situação e o ponto de vista a partir do qual enxergam o mundo. (NORD¹⁹, 1997b, p. 41).

É justamente na consideração da linguagem em uso, como forma de interação social, conforme propõe Bakhtin, que o discurso tradutório e também o jornalístico ganham uma suposta transcodificação isenta, isto é, uma suposta objetividade e neutralidade, visto que o conteúdo do texto a ser traduzido e também os fatos tornam-se passíveis de uma verificação empírica,

¹⁸Bakhtin (SOBRAL, 2009, p.90) aproxima-se de Nord ao afirmar que sujeitos distintos, em momentos ou épocas distintas, lugares e circunstâncias específicas criam sentidos diferentes em suas relações interpessoais manifestadas através da linguagem, seja ela palavra, enunciado, discurso.

¹⁹Every situation has historical and cultural dimensions that condition the agents' verbal and nonverbal behavior, their knowledge and expectations of each other, their appraisal of the situation, and the standpoint from which they look at the world.

(*) Ressalta-se, doravante, que todas as citações feitas a partir de uma língua estrangeira são da autora.

não sendo questionados, a princípio, pelo público leitor. Para o texto jornalístico, especificamente, este é um princípio importante, pois condiciona a aceitação da factualidade da linguagem, ou seja, a descrição dos fatos é vista como objetiva, imparcial e verdadeira. O mesmo vale para um texto traduzido, cuja aceitação é imediata se, grosso modo, responde a duas características impostas pelo leitor ao tradutor: legibilidade (que possibilita fluência na leitura) e a transcrição isenta do código linguístico (literalidade). Em ambas as produções, o leitor final não abre espaço para interferências pessoais seja do tradutor ou do jornalista. No entanto, este mesmo leitor não se dá conta de que esta interferência é real e inevitável, diferindo apenas o grau de sua manifestação. Isto porque, mesmo na exigência de uma literalidade seja por quais razões forem, escolhas sintáticas, lexicais ou estilísticas, por exemplo, são feitas para que essa literalidade, objetivo final exigido, seja mantida. No caso do texto jornalístico, ainda que o leitor os conteste, existe sempre um princípio de aceitação que subjaz à leitura, estimulado pelos princípios que regem a imprensa. Nessa perspectiva, “*verdade e realidade* não apenas se relacionam por adequação, mas também por identidade: passam a ser uma coisa só.” (MEDITSCH, 2003, *itálicos do autor*). Os fatos são como são e o que se tem ao final, ainda que sentidos possam ser negociáveis em função de diferentes expectativas e perspectivas de cada um, é a objetividade e factualidade asseguradas.

A construção de sentidos (KOCH, 2005; 2006) não se restringe, assim, a uma mera decodificação de mensagens. Essa construção apresenta-se como uma atividade complexa com base nos elementos presentes na superfície do texto, na sua forma de organização e através da mobilização de saberes e conhecimentos já armazenados que estabelece conexões com as informações apreendidas. Os sentidos construídos emergem desta relação de troca entre os enunciados num determinado contexto e se configuram numa esfera social de circulação de discursos. O resultado desta relação interlocutiva é a possibilidade de não só construir conhecimentos como também sentidos, pois o evento dialógico traduzido pela capacidade de compreensão entre os interlocutores é responsivo, exigindo assim a participação mútua entre os interlocutores. No ambiente jornalístico e tradutório essa responsividade é uma tarefa de pressuposição sobre um leitor final em prospecção, visto que nem sempre jornalistas e/ou tradutores conhecem efetivamente o destinatário final (ou grupo de). Esse processo de significação permite que possamos interagir com outros sujeitos e textos, ativando conhecimentos prévios e

tecendo pressuposições que dependem também do contexto. Malinowski²⁰ diz que:

Um enunciado só se torna inteligível quando compreendido no seu *contexto de situação*, permitindo-me cunhar uma expressão que indica, por um lado, que a noção de *contexto* deve ser ampliada e, por outro que, a situação na qual as palavras são enunciadas jamais deve ser desconsiderada como irrelevante na expressão linguística (MALINOWSKI, 1923, p. 306 – adaptado).

Neste sentido, para que o texto exerça sua função (persuadir, formar opinião, distrair, informar, tematizar) é preciso que o enunciador consiga fazer o destinatário reconhecer a intenção de realizar certo ato, exatamente aquele que se mostra enunciando. Um enunciado só é plenamente um enunciado quando se apresenta exprimindo uma intenção desse tipo com relação ao destinatário e o sentido do enunciado é a sua própria intenção²¹. A enunciação assemelha-se, desse modo, a um elo entre a língua e o mundo: ela nos permite representar os fatos no enunciado, constituindo, ela própria, um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço o que, por extensão, implica um texto compreendido como prática social.

2.4 CONTEXTO E CONSTRUÇÃO DE REALIDADES

Da compreensão da tradução como atividade mediadora, cujos contornos ficam ainda mais evidentes no trabalho com o texto jornalístico, é importante ressaltar a concepção de texto que representa o *corpus* de trabalho. Oposta à noção de texto estável em teorias tradutórias que enfatizam noções de equivalência, o texto é visto como uma “oferta de informação” segundo Nord²² (2002) seja através de mensagens escritas e/ou meios não verbais:

²⁰ “[the utterance] becomes only intelligible when it is placed within its *context of situation*, if I may be allowed to coin an expression which indicates on the one hand that the conception of *context* has to be broadened and on the other that the situation in which words are uttered can never be passed over as irrelevant to the linguistic expression. We see how the conception of context must be substantially widened, if it is to furnish us with its full utility. In fact it must burst the bonds of mere linguistics and be carried over into the analysis of the general conditions under a language is spoken.” (MALINOWSKI, 1923, p. 306 – itálicos do autor).

²¹ Segundo Nord (1991) a intenção do autor deve permanecer a mesma no texto traduzido.

²² El texto no es un objeto autónomo, estable, invariable, sino que, en el momento de ser recibido, se vuelve en un instrumento comunicativo para la persona que lo reciba. Es una experiencia muy común

O texto não é um objeto autônomo, estável, invariável, tanto que, no momento em que é recebido, torna-se um instrumento comunicativo para a pessoa que o recebe. É comum que o “mesmo” texto, lido ou ouvido pela “mesma” pessoa em diferentes momentos de sua vida tenha um significado, uma “função”, completamente diferente. (NORD, 2002, p.110)

Nesse sentido, a concepção de texto adotada para este trabalho é a do texto visto como ato comunicativo não passível de padronização, ou seja, o texto como uma prática social e sujeito a certas regras que o aproximam da definição bakhtiniana sobre os gêneros: “tipos relativamente estáveis de enunciado”, dependentes que são de convenções socioculturais. Isso significa entender o texto (fonte ou traduzido) não como uma estrutura fixa, mas como um processo que (re)constrói²³ situações comunicativas a partir de determinadas intenções, propósitos, com a utilização de elementos linguísticos selecionados e ordenados de tal forma que o texto ganhe uma função, uma razão para existir, mesmo que siga determinadas convenções (culturais) de produção. Essa estrutura (intenções, propósitos, normas, aparo linguístico, função) tece uma linha de integração entre sujeito, texto e produção de sentidos através do texto, tanto no universo da tradução como no universo do jornalismo.

Mas para que o texto signifique, ele precisa estar condizente com o momento em que é produzido e também recebido, isto é, de lido. Portanto, os termos cunhados por Malinowski – “contexto de situação” e “contexto de cultura” – traduzem de forma eficaz o que tende a ocorrer com os textos traduzidos ou não, inclusive os jornalísticos. O contexto tem a ver com dois pontos que nos interessam quando da análise dos títulos/manchetes que é o evento focal (atentados terroristas), bem como o campo de ação (o contexto situacional e cultural) no qual o evento de desenrola nos anos subsequentes à sua ocorrência. Nessa análise estão imbricados elementos presentes na própria teoria funcionalista de Nord (1991) e na visão da tradução como

que el “mismo” texto, leído o escuchado por la “misma” persona en diferentes momentos de su vida, puede tener un significado, una “función”, completamente distinta.

²³Construir significa edificar, dispor numa determinada ordem. Ao construir uma casa tecemos escolhas e tomamos decisões sobre tipos de materiais e cores, determinamos onde erguer ou derrubar paredes. O mesmo vale para o discurso engendrado através do texto [traduzido ou não e/ou jornalístico]. Se a linguagem é uma instituição fundante de relações sociais, se o discurso organiza o que está disperso nestas relações e se o enunciador [tradutor e/ou jornalista] é sujeito capaz de imprimir suas visões de mundo neste discurso, significa dizer que não há uma realidade, mas várias [construídas, organizadas], assim como não se tem uma única leitura ou uma única tradução

representação cultural (ZIPSER, 2002), tais como: cenário, entorno sociocultural, sintaxe, léxico, estrutura da linguagem, conhecimentos prévios, descritos pela autora em seu modelo de tradução orientado a análise do texto. Sendo assim, a cada troca de informações o contexto pode ser ampliado, reduzido, alterado exigindo que os interlocutores se ajustem a novas possibilidades de interação. Isto porque, segundo o próprio Bakhtin (1981, p.352) num encontro dialógico e intercultural, diferentes culturas não se fundem nem se mesclam, mas sim conservam sua individualidade, de forma a estabelecer uma relação de troca e permitir um enriquecimento mútuo.

O contexto, ao qual o texto está vinculado mobiliza, portanto, conhecimentos diversos completando, modificando, justificando as decisões e escolhas inerentes a toda e qualquer ação comunicativa, neste caso, as práticas tradutória e jornalística. Por esta razão, busca-se entrelaçar os fatores externos mais abrangentes com os fatores internos mais pontuais. Esta tessitura permite tornar interdependentes os contornos ou molduras sociais que envolvem a tradução de um texto, contextualizando-o no tempo e no espaço, bem como os fundamentos sociais que integram o fazer jornalístico com elementos lexicais que materializam a situação comunicativa e a intenção do autor, do tradutor ou do jornalista. Isto ocorre porque essas unidades lexicais estão sob o efeito do contexto histórico, social e cultural no qual são produzidas, combinando-se e funcionando para o leitor de modo a construir efeitos de sentido ao recriarem a realidade e informar sobre o que se traduz. No caso deste estudo, os efeitos de sentido se constroem pelo léxico militar e outras denominações que emergem da narrativa construída pelos títulos (terror; terroristas; terrorismo; aliados; guerra antiterror, entre outros). Esse discurso engendrado pela mídia nomeia, rotula os conflitos no Iraque, Afeganistão e Paquistão imprimindo interpretações, juízos de valor aos quais subjaz uma forte conotação política e valorativa. O resultado direto dessa combinação de fatores é o modo como os leitores são levados a construir sentidos a partir dos relatos da imprensa: a influência dos jornais sobre a opinião pública no sentido de fazer com que o leitor assuma uma atitude contra ou a favor dos acontecimentos noticiados, como menciona Rajagopalan (2003). Sendo assim, se o contexto justifica efeitos de sentido é possível questionar se o *corpus* exerceria hoje o mesmo efeito e possibilitaria construir sentidos sobre o leitor que participou deles e aquele que os recebe no momento em que se lê esta tese. É preciso lembrar que, sendo o contexto essencial para a interpretação da mensagem e vinculado a questões sócio históricas, ele pode ser interpretado ou gerar sentidos distintos em culturas distintas e momentos específicos, fornecendo uma possível orientação para responder a esta pergunta.

Desse modo, o contexto exerce outra função: a de referente para que a tradução ou o relato jornalístico produzam efeitos de sentido tanto para o tradutor como para o leitor final. Neste caso, recorrer ao texto para se compreender determinados enunciados, como os títulos, não invalida a atividade tradutória e a narratividade jornalística no sentido de que o contexto fornece os elementos necessários para um texto final consistente e coerente. Os efeitos de sentido dependem, portanto, da maneira como esse discurso é articulado²⁴ e também dos esquemas de memória que suscitam ao leitor²⁵.

De modo especial para o texto jornalístico, que constitui o *corpus* de pesquisa, os efeitos de sentido resultam de articulações discursivas (GOMES, 2000, p.33-4) as quais permitem entender o relato²⁶ não como tradução de fatos, mas como uma ‘verdade objetiva’ e imparcial, como convém aos princípios epistemológicos que regem a imprensa como instituição social. Os mecanismos empregados para tanto, fazem com que o leitor acredite que o relato correspondente ao fato integralmente quando, na verdade, é apenas uma sensação de real, construída através de uma ordem simbólica que garante ao jornalismo a sua função testemunhal. Logo, o que chega ao leitor final e também ao tradutor que desconhece os princípios desta interface, é apenas um real simbólico e mediado, não o fato em si. Meditsch (2003) afirma que a imediaticidade do real é um ponto de chegada (o ideal da objetividade) e não de partida (o real em si), visto que este é apreendido de maneiras distintas segundo o olhar de quem o vê. Com efeito, aproximar a tradução e o jornalismo é uma tarefa complexa num primeiro momento, visto que implica considerar o que antes era verdade absoluta (o relato “espelho” do real) como apenas uma das muitas mediações possíveis entre o fato e o seu relato na imprensa, de acordo com Zipser (2002), ou seja, sua(s) tradução(ões). O mesmo vale para o tradutor que, conforme Arrojo (2007) se submete à sacralização do TF (ARROJO, 2007), no qual a tradução também deve se espelhar.

²⁴Um dos sentidos do termo “articular” é justamente o de construir, vinculado também ao discurso. Articular significa conectar partes, sem que seja preciso uni-las uma à outra o que as tornaria coesas ou difíceis de serem desmembradas. Sem essa condição da união, é possível modificá-las segundo as exigências das situações comunicativas, permitindo mais uma vez compreender a existência de diversas leituras e formas de escritura para um mesmo texto ou fato noticioso.

²⁵Segundo Van Dijk (1980) é a memória episódica que permite ao leitor encontrar o referente da notícia a fim de associar a ele as novas informações recebidas.

²⁶Conforme Soares (2009, p.57), o relato é fruto de um percurso, de um trajeto, de um discurso, de uma narrativa. É uma tomada de posições a partir de escolhas e decisões sobre um itinerário a ser seguido, sobre um texto a ser construído.

Nesse sentido, se o ‘real’, cuja essência é ser inapreensível²⁷, é consequência de uma determinada organização discursiva, seja ela tradutória ou jornalística, a realidade em si também não precisa, necessariamente, advir de um universo simbólico, isto é, de um TF no caso da tradução o que, segundo Vermeer (1986), possibilita a existência de traduções a partir de uma realidade pré-textual, anterior ao texto e que encontra no fato-fonte seu ponto de partida. Dessacralizar o TF como defende Arrojo (2007) não é tarefa das mais simples, além de provocar discussões sobre se o resultado final, o novo texto tecido, é considerado ou não uma tradução.

A isto corresponde à metáfora do espelho para o jornalismo que, mesmo sendo criticada e questionada, ainda se impõe como um objetivo - idealizado - para o jornalista e porque não também para o tradutor, na medida em que deva produzir, segundo a ótica do seu leitor, um texto que seja o espelho do seu original. Nesta perspectiva, os fatos existem conforme a realidade os determina, o que corresponde, no universo da tradução, ao TF como coeficiente maior para avaliar a tarefa de tradução. Essa visão remete mais uma vez ao conceito de tradução literal, fiel à letra, ao código, através do qual o TT é, na mesma medida, um espelho do seu original. Para o jornalismo a objetividade é o elemento chave, enquanto que para a tradução isso corresponde, de forma comparável, ao domínio do código linguístico, de forma a (tentar) garantir esse pretense espelhamento.

Essa visão, no entanto, se mostra bastante reducionista, principalmente com o constante desenvolvimento do perfil acadêmico da tradução-jornalística. Nesse sentido, entendemos a notícia como prática social em razão de: i) essa perspectiva aproximar-se da concepção de linguagem adotada para este trabalho – a teoria dialógica de Bakhtin; ii) ir de encontro à concepção de texto como prática social e a tradução como ação comunicativa voltada a um leitor final em prospecção e iii) que o jornalismo traduz perfis sociais quando o discurso, como construção de realidades, representa determinado contexto situacional e cultural. É no trabalho da enunciação, na operação sobre vários discursos que, tanto tradutores como jornalistas produzem textos nos quais estão inseridas instâncias de valor (FAUSTO NETO, 1991, p.25-40) que mediam a relação entre palavra e o sujeito deixando no texto final as *marcas* do enunciador.

²⁷ A condição de inapreensibilidade permite-nos aproximar o “real” da “intenção” do autor do TF que, na maioria das vezes, é passível apenas de ser esboçada através de pistas textuais, conforme Nord (1991, p.49), mas nunca, assim como o real, plenamente alcançada.

2.5 TRADUÇÃO, PENSAMENTO, (INTER)CULTURA(LIDADE)

Até este momento, buscou-se delimitar um panorama mais abrangente dentro do qual a tradução e o jornalismo se fundamentam, ou seja, a linguagem e suas implicações sociais e dialógicas. Dentro deste panorama não é possível isentar-se das reflexões voltadas ao fazer jornalístico, pela simples razão de ser este o material de análise desta pesquisa. No entanto, mesmo analisando um *corpus* jornalístico, o contexto de inserção desta pesquisa é o universo dos estudos tradutórios o que pede algumas considerações mais pontuais sobre a relação entre tradução, linguagem e cultura.

Discutir tradução implica algumas questões consideradas fundamentais tais como: relações de equivalência, fidelidade textual, competência tradutória, papel do tradutor, estratégias tradutórias; no entanto, a relação entre tradução e linguagem, talvez por ser considerada bastante óbvia, afinal lidamos com palavras, é deixada de lado. Observe-se que o termo 'palavra' é visto com um sinônimo de 'linguagem' na visão de muitos profissionais, como se para além da palavra não existissem outros fatores a considerar, posicionamento reducionista considerando-se a dimensão da língua ante as suas possibilidades tradutórias e as concepções de língua implícitas nas diversas teorias de tradução. Portanto, apesar de óbvio, pensar a linguagem em sua relação com a tradução se faz necessário antes de situarmos a interface da tradução jornalística.

Delisle e Woodsworth (1998, *prefácio*) afirmam que as pessoas têm traduzido desde tempos imemoriais e que os tradutores têm sido elos vitais na transmissão de conhecimentos entre sociedades separadas por barreiras linguísticas. Se algumas línguas representam barreiras é preciso, então, derrubá-las com outras línguas que, inevitavelmente, trazem consigo traços específicos de pensamentos, experiências de vida, de leitura, posturas e atitudes comuns ao grupo para o qual a tradução se dirige e que o definem em relação a outros grupos sociais. Pensando um pouco antes destas barreiras linguísticas lembramos que, enquanto característica evolutiva, a linguagem foi o fator decisivo para nos diferenciar das outras espécies para desenvolvermos a capacidade de criar, organizar e nomear símbolos e significados. Portanto, ao traduzir não superamos apenas barreiras linguísticas, mas também barreiras culturais, temporais, geográficas, barreiras de identidades entre emissor (tradutor, iniciador, autor) e destinatário.

Superá-las significa poder empregar a linguagem no seu sentido maior de interação e integração entre os falantes de línguas diversas, aproximando ou afastando culturas distintas. A linguagem em tradução, nesses termos,

jamais é neutra, jamais pode ser vista como transcodificação isenta, isto é, como transferência literal de sentidos e signos justamente porque carrega consigo historicidades, marcas pessoais e visões de mundo específicas.

Isto implica a necessidade de que acomodações sejam feitas nesta língua de modo que o destinatário construa sentido a partir da leitura da tradução e compreenda a existência do Outro como diferente apenas, não como melhor ou pior ou como agente de dominação ou de submissão. Somente através da compreensão da existência do Outro como diferente, o destinatário pode tecer comparações com sua própria linguagem e modos de apreender e agir no mundo. A linguagem pode, então, exercer sua função maior: conferir aos falantes sua condição humana, atuando como uma ponte que nos faz enxergar o Outro e estreitar laços culturais e representações sociais.

Segundo Sobral (2008, p.50) “a linguagem e o pensamento são moldados pelas vivências coletivas e individuais, pela interação entre essas vivências. A linguagem não molda os pensamentos, mas é o pensamento privilegiado de sua expressão”, remetendo-nos ao sujeito psicossocial bakhtiniano. Dessa forma a internalização de novos sentidos só pode ser construída a partir de interações concretas com a tradução, ou seja, só é possível apreender sentidos do texto traduzido quando a linguagem é trabalhada especificamente para o destinatário ou grupo de, visto que emprega não somente palavras ou estruturas sintáticas, mas também valores, expectativas, intenções, leituras de outros textos (construídos através da linguagem, verbal ou não), pensamentos, sentimentos. Na tradução, a palavra não é simplesmente, ela é resignificada nessa interação com o Outro. Retomando Sobral (idem):

Partindo do que o Outro lhe apresenta, o sujeito em formação se constitui e volta ao contato com o outro, desta vez como sujeito pleno (...) dessa forma o ser biológico torna-se um indivíduo socialmente constituído pelas significações adquiridas e em constante processo de interação com o meio, o que constrói a história individual e, em consequência, a história social.

Ao apropriar-se da linguagem, e isso o fazem tradutor e jornalista, o sujeito é capaz de interagir, de operar mudanças, expressar necessidades práticas de coletividades específicas, mesmo dentro de sociedades que compartilham dos mesmos sistemas linguísticos. Sendo assim, se o mundo é construído pela linguagem e por pensamentos e, como afirma Sobral “nos

termos das coletividades dos sujeitos” e de suas inter-relações contínuas, podemos presumir uma dinâmica única, existente nas suas formas de manifestação vinculadas ao modo como as línguas constroem essas relações simbolicamente (na forma escrita e/ou imagética). Enquanto tradutores é preciso pensar a linguagem, enfrentar suas instabilidades, seus processos contínuos de mudança e não como pesquisa de meros sentidos equivalentes fixos em construções linguísticas distintas. Por mais próximas que pareçam umas das outras, as línguas refletem diferentes concepções de mundo que mediante a atividade de tradução devem ser considerados, ajustados, adaptados.

Portanto, quando se fala em enunciados não se faz referência direta a palavras ou frases soltas no texto, mas a ideia de que o dito deve ser considerado em relação a quem o enunciou (autor) e em que circunstâncias (contexto) e para quem ele é re-enunciado, visto que tais condições alteram sensivelmente o dizer, especialmente quando esses contextos não tem uma relação de proximidade, tal qual ocorre em diversas situações de tradução, inclusive na tradução de textos jornalísticos quando estes atravessam fronteiras geográficas distintas. Isso nos remete mais uma vez ao dialogismo bakhtiniano. Conforme Bakhtin (1981) e Brait (1997, p.98), a linguagem é dialógica em si e pode ser pensada em duas direções, a saber: 1) entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, cultura ou sociedade e que constituem tanto a prática jornalística quanto à tradutória e 2) entre o eu e o outro, isto é, entre os sujeitos que se instauram e são instaurados por estes discursos. Estes dois caminhos interessam tanto a tradução quanto ao jornalismo no sentido de que ambos, respeitadas as especificidades de suas práticas, lidam com a linguagem que existe entre discursos²⁸ e entre sujeitos.

Nesse sentido, concordamos com Sobral (2008, p.57) sobre o fato de que se traduz muito mais que enunciados. Na verdade, o que se traduz são discursos no sentido de que a palavra ou mesmo a enunciação não existe no vazio, mas sempre contextualizados e carregados de intencionalidade, propósitos, sentidos, condições de interação. Para lembrar Nord²⁹ (1997a, p.1): “as pessoas têm propósitos comunicativos que tentam colocar em prática por meio de textos”, aproximando-se de Sobral (2008, p.58) ao afirmar que o texto é apenas um instrumento para materializar a língua, mas que a

²⁸Aqui nos referimos à questão do interdiscurso que de acordo com Orlandi (2001, p.33-4) é um conjunto de formulações já existentes e feitas por outros sujeitos. Uma vez ditas, é preciso que façam sentido para que outro sujeito possa se apropriar delas e empregá-las em seu próprio discurso fazendo suas as palavras do outro. Em linhas gerais tanto jornalistas quanto tradutores se apropriam desses (inter) discursos.

²⁹People have communicative purposes that they try to put into practice by means of texts.

linguagem e os sentidos, de fato, vão além se se pretende que o texto realmente funcione como elemento de comunicação:

A comunicação ocorre através de um meio e em situações delimitadas no tempo e no espaço. Cada situação específica determina o que e como as pessoas se comunicam e é modificada pelas próprias pessoas na comunicação. Essas situações não são universais, mas sim inseridas num contexto cultural que, por sua vez, condiciona a situação. “A linguagem é, pois, relacionada como parte da cultura, enquanto a comunicação é condicionada pelas limitações da situação-em-cultura. (NORD³⁰, 1997a, p. 1 e 1997b, p.41)

Essa relação [cultura-comunicação] chamada de “relação embrionária” por Azenha Jr. (1999, p.30) é, portanto, um aspecto que deve ser considerado na prática de tradução, especialmente no que se refere ao contexto de trabalho desta pesquisa, visto que a relação entre cultura e produção escrita (tradutória e jornalística) encontra na linguagem a sua maior forma de expressão. Por esta razão, algumas considerações sobre relações culturais se faz necessária.

O termo cultura é debatido em diferentes áreas de conhecimento tais como a linguística, filosofia, antropologia, sociologia e história. Para o contexto deste trabalho, nos servimos da antropologia e etnografia que nos permitem estabelecer a inter-relação linguagem e cultura de modo a sustentarmos o conceito de tradução estabelecido na interface, bem como suas implicações para este estudo.

No sentido antropológico cultura é um conceito-chave para a interpretação da vida em sociedade, capaz de gerar um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Isso não significa hierarquizar o termo ‘civilização’, mas apenas indica o modo, o sistema de vida de um grupo (ou mesmo um indivíduo) funcionando como uma espécie de “código genético”, uma marca pessoal através da qual as pessoas em um dado grupo pensam, classificam, estudam, modificam e influenciam o seu próprio sistema e os outros. Já a etnografia estuda a cultura através do modo

³⁰ Communication takes place through a medium and in situations that are limited in time and place. Each specific situation determines what and how people communicate, and it is changed by people communicating. Situations are not universal but are embedded in a cultural habitat, which in turn conditions the situation. Language is thus to be regarded as part of culture. And communication is conditioned by the constraints of the situation-in-culture.

como a comunicação é padronizada e organizada em sistemas de eventos comunicativos, além dos modos pelos quais esses eventos interagem com outros sistemas culturais revelando perfis culturais distintos.

A necessidade de estabelecer uma comunicação clara entre tradutor e leitor final ou entre jornais e leitores, encontra na fala de Arthur Ochs Sulzberg, presidente do NYT (apud Fontcuberta, 2002, p.34) uma transparência única ao dizer que “não faz sentido publicar um jornal que ninguém quer ler. É um erro não ser sensível ao que os leitores pedem”. Sobre isso lembramos o papel central atribuído por Nord (1991) a figura do tradutor como sujeito bilíngue e (idealmente) bi cultural, isto é, um mediador entre culturas justamente por ser conhecedor e detentor de experiências dentro desse contexto; estas vivências o habilitam a compreender nuances e peculiaridades que interferem no processo de tradução. A esta afirmação adicionamos justamente a discussão sobre a questão da cultura que é determinante para a receptividade do leitor inserido num grupo social específico e que deseja ser informado segundo seus interesses e também dos seus integrantes. De um ponto de vista jornalístico, Gomis comenta:

Embora se dirija a um vasto e diversificado conjunto de indivíduos, cada meio de comunicação tem a *sua* audiência. O público manifesta uma certa unidade, a qual comporta dois elementos: primeiro, um certo grau de cultura comum, uma certa comunidade de hábitos, sentimentos, tradições, ideias assimiladas, etc. em segundo lugar, os impulsos precisamente originados pelos meios, através das informações, comentários, sugestões que eles transmitem. A unidade de um público depende assim basicamente – por receber impulsos e estímulos idênticos dos meios de comunicação – da pertença a um grupo social, da comunhão de traduções culturais. (Gomis, apud FONTCUBERTA, 2002, p.35).

Bourdieu (apud PONTE, 2005, p.19) também se refere à cultura, a exemplo de Gomis, como um conjunto de *habitus* e aproxima-se do sujeito psicossocial bakhtiniano ao defini-la como uma dimensão simbólica que “sustenta o estudo das práticas sociais e suas lógicas” dentro de um sistema que é subjetivo, porém não individual, de estruturas interiorizadas, percepções, concepções, ações comuns a membros que partilham de uma mesma classe ou grupo.

Nesta relação comunicativa permanente de produção e troca de sentidos, as regras culturais (valores familiares, etiqueta, hierarquia social) e o conhecimento servem de base para o contexto e o conteúdo dos eventos comunicativos e dos processos de interação, traduzindo o processo de formação do homem como um ser social, definindo a base para a sua interação em grupo. Nesse sentido, a linguagem torna-se meio para materializar conflitos, heranças sociais e culturais dos falantes, constituindo, portanto, um modo de produção social e não apenas um universo de signos (recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais) que sustentam pensamentos. A tradução se coloca, portanto, como um elo na cadeia da comunicação discursiva, uma produção de sentidos sobre a realidade. Assim, portanto, a tradução (como a linguagem num âmbito maior e o jornalismo) não se mostra neutra nem tampouco inocente, na medida em que está sempre engajada numa intencionalidade, num propósito, numa função.

Realizada entre sociedades distintas, a linguagem passa a representar a cultura no âmbito do que Nord³¹ chama de comunicação intercultural, isto é, a troca de conhecimento, símbolos e significados em contextos sociais diferenciados:

Entendo por “cultura” uma comunidade ou grupo que se diferencia de outras comunidades ou grupos por formas comuns de comportamento e ação. Os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, linguísticas ou mesmo políticas (Nord, apud ZIPSER, 2002, p.38).

Estruturadas, dessa maneira, como ambientes nos quais as pessoas interagem e trocam conhecimentos, as situações comunicativas ganham dimensões históricas e culturais que influenciam as reações verbais e não verbais dos sujeitos, seus conhecimentos e expectativas e, logicamente, o modo como veem sua relação com o Outro e o mundo, conforme Nord³² (1997a, p.16). A questão que se coloca é que uma vez parte da mesma cultura, emissor e receptor interagem sem maiores dificuldades, porém quando pertencem a comunidades culturais distintas, pode haver a necessidade de um

³¹Unter “Kultur” verstehe ich eine Gemeinschaft oder Gruppe, die sich durch gemeinsame Formen des Verhaltens und Handelns von anderen Gemeinschaften oder Gruppen unterscheidet. Kulturräume fallen daher nicht zwangsläufig mit geographischen, sprachlichen oder gar staatlichen Einheiten zusammen.

³²Communicative interactions take place in situations that are limited in time and space. This means every situation has historical and cultural dimensions that condition the agents' verbal and nonverbal behavior, their knowledge and expectations of each other, their appraisal of the situation, and the standpoint from which they look at the world. (Ver também: NORD, 1997b, p.41)

intermediário capaz de não só estabelecer como também manter uma certa durabilidade da comunicação. Esta é a função do tradutor e do jornalista e o ponto para onde o conceito de interculturalidade se manifesta.

De um modo geral, a interculturalidade é definida como um fenômeno social de interação entre culturas diversas, culminando na descentralização cultural, ou seja, na apreciação das diferenças particulares e não mais na valorização da própria cultura como se fosse a única. O conceito implica ainda compreender o ‘diferente’ como elemento que caracteriza a singularidade da ação e da comunicação de cada sujeito em cada comunidade cultural e o fato de que culturas diferentes podem coexistir. Este fenômeno pressupõe a ausência de atitudes extremistas e/ou reducionistas, à medida que se abre para contatos interculturais. Em relação à tradução jornalística a interculturalidade permite compreender que existem várias leituras possíveis ou ‘traduções’ que representam culturalmente um mesmo fato noticioso.

Nessa perspectiva intercultural, jornalismo e tradução passam a ser vistos como processos de construção de sentidos, reveladores de identidades culturais distintas. É através dela, enquanto fato de observação empírica mais imediata, que o modo de ver o Outro e a si mesmo, se manifesta em toda a sua força e expectativa. Nesse sentido, geralmente corre-se o risco de julgar o Outro a partir de valores e concepções familiares e pessoais entendidos como sendo ‘corretos’ e/ou ‘aceitáveis’ do ponto de vista daquele que julga, conforme observa Laraia:

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade (...) tipo de comportamento padronizado pelo sistema cultural (...) É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão (LARAIA, 1995, p.69-75).

Com efeito, Esser (1998) enfatiza a importância de o pesquisador, quando em contexto estrangeiro, não partir dos seus próprios parâmetros para analisar os fatos e circunstâncias que ocorrem em outros ambientes:

Um estudo comparado em nível internacional traz perigos. Em país estrangeiro, o pesquisador de campo observa seu objeto de estudo através da lente do estrangeiro e avalia o percebido a partir dos parâmetros de sua terra natal. Isso pode levar a mal-entendidos, críticas precipitadas e glorificações³³. (ESSER, 1998, p. 19 apud ZIPSER, 2002, p. 22).

Isto porque o conceito de competência intercultural, que também deve integrar o trabalho de tradutores e jornalistas, pede questionamento e reflexão constantes sobre a cultura alvo para que seja possível o processo reverso, ou seja, a volta a nossa própria cultura, como um radar. Essa é a dinâmica do processo de interculturalidade: promover a aproximação entre culturas distintas sem incorrer na perda da identidade cultural dos sujeitos. Esse é o processo que subjaz a concepção da língua como discurso e a tradução como representação cultural: construção de realidades na produção textual; interação entre sujeitos de culturas e visões de mundo distintas, mas que podem ser complementares e o padrão da alteridade no qual o sujeito reflete sobre o seu mundo e seu modo de ser a partir do contato com o Outro. No item a seguir delimitamos o paradigma funcional para os estudos da tradução e em seguida contextualizamos os paralelos entre as abordagens de Nord e Esser para a tradução e o jornalismo respectivamente. Assim fundamentados, apresentamos o conceito da tradução como representação cultural.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Esse capítulo abordou a questão da linguagem segundo a ótica estruturalista de Saussure, ao separar a língua da sua manifestação através da fala e, por extensão, da escrita. Esta evidência serviu de base para propor as reflexões de Bakhtin (2000) como meio para reverter a cisão saussureana e abordar a linguagem de uma perspectiva dialógica e enunciativa. Desse modo, a linguagem torna-se um processo dinâmico e social permitindo aos seus usuários interagir *na* e *pela* língua, ou seja, o sujeito que enuncia em conjunto com as respostas dos enunciatários atua no seu entorno ao mesmo tempo em que o constrói, propondo o discurso como construtor de laços

³³Eine international vergleichende Studie birgt Gefahren. Als Feldforscher im fremden Land betrachtet man seinen Untersuchungsgegenstand durch die Brille des Ausländers und bewertet das Wahrgenommene nach den Maßstäben seines Heimatlandes. Das kann zu Mißverständnissen, vorschneller Kritik oder Glorifizierung führen.

sociais. Essa relação de troca faz com que o usuário da língua determine o que se fala, organize discursos e legitime as instituições sociais.

Essa concepção, por sua vez, reflete tanto a prática tradutória quanto a jornalística implicando uma via de mão dupla: o processo tradutório depende ao mesmo tempo do contexto de produção do TF e de recepção do TT desenvolvendo-se neste espaço de inter-relação entre as línguas. Já o processo jornalístico busca no entorno social (local ou internacional) os fatos que se tornarão notícia para só então organizá-los linguisticamente e devolvê-los aos leitores. Em outras palavras tradução e jornalismo são atividades pautadas pelo contexto social e que empregam a língua, discursivamente organizada, para conferir ao processo de produção textual e ao seu produto um teor de verdade e credibilidade que sustentam os seus princípios epistemológicos fundantes. Esse é o princípio dialógico instaurado por Bakhtin que, em se tratando de tradução e jornalismo ocorre através da relação: tradutor/jornalista – leitor final.

Neste sentido, todo ato de enunciação (seja o texto traduzido ou o texto jornalístico) traz consigo uma intenção e a realização dessa intenção, ou seja, a escrita neste caso e o contexto no qual é elaborada e no qual significa. Há muito aqui de intenções pragmáticas, determinadas pelo uso efetivo da língua e os efeitos que se pretende alcançar com ela e há também uma intencionalidade premente do enunciador, visto que o texto final se dirige a um enunciatário, um sujeito que interage e determina, em grande parte, a maneira como os enunciados serão conduzidos pelo enunciador, o tradutor ou o jornalista.

Por esta razão, a concepção bakhtiniana pede um sujeito psicossocial – individual e social - responsável por seus enunciados e atuante no processo de comunicação, seja no papel de enunciador ou enunciatário. Somente assim esta relação instituída no interior e através da linguagem permite a construção de sentidos com o texto para além de uma simples decodificação de códigos. Entra em jogo aí uma complexa rede interpretativa que possibilita compreender a mensagem traduzida e a narração dos fatos, ativando conhecimentos prévios e pressuposições que constroem o conhecimento.

Desse entorno maior, a linguagem, estabelecem-se os primeiros contornos da interface tradução-jornalismo abordada a seguir. Isto se fez necessário para que antes o leitor compreendesse o papel da linguagem – que influencia a perspectiva sobre os títulos – em relação a tradução e jornalismo. Constrói-se, portanto, o argumento teórico segundo o princípio funcionalista do maior (linguagem) para o menor (títulos e narrativa) a fim de construir a nova tradução proposta.

CAPÍTULO 3 – A TRADUÇÃO EM INTERFACE COM O JORNALISMO

Trata-se, enfim, de uma leitura e não da leitura desse mesmo fato (ZIPSER, 2002, p.3).

Este capítulo descreve os pontos de aproximação entre a tradução e o jornalismo de modo a explicar como se desenvolve o conceito da tradução como representação cultural e que possibilita entender o texto narrado, construído com os títulos, como uma nova tradução para o fato noticioso. Inicia-se, portanto, a discussão explicitando o paradigma funcional para os estudos da tradução e a tradução vista como um ato comunicativo. Estas considerações fornecem subsídios para imprimir um olhar funcionalista sobre o fazer jornalístico e, a partir das similaridades delineadas, discutir os paralelos que aproximam tradução e jornalismo, culminando no conceito da tradução como representação cultural. Por fim, apresenta-se os resultados da dissertação da autora sobre um estudo sincrônico a respeito do “11 de Setembro” que motiva e fundamenta o desenvolvimento desta pesquisa.

3.1 O PARADIGMA FUNCIONAL E A TRADUÇÃO COMO ATO COMUNICATIVO

Falar em funcionalismo implica certo cuidado de, ao empregá-lo em reflexões epistemológicas, deixar claro de onde se fala, ou seja, a partir de qual campo teórico o termo está sendo empregado. Isto se justifica não só porque “teorias diferentes operam abstrações diferentes”, como afirma José Borges Neto (2004, p.22) como também, pela variedade de modelos e ‘versões’ da abordagem funcionalista associada a campos como os da antropologia, etnografia, sociologia, jornalismo e até das ciências matemáticas, por exemplo, além de várias ramificações existentes dentro da própria linguística da qual Simon Dijk (1997) e Michael Halliday (1994)³⁴ são exemplos. Em linguística as teorias funcionalistas, de modo geral,

³⁴Existe uma diferença entre a função pensada por Nord (1991) e Halliday (1994). Para Nord, a função é externa ao texto; depende da organização dos fatores internos e é determinada prioritariamente. Para Halliday, a função é pensada internamente ao texto, isto é, a análise deve explicar as funções comunicativas de uma seleção de escolhas dentro da rede de sistemas da língua, ou seja, de sua gramática. Estas escolhas, porém, não são arbitrárias e sim potenciais e funcionais. Dessa forma, a linguagem é entendida como representação da realidade, transmitida por um propósito específico e estruturada como uma mensagem, de onde Halliday desenvolve o conceito de metafunções (diferentes sistemas de oração que trabalham continuamente e simultaneamente): ideacional, interpessoal e textual - para explicar a lógica por trás das escolhas da linguagem.

“partem da prioridade da função comunicativa que determinadas estruturas linguísticas exercem para servir à intenção pragmática do usuário da língua e da análise de estruturas que contribuem para esta função” (WEININGER, 2000, p.35).

Como escola linguística o funcionalismo surgiu nos anos 70 e teve seu auge por volta das décadas de 80 e 90. Os princípios desta abordagem opõem-se radicalmente ao formalismo da gramática estruturalista e gerativa centradas na forma, nos constituintes da oração e nas relações entre eles, nos ‘conjuntos de frases, sistema de sons e signos’ (NEVES, 2004). Pelo fato de se preocupar com situações comunicativas, predominantemente orais e concretas, uma das questões centrais no funcionalismo é o que se compreende por ‘competência comunicativa’³⁵, ou seja, a verificação de: como os usuários da língua se comunicam com eficiência. A linguagem dentro deste paradigma é compreendida, segundo Camacho (1934, p.34 apud NOBREGA, 2000), como um “instrumento de interação social entre seres humanos, utilizado com a intenção de estabelecer a comunicação”. Esta interação tem caráter dinâmico, pois está em constante mudança a fim de permitir que as necessidades comunicativas correspondam às modificações linguísticas e cumpram com as funções desejadas para a comunicação.

Essa dinâmica torna a língua um construto social devendo, portanto, ser estudada dentro do seu contexto de uso, cuja visão é compartilhada também pela sociolinguística quando postula que a linguagem “não é uma entidade autossuficiente (...) é utilizada na – e de fato evoluiu para servir – a interação humana. [Sua natureza] somente pode ser entendida se a abordarmos de um modo funcional.” (Davidse³⁶, 1987, p.40 apud NOBREGA, 2000, p.67). Vincula-se aí também a noção de ‘contexto de situação’ ou ‘contexto de cultura’, termos cunhados por Malinowski (1923) ou ‘contexto social’ proposto por Firth (1957) ou, ainda, em termos tradutológicos, de ‘situação-em-cultura’ conforme Nord (1997a, p.1), aproximando-se também de Bakhtin (2000) que, ao colocar o fato de que só o enunciado pleno (contextualizado) suscita respostas do interlocutor afirma que se a oração:

³⁵Cf. Neves, 2004, p.44 – no sentido de Hymes (1974), termo utilizado para designar a habilidade do indivíduo para exercer a interação social por meio da linguagem. A capacidade do falante de construir e interpretar expressões linguísticas e de usar expressões de modo apropriado e efetivo, de acordo com as convenções verbais de uma comunidade linguística.

³⁶[Language] is not a self-sufficient entity (...) it is used in – and indeed evolved to serve – human interaction. [Its nature] can be understood only if we approach it functionally.

(...) está envolvida pelo contexto, ela assume a plenitude do seu sentido apenas nesse contexto, isto é, apenas no enunciado inteiro (...) só funcionando como enunciado pleno, ela [a oração] se torna expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2000, p.288)

Em outras palavras, a língua só é funcional, só adquire significação, dentro de um contexto específico que integra a situação comunicativa e o seu aparato cultural responsáveis pelo que Bakhtin chama de ‘posição valorativa da palavra’. São esses valores, embutidos nas palavras que são empregados na interação da fala ou da escrita, que atravessam tempo e espaço e que só conseguem permear grupos linguísticos distintos através do processo tradutório que lhes confere uma existência perpetuada. Este também é o caso do jornalismo ao garantir que valores de espaços geográficos distintos atravessem fronteiras e assimilem a aparência da cultura de chegada.

Nesse sentido, ‘função’ ou ‘funcionalismo’ são termos que designam uma perspectiva sociocultural da língua: a relação entre uma forma e outra (função interna), entre a forma e o significado (função semântica) ou entre o sistema de forma e o contexto (função externa) conforme Neves (2004, p.6). A autora lembra ainda que, conforme já mencionado, “o termo função nem sempre tem o mesmo sentido e a mesma abrangência e que existem diferentes critérios e diferentes níveis de generalização nas diferentes classificações oferecidas dentro de cada quadro teórico.” (ibid., p. 10).

Para os estudos da tradução o funcionalismo³⁷ significa o rompimento com as tipologias linguísticas formais para dar lugar a uma perspectiva comunicativa, maleável, contextualizada e não arbitrária da língua, da qual fazem parte nomes como Katherina Reiss, Hans Vermeer, Justa Holz-Mänttari e Christiane Nord cuja perspectiva tradutória fundamenta esta pesquisa.

De acordo com Nord (1991), o funcionalismo responde às funções da linguagem³⁸. Com efeito, destas, a chamada ‘função representativa’ é a que

³⁷Cf. Nóbrega (2000); Neves (2004); Munday (2002) - surgido na Alemanha, o funcionalismo tem como princípio a tradução enquanto ação, interação comunicativa, ou seja, uma atividade que detém um propósito baseado em um texto de origem e destinado a um leitor final. A Alemanha do pós-guerra foi pioneira nos estudos relativos a teorias e prática de tradução, além de ter sido o primeiro país a institucionalizar o treinamento de tradutores.

³⁸Estas foram abordadas pelo antropólogo britânico Malinowski (1923), pelo linguista e psicólogo austríaco Karl Bühler (1934), por Roman Jakobson (1960) e Halliday, nos anos 70 (NOBREGA, 2000; NEVES, 2004). As funções são: referencial (contexto); emotiva (remetente), conativa

caracteriza a linguagem como uma atividade tipicamente humana, segundo Neves (2004, p.9). Porém, como lembra a autora, ‘comunicar’ não é propriamente uma “função” da linguagem, pois esta capacidade é o que condiciona o evento da fala.³⁹ A representação do mundo através da linguagem é o que garante ao leitor a possibilidade de reconhecer e compreender sentidos já conhecidos, além de atribuir e construir novos através da dinâmica da interação e do dialogismo, mas para isso é necessário que o texto (traduzido ou não) ‘funcione’ para o leitor, isto é, forneça pistas para que a aproximação deste com o texto se concretizem, isto é, que o leitor desvende e organize novos sentidos através da leitura. Esta capacidade representativa da linguagem é o ponto chave da interface tradução-jornalística vinculada também à questão cultural.

Nesse sentido, o modelo linguístico textual sistematizado por Nord (1991) apresenta uma postura de equilíbrio, ou seja, trata da análise do TF para só então proceder à tradução efetiva e, também, da volta constante do TT ao seu referente, de maneira que o tradutor consiga avaliar continuamente o seu trabalho. Imbricada nesta ação de ir e vir, Nord deixa transparecer uma postura condizente com o interculturalismo, mencionado também por Esser (1998) e Bakhtin (apud SOBRAL, 2008, p.110) que, lembra-se, envolve o fato de ir ao encontro do Outro (TF) e depois voltar a si próprio (TT) se se quiser tecer qualquer julgamento a respeito do ‘diferente’. Em outras palavras, o processo de tradução integra a atuação conjunta do TF e do TT, bem como a função textual de ambos de acordo com o leitor e o contexto de situação para o qual se destinam⁴⁰. Nord (1997b, p.41) lembra, porém, que as situações que determinam ‘o que’ e ‘como’ as pessoas se comunicam podem ser modificadas à medida que a comunicação ocorre e que outras variáveis são colocadas em prática, visto que as situações comunicativas não são institucionalizadas ou padronizadas, mas ocorrem inseridas em ambientes culturais que as estabelecem e condicionam. A funcionalidade significa, portanto, a representação da situação comunicativa (contexto de produção), bem como a sua definição (contexto de recepção), incluindo as estratégias pragmáticas para concretizá-las. Por esta razão, não há como analisar

(destinatário), fática (contato); metalinguística (código) e poética (mensagem). Ver: NORD, 1997b, p. 46-7.

³⁹O funcionalismo considera primordialmente a comunicação oral, existente a milhares de anos, sendo que a sua variante escrita é uma aquisição recente para a humanidade, cf. Weininger (2000, p.38).

⁴⁰The function of the TT is not arrived at automatically from an analysis of the ST, but is pragmatically defined by the purpose of the intercultural communication (...) a function is determined by the situation in which the text serves as an instrument of communication (NORD, 1991, p. 9).

unicamente o TF para apreender automaticamente a função do TT, visto que o contexto de produção de um nem sempre é o mesmo da recepção do outro.

Sendo assim, a tarefa do tradutor é reconstruir esse contexto na língua-fonte (LF), para poder deduzir a intenção do autor e só então, antecipar as reações do público alvo de acordo com o contexto sociocultural de recepção que, por sua vez, define as estratégias do processo tradutório. Destas reflexões, temos o conceito de tradução para Nord: a tradução é *ação*, ou seja, uma situação comunicativa inserida em um contexto de situação real, autêntico. Nesse sentido, todo texto [traduzido ou original] é produzido com uma *função* que só é concretizada no momento da recepção desse texto pelo seu destinatário, seja o leitor na cultura fonte ou na cultura de chegada. Isso significa que os textos são sempre prospectivos, isto é, voltados a um leitor final dentro de um contexto situacional específico:

A tradução é a produção de um texto-alvo funcional, mantendo a sua relação com o texto-fonte dado que, é especificada de acordo com a função pretendida ou exigida do texto-alvo (*skopos*/propósito da tradução). A tradução permite que aconteça um ato comunicativo o qual, em razão da existência de barreiras linguísticas e culturais, não seria possível sem a tradução. (NORD⁴¹, 1991, p.28).

A função é, portanto, estabelecida na e pela situação comunicativa, ao contrário do que postulava Saussure e conforme as reflexões de Bakhtin, considerando-se suas dimensões histórico-culturais, bem como o comportamento, conhecimentos, expectativas e visões de mundo dos usuários da língua (Nord⁴², 1997b, p.41). Nord aponta para o que parece ser um consenso entre teóricos de que uma análise completa do TF deve não só preceder a tradução, como também assegurar ao tradutor total compreensão e interpretação do texto. Desse modo, seria possível explicar suas estruturas linguísticas e textuais, sua relação com os sistemas e normas da língua, além de se obter uma base confiável para a tomada de decisões durante o processo tradutório. Para um tradutor profissional (experiente), tais considerações ocorrem quase que “intuitivamente” na prática diária. Porém, a questão é que

⁴¹Translation is the production of a functional target text maintaining a relationship with a given source text that is specified according to the intended or demanded function of the target text (translation *skopos*). Translation allows a communicative act to take place, which, because of existing linguistic and cultural barriers, would not have been possible without it.

⁴²Every situation has historical and cultural dimensions that condition the agents' verbal and nonverbal behavior, their knowledge and expectations of each other, their appraisal of the situation, and the standpoint from which they look at the world (*grifos nossos*).

“propósitos diferentes requerem abordagens diferentes”, sugerindo que os modelos existentes de análise textual não são os mais apropriados à tradução (NORD⁴³, 1991, p.1). Dessa forma, a questão é como conduzir o processo de modo que a análise do TF permita lidar com os obstáculos linguístico-culturais de forma eficiente.

Dessas premissas Nord (1991) hierarquiza, por razões didáticas segundo ela mesma, itens (ou fatores) externos e internos ao texto para dar conta, respectivamente, do seu contexto situacional e da estrutura linguística que deriva desse contexto. Esse modelo de análise textual poderia, então, ser empregado em qualquer situação de tradução, por profissionais tradutores e estudantes de tradução, considerando a inter-relação entre os fatores, presumindo que qualquer mudança no contexto de produção/recepção afeta, inevitavelmente, a estrutura linguística interna e vice-versa. Desse modo, a função (skopos) permite analisar o texto ao nível da sentença e acima dela, isto é, através de suas características: externas (macro) e internas (micro textuais).

Encontra-se aí mais um ponto de aproximação entre tradução e jornalismo. A sistematização proposta por Nord (1991) prevê o que a autora chama de fatores extratextuais vinculados, como dissemos, às características da situação comunicativa do TF. Estes fatores envolvem: emissor, receptor, intenção, meio, lugar, tempo, propósito (skopos) e função, semelhantes às perguntas do lide jornalístico, a saber: "O quê?", "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?" e "Por quê?". Dessa moldura externa, articulam-se os constituintes linguísticos responsáveis pela estrutura que veicula a mensagem intencionada pelo autor: “tema, conteúdo, pressuposições, estrutura do texto, elementos suprasegmentais, léxico, sintaxe e efeito do texto”. Sobre este modelo, Zipser (2002) comenta que ele “pressupõe ajustes que devem ser feitos ao logo do processo inicial de determinação da estratégia de tradução”. Valendo-se desta afirmação da autora, propõe-se então uma adequação do modelo deslocando o ‘tema’ do interior para o exterior do texto, ou seja, para o entorno social onde o jornalismo busca os fatos que entrarão na pauta. É no contexto situacional que a temática se revela porque pressupõe o interesse do leitor e, conseqüentemente, o propósito do texto, função e intenção. Uma última consideração se faz necessária para o modelo estruturado por Nord: a necessidade de se trabalhar com textos extraídos do mesmo meio, ou seja, ambos o TF e TT devem escolhidos no mesmo meio de publicação, por exemplo, sites de jornais online como é o caso do *corpus*, pois fontes diferentes têm características diferentes e específicas do veículo de

⁴³Different purposes require different approaches.

informação e que podem influenciar o produto final, caso da linguagem jornalística impressa, de revista ou online.

Nesse sentido, Nord enfatiza a tradução como uma “atividade comunicativa em situação⁴⁴” e, culturalmente marcada (ou representada) valorizando, dentre as figuras envolvidas no processo, o tradutor, cujo papel é central. A leitura do tradutor obedece a condições peculiares de compreensão textual, visto que não tem uma “necessidade” pessoal na leitura do TF; esta necessidade comunicativa é determinada pela figura do autor, de um iniciador (um cliente) ou mesmo pelo próprio receptor do TT (NORD⁴⁵, 1991, p.10). Para Azenha Jr. (1999, p.12), o tradutor é quem define “a partir das características específicas das culturas envolvidas e das instruções da tarefa de tradução, uma estratégia de trabalho que, ao mesmo tempo (1) preserve a referência à instância que transfere o saber específico (...) e (2) possa ser eficaz na cultura para a qual o texto é transportado”. Nord⁴⁶ (1991 p.11) o define de modo idealizado, como bilíngue e bi cultural, implicando não só o seu domínio linguístico, mas também o domínio das culturas envolvidas.

O receptor, a exemplo do que ocorre no jornalismo e conforme discutido no capítulo anterior, também assume um papel indiretamente ativo na prática tradutória, exercendo a função de voz norteadora para o tradutor. É em função do receptor (sempre prospectivo) que o tradutor define e sustenta o skopos do processo tradutório, pois a recepção do texto depende das expectativas individuais do receptor que são determinadas pela situação na qual ele recebe (lê) o texto, bem como por toda a sua bagagem de conhecimento prévio, seu conhecimento de mundo e suas necessidades comunicativas de acordo com Nord⁴⁷ (1991, p.16). Mais uma vez observa-se a influência das reflexões bakhtinianas sobre a concepção funcionalista de tradução: Bakhtin postula um sujeito psicossocial, ao mesmo tempo individual e integrante de um grupo, condição esta que interfere diretamente no seu processo de recepção textual tal qual explicitado por Nord.

⁴⁴The communicative act-in-situation provides the framework in which the text with its function(s) has its place. The text can only be understood and analyzed within and in the relation to the framework of the communicative act-in-situation (NORD, 1991, p.12).

⁴⁵The translator has no personal “need” to read the text (...) the way he receives the text is determined by the communicative needs of the initiator or the [needs of] the TT recipient.

⁴⁶Which means he has a perfect command of both ST and the TT (including language) and that he possesses a transfer competence (...) to “synchronize” ST reception and TT production.

⁴⁷The reception of a text depends on the individual expectations of the recipient, which are determined by the situation in which he receives the text as well as by his social background, his world knowledge, and/or his communicative needs”. Nord continua: “having grown up in another culture, the TT recipient has a different knowledge of the world, a different way of life, a different perspective on things, and a different “text experience” in the light of which the TT is read.

Tais considerações resumem, portanto, não só o aspecto cultural envolvido na tradução, como também a questão dos códigos que, segundo Azenha (1991, p.22) resume a “problemática complexa da tradução”, pois “indiscutivelmente representam fatores condicionantes de um processo que se quer estudar ou ensinar – o processo de tradução – e de um produto que se quer avaliar – o texto traduzido”. Estas considerações fornecem, assim, elementos para que se possa aplicar a concepção funcionalista e sugerir um olhar diferenciado sobre a prática jornalística. Para tanto é preciso analisar a concepção [com raízes alusivamente funcionalistas] do jornalista alemão Frank Esser, a seguir.

3.2 UM OLHAR FUNCIONALISTA SOBRE A PRÁTICA JORNALÍSTICA

Tendo definido a perspectiva tradutória, é preciso delimitar a perspectiva do jornalismo para que o entroncamento dessas áreas adquira sentido. Esta perspectiva, instaurada por Zipser (2002) a partir das considerações do jornalista e acadêmico alemão Frank Esser, cuja pesquisa sobre a atuação do jornalismo em ambiente internacional, estabelece os paralelos necessários com Nord para a configuração da interface e justifica a escolha do *corpus* do NYT para a análise conduzida neste estudo.

O trabalho do autor, que se aproxima dos princípios do funcionalismo tradutório, compara instâncias que influenciam o fazer jornalístico em contexto internacional, ou seja, fatores como tradição de imprensa, ética profissional, estrutura das redações e política de imprensa assumem contornos distintos dependendo do país de atuação do jornalismo. O ponto central de sua reflexão é justamente essa visão abrangente da dinâmica da atividade jornalística em cada cultura que, segundo Esser, compreende o jornalismo como um sistema *parcial* atuante na sociedade. Explicamos: ao mesmo tempo em que a mídia contribui para a organização e regulamentação do seu entorno social e dos cidadãos que compartilham do mesmo ambiente, ela precisa desse meio para sobreviver enquanto instituição social com princípios que regulamentam a produção das notícias e a própria profissão do jornalista.

O discurso da imprensa envereda para outras instituições de conhecimento como a economia (decisões tomadas na esfera de valores econômicos), esportes (valores de civilidade e competição justa), política (normativa e revoluciona o exercício do poder), saúde (direito da população; valores de vida), conferindo visibilidade a estas e outras instituições, conforme Rodrigues (apud PORTO, 2002, p.228), e refletindo também a permeabilidade

destes discursos no interior do seu próprio. Em outras palavras, o jornalismo se ‘contamina’ dessas áreas, ao mesmo tempo, que também as influencia, num processo de interdependência, a exemplo dos fatores textuais propostos por Nord. Esse discurso, segundo Porto (2002, p.226) é carregado de estratégias legitimadoras destas instituições sociais que precisam da imprensa para se reafirmar e que se transformam, também, em matéria prima para a mídia, ou seja, eventuais notícias. É inevitável vincular a noção de produção de sentido à noção de cultura, nessa perspectiva, o que confere ao jornalismo de cada país uma identidade própria, além de lhe assegurar a sustentabilidade de sua função maior: informar o leitor, sem deixar de formar a sua opinião e manter a sua credibilidade enquanto instituição social. Fontcuberta (2002, p.28) reitera essa questão dizendo que são quatro as funções do jornalismo: informar (refletir a realidade, como um espelho); formar (interpretar a realidade: quebra do espelho); distrair (produzir entretenimento, com é o caso, por exemplo, dos tabloides ingleses) e tematizar (formar a opinião pública). Tudo isso vinculado aos critérios de noticiabilidade vigentes em cada estrutura social.

Nesse sentido, e de acordo com Zipser (2002) e Snell-Hornby (1988), se a linguagem nos confere uma identidade pessoal e subsídios para interagirmos em sociedade, pressupomos que a realidade da cultura⁴⁸ também interfira na atividade jornalística em via de mão dupla: do fazer jornalístico para a cultura e desta de volta para o jornalismo, outro paralelo para a tradução jornalística. E é justamente a análise de fatores culturais, em atuação/comparação no jornalismo alemão e britânico que possibilita a Frank Esser comparar o *modus operandi* do jornalismo em ambiente internacional, conforme o próprio autor explica: “o jornalismo de cada país é marcado pelas condições emoldurais sociais gerais, por fundamentos históricos e jurídicos, limitações econômicas, bem como por padrões éticos e profissionais de seus agentes” (ESSER⁴⁹, 1998, p.21). É a combinação desses fatores que afeta o modo como o jornalismo traduz os acontecimentos em forma de notícias e como o leitor visualiza e recebe a realidade através destas traduções ou leituras que a mídia oferece. As instâncias delimitadas por Esser desmistificam, assim, os princípios que associam o jornalismo a uma postura isenta, neutra e imparcial.

Mesmo que estes princípios sustentem o jornalismo como intuição, garantindo-lhe credibilidade, a prática não revela essa pretensa neutralidade e

⁴⁸Snell-Hornby deriva a sua reflexão sobre cultura do conceito do etnólogo americano Ward. H. Goodenough *in*: Snell-Hornby (1988, p.39-64). Ver também AZENHA (1999, p.28-9).

⁴⁹Ausgangspunkt dieser Forschungsrichtung (und auch dieser Arbeit) ist die Erkenntnis, dass der Journalismus eines jeden Landes durch die allgemeinen gesellschaftlichen Rahmenbedingungen, historische und rechtliche Grundlagen, ökonomische Zwänge sowie die professionellen und ethischen Standards seiner Akteure geprägt wird.

objetividade, visto que a imprensa sempre relata o fato noticioso, partindo de ângulos e enfoques que nunca o revelam por inteiro. A própria escolha do fato e de como abordá-lo rompe, por si só, com esses princípios. É o senso comum que orienta o leitor a pensar os órgãos de comunicação como extensões da sociedade civil, um quarto poder fiscalizador das outras instituições sociais, quando, no entanto, são apenas sistemas parciais.

O que ocorre verdadeiramente, como nos mostra Esser (1998, p.18) é que a atuação conjunta desses fatores (princípios, características do discurso, entorno social) confere ao jornalismo de cada país uma identidade cultural própria pelo modo como a imprensa influencia e se deixa influenciar pelas forças situacionais externas e internas dirigidas a ela. Segundo o autor⁵⁰, essa ‘identidade jornalística’ permite à imprensa se estruturar como uma parte diferenciada da sociedade, uma instituição ‘independente’, dona do seu próprio discurso e detentora de suas próprias regras de conduta e organização. Fontcuberta (2002, p.16-7) corrobora as afirmações de Esser ao dizer que existe um paralelo entre o acontecimento relatado e as alterações registradas pela própria sociedade e que a cada sociedade corresponde um tipo de acontecimento. Portanto, a opinião gerada pela própria informação atua sobre o acontecimento, visto que as notícias suscitam reações verbais ou não que, por vezes, podem inclusive se tornar acontecimentos noticiáveis, como os fatos que seguiram ao “11 de Setembro”. É um efeito espacial e temporal ampliado. As normas do sistema são, portanto, fundamentais para atribuir ao fato o teor de um acontecimento, visto que, “cada sociedade, cada comunidade, tem conceitos diferentes sobre o acontecer, por isso o conteúdo dos meios de comunicação refletirá o conceito dominante de notícia nessa sociedade.” (ibid., p. 17).

Nas palavras de Zipser (2002, p.23): “o jornalismo é uma atividade social, inserida em um contexto específico e que sobrevive na coerência dessa interação”. O leitor, por sua vez, consegue produzir sentido a partir da postura da imprensa no seu ambiente sociocultural, do qual ele também compartilha e reside aí um perigo para o qual Esser nos chama a atenção: encarar o Outro com os nossos próprios olhos, a partir de nossos próprios parâmetros. Tal atitude, contrária ao conceito de interculturalismo presente nas reflexões do autor, pode implicar em julgamentos precipitados e equivocados, ou até mesmo glorificações frente ao Outro. O resultado dessas constatações se

⁵⁰Erst im internationalen Vergleich wird deutlich, welche Einflussfaktoren für das journalistische Handeln prägend und konstitutiv sind, in welchem Verhältniss diese Faktoren zueinander stehen und wie sie zu gewichten sind.

materializa no que o autor denominou de *Modelo Pluriestratificado Integrado*⁵¹, ou “metáfora da cebola”, sobre o qual Esser⁵² comenta:

Os vários níveis encontram-se numa estreita relação de interação, influenciam-se reciprocamente, nenhum fator atua isoladamente, mas desenvolve sua influência somente em conjunto com as demais forças. As quatro esferas moldam o fazer jornalístico. (ESSER, 1998, p. 26)

As esferas mencionadas são: 1. Social: moldura histórico-cultural da mídia, camada mais externa, na qual estão incluídas as demais. Relaciona-se com os pilares de sustentação da imprensa: objetividade, liberdade, história e seu papel na sociedade, evitando que o jornalista atue de maneira subjetiva na profissão. 2. Estrutural: atua como um contexto normativo voltado a fatores de mercado, direito e autocontrole da imprensa, ética da profissão, atuação de sindicatos e a formação do jornalista; 3. Institucional: hierarquias presente nas redações e procedimentos de controle editorial, socialização e tecnologia editorial e, a de número 4. Subjetiva: é o centro do sistema e envolve valores subjetivos e éticos, posicionamentos políticos, e a busca pela profissionalização.

Zipser (2002, p.28) observa que estes fatores interagem de modo similar aos fatores externos e internos na sistematização de Nord (1991) para a atividade tradutória, além de empregarem a mesma direção – de fora para dentro – em coerência com a abordagem funcionalista. Nord e Esser caminham da situação comunicativa/fato noticioso para o texto. É nesse sentido que Esser explica e justifica o que Zipser (2002, p. 33) chama de “diferentes enfoques dados a uma mesma notícia”, enfoques estes que atuam como diferentes traduções para um mesmo fato em culturas sociais e jornalísticas diversas. É com propriedade, portanto, que Traquina (2001, p.72) afirma que a imprensa pode, na maioria das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, mas que tem, no entanto, uma capacidade espantosa de dizer aos leitores sobre o que pensar através da escolha das pautas que surgem na própria sociedade, mas que os indivíduos sozinhos não conseguem organizar. É com estes pontos em comum entre tradução e jornalismo que

⁵¹A versão em inglês do modelo apresentado por Esser "*Influential Factors in Journalism: Integrative Multilevel Model*", pode ser encontrada em: FROEHLICH, R. HOLTZ-BACHA, C. (Eds). *Journalism Education in Europe and North America*. Hampton Press, 2003, p. 308.

⁵²Die verschiedenen Ebenen stehen in einem engen Interaktionsverhältnis, sie beeinflussen sich gegenseitig, kein Einzelfaktor wirkt isoliert, sondern entwickelt seinen Einfluß erst im Verbund mit.

Zipser (2002) institui a tradução jornalística. Por essa razão o conceito, apesar de simples em sua essência se mostra ao mesmo tempo complexo em sua prática: para pensar a tradução jornalística é, antes de tudo, necessário, se desligar de antigas concepções, até mesmo pessoais, vinculados a estas duas áreas. Só assim é possível pensá-las numa atuação conjunta.

3.3 APROXIMANDO PRINCÍPIOS: O CONTEXTO DA INTERFACE

Desde a consolidação da área dos estudos da tradução como campo de pesquisa acadêmico, há pouco mais de trinta anos, a tradução tem sido pensada e analisada enquanto processo derivativo de um texto-fonte (TF) exclusivamente, empregado como medida tanto para se avaliar a tradução tanto como processo quanto como produto⁵³. Consequentemente, teóricos e pesquisadores continuam bastante apegados a noções tradicionais, enraizadas nas definições de equivalência, fidelidade ao TF e ao apagamento do tradutor, isto é, sua invisibilidade, como sinônimo de uma verdadeira competência tradutória. É lógico que, desde os primeiros passos estabelecidos para o que podemos chamar hoje de uma ‘ciência da tradução’, avanços significativos foram alcançados, culminando em um novo olhar acadêmico que compreende a tradução como espaço de reflexão sobre a prática tradutória articulada por instâncias diversas no processo de tradução e metodologias próprias de pesquisa. Apesar disso, nem sempre se abre espaço para que as teorias desenvolvidas possam incursionar por áreas afins, talvez porque essas relações exigem, em alguma medida, que saíamos de ‘zonas de conforto’ nas quais a tradução se insere de acordo com padrões teóricos desenvolvidos, o que também não deixa de ser uma reação natural, visto que nem sempre é fácil se abrir para o novo.

Por outro lado, a própria evolução das reflexões, pesquisas e metodologias tem favorecido e expandido naturalmente a parceria dos estudos da tradução com áreas afins, tais como a sociologia, a filosofia e a psicologia, o que reforça ainda mais uma tendência contemporânea visível não só nesta como em outras áreas, que é o trabalho interdisciplinar. Esta postura resulta em um nível de complexidade para os estudos tradutórios colocando em cheque vários conceitos normativos, e por vezes até ingênuos, relacionados à

⁵³Tradução como processo: envolve o desempenho e o papel dos tradutores e as condições nas quais realizam sua tarefa. Implica discussões acerca de valores associados à prática como questões de leitor, contexto de produção e recepção, estratégias, cultura. Tradução como produto: estuda somente o texto traduzido, independente do texto original que serve apenas como referência para compreender o quão perto ou distante a tradução está do original.

tradução como a já tão debatida noção de equivalência, o que confirma o pensamento de Borges (2004, p. 28) segundo o qual a “diversidade teórica é necessária para que uma disciplina se mantenha viva”. A interdisciplinaridade é defendida também por Mona Baker (apud MARTINS, 1999) como meio de ampliar as discussões sobre a abrangência que o fenômeno da tradução frequentemente impõe como é o caso da interface tradução-jornalismo (ZIPSER, 2002).

Por esta razão, conforme mencionado no item anterior, para compreender a proposta desta interface é necessário, primeiramente, se desprender da concepção tradicional que compreende a tradução como transcodificação isenta, isto é, literal e derivada, necessariamente, de um TF. Torna-se necessário “pensar diferente, de maneira diferente daquela a que estamos habituados e isso é uma grande dificuldade”, conforme Borges (2004, p.24). No caso da interface, Zipser (2002) parte de uma noção ampliada de texto que, dentro da esfera jornalística, configura-se como sendo o próprio fato noticioso. Isto porque, do acontecimento até a reportagem final a notícia geralmente percorre um longo caminho no qual sempre há um recorte no relato elaborado pelo jornalista, visto que as matérias não são divulgadas sem antes passarem por responsáveis [editores chefes, chefes de redação] que podem vir a alterar esses textos, obedecendo a critérios de pauta, noticiabilidade ou mesmo interesses particulares do próprio veículo de informação.

Convém esclarecer, no entanto, um ponto específico para a pesquisa antes de continuarmos a exposição sobre a interface: o caminho percorrido pela notícia na mídia impressa e online. O pesquisador deve considerar neste momento, conforme Nord (1991) o ‘canal’ ou o ‘meio’ de divulgação do fato. No caso desta pesquisa, o *corpus* de trabalho é constituído por periódicos online, ou seja, sites dos jornais FSP e NYT cujas notícias impressas sofrem poucas modificações ou adequações para serem postadas⁵⁴. Por esta razão, as reflexões conduzidas neste capítulo não contradizem o material de análise. No entanto, se o *corpus* de pesquisa for constituído a partir de sites ou portais de notícia como os provedores (UOL; AOL; IG; Terra, etc.) o caminho percorrido pela notícia sofre modificações significativas quanto à postagem, edição e estilo. Logo, o pesquisador deve estar atento a aspectos referentes ao imediatismo e instantaneidade da informação postada quase sem filtros, ou seja, em tempo real.

⁵⁴Lembramos que as mudanças para a edição de notícias online ocorrem muito mais com referencia ao estilo, do que na linguagem propriamente dita, ou seja, a linguagem web segue os princípios fundamentais da linguagem jornalística geral adequada aos padrões dos jornais e sites na web.

Retomando as reflexões deste capítulo, é aí [na união tradução e jornalismo e no leitor como elemento comum] que as mídias impressas e online encontram um ponto em comum, visto que a imprensa não escreve para si e que no outro vértice do relacionamento “fato-imprensa-reportagem” encontra-se o leitor final que, além de atribuir ao jornalismo uma função testemunhal, espera ser informado sobre os fatos com a devida “isenção”. Dessa forma, a tradução em meio jornalístico é normalmente relegada ao que se chama de tradução consensual, bastante presente na cultura das redações. Pinho (2003, p.197), inclusive, apresenta essa questão como uma das tarefas do redator e do editor de web no processo de desenvolvimento do conteúdo jornalístico. Segundo Pinho (idem), redator e editor devem “ajudar na tradução de textos, se houver necessidade, cuidando para que somente o material já editado seja encaminhado para o tradutor”. Mas, quem é o tradutor destes textos?

Uma prática bastante comum é o próprio jornalista assumir a função de tradutor, visto que uma eventual contratação de profissionais tradutores geralmente onera o custo final do trabalho. Somente grandes empresas de comunicação contratam tradutores, eventualmente. Na grande maioria das vezes, o jornalista é quem exerce essa “função”, bastando para isso conhecer o idioma, o estilo do veículo para o qual escreve (exigência também para os tradutores profissionais) e ter realizado alguns trabalhos com sucesso, isto é, ter traduzido corretamente, sem ‘alterar’ ou ‘distorcer’ a informação.

Tais considerações, segundo Zipser (2002), permitem afirmar que a tradução praticada na imprensa é aquela “fiel à letra”, isto é, uma transcodificação literal da reportagem e que se propõe objetiva, imparcial e neutra no relato da notícia. No entanto, conforme demonstrado por Esser (1998) esses princípios inexistem nas instâncias da prática em si, colocando-se apenas como questões epistemológicas que sustentam o fazer jornalístico no seu entorno social. Ocorre que os veículos da imprensa têm, normalmente, pautas programadas para os assuntos do dia que, por sua vez, obedecem a critérios chamados valores-notícia ou critérios de noticiabilidade que conferem atributos aos fatos, tornando-os passíveis (ou não) de se transformar em notícias. Uma vez selecionados, os fatos obedecem a determinadas angulações e enfoques por conta até mesmo das características do veículo e, mesmo a matéria traduzida não é divulgada sem antes passar por responsáveis [editores chefes, chefes de redação] que podem alterar esses textos. Segundo Fontcuberta (2002, p.9), “a notícia não é apenas a técnica mais eficaz e rápida de contar fatos ao público; é decidir a realidade a que o público tem direito.” Desta citação pode-se depreender o poder do jornalista ao decidir pelo leitor o que interessa ser lido, traduzido, impresso ou postado no site. Que esta é uma realidade procedente não há dúvidas, mas o que se esquece é que se a notícia

é, em última instância, produto de venda, é no entorno social que estas decisões devem ser tomadas, pois é neste contexto que o leitor (indiretamente na imprensa ou diretamente no ambiente online através de links específicos) expressa sua vontade e interesses pessoais.

Por essa razão, as interferências entre o fato e seu relato na imprensa são especialmente sensíveis quando as notícias têm origem em ambiente internacional. Neste contexto, e enquanto leitores, normalmente se tem acesso somente à leitura da imprensa que nos é apresentada pelos meios de comunicação. Entretanto, é preciso saber e se conscientizar de que esta não é a única leitura possível para os acontecimentos. Um exemplo recente trata das notícias publicadas sobre a escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016. Uma simples busca em alguns dos mais conhecidos sites de jornais e revistas online (NYT; *Herald Tribune*, *Der Spiegel*; *La Nación*, *El Clarín*, *Le Monde*, etc.) mostra que cada um traduziu a escolha do Rio a partir da ótica da sua própria cultura ressaltando pontos como violência, corrupção política, dificuldades sociais, alegria dos cariocas, beleza da cidade, entre outros que, provavelmente, retratam as associações destes países quando se fala sobre o contexto brasileiro e foram estes fatores os associados à candidatura do país.

Destas constatações comprovam-se as conclusões de Esser (1998) e Zipser (2002) sobre a questão de que a imprensa vive dos fatos que acontecem fora do seu universo, absorvendo influências diversas deste meio que se refletem nas várias instâncias de sua organização, especialmente as culturais. Isso se traduz no relato jornalístico através da própria escolha do fato a ser noticiado (considerando-se os valores-notícia de determinada sociedade), da forma como será abordado, da maneira como o texto será articulado, no modo como o título/manchete é pensado para chamar a atenção do leitor. Todas essas determinações refletem padrões socioculturais de informação específicos para cada país, resultando em diferenças de abordagem para um mesmo evento, como as Olimpíadas e o próprio “11 de Setembro”.

Neste processo, se o leitor não compartilha do contexto da cultura de partida onde o fato tem origem, cabe ao jornalista lançar mão de meios de aproximação entre o fato e o leitor final, espaço onde a interface começa a ganhar contornos mais visíveis. No contexto dessa lógica, Zipser (2002) esclarece a existência de filtros entre o fato e o relato da imprensa tendo em vista um leitor prospectivo, sempre previsto e respeitado durante a elaboração do texto e por razões óbvias: ele compra o jornal e confirma a institucionalidade da imprensa. Deste modo, os filtros, cuja função é aproximar o leitor do fato ocorrido em território estrangeiro, impõem diferentes enfoques para um mesmo evento, através do emprego de marcas

culturais, pelo jornalista, pertinentes à cultura do destinatário: “Tal processo nada mais é do que um correlato, no universo da imprensa, das leituras que se fazem de uma realidade, de um fato. Trata-se, enfim, de uma leitura e não da leitura desse mesmo fato”, (Zipser, 2002, p.3 - grifo nosso). Como resultado dessa manobra de aproximação leitor ↔ fato, Zipser (2002), seguindo os princípios epistemológicos do funcionalismo em tradução, estabelece os seguintes paralelos que fundamentam a interface tradução-jornalismo, a saber:

- A neutralidade representa para o jornalismo o que a transcodificação isenta representa para a tradução: um ideal epistemológico apenas, pois ambos os processos desconsideram a linguagem como manifestação de cultura e produção de sentido;
- As sistematizações de Nord e Esser apresentam uma dinâmica comparável: atuam de fora para dentro, partindo de níveis macro para micro-textuais e vice-versa numa retroalimentação constante;
- Tradutor e jornalista constituem o centro do processo de produção textual;
- O leitor-destinatário, por sua vez, é o foco da prática tradutória e jornalística. Logo, o texto só cumpre a sua função (seja qual for) no momento da recepção (leitura) desse leitor;
- O texto-fonte está para a tradução assim como o fato-fonte (ou fato gerador) está para o jornalismo;
- A interculturalidade é o ponto convergente da atividade do jornalista e do tradutor, visto que os filtros atuam e condicionam sobre as escolhas do tradutor e do jornalista e,
- A autoconsciência cultural é a dinâmica que permeia os modelos propostos por Esser e Nord.

Nesse sentido, os filtros culturais que geram essas diferentes leituras/traduições para um mesmo fato, de modo a aproximá-lo do destinatário final, conduzem as reflexões de Zipser para os dois eixos principais da interface, a saber:

- O jornalista passa a ser um jornalista-tradutor de fatos (ou de forma ampliada, de discursos) e,
- A tradução passa a ser compreendida como a representação cultural do fato noticioso.

Estes paralelos confirmam o olhar funcionalista sobre a sistematização de Frank Esser. Sendo a linguagem a instância maior na produção textual e que representa culturalmente mundos distintos, os fatos (assim como a intenção do autor) constituintes desses mundos podem ser culturalmente representados pelo tradutor e pelo jornalista. Assim, enfatizamos a tradução como ato de língua em paralelo ao jornalismo como fato de língua segundo Gomes (2000, p.19).

3.4 REPRESENTAÇÃO CULTURAL: DIFERENTES ENFOQUES, DIFERENTES LEITURAS

Num primeiro momento, pensar a aproximação entre jornalismo e tradução revela-se um processo bastante complexo, mas quando nos apropriamos do conceito, dificilmente olhamos para as notícias e mesmo para a tradução com os mesmos olhos de antes.

A tradução como representação cultural pressupõe o perfil do jornalismo como um mapa cultural da sociedade na qual atua revelando, através das notícias e da forma como as representa, perfis sociais distintos refratados na própria conduta do jornalismo. Discordamos, nesse sentido, de Traquina (2001), pois a imprensa sabe como ninguém dizer ao público sobre o que pensar e como pensar, isto porque as marcas culturais estão sempre presentes nos textos, ainda que não facilmente visíveis. Não existe, portanto, razão para a antiga ‘teoria do espelho’ que admitia serem as notícias cópias perfeitas de um mundo entendido como “real” (ibid., p.65). Para Genro Filho (1987), a imprensa pode distorcer, reordenar e trocar de lugar o espelho, dependendo da importância dos detalhes e, porque não dizer, de determinadas condições histórico-culturais, como por exemplo, a historicidade que o acontecimento representa, bem como sua proximidade ou distanciamento geográfico-cultural.

Compreendida como representação cultural, a tradução jornalística pressupõe um leitor-final sempre prospectivo e que, geralmente, não compartilha do contexto sociocultural onde se origina a notícia. Por essa razão, as marcas culturais ou filtros entre o fato e o seu relato da imprensa se tornam necessários. Ancorados em referentes da cultura de chegada, a função destes filtros é ativar esquemas de memória do leitor que permitam associar o referente com acontecimentos similares na própria cultura do destinatário, favorecendo a compreensão do referente e a produção de sentidos através da leitura. Essas marcas culturais exercem, portanto, uma dupla função: permitem que as notícias, especialmente as de relevância internacional, sejam rapidamente absorvidas pelo público leitor, pois aproximam experiências distantes com experiências próximas ao contexto destinatário e conferem ao relato, original e traduzido, uma identidade dominante. Desse modo, o fato de pertencer a grupos socioculturais distintos faz com que a leitura do destinatário seja condicionada pela sua experiência de mundo e de leitura adquirida e compartilhada em seu meio social:

Dessa forma, o produto final da reportagem estabelece um vínculo com os fatos, que será o resultado do gerenciamento de múltiplas variáveis, ditadas pelas esferas políticas, sociais, econômicas, pela condicionante da história, pela extensão da liberdade de imprensa, pelo teor de formação de seus agentes e, não menos importante, pelo perfil do público ao qual se destina. (ZIPSER, 2002, p.3).

A simplicidade que reveste este conceito é, no entanto, apenas aparente, visto que suscita inúmeras discussões e contestações quando apresentado a profissionais, teóricos e pesquisadores da tradução. As críticas concentram-se, geralmente, em dois polos: primeiro no fato de que não existe tradução a partir de um fato, mas somente a partir de textos já escritos (o TF) e segundo, jornalistas não traduzem fatos, mas apenas os relatam de forma objetiva e imparcial. Em outras palavras, as aproximações possíveis e comprovadas entre essas áreas não são apreendidas devido aos mesmos princípios epistemológicos que as governam, enraizados no conhecimento.

Não se trata, neste caso, de nivelar a tradução à redação jornalística, nem tampouco de tecer comparações quando se pensa a questão da representação, conforme proposto por Zipser (2002). As respostas para estas questões, e que finalizam este capítulo, também tomam duas direções em consonância com as questões suscitadas: primeiro é que, além do conceito em si, as pesquisas que vem sendo realizadas na área, nos últimos oito anos, demonstram e comprovam que a tradução de fatos é uma realidade, consolidando o argumento de Hans Vermeer (1986) sobre a possibilidade de a tradução não ter que derivar, necessariamente, de um texto escrito e, segundo que os jornalistas traduzem fatos da mesma forma como, segundo Sobral (2008, p.8), traduzimos palavras, pensamentos ou sentimentos: “a própria atividade simbólica humana consiste em traduzir (...) atos que realizamos no dia a dia sem mesmo nos darmos conta.” Cabe aqui, portanto, a tentativa de uma explicação.

A “teoria da representação⁵⁵” permeia diversas áreas como as ciências sociais, as ciências da comunicação, a psicanálise, a matemática e a filosofia, por exemplo. Na sociologia, o conceito foi elaborado por Émile

⁵⁵<http://www.scribd.com/doc/32829156/Teoria-da-Representacao-Social-e-Comunicacao-2> e também: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/vernaculo/article/view/17438/0>

Durkheim a partir da ideia de um conhecimento elaborado e partilhado socialmente, isto é, representações coletivas cujo objetivo é construir uma realidade comum através da representação e da legitimação de um signo, socialmente reconhecido/representado nos grupos sociais (Jodelet, 2001, apud PEREIRA, 2010). Este é o caso do termo “atentados” e da imagem das torres gêmeas em chamas que representam o “11 de Setembro”, ambos divulgados exaustivamente pelos meios de comunicação em 2001. Essa realidade sobre os atentados é construída e, portanto, representada pelo discurso e pelas escolhas e decisões do sujeito detentor desse relato. Por essa razão, a teoria da representação cultural em tradução se fundamenta nos filtros ou marcas culturais que o jornalista compartilha com o seu público-leitor. Esta representação, porém, não implica neutralidade nem tampouco passividade. Isso seria contraditório, pois implicaria negar o receptor como sujeito psicossocial e afirmar que só existe uma leitura do fato noticioso e uma única possibilidade de tradução para o fato ou texto.

Sendo assim e retomando o dicionário, representar é: i) dar uma imagem de algo; ii) ser, construir; iii) mostrar ao público, em outras palavras, compreender a linguagem como fundante de relações sociais e processos de significação. Já o cultural diz respeito aos recursos verbais e imagéticos, a exemplo dos fatores internos na tabela de análise de Nord (1991) que permitam ao tradutor-jornalista aproximar o fato (ou o conteúdo do texto) do leitor. Se lembrarmos dos princípios funcionalistas em tradução e das esferas sistematizadas por Esser, percebemos a presença do tradutor e do jornalista não é excluída dessas práticas e que a construção dos textos depende das escolhas e avaliações destes profissionais. Logo, se o texto é prática social significa que são marcados pela intencionalidade do seu produtor que, por sua vez, varia de acordo com o tempo, lugar, circunstância e leitor pretendido. Assim, portanto, a palavra fica invariavelmente exposta a valorações condizentes com essas variáveis de forma a representar o contexto a partir do qual o sujeito constrói sua intencionalidade.

Portanto, não se trata simplesmente de cotejar uma reportagem com sua tradução, mesmo sendo essa uma atividade tradutória possível e desafiadora em termos linguísticos. Trata-se, sobretudo, de articular teoricamente duas áreas de conhecimento que tem, dentre tantos pontos em comum, a cultura e a linguagem como pontos convergentes e o discurso como meio de se construir realidades e efeitos de sentido, além de princípios epistemológicos fortemente vinculados a noções delimitadoras na sua prática. Representar culturalmente uma reportagem, neste caso, é justamente ver o Outro com os olhos desse Outro e com os nossos próprios nas palavras de Esser (1998) e Zipser (2002) ou ainda trabalhar no processo

discutido por Nord (1991) ao analisar o contexto de produção (o Outro) e o de recepção (o nosso próprio). Nesse sentido, a “arena simbólica” na qual se desenvolve a linguagem amplia o sentido da tradução para as atividades mais simples que realizamos e os elementos textuais mais concisos como os títulos.

Vale aqui o mesmo argumento que vem sendo empregado em eventos da área de tradução e produções acadêmicas, considerando os profissionais que se sentem desconfortáveis com a aproximação entre tradução e jornalismo, para lembrar Borges (2004) e a dificuldade inerente ao ser humano em aceitar o novo: novas possibilidades nunca são expostas para que sejam aceitas, mas sim consideradas como caminhos possíveis (“brechas” nas palavras de Soares, 2009) para pensar as relações humanas através da linguagem, enquanto o perfil de um pesquisador sim deve ser obrigatoriamente, aquele de instigar pensamentos diferentes e estar, pelo menos, aberto a estas novas possibilidades.

3.5 O IMPÉRIO VULNERÁVEL X UMA NAÇÃO INDIVISÍVEL – UMA VISÃO SINCRÔNICA SOBRE O “11 DE SETEMBRO”

Neste item retoma-se, brevemente, a dissertação da autora que motivou esta pesquisa: a análise, em caráter sincrônico, da representação cultural dos ‘atentados terroristas’ ao WTC através de matérias publicadas nas revistas *TIME* e *Veja* em edições especiais, com o auxílio de modalizadores atuando na sintaxe das reportagens. Nossa atenção, contudo, volta-se apenas para a representação cultural que constrói a segunda hipótese desta proposta.

O *corpus*, um recorte de textos sobre os ‘atentados terroristas’ no WTC em 2001 publicados pelas revistas *Veja* [contexto brasileiro] e *TIME* [contexto internacional] apresenta um total de 4.868 palavras em português e 8.540 em inglês. Sua seleção obedeceu aos seguintes critérios: i) ambas as revistas são periódicos representativos em seus países de origem e considerados veículos de credibilidade junto aos seus leitores; ii) estão há mais de 30 anos no mercado editorial representando a história jornalística em seus países de publicação; iii) o fato obteve repercussão mundial na época e, iv) os textos atendem a condição de: autênticos, em contexto de situação real, conforme sugerido por Nord e também as esferas de atuação jornalísticas em Esser. De acordo com tais pressupostos e com a

configuração da interface tradução-jornalismo, vejamos primeiro as duas capas da *TIME* em suas edições “americana” e “latina”.

A análise realizada considerou, para ambos os periódicos, os títulos de capa, os títulos das reportagens, os fatores externos e internos presentes no modelo de Nord e também as instâncias previstas no modelo de Esser, além da análise de verbos auxiliares modais em inglês e português como ferramentas que conduzem à representação cultural do fato. Das considerações desta pesquisa surgiu o recorte para esta proposta de tese – o estudo dos títulos – que, nas revistas analisadas, se mostraram bastante relevantes. Isto se deve ao fato de que os títulos em revistas, conforme explicitamos no capítulo a seguir, permitem uma configuração mais emotiva do que os títulos em jornais impressos ou online, em razão de a revista tratar o leitor de “você”, ou seja, ela se aproxima muito mais do leitor do que o jornal, segundo Marília Scalzo (2003, p.37) e, portanto, permite uma expressividade maior.

Ambas, a princípio, possuem o mesmo *layout* de capa, exceto por um detalhe no subtítulo no círculo em vermelho (figura 3.1). Na edição americana o subtítulo traz “*America digs out – and digs in*”⁵⁶, cuja pesquisa terminológica aponta, grosso modo, ‘escapar de uma armadilha ou de um problema’, enquanto “*dig in*” se refere a ‘cavar uma trincheira, estocar armas e alimento e esperar pela captura do inimigo não importa o tempo’, explicitando um provável contexto de guerra ou retaliação que seria levada a cabo na sequência dos acontecimentos. Já a edição latina traz “*for a war*”, traduzindo para os leitores, de países cujas relações com os americanos sempre foram, em alguma medida, conturbadas, o pensamento implícito no subtítulo. Este é um detalhe que visa o esclarecimento de leitores em prospecção e que, dentro da esfera social em Esser (1998) adquire o status de um recado bastante direto a qualquer nação que se mostrasse opositora e que, por ventura, não entendesse a expressão inglesa.

⁵⁶Propomos a seguinte tradução para este subtítulo: “*A América se une na luta contra o terror*” (edição americana) e “*A América se prepara para a guerra*” (edição latina).



Figura 3.1: Capas da *TIME*-edição norte-americana (esquerda) e latino-americana (direita)
 Fonte: POLCHLOPEK (2005)

Cabe ainda observar a localização do título maior “*One Nation, Indivisible*”, no topo da capa. Fundamentado em uma leitura de caráter semiótico, o título traduz e reforça uma imagem bastante nacionalista e patriótica: o presidente empunhando uma pequena bandeira, simbolizando como o país estava naquele momento, que buscava se mostrar grande e vitorioso sobre uma montana de escombros.

Já no contexto brasileiro, o fato assume outras leituras como se observa na capa da revista *Veja*. Nesta, observa-se o título “*O Império Vulnerável*” na parte de baixo da capa, mas que evidencia um tom político e ideológico referente ao país americano (figura 3.2). A imagem da capa tem ainda uma função apelativa evidenciando valores-notícia agregados ao fato: situação inesperada, de impacto, surpresa, raridade, coletiva, drama/tragédia e conflito, de acordo com Franzon (2004), visto que a tragédia, geralmente, responde a um grande volume de vendas. *Veja* sugere também a leitura do “Império” atacado, com ousadia, em seu símbolo maior: o WTC ícone do capitalismo para o mundo e representação de uma cultura quase personificada para os americanos.

As capas traduzem, portanto, o modo como o mesmo fato é relatado em contextos culturais diversos, além de revelar posicionamentos ideológicos dos veículos de comunicação. O processo não parte, como se observa, de um TF; porém, no que diz respeito a interface, se constituem plenamente possíveis e viáveis como traduções e representações culturais do “11 de Setembro”.



Figura 3.2: Capas da *TIME*-edição latino-americana e da revista *Veja*
 Fonte: POLCHLOPEK (2005)

Outra evidência da atuação de filtros culturais neste fato encontra-se na temática das três primeiras reportagens em *Veja* e *TIME*. O primeiro texto da *TIME* é considerado pela revista um *memorial issue*, uma edição em memória das vítimas, cujo título é *Mourning in América (luto na América)*, recriando os minutos que se seguiram aos eventos. O texto não possui lide e infiltra-se pelas esferas histórico-social, institucional e subjetiva do modelo de Esser (1998), refletindo interesses do governo, da redação e da própria editora-chefe Nancy Gibbs ao empregar pronomes em primeira pessoa. A projeção do “eu” narrador produz um efeito de subjetividade, favorecendo o envolvimento e proximidade do leitor com o fato (SOARES, 2001, p.35): “*What can I do? I’ve already given blood – people started to realize that what they* Segundo Soares (2001, p. 46-7) “o próprio repórter torna-se o centro do acontecimento que cobre e, portanto, a melhor fonte de informação”, sugerindo a função expressiva.

O segundo texto traz como título: “*The new breed of terrorist*” narrando a trajetória dos pilotos suicidas desde a sua entrada legal nos Estados Unidos, passando pelas lições de pilotagem em escolas de aviação de Massachussets até o dia quem o fato ocorreu. Atenção especial deve ser dada a palavra “*breed*” que pode tanto significar “geração” quanto “raça”, mas não de seres humanos e sim de animais. O terceiro apresenta Osama bin Laden com o título de “*The Most Wanted Man In The World*” provável referência à origem texana do então presidente Bush e aos filmes de faroeste nos quais os pistoleiros tinham suas fotos expostas com a palavra “*Wanted*” e o valor de sua recompensa, conforme explicitado no lide: “*He lives a life fired by fury*

and faith. Why terror's \$250 million man loathes the U.S.”. É interessante notar o campo semântico, revestido com uma certa ironia e que denota o radicalismo do terrorista, formado pelos lexemas “*life fired, fury and faith*”, uma vida inflamada pela fúria e pela fé. Bin Laden é comparado, em *TIME*, a Saddam Hussein e Hitler.

Em *Veja*, o primeiro texto tem como título “*A Descoberta Da Vulnerabilidade*” e um relato cujo tom político e ideológico se torna claro logo no início. Já o segundo focaliza o desabamento das torres sob o título “*A Morte no Fogo, num Salto ou no Desabamento*”. Valores notícia como inesperado; tragédia; drama; raridade e conflito estão presentes no lide através de uma pergunta retórica: “*Como os pilotos suicidas conseguiram destruir as torres feitas para resistir a colisões, incêndios tremores? Juntaram tudo isso num atentado*”. O último texto, a exemplo da *TIME* apresenta bin Laden como o “*O Inimigo Número 1 da América*”, referenciando vilões de histórias em quadrinhos inimigos dos heróis, normalmente americanos como o Coringa que é “inimigo número 1 do Batman”. O lide “*Depois de Khomeini, Kaddafi e Saddam Hussein, o mundo islâmico produz outro pesadelo para os Estados Unidos: o terrorista Osama bin Laden*” refere-se a outros líderes também de origem islâmica de forma a induzir o leitor a suspeitar de qualquer cidadão árabe como um possível terrorista, conforme se observou no desenrolar dos acontecimentos.

Os filtros culturais atuam ainda no item pressuposições, integrante dos fatores externos na abordagem de Nord. Essa análise envolve estratégias de expansão ou omissão de informações empregadas tanto na tradução quando na produção textual jornalística. Nos textos mencionados da *TIME* as pressuposições referem-se a três grandes grupos:

- **Estados Unidos:** valores americanos, seriados da TV americana nos quais as torres aparecem no cenário (*Sex and the City, Wall Street, Working Girl, The Sopranos*), a cidade de Manhattan para compreender a localização dos prédios, hinos religiosos americanos; procedimentos de embarque nos aeroportos americanos, a cidade da Florida, atentados ao WTC em 93;
- **Guerras:** genocídio nazista, guerra do Kuwait e Somália;
- **Afeganistão:** conhecer a posição geográfica do Afeganistão invasão dos Afegãos à antiga URSS, as cidades de Meca e Medina.

Já os textos da *Veja* pressupõe quatro grupos principais referentes à:

- **Guerra:** Guerra fria, do Afeganistão, Saddam Hussein e Kuwait, Aiatolá Khomeini.

- **Americanos:** Ataque terrorista ao WTC em 93, Timothy McVeigh⁵⁷ o assassino de Oklahoma, ataque japonês a Pearl Harbor, bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki.
- **Atentados terroristas:** Chacinas em Roma e Viena em 85.
- **Leitores brasileiros:** incêndio no edifício Joelma em São Paulo e ter viajado alguma vez de avião.

Em ambos os contextos, pressupor, ou seja, inferir aquilo que o leitor provavelmente já conheça permite aos mesmos atribuir sentido ao texto e estabelecer uma ponte entre o seu conhecimento prévio e o conhecimento novo adquirido através da leitura. Ressalta-se o último grupo de Veja sobre o incêndio no Edifício Joelma em 1976. Em razão de o leitor brasileiro não ter vivido uma tragédia desse porte, o jornalista-tradutor ancora o texto na tragédia do Joelma de modo a fazer com que o leitor consiga compreender a magnitude do incêndio no WTC. Por outro lado, a ancoragem nem sempre é bem construída ou compreendida de imediato. No último texto de Veja sobre bin Laden, o terrorista é comparado a outros vilões da história da humanidade, mas nem todos são conhecidos: *“Ao longo da história, o mal exibiu várias feições. Ele já teve os traços de Átila, o Huno, do mongol Gêngis Khan, do austríaco Adolf Hitler, do soviético Josef Stalin, do cambojano Pol Pot e do ugandense Idi Amin Dada. Hoje, o mal não comanda um exército, não mora em um palácio, não discursa a multidões. Seu rosto é o do saudita Osama bin Laden.”* (grifos nossos). Muito provavelmente o leitor já ouviu falar de Gêngis Khan, mesmo que não saiba exatamente o que ele fez, Hitler e Stalin. Os outros, no entanto, se perdem. Isto se deve em razão de que mencionamos no capítulo anterior⁵⁸ sobre o fato de o leitor dialogar a partir dos fatos veiculados na mídia. É a interação com o texto da notícia que lhe permite construir conhecimento a partir das informações novas apresentadas e somadas ao seu conhecimento prévio, comprovando o fato de que a realidade midiática só existe enquanto fato construído pela linguagem e que possibilita ao leitor ativar esquemas de memória que o fazem linear um assunto ao outro de modo a compreender o que se traduz pela notícia; função esta a cargo dos hiperlinks nos textos online.

⁵⁷Considerado pelos Estados Unidos um terrorista doméstico, McVeigh explodiu uma biblioteca em Oklahoma em 1985, causando milhares de mortos e vítimas. Foi considerado o maior ataque terrorista da história dos Estados Unidos até o dia 11 de setembro. McVeigh foi movido pela religião, e considera-se um vingador e um herói. Disponível em: http://www.crimelibrary.com/serial_killers/notorious/mcveigh/dawning_1.html. Acessado em: Maio/2009.

⁵⁸Item 2.2: Enunciação, linguagem e sujeito.

Um último item para mencionar é o lexical, parte dos fatores internos em Nord (1991) e relacionado ao conteúdo, assunto, pressuposições, características formais e informais da gramática e marcas suprasegmentais. O léxico é uma das maneiras de demonstrarmos a construção linguística textual, por exemplo: as cadeias isotópicas podem refletir a **Intenção** (fator externo) do produtor textual através da seleção de palavras e revelar também o **Efeito** intencionado sobre o **Receptor**.

Em relação a *TIME*, o léxico tem a função de corresponder às expectativas dos leitores que esperam encontrar na revista o “*to know why*” (saber o porquê), o que motivou o “11 de Setembro”. As escolhas lexicais tendem estabelecer um pólo do “bem contra o mal”, isto é, o mundo civilizado (Estados Unidos e países aliados) contra as nações bárbaras (países árabes muçulmanos). Porém, essa mesma leitura no âmbito da América Latina⁵⁹ pode ter um efeito contrário, visto que, a nação americana não é uma unanimidade nesse contexto e que, em se tratando do contexto brasileiro não há a mesma necessidade de cultuar heróis, como induz o já conhecido patriotismo norte-americano. Nesse sentido, a seleção lexical da revista *TIME* objetiva construir a imagem de um país atacado em seu ponto vital e sem direito a defesa.

As escolhas de *Veja*, por outro lado e conforme já mencionado, assumidamente político- ideológicas através do uso constante de adjetivos avaliativos em favor dos norte-americanos reforçando, entre os leitores brasileiros, os valores daquele país. *Veja* faz ainda uma generalização perigosa ao afirmar que “todo árabe é saudita” e que “o uso do turbante caracteriza o terrorista”. Neste exemplo, o filtro cultural funciona de forma a afastar culturas, visto que o turbante é um traje de utilidade prática (protege contra o sol) associado cultural, e não dogmaticamente, à religião muçulmana. Povos da região do Punjab, noroeste da Índia, por exemplo, utilizam o turbante e não são, necessariamente, islamicos nem terroristas. Portanto, sendo o léxico também revelador de traços culturais, agrupamos os temas principais sobre os quais se constrói a rede semântica do *corpus*:

Rede semântica no *corpus* da *TIME*:

- EUA: *Anyone lucky enough to be able to live in America, share its vices and freedoms and gifts, surely would not want to destroy it.*
- WTC: *Like when you have a teeth pulled and keep feeling for the space with your tongue; the WTC were so big; two great brothers of New York; ground zero; lodestars; local mountains.*

⁵⁹Os textos das edições americanas e brasileira são iguais em conteúdo e layout.

- *Atentados: Terror on this scale; airplanes into missiles; unthinkable; now we will see those shots and know they came before.*
- *Terroristas: Our enemies; they; the killers who hate us; an enemy we have never met; suicide bombers; zealots; wave of killers.*

Rede semântica no *corpus* da Veja:

- EUA: Vulnerabilidade; a Casa Branca; o país mais poderoso do mundo; império; a única superpotência; nação mais poderosa do planeta; território americano; superpotência; [guerra da] superpotência; vulneráveis a um ataque; demônio americano; país satânico.
- WTC: Ícones de sua identidade nacional; destaque no horizonte de arranha-céus de Nova York; simbolizava a supremacia econômica da superpotência; coração do poder Americano.
- Bin Laden: [É preciso dar o troco], mas contra quem?; responsável pelo atentado; principal suspeito; milionário saudita.
- Atentados: Ataque terrorista bem sucedido; ofensiva terrorista em larga escala, sem similar na história; terrorismo; atrocidades terroristas; enormidade da agressão; atentados; horror da destruição em Nova York; terror; ataque da semana passada; o terror islâmico; o cenário de morte e destruição em Nova York e Washington; planejamento sistemático; operação dessa magnitude; ataque terrorista de grandes proporções; horrores; ato de vingança contra os estados unidos; fundamentalismo islâmico; atentado insano; via impor a versão fanática do islã a todo o mundo; terríveis atentados; terríveis atrocidades.
- Terroristas: Terroristas; fanáticos dispostos a tudo; sequestradores; milícia fundamentalista; “covardes que não mostram a cara”; minoria radical; disposição fanática para matar e morrer; ódio incontrolável aos Estados Unidos; só querem ver sangue; são todos árabes, usavam passaporte saudita; turma do turbante.

Esta rede semântica é um dos mecanismos empregados para filtrar os títulos coletados, chegando-se a um conjunto de dados mais pontual sobre o “11 de Setembro”, bem como delimitando o seu alcance entre as diversas notícias que ocorreram nesta e que, portanto não estão vinculadas ao fato diretamente, e também recortando notícias que mesmo vinculadas ao fato não tratam dele diretamente⁶⁰. Schudson (1995) já dizia que notícia é produto cultural, conhecimento público. Esses exemplos ratificam sua informação e demonstram que a tradução como representação cultural é ela mesma um fato concreto não só na interface tradução-jornalismo como também em outras situações comunicativas que atravessem, especialmente, fronteiras

⁶⁰O Capítulo 5 explica com mais detalhes a metodologia empregada.

interculturais. Nesse contexto os filtros são mais fortemente ativados em função do leitor em prospecção, ou seja, do leitor considerado à frente da produção textual jornalística e tradutória. Esta dimensão cultural do jornalismo e logicamente da tradução constitui, portanto, o fundamento não só dos resultados de pesquisas anteriores da autora, como também desta proposta de tese. O mesmo vale para a rede semântica ampliada para esta proposta que é retomada no capítulo referente à metodologia de análise.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Continuando a construir a argumentação teórica, neste capítulo foram abordados itens sobre a interface tradução-jornalismo. De início contextualizou-se os princípios que regem o funcionalismo para os estudos tradutológicos, bem como o termo ‘função’ de modo a distingui-lo da aplicação em outras áreas do conhecimento, além de pontos de inserção da teoria enunciativa no funcionalismo. Pensar essa relação é considerar todos os aspectos que se mostram desafiadores na prática tradutória e também os valores que se integram à tradução tal como a cultura. A linguagem expressa e representa pensamentos, atitudes, modos de vida, perspectivas de mundo, traz consigo a leitura de outros textos, outros ditos que representam instâncias da prática tradutória, momento em que a palavra é resignificada na sua interação com o Outro. Por essa razão, e enquanto tradutores é preciso pensar a linguagem e bem como todas as suas propriedades linguísticas e históricas.

Foram abordadas também concepções de cultura, como determinação da pertença de um sujeito a um grupo social dentro do qual compartilha tradições e visões de mundo e interculturalidade como ponto de convergência a interface e como fenômeno social que pressupõe a descentralização cultural, a apreciação de diferenças e não mais na valorização da própria cultura (e leitura) como sendo única.

Discutiu-se também o conceito de tradução como situação comunicativa e os contornos da sistematização delineada por Christiane Nord para a análise de textos, traduzidos ou não. As inserções da proposta de Nord dentro do campo representacional da linguagem forneceu argumentos para aproximar a sistematização de Frank Esser da concepção funcionalista em tradução, sugerindo um novo olhar para as reflexões do autor e aproximando mais uma vez a tradução do jornalismo. Os paralelos delimitados por Zipser, a partir destas aproximações, constituem assim os princípios da interface de pesquisa e consolidam o conceito de tradução como representação cultural adotado neste estudo. Isso implica compreender a comunicação como uma

atividade não padronizada, mas instanciada, sujeita a variáveis contextuais, sociais, culturais, subjetivas. Com efeito, comenta José Borges Neto (2004, p. 13;62) “cada opção teórica “recorta” o mundo dos fenômenos de forma diferente e, dessa maneira, constitui – “cria” – o seu objetivo de estudos”.

O objeto estudado aqui – a tradução aplicada a textos jornalísticos – desfaz a concepção reducionista do processo tradutório como transcodificação isenta, visto que o fato percorre um longo caminho até chegar às mãos do leitor como afirma Zipser (2002). Assim, diferentes abordagens ou enfoques e angulações conferidos se aproximam das muitas e diversas traduções que um mesmo TF pode gerar considerando-se o tradutor-jornalista como um sujeito psicossocial e as instancias que perfazem o processo tradutório e, por extensão, o jornalístico. Exemplo disto são as considerações apresentadas sobre o estudo sincrônico do “11 de Setembro” desenvolvido pela autora em dissertação e que servem de base para apreender a construção das narrativas, apresentadas no Capítulo 6, como novas traduções para o mesmo fato: o mundo pós “11 de Setembro”.

Para finalizar, até o momento situamos o leitor na concepção de linguagem dialógica bakhtiniana que sustenta nossa escolha pelos modelos de Nord e Esser. O entrelaçamento dessas teorias conduz a representação cultural possibilitando antecipar dois posicionamentos referentes aos títulos que configuram o capítulo a seguir: i) os títulos são vistos como enunciados carregados de intencionalidade e ii) ao resumirem o assunto da reportagem, assumem a função inerente de não apenas atrair a atenção do leitor, mas primordialmente de narrar o fato tendo em vista que o leitor, na maioria das vezes, lê apenas o título e não a matéria completa.

CAPÍTULO 4 – TÍTULOS E NARRATIVIDADE JORNALÍSTICA: TECENDO FIOS

É através do título que normalmente recebemos a primeira impressão de uma notícia. (FONTCUBERTA, 2002, p.91)

Este capítulo volta-se ao universo jornalístico que delimita o recorte desta pesquisa: títulos e narrativa. Isto se faz necessário por duas razões: a primeira é a carência de estudos pontuais enfocando títulos na literatura tradutória e jornalística e a segunda a finalização do argumento teórico que fecha, com os títulos jornalísticos, o outro vértice desse triângulo formado pela linguagem e pela tradução. Sendo assim, tecem-se considerações a respeito da origem e funções dos títulos, sobre a titulação online e aspectos gerais para sua edição. Em seguida discute-se a narrativa e fatores como tempo, espaço e memória vinculados à estruturação narrativa na mídia online e também o discurso que constrói realidades e significações. Estes fatores são importantes na medida em que a modalidade online representa o contexto situacional de seleção do *corpus*, cujas características influem diretamente sobre a construção da narrativa e traduzibilidade da narrativa.

4.1 TÍTULO: ORIGEM E FUNÇÕES

Quando o leitor procura e seleciona as notícias na mídia impressa ou online, costuma orientar-se em diversas direções como o interesse por um local específico, pelas pessoas envolvidas, o inusitado da situação na qual a pessoa apresenta-se envolvida, por temas especiais entre tantos outros valores ou critérios de noticiabilidade mostrados na literatura (ERBOLATO, 1991; FRANZON, 2004; FONTCUBERTA, 2002; TRAQUINA, 2001). Esses valores são estabelecidos a partir da configuração de elementos que interagem para constituir o jornalismo de cada país (ESSER, 1998), de cada grupo social uma instituição no grupo social em que atua. A organização desses valores nos mostra que quanto mais consequências um fato tiver, maiores as chances de permanecer por um longo tempo na mídia, transformando-se num tema conhecido e discutido pelo público. Por outro lado, existe também a possibilidade de ir se desgastando a medida que se afasta do referente, perdendo assim alguns dos valores notícia agregados e, conseqüentemente, o interesse do público e o seu lugar como tema principal na mídia. No caso do

“11 de Setembro” acreditamos que o fato só é reavivado pela alusão ao mês em que ocorreu, ou seja, sua importância e recorrência na mídia é vigente apenas no mês de setembro. Logo, passados oito anos desde o referente em 2001, tem sua permanência estabelecida numa curva descendente, mesmo em contexto norte-americano que, por ser o contexto base do fato pode apresentar um número maior de reportagens do que o contexto brasileiro.

Mas, para que o leitor se sinta atraído a ler esta ou outras reportagens sobre o mundo pós “11 de Setembro”, existe um mecanismo inerente aos textos que capta a atenção do leitor: o título, cuja origem latina ‘*titulus*’ significa inscrição/marca. Lonardoní (1999a) relata que na antiguidade o termo designava uma etiqueta presa a uma extremidade de um bastão chamado *umbiculus* sobre o qual se enrolava a faixa de um papiro. Sua função era dispensar a leitura do papiro, pois trazia informações sobre o assunto ou a autoria da obra. O título⁶¹ pode designar ainda o que se põe no começo de um livro, capítulo, artigo; pode ainda estar associado à idéia de rótulo, letreiro, nome, designação, qualidade, predicado, objetivo, causa, intuito – sempre com a função maior de indicar ou resumir um determinado assunto. Logo, a extensão do título é bastante reduzida, geralmente uma frase, resumindo um corpo de texto maior ao qual está relacionado.

No início da história do jornalismo (FONTCUBERTA, 2002, p.92) os títulos se assemelhavam ao que hoje é conhecido por títulos de seção. Cada jornal tinha um ou no máximo dois, pois as notícias não perdiam facilmente sua atualidade e durabilidade. Segundo a autora, a característica direta dos títulos atuais, teve origem na imprensa norte-americana; porém, mesmo no início do século XX os títulos eram enunciados sem verbos, a fim apenas de ordenar as páginas e classificar as notícias, aludindo à história do papiro. O formato atual da linguagem teve sua origem na primeira guerra mundial.

Assim, portanto, numa definição mais específica, Erbolato (1991, p.250) afirma que o título compreende uma “frase tipograficamente composta em letras grandes que se dispõe acima, abaixo [excepcionalmente] ou ao lado do texto, com a finalidade básica de dar ao leitor uma orientação geral sobre a matéria e despertar o interesse pela leitura”. Embora essa definição se aplique a mídia de uma maneira geral, o título pode apresentar diferenças de um jornal para uma revista⁶², por exemplo. Em outras palavras, o título é a marca

⁶¹A palavra ‘título’, em português, se aplica a jornais e revistas. Já em inglês, existem dois termos distintos: *headline* para o jornal e *title* para a revista. A função do primeiro é resumir a notícia, enquanto o segundo desperta atraindo o leitor como um espetáculo a parte, uma extensão da própria reportagem devido a não rigidez das normas para sua elaboração.

⁶²O uso do título é uma materialização da reportagem. A liberdade gráfica é muito maior em termos de cores, fontes, localização, tamanho como observado em revistas femininas. Nestes casos os textos não são uma notícia especificamente (Ver: SCALZO, 2003).

de um texto e, como tal, também sofre a influência do tempo, o que ressalta seu papel como determinador de sentidos para o texto. Lonardoni (1999a, p.111) e Fontcuberta (2002, p.91) afirmam ser o título um nome, uma identidade textual, cuja intencionalidade incita a leitura para a apreensão da informação mais importante ou surpreendente do fato. Nesse sentido, como a prática jornalística não é neutra e nem imparcial, o título expressa também a interpretação, a angulação do veículo sobre os acontecimentos, determinando um forte indício para afirmar que podem representar culturalmente uma notícia, como as marcas culturais de um texto ou uma narratividade em razão de a mídia resultar de um conjunto de instâncias sociais, estruturais, subjetivas e históricas, conforme Esser (1998).

Não por menos o título ocupa lugar de destaque no texto, além de orientar sua leitura, visto que a titulação circunstancia o fato e agrega o inusitado, o impacto da informação sobre o leitor. Isto responde a unanimidade da literatura (FONTCUBERTA, 2002; LONARDONI (1999a/b), NUNES, 2003; MEDINA, 1988; PINHO, 2003; ERBOLATO, 1991; Manual de Redação da Folha, 1998; MARTINS, 1997; SOUSA, 2004) quanto a sua definição: frase de layout gráfico e tipográfico variados conforme o meio, cuja finalidade é atrair e despertar a atenção do leitor para a reportagem que representa. Ward (2006, p.116), afirma também que na modalidade online, o título exerce a função adicional que é direcionar o contexto para os leitores que acessam uma parte da reportagem através de outro link ou site. Embora isto não seja comum no caso da FSP ou do próprio NYT, existe a possibilidade de o leitor chegar às versões online destes jornais através de portais de notícias. Segundo Nord (1990, p.153; 1993) o título é uma unidade textual e, como tal, uma oferta de informações para o leitor que suscita a possibilidade e a necessidade de uma tradução funcional justamente por cumprir determinadas funções na língua e na cultura de chegada.

Medina (1988, p.118) lembra que o título pode suscitar preocupações estéticas como no caso de revistas, preocupação menos enfatizada no caso de jornais impressos ou online no que diz respeito ao uso de cores e efeitos como em revistas femininas, por exemplo. Logicamente a preocupação em destacar o título existe, porém voltada, geralmente, à disposição dos mesmos pelo site, uso de cores e/ou fontes distintas para diferenciar títulos de seção (esportes; entretenimento; saúde), da inclusão de links para que o leitor possa acessá-los, de tamanho. A preocupação estética ocorre de forma diferenciada, mais limpa, menos carregada o que suscita, certamente, outra intencionalidade que é, antes de tudo, a de ser objetivo e de estabelecer os limites entre seções específicas do jornal ou portal de notícias. Portanto, nos jornais a tendência é a de que o título seja disposto como um enunciado bastante específico e que pressupõe um “ato de fala performativo” (AUSTIN, 1962; 1990) isto é, uma

ação sobre o enunciatário resultante na atenção e convencimento deste para a leitura do texto completo, aproximando-se de Medina (idem) para quem os títulos são considerados “apelos verbais”, cuja função é “chamar a atenção e conquistar o leitor para o produto/matéria.” Este apelo verbal, segundo Medina exige um estudo particular na formação linguística, pois ainda que integrado no ritmo da narrativa sua formulação, por ter um foco específico, exige uma preocupação adicional por parte do redator. Fundamentados, portanto, no poder de ação e persuasão conferido aos títulos, é possível atribuir-lhes as seguintes funções linguísticas: apelativa (ressalta a matéria a qual se refere); referencial (informa o seu conteúdo) e conativa (induz a leitura da matéria), o que aponta mais uma vez a possibilidade de os títulos narrarem uma história paralela àquela da reportagem.

A função⁶³ dos títulos pode ser analisada também do ponto de vista tradutológico (NORD, 1993; 1995; 1997b), aspecto que interessa mais de perto a esse estudo. Segundo a perspectiva da tradutologia, títulos e manchetes são vistos como unidades textuais formando um tipo de texto ou um gênero textual, cujas especificidades situacionais, culturais, pragmáticas, além das características para sua elaboração, permitem compreendê-los, segundo a definição de Bakhtin (2000), como tipos relativamente estáveis de enunciados (grifo nosso). Consequentemente, se os textos (traduzidos ou não) detêm uma função inerente, os títulos, por extensão também tem. Esta função, de acordo com Nord (1993; 1995; 1997b), é estabelecida pelo autor como emprego de marcadores específicos (forma [regras de elaboração], léxico, sintaxe, estilística; forma); é essa relação entre função e marcadores textuais que confere ao título seu efeito comunicativo. Portanto, da perspectiva da tradução, a funcionalidade do título responde as seguintes premissas:

- Ser elaborados para atrair a atenção do público alvo, seja na cultura fonte ou na cultura de chegada;
- Ser ativado na memória do leitor por um período específico, aproximando-se do que Gomes (2000) explica com uma das funções do discurso jornalístico – a repetição – que sustenta o discurso como real;
- Ser compreensível para o público alvo e seus conhecimentos de mundo e cultura específicos;
- Ser julgado ou avaliado, em termos emocionais, pela perspectiva valorativa do contexto cultural em questão, aproximando-se dos valores-notícia que tornam o fato uma notícia;

⁶³As funções dos títulos podem gerar uma pesquisa específica; portanto, dado o escopo desta proposta não serão analisadas em detalhes, sendo apenas mencionadas se forem relevantes como dados adicionais para comprovar a hipótese da representação cultural.

- Ser compreendido em termos apelativos considerando-se as expectativas dos leitores em prospeção.

Neste sentido, Nord (1990, p.155; 1993) atribui aos títulos as seguintes funções, a saber: fática (estabelecer o contato com o leitor); metalinguística ou meta textual (o título se refere a um co-texto, isto é, a notícia que ele resume); informativa (informa o leitor, pois funciona também um texto jornalístico); expressiva (traduz atitudes ou sentimentos do autor); apelativa (sensibilidade, conhecimentos e interesse do até persuadi-lo a ler a notícia). Nord⁶⁴ termina sua exposição dizendo que todas estão presentes nas culturas em análise, mas não num único título. Há ainda que considerar o fato de que os títulos são geralmente analisados, no campo tradutológico, do ponto de vista das dificuldades linguísticas impostas pelo contexto, pressuposições, efeitos de sentido e estruturação lexical e sintática. Não se analisa títulos com tradutores de fatos e contextos.

Outro “apelo verbal” mencionado por Medina é o lide, cuja função também é a de motivar o leitor para o texto completo da notícia. O lide é um elemento importante porque um bom título, de acordo o manual de redação do Estado de São Paulo (MARTINS, 1997, p.282) deriva de um bom lide⁶⁵, o que significa que se o título não convencer, então o lide deve ser revisto, pois não inclui as informações mais importantes da matéria. Por essa razão, são muitos os jornalistas que confessam ser a elaboração do título a maior dificuldade para o fechamento de uma matéria, visto que tal operação combina duas variáveis complexas: o máximo de informação num mínimo de espaço previamente definido, ou seja, garantir semanticamente os termos exatos a fim de dar conta do aspecto mais relevante da notícia. Neste caso, Fontcuberta (2002, p.99) destaca três perguntas que devem ser feitas para titular a matéria: i) o que é notícia na reportagem; ii) como essa notícia se diferencia de outras e iii) o que desta notícia interessa ao leitor.

Segundo o Manual de Redação da Folha de São Paulo (1998, p.168) a maioria dos leitores lê apenas o título das reportagens, dados comprovados igualmente por uma pesquisa conduzida por Moherdauí (2007) em 2001 sobre leitura e produção jornalística na web e atualizada por nós no ano de 2009, em caráter informal via internet⁶⁶. Logo, “ou o título é tudo o que leitor vai ler sobre o assunto ou é o fator que vai motivá-lo ou não a enfrentar o

⁶⁴“The six functions and their sub functions can be found in each (...) culture analyzed, but not in each title” (1995, p.5 – tradução da autora).

⁶⁵Lide ou lide (em português) é a abertura da notícia, cuja função é semelhante a do *abstract* em artigos acadêmicos: resumir o assunto respondendo às perguntas clássicas: Quem? O que? Quando? Onde? Por quê? e Como? Apesar da sua importância para a redação do TJ não vamos nos concentrar na sua análise dentro dos contornos desta proposta.

⁶⁶Os dados estatísticos da pesquisa encontram-se no Apêndice C.

texto”, sendo elemento fundamental de identificação da narrativa (REIS e LOPES, 1988). Por trabalharmos com um *corpus* de títulos de jornais online, delimitamos esta proposta dentro desta categoria midiática a qual pressupõe edição, linguagem e aspectos específicos para a titulação descritos nos itens a seguir.

4.2 ASPECTOS GERAIS SOBRE A LINGUAGEM DE TITULAÇÃO

Embora esta pesquisa não esteja inserida no universo jornalístico é preciso esclarecer alguns fatores relacionados à elaboração dos títulos no sentido de compreender os resultados levantados durante a construção da narrativa. De um modo geral, a prática jornalística não sofre alterações significativas para o ambiente online no que se refere à apuração e tratamento da notícia, segundo Moherdau (2007, p.140; 143). Muitos jornais impressos, por exemplo, fazem poucos ajustes em suas matérias para publicação online como é o caso da FSP em sua versão “folheada” na internet. As mudanças mais visíveis são, regularmente, um texto mais curto para agilizar a leitura e a adição de recursos extras como gráficos, tabelas, fotos, *podcats*, *videocasts* e links que complementam a notícia ou remetem a informações passadas e/ou similares. Os sites da FSP ou mesmo do NYT se aproximam bastante da estrutura editorial de seus impressos, ficando as mudanças mais visíveis em relação ao layout e distribuição das notícias no site para facilitar a interação do usuário com a interface do jornal, visto que não existe ainda um padrão web ou um manual de redação web definido.

Mas, se a prática em si aparentemente não sofreu tantas alterações, o que torna o jornalismo online tão atraente ao leitor? Segundo Rodrigues (2005), primeiramente é o fato de que desde sua criação nenhuma outra modalidade de jornalismo cresceu tão rapidamente⁶⁷, depois a interatividade e a acessibilidade aos mais diversos assuntos em tempo real e ainda a rapidez, agilidade e instantaneidade na transmissão de notícias como se observa em alguns exemplos da FSP no capítulo a seguir: alguns títulos constroem as narrativas somente com a sua repetição, ou seja, com a publicação em sequência da mesma notícia e que é atualizada e/ou corrigida em minutos. Tal fato levanta, inclusive, debates sobre um provável desaparecimento dos jornais impressos frente ao alcance das versões online o que, certamente não deverá acontecer, pelo menos tão logo, como os livros

⁶⁷Só o telejornalismo, segundo o autor, levou mais de 40 anos para se consolidar como formato autônomo.

eletrônicos que convivem com as versões editadas. Por outro, as versões impressas falham na apreensão em tempo real da notícia o que acaba fortalecendo a função testemunhal da imprensa, como é o caso do *corpus* pesquisado.

Nesse sentido, os títulos constituem um elemento de interação e diálogo essencial do tradutor-jornalista com o leitor pelo fato de muitos jornais e sites, caso da FSP e do NYT, empregarem apenas títulos para construção de suas *homepages*. Ao leitor basta correr os olhos pela página e decidir o que vai ler através dos títulos que mais lhe parecer interessante ou curioso. O NYT utiliza ainda o recurso de uma espécie de lide⁶⁸ ou título com resumo (PINHO, 2003) em um parágrafo para que o leitor tenha uma visão mais ampla da notícia e gerar impacto nos leitores que tenham pouco interesse no assunto em questão ou com resumo em um parágrafo. Neste caso, mais comum para o NYT por ser empregado com notícias de maior destaque (figura 4.1), a função do título é oferecer ao leitor os contornos da notícia, uma vitrine sobre o que a reportagem aborda. A FSP adota um procedimento semelhante empregando títulos com resumo em uma frase para notícias de maior destaque apenas. O restante das notícias aparece listado (figura 4.2) em sequência apenas como links.

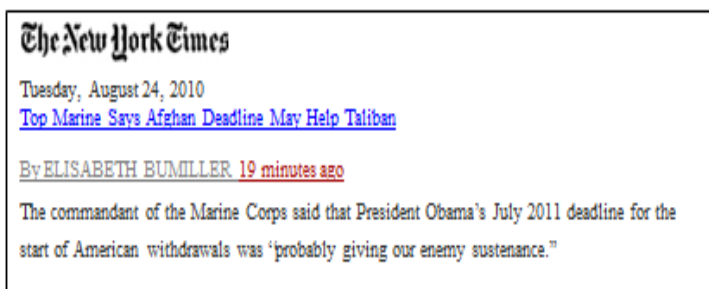


Figura 4.1: Exemplo de título com resumo em uma frase
 Fonte: The New York Times (online) - 2010

⁶⁸Os manuais de redação orientam que um bom título é elaborado partindo-se do lide, devendo ser suficientemente interessante para atrair a curiosidade do leitor. As categorias, características e estratégias para elaboração dos títulos encontram-se nos Apêndices A e B.

24/08/2010
 10h16 Forças da Otan anunciam morte de 35 ~~talibans~~ no Afeganistão
 09h56 Jimmy Carter viaja à Coreia do Norte para tentar libertar americano
 07h29 EUA têm menor número de soldados no Iraque desde a invasão de 2003
 14h06 Documentos vazados mostram Al Qaeda com pouca presença no Afeganistão, diz jornal
 09h17 Atentado em mesquita deixa ao menos 15 mortos no Paquistão
 20h59 Protestos contra e a favor de mesquita tomam ruas de Nova York
 13h57 Al Qaeda liberta reféns espanhóis, diz imprensa da Mauritânia

Figura 4.2: Exemplo de títulos em lista

Fonte: Folha Online - <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/noticias-5.shtml> (2010)

No entanto, sua elaboração depende ainda da orientação do veículo, do idioma, da tradição jornalística e cultural, do gênero jornalístico (artigo, editorial, entrevista, etc.), da seção, da página (uma manchete principal), localização, corpo e tipo de letra (FONTCUBERTA, 2002; COMASSETTO, 2003). Este é o caso de alguns exemplos do NYT escritos em maiúsculas, empregando adjetivação⁶⁹ e substantivos e que, segundo as normas dos manuais de redação brasileiros seriam consideradas falhas graves do editor, tanto é que Pinho (2003, p.193; 196) enfatiza algumas regras no tópico ‘redator web e titulação online’, esclarecendo os meios disponíveis para adequação dos títulos no item ‘orientação do redator para a web’.

Segundo o autor, a titulação online concentra-se em duas fases: na redação e edição do texto. A edição compreende o preparo e a disposição harmônica do material jornalístico no site, cronogramas de fluxo de trabalho e prazos de conclusão e, nesse sentido, o processo deve ser ágil, prático, dinâmico e atraente ao leitor de modo a evitar que este se perca por outros recursos multimídia oferecidos pelo site ou pelo jornal. Por essa razão, os componentes da mensagem (título, lide, subtítulos, legendas) são importantes elementos de pesquisa, justificando o esforço deste estudo quanto à análise da titulação de maneira mais pontual, para além de suas características linguísticas apontadas nos manuais de redação e estilo. Na primeira, a tarefa do editor e do redator é criar títulos e resumos curtos e explicativos, enquanto na segunda, a apresentação deve ser consistente por todo o documento e todos os tópicos ou títulos devem figurar no sumário ou na lista de conteúdo em cada nível da titulação.

Para tanto, o redator deve seguir um conjunto de regras simples a fim de manter a ordem e a objetividade em cada um destes níveis referentes aos

⁶⁹Sobre normas de redação web ver: MOURA, Leonardo. **Como escrever na rede. Manual de conteúdo e redação para internet**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

aspectos gráficos da reportagem e cuja função é diferenciar e destacar o título em relação ao texto, considerando também as ilustrações⁷⁰. Com efeito Medina (1988, p.119) observa que a maioria dessas regras⁷¹ se destaca pelo que não deve ser feito. Seguindo as normas da linguagem jornalística (objetividade, factualidade, acessibilidade na leitura, imparcialidade) as regras da titulação ditam as fronteiras entre o discurso da imprensa e de outras instituições, além de deixar claro a atuação das esferas institucional⁷ e de ‘estrutura da mídia’, conforme destacados por Esser, sobre a atividade do jornalista e do redator. Estas esferas ditam a estrutura organizacional e de competência na redação e editoração, além dos parâmetros éticos e de autocontrole da imprensa e evidenciam o quanto o discurso da imprensa se constrói em cima de estratégias que lhe garantam (a suposta) isenção e a credibilidade do leitor.

Uma vez, portanto, determinadas as funções e os aspectos gerais da titulação é possível deslocar as reflexões conduzidas até o momento para o espaço da narrativa no sentido de buscar aproximações que permitam estabelecer o título como (re)curso dessa narratividade e, assim, corroborar os textos tecidos como uma nova tradução dos fatos.

4.3 NARRATIVIDADE: TECENDO FIOS E NOVAS POSSIBILIDADES TRADUTÓRIAS

Uma das hipóteses propostas para este estudo é a de que os títulos, em razão de sua característica maior que é a de resumir a notícia de tal maneira a convidar o leitor a acessá-la, detêm condições de narrar sozinhos os eventos que sucederam o “11 de Setembro”, ou seja, sem que necessariamente o pesquisador tenha de recorrer ao corpo da notícia. O que ocorre é que um título apenas, isolado, nem sempre oferece detalhes suficientes para dar conta de todo o contexto que se seguiu aos, assim denominados, ‘atentados terroristas’ pelo simples fato de que um título corresponde unicamente a uma só notícia, a um único fato. Isso significa que, mesmo sendo um enunciado e um texto, sua referência é restrita a um evento somente. No entanto, se colocados juntos, agrupados por temáticas predominantes e/ou pela ordem cronológica, acredita-se ser possível estabelecer uma sequência capaz de, ao

⁷⁰Por razões de foco e pelos limites naturais aos quais a proposta se adapta, não abordaremos nenhuma análise referente a ilustrações para o *corpus*.

⁷¹Ver Apêndice B.

menos, esboçar um começo, um meio e um fim constituindo uma narrativa jornalística capaz de traduzir o mundo pós-atentados.

Nesse sentido, como forma de tecer fios entre os títulos do NYT e da FSP e fundamentar essa narrativa, cujo resultado seja uma nova tradução para os fatos, propõe-se uma reflexão sobre a narratividade do discurso jornalístico enquanto construto do real. Essa reflexão fornece as bases para sustentar o agrupamento dos títulos como estratégia necessária para configurar essa nova tradução.

Na literatura jornalística (MOHERDAUI, 2007; MEDINA, 1988; COIMBRA, 1995; LAGE, 2001; SQUIRRA, 1998; FERRARI e SODRÉ, 1986; BARTHES, 1976) a narratividade é também chamada estrutura episódica da notícia (COMASSETTO, 2003) ou ritmo narrativo. Vários são os trabalhos que abordam a narratividade do ponto de vista da sua construção cognitiva; das notícias enquanto histórias e do seu lugar no hipertexto, por exemplo. Muitos dos artigos concentram-se nos trabalhos de Paul Ricoeur⁷² (1994; 1995; 1997) e, portanto, exploram a narrativa jornalística dentro dos limites estabelecidos pelo autor tais como dimensões episódicas, configurantes do tempo e noções de mimese.

Para esta proposta não recorremos a nenhum autor específico, visto que o objetivo é explorar a narratividade como processo discursivo, através do qual é possível agrupar os títulos de tal forma que possam engendrar um texto contínuo que (re)construa os contextos dos atentados terroristas no Brasil e Estados Unidos, representando-os culturalmente, ou seja, (re)construindo essas duas realidades. Neste sentido, deslocar as reflexões para campos específicos da comunicação e da narrativa incute o risco de um afastamento demasiado do campo da tradução no qual esta proposta de tese se inscreve. As reflexões, no entanto, não ficam sem sustentação, visto que se recorre à questão do discurso jornalístico e aos elementos que categorizam a narrativa (temas, personagens, tempo, etc.) para entrelaçar os títulos e construir os textos.

Curiosamente, apesar da importância de atrair o leitor, o título raramente é mencionado quando se fala em técnicas de redação. Basta pesquisar em sites, por exemplo, que tratam sobre a estrutura redacional da notícia ou simplesmente do texto narrativo. Uma possível explicação para esse desinteresse pode estar relacionado ao fato de que o título se origina do lide, justificando o interesse e cuidado com esta estrutura. Por outro lado, antes do lide o leitor recorre primeiramente ao título para decidir se irá ou

⁷²Os trabalhos aos quais nos referimos dizem respeito aos anais do III Encontro do SBPJor⁷² realizado em 2005 na UFSC. RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa (Tomos: 1, 2 e 3). Campinas: São Paulo, Papirus.

não ler a matéria. Dessa lógica podemos deduzir que, se as antigas etiquetas dos papiros marcavam o início e o final dos textos, os títulos podem construir narrativas diacrônicas especialmente se representarem um fato recorrente na imprensa como o são os atentados terroristas até o momento.

Logo, pensar o jornalismo como narrativa exige retomar a discussão sobre o discurso jornalístico (linguagem jornalística + princípios epistemológicos + mecanismos de construção do real e de sentido), cuja estrutura é predominantemente narrativa e nem sempre previsível como a tríade (linearmente idealizada) emissor-mensagem-receptor⁷³. Isto se deve a dois fatores: primeiro, a narrativa implica geralmente a análise de textos lineares, característica inexistente no ambiente online o qual pressupõe ainda uma interatividade que não faz parte das narrativas tradicionais, ou seja, a possibilidade de o leitor acessar links textuais, e-mails, sugestões, críticas ou até mesmo alterar informações pertinentes ao relato. Segundo, a imprevisibilidade também está condicionada ao fato relatado, cujo desfecho pode não seguir o enredo sequencial de uma narrativa tradicional (trama, clímax, desfecho). Porém, independente da não correspondência aos moldes da narrativa tradicional, o jornalismo confere sentido (narra) ao que está disperso socialmente (fatos, informações) construindo uma realidade simbólica (relato) sempre mediada pela linguagem (SOARES, 2005, p.3; 2009, p.43). Isso implica poder pensar também a tradução como discurso (MITTMANN, 1999) considerando-se, neste caso, as escolhas e decisões do tradutor no processo de re-textualização e construção de sentidos, subordinado à linguagem do TF e a princípios éticos da tradução de modo a não descaracterizar o texto a ser traduzido quanto às intenções do autor.

De acordo com Ferrari e Sodré (1986, p.11) narrativa “é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”. Deslocando, portanto, a narrativa para a dimensão do discurso jornalístico pensa-se também nos elementos empregados para legitimar os fatos, a verdade e o próprio discurso, tais como o léxico empregado (RAJAGOPALAN, 2003), as regras existentes na linguagem jornalística e na elaboração dos títulos ou ainda na estratégia de repetição das designações ou inserção de cortes no real conforme Gomes (2000). Estes elementos legitimadores fazem com que o leitor subentenda que o real é o próprio fato relatado, articulado de tal maneira a atuar diretamente no imaginário desse leitor e produzir efeitos de informação e significação que permitem designar, inclusive, mas

⁷³ A ordem emissor-mensagem-receptor, no processo de comunicação e de transmissão da mensagem, é um percurso idealizado, visto que existem inúmeras variáveis atuantes entre estes agentes, conforme os modelos de Nord e Esser. Esse processo não é linear.

modalidades retóricas empregadas pelos jornais, como é o caso da FSP e do NYT. O que se (re)constrói na narrativa jornalística, portanto, não é o fato em si, inapreensível em sua gênese, mas uma realidade que almeja alcançar o status de real (fato noticioso), logo, "cada realidade se funda e se define a partir de um discurso (...) a realidade é o discurso" (SOARES, 2005, p.4) e, portanto, uma narrativa, uma tradução, uma leitura entre tantas possíveis.

Segundo Soares (2005; 2009) não existe, nesse sentido, uma realidade pré-discursiva⁷⁴, visto que ela existe somente no instante em que o discurso é articulado para relatar um acontecimento, sendo a realidade então uma realidade discursiva. O real é apenas um todo simbólico, fazendo do jornalismo o que Gans (1980) chama de "arena simbólica da realidade", isto é, um espaço de confronto no qual o real se manifesta na e pela linguagem articulada como discurso, ou seja, como narrativa. Isso significa que as reportagens que recebemos são, segundo Gomes (2000), apenas um efeito (sensação) de real que, na perspectiva de Zipser (2002) corresponde às diversas leituras/representações/traduições que podemos realizar a partir de um mesmo fato. Em outras palavras, do acontecimento até a reportagem final (impressa ou online) existem várias instâncias reguladoras do universo jornalístico (social, estrutural, subjetiva, organizacional) e que atuam sobre o relato – narrativa/tradução – a fim de que seja aceito como verdade, isto é, como testemunho do real ou um lugar de conforto, visto da perspectiva jornalística, que engendra o discurso. Se esse discurso age no imaginário do leitor e é aceito por ele como algo ‘real’, então é mais fácil alcançar legitimidade e credibilidade.

É nesse sentido que Soares (2005; 2009), Lage (2001) e Silva (2002; 2005) enfatizam o jornalismo não apenas como técnica de reprodução de mensagens, mas principalmente como articulador e construtor de realidades discursivas, cujo material advém da ‘arena simbólica’ de Gans, da mesma forma que permite Zipser (2002) afirmar que o jornalista é, por essa razão, um tradutor de fatos e a tradução a sua representação:

Não que os acontecimentos não existam enquanto eventos que tiveram um tempo e um lugar determinados. Mas só passam a ser vistos como realidade por meio de construções narrativas operadas na e pela linguagem. Ao jornalismo caberia este papel de, operando simbolicamente, ordenar pedaços de acontecimentos, transformando-os em realidades

⁷⁴Soares (2005) aproxima-se das considerações de Kristeva (1974); porém, insistimos no fato de a linguagem constituir história. Para saber mais, ver: Desenvolvimento do Discurso Narrativo de Maria Cecília Perroni. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

discursivas. Ao fazê-lo, apresenta sempre uma versão - um fragmento - daquilo que aconteceu e, acontecido, começou a desaparecer (SOARES, 2005, p.8).

Mediando, portanto, o mundo real e a realidade discursiva, a narratividade é concretizada através da linguagem que, sendo jornalística, faz desta prática uma produção discursiva ou uma estrutura predominantemente narrativa que resulta não mais na simples mediação entre atos e sujeitos leitores, mas principalmente na articulação discursiva fundante das relações sociais, de acordo com Soares (2005, p.8). Em outras palavras, o discurso é a estratégia maior de legitimação e aceitação do jornal no imaginário do leitor. De forma semelhante, o processo tradutório também se constitui como estratégia discursiva a partir dos elementos sistematizados por Nord (1991), pois é da sua articulação em razão de um leitor prospectivo que o texto é construído de modo a alcançar os efeitos de sentido pretendidos pelo autor. Nesse sentido, a narratividade jornalística constrói o real articulando-o dentro de um sistema específico que envolve as esferas mencionadas por Esser (1998) e a representação cultural no campo tradutológico (ZIPSER, 2002). Tal argumento é corroborado por Marcuschi (2005, p.140) ao afirmar que "as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros"; logo "o mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo ou de uma ação discursiva" e ainda por Mittmann (1999) que destaca o caráter transformador e produtivo da tradução ao gerar novos sentidos e interpretações para um mesmo texto.

Com efeito, é possível dentro da arena simbólica fazer uso de marcas culturais (ZIPSER, 2002) para narrar o fato e construir realidades específicas em contextos distintos. A questão é se os títulos, dentro da rapidez do noticiário online, são capazes de empregar tais marcas dentro de um espaço físico e semântico delimitado, visto que a sua expressividade costuma ser mais direta e objetiva⁷⁵ pela própria dinâmica de edição das notícias. Portanto, o mundo criado pela linguagem é um construto do real, está no lugar do real, colocando em jogo não a mensagem em si, mas o status de verdade da mensagem e do próprio real, traduzido no modo como empregamos a linguagem (delimitada pelos princípios epistemológicos do jornalismo e também pela normalização do seu discurso) para referir o mundo.

⁷⁵Esta é uma constatação empírica, porém possível de ser afirmada através da leitura do *corpus*. Percebe-se bem menos expressividade na titulação online dos jornais pesquisados do que nas suas respectivas versões impressas.

É essa realidade discursiva, articulada como narrativa através dos títulos, que buscamos ilustrar através desta pesquisa. Enquanto enunciados carregados de intencionalidade, visto que traduzem o posicionamento dos veículos midiáticos, os títulos (a exemplo da narrativa que representam) configuram eles mesmos uma arena simbólica do discurso no sentido de que são os primeiros a representar o real, delimitando o assunto principal da notícia, traduzindo o fato.

Dessa maneira, se o texto narrativo é aquele que dá conta do desenvolvimento de uma ação e das movimentações e atos das personagens, tem-se um forte indício de que os títulos podem agregar esta função através do emprego de determinados tempos verbais e da recorrência a pessoas e emprego de itens lexicais que denotam essas ações. Outro fator importante é o fato de que ao ser deslocada para o campo do discurso, a narrativa faz uso de princípios epistemológicos que remetem as esferas organizadas por Esser (1998) e que delimitam a identidade do jornalismo em cada país. Isto significa dizer que, ao narrar o fato o jornalista (assim como o tradutor) inevitavelmente, deixa no relato a sua interpretação do acontecimento de forma mais ou menos explícita. Presume-se, portanto, que os títulos podem constituir essa narratividade paralela ao relato do corpo da notícia, lembrando que grosso modo o texto em si não existe sem o título, mas o título pode existir sem o texto, isto é, não se produz o relato para ser veiculado sem uma chamada que atraia a atenção do leitor, o que não significa que o leitor de fato leia a reportagem mesmo depois de ter acessado o título correspondente.

Voltando a estrutura do texto narrativo, observa-se que não existe menção à titulação, mesmo sendo tão importante e atraente para o leitor. É lógico que a titulação literária, pensando-se na narrativa tradicional, exerce funções distintas da jornalística; porém, é possível empregar a metáfora do tear para ambas. Quando se começa a tecer um tapete, todos os fios estão disponíveis para o tecelão que, ao utilizá-los de maneira apropriada, é capaz de dar vida à trama intencionada; caso contrário, os fios se soltam e não configuram o desenho. A estrutura narrativa tradicional segue o mesmo esquema do tear, porém as imprevisibilidades das quais falamos na narrativa jornalística podem não permitir que essa estrutura seja fielmente seguida pelo simples fato de a narrativa não constituir privilégio da ficção somente. O desdobramento das perguntas do lide clássico — o quê aconteceu (enredo), quando? (tempo), onde? (espaço), com quem? (personagens), como? (trama, clímax, desenlace) — constituem uma narrativa não mais ficcional, mas condicionada a factualidade e pelo ritmo do desdobramento diacrônico da notícia. E, como o título se origina a partir de um lide bem elaborado,

pressupõe-se que seja capaz de engendrar também ele [o título] a sequência narrativa dos acontecimentos pós “11 de Setembro” neste caso.

4.4 NARRATIVA DIGITAL – TEMPO, ESPAÇO E MEMÓRIA COLETIVA

Um fator importante na estrutura narrativa (MOHERDAUI, 2007, p.234; NORD, 1990, p.155) é o tempo que pode ser cronológico ou psicológico, no caso da existência de um intervalo entre as ações. Aliado ao tempo deve-se considerar o espaço para que o leitor possa localizar a ação e imaginá-la com maior facilidade. Ambos são considerados ainda como fatores culturais na tradução funcionalista por delimitarem o ato comunicativo numa cultura (lugar) e num momento específico (tempo). Além disso, constituem elementos importantes o enredo, isto é, o acontecimento e o que está sendo narrado a partir dele e os personagens que participaram deste acontecimento citadas pelo narrador em primeira ou terceira pessoa. A questão é como estes elementos são empregados no espaço reduzido de um título e como aparecem diacronicamente na (re)construção da narrativa proposta. O fator tempo no jornalismo online fica bastante evidente pela dimensão “em tempo real” da notícia marcada no texto pela hora de postagem. Por ser o título um enunciado único e condensado, presumimos que deva conter pelo menos duas informações recorrentes: “quem” e “o que” elementos essenciais para a narrativa e para sustentar o interesse do leitor. Mais uma vez o jornalista (no papel do repórter ou mesmo do redator) atua como uma ponte diminuindo a distância entre o leitor e o fato cuja narrativa em primeira ou terceira pessoa deve assegurar o efeito de real, ou seja, a imparcialidade, neutralidade e objetividade – caso contrário não constitui, em essência, uma narratividade predominantemente jornalística.

Segundo Lage (2001, p.73) textos de estruturas narrativas se organizam a partir de sequências de acontecimentos relacionados entre si temporalmente de forma sucessiva, simultânea ou através de relações de antecedência. Paralelamente a esta estrutura, se organizam outras informações pertinentes a tudo o que age na história de forma implícita ou marcada no núcleo narrativo. Este conjunto de fatores ajuda a manter o interesse ou a eficiência da leitura. Lage (2001, p.80) reforça ainda que “para a notícia, no nível do discurso, tem importância particular as funções que fornecem o efeito de real, isto é, dados que, embora não significativos para a história (...) afiançam a validade do testemunho” e determinam, a nosso ver, o que o autor chama de “perspectiva da narração”. Todos esses critérios ficam evidenciados no texto, mas e o que

dizer dos títulos que condensam a informação? Na literatura jornalística não existem dados referentes à titulação enquanto narrativa/tradução de fatos, ou seja, pressupõe-se que os títulos, por sua condensação excessiva em espaços limitados e pela função de atrair rapidamente o leitor, não são capazes (aparentemente) de narrar/traduzir um acontecimento.

Conforme mencionado anteriormente, narrar consiste basicamente na organização de uma sequência de fatos na qual personagens se deslocam e se movimentam num determinado espaço e tempo. Sendo assim, os elementos comuns da narrativa (foco narrativo, enredo, personagens, espaço e tempo) se distribuem na apresentação (o lide), na complicação ou desenvolvimento (contextualização do fato), no clímax (momento intenso no desenrolar do fato) e no desfecho (resultado), aproximando-se da narratividade (o modo de ser da narração) no relato de fatos não fictícios. O que se pretende demonstrar é que a sucessão dos títulos sobre o mundo pós “11 de Setembro” é capaz de projetar um novo texto que contempla dois pontos chave: uma sucessão de acontecimentos e a integração destes na unidade de uma ação comum. Nesse sentido, o jornalismo converte-se num espaço privilegiado de linguagem pela capacidade já constatada de traduzir fatos e também de narrá-los. Por essa razão, convém esclarecer que não se trata de compreender o jornalismo como um gênero literário, mas como um agente legitimador da história propriamente dita. Concordamos com Lage (2001), entretanto, no sentido de que o jornalismo é a arte da inteligência ao incluir no relato dos fatos elementos da literatura, neste caso, da narrativa, para ordenar e construir o efeito de real.

Considerando ainda a narrativa, é importante distinguir ‘título’, ‘tema’, ‘assunto’ e ‘mensagem’: *tema* é a idéia central em torno da qual a história se desenvolve (os atentados); *assunto* é a concretização do tema e dos fatos que possam decorrer dele (em Nova York), enquanto a *mensagem* (vai haver uma retaliação norte-americana) é uma espécie de conclusão ou o que se pode depreender do tema e o *título* atua como resumo do assunto, gerando temáticas e mensagens diversas. (GANCHO, 2002, p.30; SOUZA, 2006)⁷⁶. Segundo Sousa (2004) e conforme mencionado no Capítulo 2, o tema exerce uma relação de respeito entre o discurso e o jornalismo e o seu enquadramento do real; portanto, temas e subtemas e sua forma de abordagem definem os enquadramentos dos discursos podendo conduzi-los à representação cultural do fato noticioso. Este é o caso dos temas presentes na FSP e NYT que, referente às análises, tem focos distintos entre si.

⁷⁶É importante ressaltar que em narrativas tradicionais o título não tem a função de identificar o tema ou o assunto. No jornalismo, entretanto, sua função é justamente a de resumir o assunto principal para o leitor, ou seja, o conteúdo da reportagem tendo em vista a função maior do jornalismo: informar o leitor.

Moherdau (2007) comenta que a partir da instituição do jornalismo online, as novas formas de editar as notícias e os novos recursos multimídia favoreceram um novo planejamento da redação jornalística, cujo desafio era organizar e apresentar o conteúdo de uma forma diferente e mais atraente. Devido aos recursos infundáveis da rede, a notícia passa a ser bem mais contextualizada do que quando veiculada pelos jornais impressos, possibilitando ao leitor explorar relações com o passado através de *links* ou consulta a banco de dados, por exemplo, como a realizada para a coleta do corpus desta pesquisa.

Essa nova relação amplia a capacidade de relatar os fatos criando narrativas multiformes ou multisequenciais nos textos através dos vários recursos da rede para expandi-lo. Como o jornal online não tem a mesma periodicidade do jornal impresso, sua dinâmica é marcada pelos fatos que merecem ser noticiados – sem restrições de tempo ou espaço. Surgem, então, o que Moherdau chama de narrativas digitais (ibid, p. 148), ou seja, relatos em constante atualização e continuidade, conduzindo-nos a proposta desta tese – o desdobramento do fato noticioso. Esta nova narrativa, mais contínua, encontra no conjunto de textos formados pelos títulos uma nova forma de expansão para o fato-fonte, descentralizando-o do seu referente à medida que dele se afasta. Isto nos remete à imagem da ondulatória na Física, isto é, as ondas que se expandem na superfície da água quando algum objeto ou mesmo um pingo de água (o “11 de Setembro”) cai sobre ela. Essas ondas (os desmembramentos dos atentados) então oscilam no espaço (os contextos analisados), de forma periódica (com intervalos regulares) no tempo. Esta periodicidade é medida, por sua vez, pela frequência da onda a partir do seu centro, do seu referente, como ocorre com os títulos que se assemelham a estas ondas. Desta maneira, tornamos esta proposta de tese um dado real, concreto a exemplo de uma ondulatória, conforme a figura 4.3 a seguir:

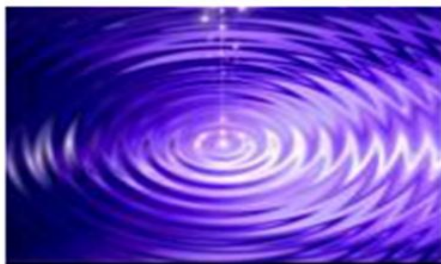


Figura. 4.3 Ondulatória
Fonte: Google (2010)

Segundo Moherdau (ibid., p. 235) o tempo do usuário é sempre o tempo presente ou o local de acesso ao site ou ainda, nas palavras de Santos (apud MOHERDAUI, p. 235) é o (trans)curso, a sucessão de eventos e sua trama, ao longo dos oito anos em questão. O tempo dentro dessa narrativa digital é, assim, construído socialmente, isto é, instituído de forma específica para cada usuário (leitor) dentro do contexto no qual está inserido, somado aos efeitos de longo alcance gerados pelo contexto digital, como a possibilidade de voltar ao referente através de links textuais, fotos, infográficos, etc. Moherdau (ibid., p.240) nos mostra, a partir destas reflexões, que o jornalismo digital está dividido em cinco categorias de tempo, a saber: i) tempo do acontecimento do fato; ii) da sua produção (análise e reação em relação ao fato ocorrido), iii) distribuição; iv) circulação e, v) da leitura do usuário. O tempo da circulação das informações veiculadas pelos títulos é, de fato, atemporal dentro do fluxo de informações (discursos) que circulam na rede sendo, portanto, o leitor quem lhe atribui uma cronologia social capaz de torná-los atuais ou não. Isto porque o fluxo de informação não anula a existência do lugar, do espaço geográfico no qual a notícia circula (2001 a 2009) e no qual o fato é gerado (Estados Unidos, NY). O tempo é, dessa maneira, simultâneo ao fato e atemporal, podendo ser resgatado sempre que o usuário-leitor desejar. Este é o tempo da leitura, diferente do tempo de produção e circulação do conteúdo.

A produção e circulação tem certa ordem cronológica, mas o ato da leitura não. Em se tratando do texto da notícia, esse é o tempo da interpretação de cada grupo social, de cada leitor individualmente. E é justamente a necessidade de interpretar e compreender que acaba gerando outros textos com mais detalhes que complementam aquele publicado anteriormente, o mesmo ocorrendo com os títulos conforme se observa no *corpus*. Em determinados momentos é possível perceber repetições, atualizações de hora, de local, de números, de fala, sempre complementando e/ou corrigindo informações anteriormente publicadas.

Por fim, existe ainda uma última característica do jornalismo online decorrente dessa relação do usuário-leitor com o tempo digital - a memória - parte da produção do conteúdo para a web e acionada durante a leitura para que haja a compreensão e a construção de significados. No jornalismo online, a memória existe pelo acúmulo de informações pelo usuário-leitor: “na *web*, a memória torna-se coletiva por meio do processo de hiperligações entre os diversos nós que compõe o relato da notícia” (MOHERDAUI, 2007, p.133). No caso da reconstituição da narrativa do “11 de Setembro” através dos títulos, a memória é atemporal, não se apaga, apenas se dilui a medida que o fato-fonte se afasta do seu referente ou a medida que os fatos se acumulam sempre adicionando novas informações. Através da nova estrutura narrativa criada pelo conjunto de títulos, a memória torna-se, até mesmo, desnecessária,

visto que é automaticamente reaccessada, reavivada não através de esquemas cognitivos, mas de *links*, dos bancos de dados dos jornais online, dos recursos de expansão para o relato dos fatos. Quando saturada, é então desligada junto com o computador ou quando o site é fechado ou redirecionado para outro portal.

No capítulo a seguir sobre a metodologia, retomamos alguns aspectos referentes à delimitação da proposta relativos à narratividade, a terminologia empregada nesta proposta, bem como a seleção e construção do corpus de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Voltado ao universo jornalístico, este capítulo concluiu a argumentação teórica explicando sobre a origem e função dos títulos, sobre uma perspectiva funcionalista para a tradução, e tecendo relações entre os títulos e o modo de narrar do jornalismo que tece o novo texto, isto é, a nova tradução para os fatos que se seguiram ao “11 de Setembro” no mundo.

Das considerações feitas nos primeiros itens, percebe-se a unanimidade da literatura jornalística quanto ao fato de os títulos terem por regra atrair e despertar a atenção do leitor para a reportagem como as etiquetas dos papiros. Nesse sentido, os títulos são peça chave para agir sobre o enunciatório, corroborando o fato de serem enunciações e estarem carregados de intencionalidades. Com efeito, três das funções da linguagem são inerentes a qualquer título: apelativa; referencial e conativa a fim de alcançar a sua função maior que é anunciar, divulgar e vender a notícia como um assunto relevante para ser lido. São estas características – resumo da notícia, intencionalidade, funções – que fornecem indícios de que os títulos podem agregar ainda a função de narrar fatos quando dispostos em conjunto como capítulos de uma narrativa. O título se resume assim, conforme Fontcuberta na “presença duradoura de fatos em transformação (...) o dom do título está em por as pessoas a falar de um fato mesmo antes deterem lido toda a informação que o relata” (FONTCUBERTA, 2002, p.100).

Para isso propõe-se deslocar a força sintetizadora dos títulos para o campo do discurso que, num âmbito maior, detem uma estrutura predominantemente narrativa constituída da linguagem jornalística vinculada aos princípios gerais que regem a imprensa e aos mecanismos do discurso para construir o efeito de real sobre o leitor. Nesse sentido, mesmo não sendo uma narrativa literária ficcional, a narrativa como discurso acaba tornando-se, em alguma medida, também fictícia, visto que é capaz de construir diversos

enfoques sobre um mesmo fato; voltando ao primeiro capítulo tem-se aí a linguagem como construto do real.

Assim articulada como discurso, a narrativa ainda se expõe a questões de tempo (atemporal no jornalismo online); memória (sempre coletiva e passível de ser reaccessada através dos bancos de dados dos jornais interativos) e espaço (o contexto, que se desloca no tempo e adquire sentido somente quando consideradas as condições de produção do discurso). Para efeitos desta nova tradução, o espaço é certamente a característica mais complexa quando se considera que, no ambiente online, a notícia postada minutos atrás já é obsoleta. A instantaneidade é premente. Por esta razão, estes fatores influenciaram diretamente a tradução no sentido de que, em alguns momentos, foi necessário contextualizar o espaço para reavivar a memória do leitor e, assim, ‘atualizar’ os eventos como relatos jornalísticos. Nesse sentido, é possível inscrever também a tradução no nível do discurso, visto que essas contextualizações representam apenas uma das inúmeras possibilidades de articular e narrar os eventos. Sendo assim, acredita-se que a ação de narrar foi condizente com a prática tanto do jornalista, que apura os fatos para relatar todo o seu enredo, quanto do tradutor que, independente da vertente teórica na qual esteja atrelado, sempre age como pesquisador, investigando o contexto de produção do TF para só então proceder sua tarefa de tradução.

Finalizando, portanto, a argumentação teórica, explicitamos a seguir a metodologia desenvolvida para o trabalho.

CAPÍTULO 5 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve a metodologia que caracteriza a pesquisa e também a forma de seleção e construção do *corpus* de análise, levando em consideração a interface tradução-jornalismo, a caracterização dos títulos, além de elementos do texto narrativo.

Os procedimentos são orientados no sentido da comprovação da hipótese de que os títulos coletados nos jornais online NYT e FSP representam culturalmente não apenas o “11 de Setembro”, como também o mundo pós “11 de Setembro” através da análise de elementos lexicais empregados na sua elaboração, elementos estes reveladores de um foco e angulações específicos aos dois contextos, brasileiro e norte-americano. Além disso, conduzimos os procedimentos de coleta, seleção e análise da titulação no sentido de testar a comprovação da segunda hipótese a qual pressupõe a capacidade narrativa dos títulos, isto é, a narração de uma história paralela àquela das notícias que representam considerando a maneira de serem elaborados: a partir de elementos do lide, cujas perguntas são de teor narrativo, que resumem o teor centra da notícia.

Outro aspecto refere-se a uma questão de ordem terminológica. Como empregamos alguns termos que, em áreas distintas ou mesmo dentro de uma grande área, são controversos, tecemos alguns esclarecimentos necessários destes termos no contexto desta proposta.

Partimos assim dos resultados de uma dissertação de mestrado defendida pela autora em 2005 sobre o deslocamento de enfoque em textos das revistas *Veja* e *TIME* sobre o “11 de Setembro” para a consolidação da interface tradução-jornalismo enquanto linha de pesquisa e dos trabalhos da autora iniciados com a dissertação, possibilitando sugerir novas pesquisas e propor novos tópicos para análise e reflexão dentro dos estudos tradutórios.

5.1 DA CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Uma metodologia não é apenas um rol de procedimentos lançados pelo pesquisador para resolver problemas específicos, mas também a descrição de quadros teóricos capazes de sustentar uma visão específica sobre um determinado objeto de pesquisa. Portanto, descreve-se a seguir a classificação da pesquisa, bem como os quadros teóricos adotados. Não os explicitamos, porém, em razão de já terem sido comentados nos capítulos precedentes.

Conforme caracterizado na introdução desta proposta, Silva e Menezes (2005) classificam as pesquisas de quatro maneiras: quanto aos procedimentos adotados, natureza, forma de abordagem e objetivos.

Seguindo a classificação sugerida pelos autores (ibid.) esta proposta se caracteriza por uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de materiais já publicados especialmente livros e periódicos e de levantamento no que se refere à pesquisa informal aplicada ao público da internet sobre a influência dos títulos na seleção de matérias jornalísticas no que diz respeito aos **procedimentos metodológicos**. O material bibliográfico abrange livros, artigos, manuais de redação, teses e dissertações correlatas das áreas da linguística, tradução e jornalismo, além da consulta a sites da internet. Simultaneamente à pesquisa bibliográfica, foi realizada uma enquete online, sem caráter científico e que se encontra nos anexos ao final do trabalho, para comprovar as afirmações da literatura em relação ao fato de que os leitores são influenciados na escolha das reportagens através dos títulos e também sobre o fato de que muitos só leem os títulos.

Quanto à sua **natureza**, a pesquisa se caracteriza como aplicada considerando não só o levantamento do *corpus* como também o questionamento, mesmo em caráter informal, dos leitores de sites jornalísticos online e em relação à sua **forma de abordagem** a pesquisa qualifica-se como quantitativa em razão da análise estatística dos dados referentes ao *corpus* e também qualitativa, no sentido de que busca atribuir significados aos dados coletados e visa à interpretação dos títulos pesquisados. Já do ponto de vista de seus **objetivos**, a pesquisa configura-se como exploratória no sentido que trabalha com hipóteses, levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas relacionadas ao tema.

Os quadros teóricos que sustentam os argumentos propostos são os seguintes, a saber: o funcionalismo para os estudos da tradução, especificamente a sistematização de análise textual proposta por Christiane Nord (1991) e a teoria da representação cultural por Zipser (2002); a sistematização de Frank Esser (1998) para o *modus operandi* do jornalismo que lhe confere uma identidade particular em contextos culturais distintos e a teoria dialógica de Bakhtin (1992; 2000) que caracteriza os títulos como enunciação e prática social.

5.2 DA NATUREZA PRÁTICA DA PESQUISA

No que se refere a sua natureza prática, esta proposta apresenta o seguinte planejamento:

1. Levantamento bibliográfico acerca das concepções que integram a fundamentação teórica da tese: tradução como ato comunicativo (NORD,

- 1991); tradução como representação cultural de fatos noticiosos (ZIPSER, 2002); linguagem como enunciação e discurso (BAKHTIN, 2002), além de aspectos relacionados a narratividade jornalística e a elaboração e funcionalidade dos títulos na área jornalística;
2. Coleta simultânea do *corpus*, bem como o desenvolvimento de uma metodologia de seleção, organização e análise dos títulos coletados;
 3. Realização de enquete informal sobre jornalismo online, a fim de comprovar as afirmações da literatura sobre a funcionalidade dos títulos no campo dos estudos tradutórios e jornalísticos;
 4. Orientações e entrevistas junto a professores de linguística e jornalismo no sentido de solucionar dúvidas sobre a terminologia utilizada nesta proposta e propor caminhos para a pesquisa, bem como participação em grupo de estudos e pesquisa sobre jornalismo online, tradução e cultura na UFSC;
 5. Análise efetiva do *corpus*, redação das considerações finais e elaboração de propostas para trabalhos futuros que possam ser desenvolvidos a partir da perspectiva dessa proposta de tese.

5.3 DA COLETA, SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS* DE ESTUDO

Esta proposta de tese encontra em Roger Fowler (1991, p.224) um forte argumento de sustentação para a pesquisa. Em seu livro “*Language in the News*”, Fowler propõe como orientação para uma análise crítica das notícias, pesquisas que privilegiem o estudo de estruturas verbais e narrativas em caráter interdisciplinar. Ressaltamos que os resultados da dissertação da autora descritos no Capítulo 3, dão conta da primeira sugestão de Fowler através do estudo sincrônico de reportagens sobre o “11 de Setembro” e da modalização presentes nos textos analisados. Da mesma forma, esta proposta de tese vem de encontro às sugestões do autor ao desdobrar as análises conduzidas na dissertação para o estudo, em caráter agora diacrônico, de uma narratividade jornalística presente nos títulos publicados em jornais online sobre o mesmo “11 de Setembro”. Segundo Fowler, atentar para uma dimensão diacrônica, cronológica e histórica, vai além do recorte do evento singular para dar conta de mudanças na representação [cultural] do fato e que incidem na sua repercussão e interpretação.

A recorrência ao tema “11 de Setembro” se justifica por diversas razões, a saber: i) é um momento de ruptura na história da humanidade em termos sociais, políticos e econômicos concretizando-se, assim, como um

evento de grande repercussão internacional até hoje motivo de muitos estudos em áreas da comunicação e afins; ii) responde a uma grande seleção de valores notícia tais como: inesperado, drama/tragédia, impacto, surpresa, conflito, proximidade; iii) antes daquela manhã de quarta feira não havia indícios de qualquer acontecimento semelhante. Foi somente após os primeiros instantes de divulgação das imagens televisionadas e dispersas que se pode transformar aquele fato em realidade (narratividade) discursiva; iv) o fato foi um marco para a mídia online (FERRARI, 2008, p.19; 22), marcando sua cobertura na Web e corroborado inclusive por um dos títulos que integra o *corpus* da FSP, a saber: (184.) [Folha Online - Deutsche Welle - 11/09 foi acontecimento-chave para mídia online - 15/09/2006](#). Isto faz com que o “11 de Setembro” deixe de ser apenas uma data para se tornar um fato jornalístico com todas as características que lhe são peculiares para tanto.

Esta informação se confirma pelo próprio termo de busca empregado para coleta e seleção do *corpus*: “11 de Setembro” para a FSP e “9/11” para o NYT. A busca por “September 11th” no jornal norte-americano seria uma melhor, visto que é comparável a Folha Online; porém as tentativas de acesso ao banco de dados por este termo não trouxe resultados expressivos para análise. O termo de busca foi, então, mantido de forma distinta para os jornais⁷⁷ o que permitiu refinar a pesquisa por meio de dia/mês/ano. Esta escolha possibilitou delimitar a abrangência do *corpus* da seguinte maneira:

- de 11/09 a 31/12 para o ano de 2001 quando os fatos ocorreram e,
- de 01/09 a 31/12 para os anos subsequentes até 2009, pressupondo que as comemorações do aniversário do desabamento das torres repercutam desde o início do mês de setembro.

A decisão de estender a pesquisa até o dia 31/12 para todos os anos deve-se a possibilidade de melhor contextualização da sequência de acontecimentos noticiados pós “11 de Setembro”, o que permite tecer considerações acerca da representação cultural do fato nos contextos brasileiro e norte-americano e também sobre a sequência narrativa estabelecida pelo conjunto de títulos analisados.

Neste ponto cabe uma observação quanto ao mecanismo de busca dos sites. Ambos permitem que o usuário realize uma busca avançada com datação específica, isto é, de um ponto de partida para outro de chegada.

⁷⁷FSP: <http://search.folha.com.br/search?q=11%20de%20setembro&site=online> (mecanismo de busca)

NYT: <http://query.nytimes.com/search/alternate/query?query=9%2F11&st=fromcse> (mecanismo de busca)

Entretanto e, ao contrário da Folha Online, o NYT não oferece os resultados em ordem cronológica mensal, resultando em diversos acontecimentos misturados àqueles sobre o “11 de Setembro”, em meses diferentes, conforme a tabela 5.1:

Tabela 5.1 - Exemplos de títulos coletados para o *corpus*

NYT - 2003 Ausência de cronologia mensal	FSP - 2003 Cronologia mensal definida
1. TWO YEARS LATER: CEREMONIES: Another 9/11. And a Nation Mourns Again... followed, and on the enduring losses of 9/11. Somehow, yesterday was like Nov...honor the memory of those who died on 9/11. In all, 2,645 died at the twin...people board boats to New Jersey on 9/11. Yesterday he was cleaning the reflecting... September 12, 2003 - By JAMES BARRON - Front Page - 1729 words	1. Folha Online - Mundo - Sem trauma, os turistas retomam NY - 21/12/2003 ... metade dos entrevistados disse estar gastando mais em refeições agora do que no período anterior ao 11 de Setembro. O "Zagaz" ouviu 29 mil pessoas. "A cidade está florescendo..." http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ul94u66962.shtml
2. Foreigners' Rights In the Post-9/11 Era: A Matter of Justice Foreign countries have been detained by the government since 9/11 in connection with anti-terrorism measures. Only a handful...When they were stopping vans going into New York right after 9/11, it made sense to look for young Arab men of a certain age... October 4, 2003 - By DAPHNEVIATAR - Arts - 1500 words	2. Folha Online - Mundo - Fita atribuída a Bin Laden condena ação dos EUA no Iraque - 20/12/2003 ... Pentágono. Na gravação, Bin Laden cita os nomes dos 19 terroristas que realizaram os atentados de 11 de setembro de 2001 e faz uma homenagem à sua memória. O egípcio Al Zawahri ... http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ul94u66953.shtml
3. A Memorial That's True to 9/11 Like many people touched by 9/11, I'm still mourning the loss of a dear friend who worked on the...being buried along with it. We need to learn how to tell the story of 9/11. After all, a memorial should be more than a marker at a grave site... December 19, 2003 - By Eric Fischl - Opinion - 673 words	3. Folha Online - Mundo - Cresce ameaça de atos terroristas nos EUA de TV - 19/12/2003 ... contra Nova York" disse Michael O'Looney, porta-voz da polícia da cidade. Desde os atentados de 11 de setembro de 2001, o nível de ameaça terrorista para Nova York na escala ... http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ul94u66918.shtml

Fonte: Dados da Pesquisa (2010)

Mesmo a FSP, apesar de apresentar certa organização cronológica, o faz em ordem decrescente, exigindo atenção redobrada para reorganizar os títulos em uma sequência narrativa adequada.

5.4 PROCEDIMENTOS GERAIS DE ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*

A primeira etapa para delimitar o *corpus* de análise foi a coleta dos títulos nos bancos de dados dos jornais empregando os termos “11 de Setembro” para a FSP e “9/11” para o NYT. O termo “*September 11th*” para o

NYT (que seria paralelo à FSP) não trouxe os resultados esperados, apresentando poucos títulos em relação ao termo de busca “9/11”. Nesta etapa todos os títulos foram agrupados em arquivos datados por ano. Após a coleta destes dados, a segunda etapa foi uma leitura preliminar deste material com o objetivo de verificar a maneira como os jornais organizavam

os dados. No NYT os títulos são listados *at random*, ou seja, aleatoriamente sem nenhuma ordem cronológica mensal. Já na FSP esta ordem existe, mas de forma inversa, ou seja, os títulos são listados de 31 de dezembro para 01 de setembro de cada ano. Nesta etapa também foi definido como objeto de estudo os títulos publicados nas seções Mundo para a FSP e World para o NYT, em razão de ser esta a perspectiva adotada nessa proposta: narrar os desdobramentos gerados pelos eventos de 2001 a partir da ótica da FSP e do NYT e, a partir disso, buscar elementos que desencadeiem deslocamentos de enfoque e caracterizem as narrativas construídas como duas novas traduções, culturalmente representadas, para os eventos resumidos pelos títulos. Desta maneira, o vocábulo mundo apresenta nesta pesquisa duas perspectivas distintas, porém complementares: mundo como título de seção dos jornais pesquisados, isto é, parte do *corpus* de análise e mundo no qual vivemos. Exclui-se, portanto, desse contexto as repercussões do evento voltadas para dentro dos contextos brasileiro e norte-americano, ou seja, a perspectiva interna da FSP e do NYT. Os gráficos 5.1 e 5.2 a seguir ilustram uma comparação entre os títulos coletados na etapa 1 (anual - sem triagem) e na etapa 2 (triagem seções *World* e *Mundo*):

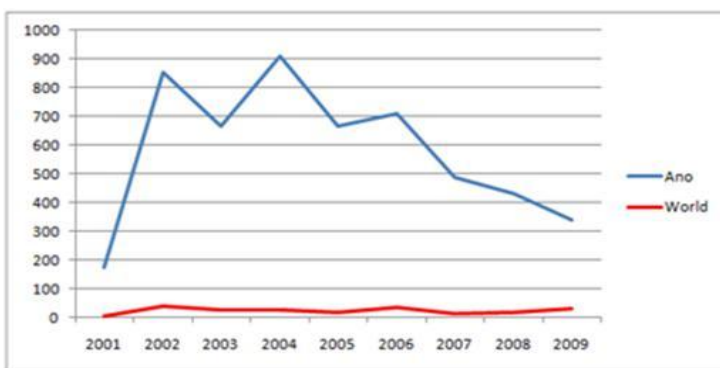


Gráfico 5.1: Comparativo entre títulos (Ano)
e seção *World* - NYT

Fonte: Dados da Pesquisa (2010)

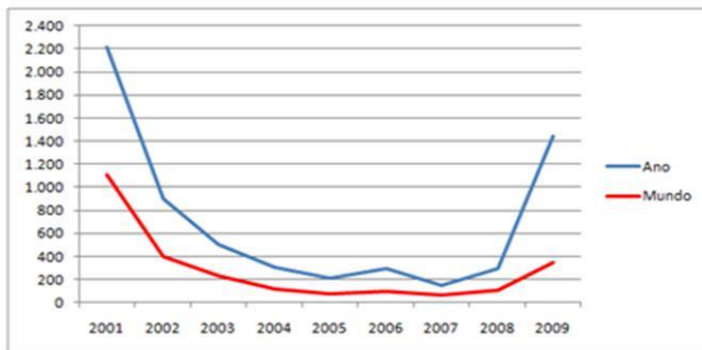


Gráfico 5.2: Comparativo entre títulos (Ano) e seção Mundo - FSP
 Fonte: Dados da Pesquisa (2010)

Esta seleção, no entanto, mostrava-se ainda bastante dispersa envolvendo títulos de assuntos outros publicados na data de 11 de setembro. Portanto, uma terceira etapa envolveu a triagem destes títulos das seções Mundo e *World* através da aplicação de uma rede semântica⁷⁸ desenvolvida na pesquisa de dissertação da autora, mencionada no Capítulo 3 e ampliada para esta proposta, de modo a contemplar eventos e personagens que perfazem a narrativa durante estes oito anos. A rede é composta de termos recorrentes ao fato, para ambos os jornais, a saber: bin Laden; Bush; guerra/war; Iraque/Iraq; Al Qaeda; atentados, ataques/attacks, terror, terrorismo/terrorism; terroristas/terrorists; CIA/FBI; EUA/US; torres gêmeas/ World Trade Center; Nova York/New York; Afeganistão/Afghanistan; Paquistão/Pakistan; Saddam Hussein; Obama e memorial (memorial), termo empregado no noticiário norte-americano como referência ao marco zero, local onde ficavam as torres. O objetivo desta triagem foi o de permitir, rapidamente, a identificação do título como relacionado ao fato. Os gráficos 5.3 e 5.4 ilustram uma comparação entre os títulos coletados na etapa 2 (triagem seções *World* e Mundo) e na etapa 3 (aplicação da rede semântica). Observe-se que tanto nos gráficos referentes às

⁷⁸Nord (1991, p.96) considera a rede semântica ou cadeia isotópica como sendo um conceito crucial para a análise da temática do texto e da função do léxico, itens contemplados na análise da tradução construída pelos títulos e também no que se refere aos elementos que caracterizam a narrativa. Ver item 6.10. Segundo Sobral (2009, p. 55) a rede semântica é uma rede de interlocução que permite ao sujeito (tradutor e jornalista) ocupar diferentes papéis segundo as situações de enunciação. É a rede semântica que caracteriza o discurso e tece os fios para que tenhamos textos. Consequentemente, a seleção das palavras orienta a recepção (leitura) através de sua carga valorativa projetada no texto e aceita pela coletividade.

etapas 1 e 2 e os próximos referentes as etapas 2 e 3 evidenciam um provável deslocamento de enfoque entre a maneira como o NYT e a FSP abordam os eventos que sucederam o “11 de Setembro” apontando um caminho de análise no qual temática, personagens, cenário, função e modalidade retórica podem comprovar direcionamentos culturais distintos e, conseqüentemente, confirmar o novo texto como uma tradução culturalmente marcada para os desdobramentos do evento de 2001.

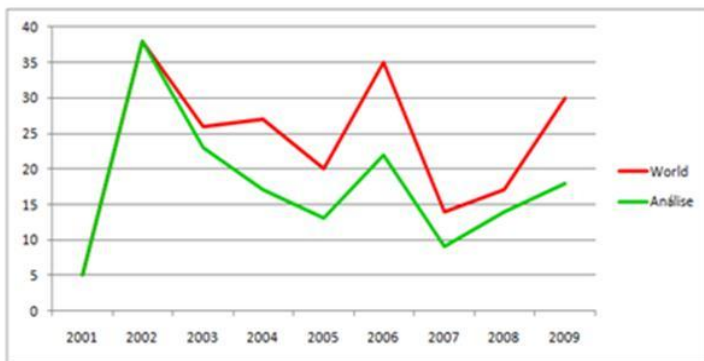


Gráfico 5.3: Comparativo entre títulos (*World*) e títulos efetivamente analisados - NYT
Fonte: Dados da Pesquisa (2010)

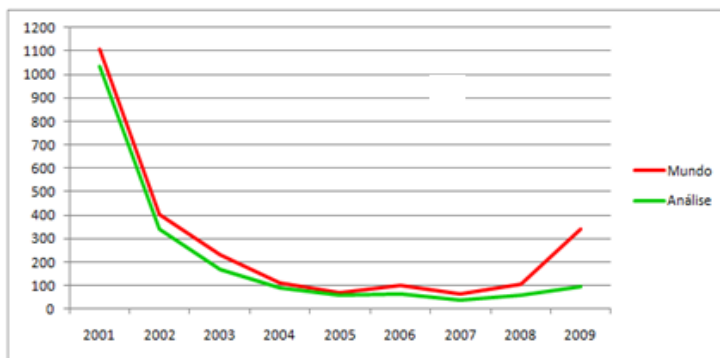


Gráfico 5.4: Comparativo entre títulos (Mundo) e títulos efetivamente analisados - FSP
Fonte: Dados da Pesquisa (2010)

Este procedimento permitiu, ainda, descartar títulos relacionados a outras notícias que ocorreram no ano vigente e na mesma data dos fatos, conforme a tabela 5.2:

Tabela 5.2: Exemplos de títulos descartados do corpus

NYT	FSP
<p>1. <u>FILM REVIEW: The Gentle Life of a Priest, Made Famous in Death</u> "Saint of 9/11" is a touching elegy for the Rev. Mychal Judge, the much-loved New...so enriched by so many beautiful souls, so much beauty." Saint of 9/11 Opens today in Manhattan. Directed by Glenn Holsten; director of photography... September 6, 2006 - By STEPHEN HOLDEN - Movias - 628 words</p>	<p>1. <u>Folha Online - Ilustrada - Dinamarquesa Maria Petersen leva bossa nova ao Theatro Municipal - 09/09/2003</u> ... VOCAL ARS NOVA Onde: Theatro Municipal de São Paulo (praça Ramos de Azevedo, s/nº, Centro) Quando: 11 de setembro, às 21h Quanto: de R\$ 5 a R\$ 30 Informações: 0/xxx/11/6846-6000 ... http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u36634.shtml</p>
<p>2. <u>CALENDAR</u> ...845) 437-7235. PURCHASE Performing Arts Center, Purchase College "Manisol," drama by Jose Rivera. Dec. 9, 11 and 13. \$12.50 and \$17.50. "Book of Days," drama by Lanford Wilson. Dec. 10 through 13. \$12.50 and November 30, 2008 - New York and Region - 2363 words</p>	<p>2. <u>Folha Online - BBC - Filha de Pinochet critica "demonização" do pai no Chile - 08/09/2003</u> ... Milhares de chilenos estão homenageando o ex-presidente socialista, que morreu durante o golpe de 11 de setembro de 1973. Fotos de Allende com seus tradicionais óculos de armação... anos, período durante o qual cerca de 3 mil pessoas desapareceram ou morreram. Normalmente, o dia 11 de setembro no Chile é marcado por manifestações e violência. Policiamento Este http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u23936.shtml</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2010)

Torna-se necessário esclarecer que o NYT compreende duas edições: a *US Edition*, voltada ao contexto norte-americano e a *Global Edition* que recebe o nome de *International Herald Tribune*, voltada ao contexto mundial. Na primeira, a seção *WORLD* engloba: África, Europa, Ásia-Pacífico, Américas e o Oriente Médio. Na segunda, a seção *WORLD* apresenta todas estas nações somadas aos Estados Unidos. Acreditamos que isso se deva ao fato de o *NYT-Global-Herald Tribune* ter por objetivo abranger leitores de outras nacionalidades ou, eventualmente, naturalizados norte-americanos. É curioso notar, porém, que as notícias coletadas são as mesmas para as duas edições, sendo que na edição global tem-se o acréscimo de algumas voltadas aos Estados Unidos (US). Como o contexto norte-americano não é incluído em nossas análises, pela perspectiva do NYT e, sendo as notícias da seção *World* as mesmas publicadas em ambas as edições, não existem incongruências quanto à seleção dos dados de análise. Sendo assim, a rede

semântica aplicada à seção Mundo e a seção *World* facilita a leitura da tabela 5.3 que mostra o total de títulos coletados por ano, o total de títulos publicados nestas duas seções e o total daqueles que foram efetivamente considerados para análise após a triagem da rede semântica.

Tabela 5.3: Total de títulos publicados e considerados para análise

NYT	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Total
Total de notícias publicadas no ano	175	855	667	912	666	711	490	431	341	5.248
Total de notícias selecionadas: seção <i>World</i>	5	38	26	27	20	35	14	17	30	212
Total de notícias consideradas para análise	5	38	23	17	13	22	9	14	18	159
FSP										
Total de notícias publicadas no ano	2.213	900	498	304	208	297	149	298	1.445	6.313
Total de notícias selecionadas: seção <i>Mundo</i>	1.110	403	233	113	70	101	65	106	342	2.542
Total de notícias consideradas para análise	1.034	340	170	91	60	62	40	60	96	1.953

Fonte: Dados da Pesquisa (2010)

Este recorte foi essencial para definir os títulos que poderiam, de fato, reconstituir a narrativa do “11 de Setembro”, reduzindo os mais de 11 mil títulos coletados no início para um número passível de análise, ou seja, 159 para o NYT e 1.953 para a FSP, perfazendo um total de: 2.112 títulos como objetos de estudo. Sendo assim, a quarta etapa refere-se à organização cronológica mensal destes títulos para a reconstrução da narrativa: na FSP nos orientamos por uma temática definida entre: Bush; EUA/guerra; WTC; bin Laden; Al Qaeda; “11 de Setembro”; Mundo (=outras nações); porém, no NYT o critério foi a data de publicação da notícia, visto que não existe uma temática definida para os títulos, provavelmente, devido a uma linha editorial, cujo interesse é apresentar dados bastante específicos sobre o evento.

A quinta e última etapa trata da reconstrução da narrativa dos títulos efetivamente considerados como *corpus* de estudo e da sua análise lexical. Convém ressaltar que não analisamos a narrativa seguindo modelos tradicionais da ficção (enredo, tempo, espaço, narrador, clímax, antagonistas,

protagonistas, tempo cronológico ou psicológico, etc.). O foco da pesquisa não é a análise da narrativa em si, o que implicaria supor que já existe uma, mas sim a proposição de construir uma (nova) narrativa para os títulos coletados. Neste sentido, tecemos comentários acerca de aspectos como: tempo, personagens e temas se estes se mostrarem relevantes como elementos que sustentem a perspectiva da tradução como representação cultural, atuando como filtros culturais no relato do fato noticioso. O mesmo vale para a análise lexical que considera: verbos, substantivos, adjetivos que auxiliem o leitor a detectar evidências deste deslocamento de enfoque, corroborando também a perspectiva distinta para as narrativas. Este último gráfico 5.5 ilustra um comparativo entre os títulos efetivamente analisados para o NYT e a FSP:

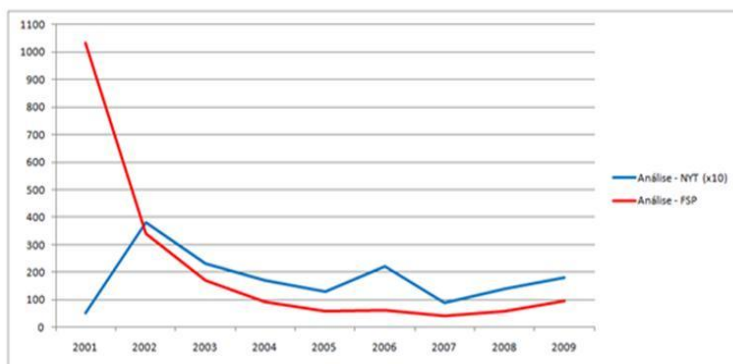


Gráfico 5.5: Comparativo entre títulos efetivamente analisados NYT e FSP
Fonte: Dados da Pesquisa (2010)

Observe-se a ênfase diferenciada conferida aos fatos pelos jornais. Em azul, o NYT começa com poucos títulos aumentando nos anos de 2002; 2006 e 2009 o que se mostra oposto a ênfase dada pela FSP com picos em 2001; 2006 e 2009. Embora distintos, o comportamento dos jornais confirma a imagem da ondulatória mostrada no capítulo anterior em relação a constância dos eventos no tempo e a sua oscilação no espaço.

5.5 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* consiste de um total de 11.561 títulos (6.313 para a FSP e 5.248 para o NYT, num primeiro momento) coletados de setembro a

dezembro para os anos de 2001 a 2009, perfazendo a reconstituição do mundo pós “11 de Setembro” durante 8 anos, primeira década do século 21. Deste total, e seguindo os procedimentos de análise descritos acima, chegou-se ao número final de títulos constituintes do *corpus*, publicados na seção *Mundo/World* e apresentados na tabela 5.3 acima, isto é, 2.112.

Estes refinamentos foram necessários visando conduzir a análise de forma mais objetiva sem descaracterizar, em momento algum, a proposta e os objetivos da pesquisa. Tais procedimentos são ainda corroborados pela afirmação de Dominique Maingueneau (1989, p.18) de que não existe, para o pesquisador, uma razão determinante para se estudar um fenômeno em detrimento do outro, nem tampouco a obrigação de recorrer a um determinado procedimento ao invés de a qualquer outro. Sendo assim, uma vez delimitados os contornos desta proposta, o capítulo a seguir analisa e comenta o *corpus*. O foco é a articulação de uma sequencialidade narrativa para os títulos que evidencie um deslocamento de enfoque e configure os textos tecidos como duas novas traduções, culturalmente representadas, dos eventos desencadeados a partir de 2001. Essas duas novas traduções são articuladas a seguir.

CAPÍTULO 6 – TECENDO FIOS, CONSTRUINDO (NOVOS) TEXTOS

Mais grave do que não ler é não saber contar histórias. (Mia Couto - escritor moçambicano¹)

“Folha Online - Mundo - Paul Auster: [E assim começa o século 21 - 16/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29263.shtml) (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29263.shtml>)”.

Com este título da Folha iniciamos o capítulo de análise do *corpus*, considerando a seção Mundo e World da Folha Online e do *Times.com*, respectivamente. A análise está organizada por ano e considera ambos os jornais paralelamente no sentido de tecer a narrativa dos desdobramentos pós-ataques e buscar elementos lexicais que auxiliem a comprovação de um deslocamento de enfoque no *corpus*. Ao final apresenta-se considerações acerca de elementos relevantes do novo texto. Ressalta-se ainda que as traduções sugeridas para os títulos do NYT dependem do contexto em que ocorrem sendo, portanto, apenas uma opção de tradução e não um modelo fixo e que a designação dos eventos como ‘ataques’ e/ou ‘ataques’ segue aquela empregada pela mídia e aceita pelos leitores desde 2001, não cabendo aqui criar nenhuma outra, mas apenas chamar a atenção do leitor que é levado a confundir designação por termo referencial; opinião com fato.

6.1 O ano de 2001: uma manhã que marcou a história do mundo

O ano de 2001 entrou para a história no dia 11 de setembro às 08:46 da manhã quando o voo 11 da companhia aérea americana a *American Airlines* bateu contra a torre norte do World Trade Center. Em seguida, às 9:03, o voo 175 da *United Airlines* atingiu a torre sul. As 9:37, outro voo da *American Airlines*, o 77, atingiu o Pentágono e um quarto avião, o voo 93 da *United*, cujo alvo era a Casa Branca, caiu próximo a Shanksville, na Pennsylvania às 10:03, depois que os passageiros entraram em luta com os terroristas e conseguiram desviar o avião do seu primeiro alvo.

Esta série de ataques coordenados por 19 terroristas suicidas da al Qaeda matou cerca de 3000 pessoas, de diferentes nacionalidades, após a queda dos aviões e das duas torres do Trade Center. Assim começou o século 21, com um dos eventos de maior repercussão mundial da história,

¹http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080406/not_imp151907.0.php

cujos desdobramentos se traduzem em um cenário de guerras, crise turística, trauma e paranoia generalizados em diversos países, especialmente entre os nova-iorquinos pela sensação constante de insegurança, com ameaças de guerras bacteriológicas, antissemitismo, restrição de liberdades civis e personagens até então desconhecidos, tais como: Osama bin Laden, Al Qaeda e o talibã. Estes desdobramentos são reconstituídos a seguir através de uma nova narrativa que se instaura a partir do seu referente, o NYT.

6.1.1. “A NATION CHALLENGED: THE EVIDENCE: another tapes bin Laden to hijackings.” (NYT) – uma nação desafiada: a evidência: outro vídeo liga bin Laden aos sequestros.

Partindo do contexto de referência norte-americano, é possível observar um número bastante reduzido de notícias publicadas nos meses seguintes a setembro relacionadas à seção *World*. Isto se explica em razão de os acontecimentos estarem voltados, especialmente, aos nova-iorquinos não sendo relevante o interesse pelo que o mundo pensava a respeito ou pela maneira como os atentados iriam influenciar e ecoar em outras nações. Por esta razão, o NYT traz apenas cinco notícias nesta seção. Sendo assim, o ponto de vista do NYT desdobra-se em uma narrativa quase desconexa, estruturada sob a manchete maior *A Nation Challenged* ou “Uma nação desafiada” com fatos relacionados a Osama bin Laden, Iraque, tolerância e ao natal mudo.

A primeira notícia é o título (137) que abre a narrativa comentando sobre uma frota de navios de guerra lançada para uma segunda ofensiva no Afeganistão e preparada com artilharia de mísseis em razão de não saberem que tipo de ataque terrorista poderia advir em retaliação, daí o título *launches new salvos* (lançam nova ofensiva), visto que “*salvo*” é algo como uma salva de tiros tanto para atingir um alvo em particular como para uma saudação. A narrativa continua, seguindo a cronologia com o título (33) mostrando uma nova evidência que ligaria bin Laden aos sequestradores dos aviões (33). Ainda sentindo-se desafiados, o setor de inteligência (77) entra em cena mostrando falas em novas pistas que tentavam explicar o papel do Iraque nos atentados. A narrativa termina com (1) que fala sobre o primeiro Natal pós-atentados que se mostraria silencioso, sem vida, adiantando as primeiras ocorrências do Antraz, cujas consequências seriam sentidas também no Brasil no mês de Outubro.

137. [A NATION CHALLENGED: THE FLEET; A Wary Warship Launches New Salvos](#)
October 9, 2001 - By DOUGLAS JEHL - World - 1117 words
33. [A NATION CHALLENGED: THE EVIDENCE; Another Tape Ties bin Laden To Hijackings](#)
December 10, 2001 - By DAVID E. SANGER - World - 835 words
77. [A NATION CHALLENGED: INTELLIGENCE: New Clue Fails to Explain Iraq Role in Sept. 11 Attack](#)
December 16, 2001 - By CHRIS HEDGES with DONALD G. McNEIL Jr. - World - 1492 words
1. [A NATION CHALLENGED -- AN OVERVIEW: DEC. 25, 2001; A Muted Christmas, Corporate Obligations, the Anthrax Mystery](#) - December 26, 2001 - By JANE GROSS - World - 801 words

Observa-se nestes títulos uma tendência que se repete neste e em outros blocos do NYT: os títulos iniciam com uma espécie de manchete, cuja função é contextualizar os sentimentos vigentes, neste caso, *A NATION CHALLENGED* (uma nação desafiada), seguida pelo que entendemos como uma submanchete também em letras garrafais cuja função é, dentro do cenário maior, delimitar o tema que se está noticiando, por exemplo: *THE EVIDENCE* (a evidência) para só então vir o título da reportagem propriamente dita. Dizemos reportagem pelo fato de que, ao acessar o link, o leitor se depara com textos mais longos do que os comumente empregados pela FSP, por exemplo, operando com cerca de 100 palavras de acordo com o que se espera do chamado estilo de redação web. Isso se deve ao fato de os leitores do NYT privilegiarem o jornal por sua abordagem mais detalhada da notícia, conforme depoimentos informais em Anexo. Este modelo pode ser entendido ainda como “títulos complementares” ou “auxiliares” que não repetem informações. A pontuação, rara na titulação brasileira, também é amplamente empregada, podendo ter sido autorizada pela redação, visto que não foi possível encontrar um manual específico do jornal para comprová-la. Nota-se ainda uma relação entre ‘manchete’ e ‘submanchete’, por exemplo: *THE FLEET* (a frota) tem relação com ‘wary warship’ (navio de guerra), enquanto *THE EVIDENCE* relaciona-se com ‘another tape ties bin Laden to hijackings’ (outro vídeo associa bin Laden aos atentados).

O léxico é marcado por verbos constatativos², ou seja, uma referência a aspectos do estado do mundo exterior. Esses verbos tendem a

²Convém ressaltar que, mesmo fundamentada nos conceitos da Teoria dos Atos de Fala como o pragmatismo da linguagem, esta proposta não enfatiza a análise linguística do *corpus*. Portanto, não se apresenta uma reflexão aprofundada sobre a mesma, mas tão somente a distinção dos termos empregados por Austin e Searle. Os verbos constatativos ou constativos (ex. lavo a roupa, ele promete = efetuar uma informação) distinguem-se dos

ser mais comuns na imprensa devido ao próprio modo da narrativa, geralmente em 3ª pessoa, no caso do inglês, verificado pelo “s” característico do tempo presente simples, empregado nos títulos: *launches* (lança); *promotes* (promove); *ties* (associa); *fails* (falha). A exceção é o título (1) que traz substantivos adjetivados para expressar o teor dos acontecimentos naquele ano: *A Muted Christmas* (um natal silencioso), *Corporate Obligations* (obrigações corporativas) e o *the Anthrax Mystery* (o mistério do antraz). Esta é também uma característica mais presente na titulação do NYT do que na FSP, podendo ser compreendida como evidência de uma representação cultural do fato, assim como em *CHALLENGED* (desafiada) que define bastante o estado de espírito entre os norte-americanos.

6.1.2. “Tropas de elite “caçam” bin Laden no Afeganistão.” (FSP)

O ponto de vista da seção Mundo da FSP traz diversas notícias sobre a reação norte-americana aos atentados, paralelamente à reação do mundo e países aliados aos EUA. Ao mesmo tempo são mostradas notícias referentes às vítimas e suas famílias e ao WTC e também em relação à Osama bin Laden. Conforme explicitado na metodologia e na introdução deste capítulo, optamos pela narrativa ao redor de temas centrais, de modo a abranger o extenso *corpus* da FSP. Esta estrutura constitui mais uma evidência da representação cultural do “11 de setembro” nos dois contextos, em razão de isso não ser possível com os títulos dispersos do NYT.

A temática é traduzida em torno de quatro tópicos principais, com maior ou menor recorrência à medida que os fatos ganham ênfase ou se distanciam do referente, a saber: bin Laden; WTC; EUA/Guerra; Al Qaeda; 11 de setembro, Bush e Mundo. Começamos por bin Laden, já conhecido como provável idealizador dos atentados e cuja prisão parece ser iminente na narrativa (172; 139; 104). Uma provável fuga cinematográfica (81) é noticiada, mas a busca continua especialmente por provas concretas (984; 981; 976). Negociações seguem (810; 803; 788; 787) e a “caça” continua (782). Mais tarde, a CIA (750) revela que tentava capturar bin Laden havia 3 anos.

performativos (eu prometo = ação de prometer). Os enunciados performativos realizam a ação indicada pelo verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, por exemplo, "eu batizo", cujo enunciador realiza a ação de batizar. (AUSTIN, 1990, p.38; GOMES, 2000, p.71). Ver ainda: SEARLE, J.R. *Speech Acts*. Cambridge: CUP, 1969.

172. Folha Online - Mundo - Cooperação do Paquistão é chave para cerco a Bin Laden - 14/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u28949.shtml>

139. Folha Online - Mundo - Paquistão dá prazo para Afeganistão entregar Bin Laden - 16/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29285.shtml>

104. Folha Online - Mundo - FBI procura parentes de Bin Laden em Boston - 18/09/2001 - <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29445.shtml>

81. Folha Online - Mundo - Bin Laden saiu de Cabul a cavalo, diz jornal inglês - 19/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29533.shtml>

984. Folha Online - Mundo - Clinton diz que autorizou assassinato de Bin Laden - 23/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29786.shtml>

981. Folha Online - Mundo - Taleban diz que Bin Laden desapareceu - 23/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29789.shtml>

976. Folha Online - Mundo - EUA vão apresentar provas contra Bin Laden em breve - 23/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29794.shtml>

810. Folha Online - Mundo - Iraque desmente contato com Bin Laden e o Taleban - 27/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30039.shtml>

803. Folha Online - Mundo - Paquistaneses vão a Cabul para negociar Bin Laden - 28/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30058.shtml>

788. Folha Online - Mundo - Paquistão tentará convencer Taleban a entregar Bin Laden - 28/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30075.shtml>

787. Folha Online - Mundo - Delegação não conseguiu convencer Taleban entregar Bin Laden - 28/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30077.shtml>

782. Folha Online - Mundo - Tropas de elite dos EUA "caçam" Bin Laden no Afeganistão - 28/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30081.shtml>

750. Folha Online - Mundo - CIA revela agora que tenta pegar Bin Laden há três anos - 29/09/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30163.shtml>

Lexicalmente, os títulos se caracterizam pelo uso de assertivas em 3ª pessoa. O tempo verbal é marcado pelo uso do presente do indicativo, a exemplo do NYT, reiterando o valor de real do enunciado para o leitor, isto é, o que Gomes (2000) chama de efeito ou sensação de real³. Os verbos são constatativos em sua maioria e a Folha ainda emprega o uso da modalização

³Ver: Capítulos 2 - discurso jornalístico e Apêndice B - regras da titulação, p.317 e 318.

em discurso segundo – ‘diz que’ (MAINGUENEAU, 2000), conforme os títulos (81; 984; 981), uma tendência bastante forte neste jornal, cuja função é a de conferir credibilidade, além de legitimar o discurso da imprensa, mantendo e sustentando o princípio da imparcialidade, visto que a informação é creditada ao interlocutor e não à mídia.

Paralelamente, desenvolve-se outro núcleo narrativo referente ao WTC traduzindo o pânico gerado pelos acidentes aéreos (186). Celebidades e países como a Alemanha se mobilizam em atenção às vítimas (157; 126; 132), enquanto o desabamento das torres ganha os contornos do luto, do desaparecimento de pessoas, da falta de esperança do resgate de outras vítimas e das doações (974; 945; 915; 893; 884; 883) que, posteriormente, desencadeariam a falência de várias seguradoras.

186. [Folha Online - Mundo - Pittsburgh vive terror com queda de avião próxima à cidade - 11/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u28487.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u28487.shtml>

157. [Folha Online - Mundo - Madonna vai doar bilheteria de shows a fundo de vítimas - 15/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29138.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29138.shtml>

126. [Folha Online - Mundo - Estrelas dedicam música de Michael Jackson a vítimas dos EUA - 17/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29350.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29350.shtml> **1**

132. [Folha Online - Mundo - Mais de 20 mil alemães prestam homenagem a vítimas de atentados - 16/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29325.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29325.shtml>

974. [Folha Online - Mundo - Termina luto nos EUA mas homenagens prosseguem - 23/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29799.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29799.shtml>

945. [Folha Online - Mundo - Número de desaparecidos sobe para 6.453 em Nova York - 24/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29858.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29858.shtml>

915. [Folha Online - Mundo - Chefe dos bombeiros conclui que não há mais sobreviventes no WTC - 24/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29886.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29886.shtml>

893. [Folha Online - Mundo - Giuliani reconhece falta de esperança de resgatar pessoas com vida - 25/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29927.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29927.shtml>

884. [Folha Online - Mundo - Pelo menos 25 mil pessoas foram retiradas do WTC no dia do atentado - 25/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29941.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29941.shtml>

883. [Folha Online - Mundo - Doações para vítimas de atentados chegam a US\\$ 500 milhões - 25/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29942.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29942.shtml>

O léxico emprega verbos constatativos no presente do indicativo. Ressaltamos o título (974) que inicia com o verbo ‘terminar’, sem sujeito, diferente dos demais. Esta forma de titular é típica dos ambientes virtuais como manchetes rápidas postadas em sites. No *corpus* são poucos os que seguem esse padrão, predominando títulos que iniciam com sujeito.

Uma terceira parte da narrativa se desenrola sobre a temática da resposta militar (180; 151; 760) apoiada pelo senado (165; 162) e o povo norte-americano (761). Bush ganha forte aprovação (967; 964); porém preconiza-se um final (176) que viria a ser comprovado em 2009, com o resultado duvidoso da incursão norte-americana no Paquistão, Iraque e Afeganistão para supostamente conter o terrorismo. O preconceito contra a religião muçulmana se instaura (103; 755), enquanto a ofensiva militar ganha fôlego mundo afora (991; 975; 835; 889). Reflexos desta crise são sentidos nos aeroportos e na política externa norte-americana (837; 818; 800.):

180. [Folha Online - Mundo - Os EUA vão à forra, com o mundo ou sem ele - 12/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u28675.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u28675.shtml>

151. [Folha Online - Mundo - "Estamos em guerra", diz George W. Bush - 15/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29171.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29171.shtml>

760. [Folha Online - Mundo - Bush promete a vitória na guerra contra o terrorismo - 29/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30137.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30137.shtml>

165. [Folha Online - Mundo - Senado autoriza Bush a usar força militar e convocar reservistas - 14/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29014.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29014.shtml>

162. [Folha Online - Mundo - Câmara e Senado autorizam Bush a usar a força - 15/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29098.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29098.shtml>

761. [Folha Online - Mundo - 90% dos americanos querem resposta militar ao terrorismo - 29/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30134.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30134.shtml>

967. [Folha Online - Mundo - George W. Bush obtém maior aprovação da história - 23/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29812.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29812.shtml>

964. [Folha Online - Mundo - Popularidade do presidente dos EUA é a maior em 60 anos - 24/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29826.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29826.shtml>

176. [Folha Online - Mundo - Atentados poderão abalar futuro do governo de George W. Bush - 12/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u28772.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u28772.shtml>

- 103.** [Folha Online - Mundo - Americano assassina indiano que usava turbante no Arizona - 18/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29447.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29447.shtml>
- 755.** [Folha Online - Mundo - Saddam Hussein denuncia humilhações de árabes após atentados - 29/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30153.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30153.shtml>
- 991.** [Folha Online - Mundo - Tropas americanas já têm acesso à fronteira norte do Afeganistão - 23/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29780.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29780.shtml>
- 975.** [Folha Online - Mundo - Forças militares dos EUA posicionam-se ao redor do mundo - 23/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29797.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29797.shtml>
- 885.** [Folha Online - Mundo - Pentágono convoca mais 1.940 reservistas - 25/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29940.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29940.shtml>
- 839.** [Folha Online - Mundo - Pentágono convoca mais 700 reservistas - 26/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29993.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29993.shtml>
- 843.** [Folha Online - Mundo - Missão militar dos EUA obriga Paquistão a fechar fronteiras - 26/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29984.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29984.shtml>

Neste bloco, emprega-se o discurso direto através do uso de aspas (151). Este não é um recurso recomendado pelas regras do manual da FSP; no entanto, a exemplo da modalização em discurso segundo é uma forma de dar credibilidade ao relato e marcar a fala do personagem George W. Bush. Observa-se ainda o uso de verbos de opinião: ‘promete’ (760) e de implicação de ordem ‘querem’ (761), bastante comum em outros títulos, além da modalização epistêmica do verbo ‘poder’ (176). Percebe-se ainda a força dos verbos empregados ‘autoriza; querem; obtém; é; estamos ; vão’ para definir a situação de guerra que o país começa a enfrentar. É interessante compará-los com os próximos três exemplos: ‘anunciará; terão; muda’ marcando um novo posicionamento dos EUA em relação a segurança nacional.

- 837.** [Folha Online - Mundo - Bush anunciará hoje medidas de segurança para empresas aéreas - 27/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29997.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29997.shtml>
- 818.** [Folha Online - Mundo - Aviões nos EUA terão câmeras, controle remoto e guarda à paisana - 27/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30029.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30029.shtml>
- 800.** [Folha Online - Mundo - Terror muda diplomacia dos EUA - 28/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30068.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30068.shtml>

A mudança de atitude dos EUA frente à diplomacia mundial reflete-se no apoio de outros países a nação americana que ou ficavam a favor ou seriam considerados ameaças. Resultados desta política se traduzem no apoio do Reino Unido expresso nos títulos (140; 113; 101; 72; 938) como maior aliado, Rússia, Alemanha, União Europeia (61; 52); Japão (989; 963), Ucrânia e Cazaquistão. Paralelamente, a ONU suspende suas ações no Afeganistão, mas não deixa de pedir ajuda para os refugiados e resoluções contra o terrorismo (887; 892; 808; 770). E, enquanto os aliados se reúnem, entra em cena um nome que marcaria a primeira década do século – a milícia extremista terrorista talibã (167). A reação dos países é de total confusão no sentido de que aqueles que apoiavam milícias religiosas passam subitamente a se posicionar contra o terrorismo (152; 149; 62; 53; 990; 912) e a negar apoio financeiro, enquanto outros países árabes ameaçados como o Afeganistão colocam-se a favor dos talibãs (158; 130; 96; 30; 863).

167. [Folha Online - Mundo - Taleban fecha fronteiras do Afeganistão e põe Exército em alerta - 14/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u28996.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u28996.shtml>

152. [Folha Online - Mundo - Emirados Árabes dizem que vão rever apoio ao Taleban - 15/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29170.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29170.shtml>

149. [Folha Online - Mundo - Sudão apoiará luta contra o terrorismo: país já abrigou Laden - 15/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29202.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29202.shtml>

62. [Folha Online - Mundo - Israel suspeita que Iraque tenha patrocinado atentados aos EUA - 20/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29602.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29602.shtml>

53. [Folha Online - Mundo - Iraque acusa EUA de quererem provocar terceira guerra - 20/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29611.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29611.shtml>

990. [Folha Online - Mundo - Benazir Bhutto diz que Paquistão deve romper com o Taleban - 23/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29781.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29781.shtml>

912. [Folha Online - Mundo - Arábia Saudita rompe relações com o Taleban - 25/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29889.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29889.shtml>

158. [Folha Online - Mundo - Afeganistão ameaça países vizinhos que ajudarem os EUA - 15/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29133.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29133.shtml>

130. [Folha Online - Mundo - Islamitas se opõem a um apoio muçulmano à coalizão antiterrorista - 16/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29326.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29326.shtml>

- 96.** [Folha Online - Mundo - Polícia do Irã impede manifestação de simpatia por vítimas dos EUA - 18/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29484.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29484.shtml>
- 30.** [Folha Online - Mundo - Paquistaneses começam a ameaçar estrangeiros - 21/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29659.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29659.shtml>
- 863.** [Folha Online - Mundo - Milhares de afegãos saem às ruas em marcha contra os EUA - 26/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29972.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29972.shtml>
- 989.** [Folha Online - Mundo - Japão manda enviado ao Paquistão na terça-feira - 23/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29782.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29782.shtml>
- 963.** [Folha Online - Mundo - Koizumi viaja a Washington para prometer apoio a Bush - 24/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29829.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29829.shtml>

Os verbos relacionados às nações árabes denotam a sensação de insegurança e o estado de conflito permanente, razão pela qual todos tem uma forte conotação negativa: ‘fecha; suspeita; acusa; rompe; ameaça; impede; manda’. Já em franco confronto com as regiões do Paquistão e Afeganistão, Londres declara-se definitivamente como o maior aliado de George Bush tendo o apoio da população (140; 113; 101; 938) ao lado da Alemanha em razão de que suspeitava-se que de os atentados tivessem sido idealizados neste país (740). Destaque para a locução verbal ‘deve se proteger’ em modalização epistêmica (101) e o verbo ‘dirigir’ (938), de conotação aspectual que marca o indício de um evento, no caso, a luta contra o terror, além de ‘exigir’ (736) de implicação de ordem, mandatário, traduzindo o contexto vigente:

- 140.** [Folha Online - Mundo - Blair declara guerra ao terrorismo e dá total apoio aos EUA - 16/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29280.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29280.shtml>
- 113.** [Folha Online - Mundo - Maioria dos britânicos apóia represálias militares a atentados - 17/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29401.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29401.shtml>
- 101.** [Folha Online - Mundo - Reino Unido deve se proteger contra armas biológicas, diz ministro - 18/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29448.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29448.shtml>
- 938.** [Folha Online - Mundo - Navios de guerra britânicos se dirigem ao golfo Pérsico - 24/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29863.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29863.shtml>
- 736.** [Folha Online - Mundo - Presidente alemão exige solidariedade mundial com EUA - 30/09/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30198.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30198.shtml>

No mês de outubro, a narrativa da guerra prossegue sem inimigos nomeados, isto é, sem provas concretas ou contundentes. Qualquer um ou qualquer país que se opusesse à ofensiva antiterror seria considerado inimigo em potencial. As reações se refletem na restrição de vistos para estrangeiros (810; 782), no corte de fontes financiadoras do terrorismo (616); nas contínuas agressões contra árabes (563) e no estado de alerta quase paranoico, como se vê nos próximos meses e anos (488; 305; 460; 422).

616. [Folha Online - Mundo - EUA tentam cortar fontes de financiamento terrorista - 03/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u30345.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

563. [Folha Online - Mundo - FBI diz que agressões contra árabes aumentam nos EUA - 04/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u30421.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

488. [Folha Online - Mundo - Nova York está em estado de alerta máximo - 07/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u30595.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

305. [Folha Online - Mundo - FBI acredita que água é alvo lógico para terroristas - 10/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u31065.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

460. [Folha Online - Mundo - FBI declara alerta de atenção máxima para a polícia dos EUA - 07/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u30667.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

422. [Folha Online - Mundo - EUA estão em alerta máximo de segurança - 08/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u30764.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

810. [Folha Online - Mundo - Estados Unidos começam a restringir vistos para estudantes - 29/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u32533.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

782. [Folha Online - Mundo - EUA vão exigir visto para 6 países, como Argentina, Itália e Portugal - 30/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u32600.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

Destacamos aqui o verbo ‘tentar’ (616) de implicação processual; ‘acreditar’ (305) de caráter opinativo; ‘começar’ (810) aspectual de indício de evento e a locução verbal ‘vai exigir’ de implicação de ordem. Este conjunto de verbos ‘tentar; estar; acreditar; declarar; começar; vai exigir’ traduz um estado de alerta que comanda as primeiras medidas de segurança tomadas para, então, de acordo com os verbos do próximo bloco, justificar tais posicionamentos como no título (465). Isto é confirmado pela própria narrativa. Bush anuncia o início concreto da guerra (494) avisando outros líderes aliados (493; 492) usando as declarações de bin Laden (465) como justificativa. A guerra é definida, portanto, como meio para derrotar o

terrorismo mesmo que se estenda para países aliados (441; 434) ou do sudeste asiático (322).

494. [Folha Online - Mundo - Bush confirma o início do ataque ao Afeganistão - 07/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30561.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30561.shtml>

493. [Folha Online - Mundo - Bush informou o ataque a Putin pelo telefone - 07/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30566.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30566.shtml>

492. [Folha Online - Mundo - Bush avisou Chirac sobre início dos ataques ao Afeganistão - 07/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30571.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30571.shtml>

465. [Folha Online - Mundo - EUA dizem que declarações de Bin Laden justificam guerra - 07/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30658.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30658.shtml>

441. [Folha Online - Mundo - Ataques são primeiro passo para derrotar Taleban e terroristas - 08/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30727.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30727.shtml>

434. [Folha Online - Mundo - EUA dizem que é possível haver ataques contra outros países - 08/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30750.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30750.shtml>

322. [Folha Online - Mundo - Países do sudeste asiático seriam novos alvos dos EUA, diz jornal - 10/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31033.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31033.shtml>

Conseqüentemente, este bloco é marcado por assertivas (494 à 434), com o título (322) empregando um condicional resultante da asserção em (434). É possível ler o último título como ‘poderiam ser novos alvos’ o que nos permite dizer que este enunciado marca, ainda que de forma implícita, a modalização epistêmica. Na sequência da narrativa, civis são mortos no Afeganistão (417; 327; 313) enquanto os Estados Unidos são acusados como responsáveis (286). Bush (267; 245), por sua vez, segue pregando a vitória, bem como os progressos na guerra. Esta implicação é marcada pelo verbo causativo ‘fazer’ (313). Observa-se a incidência da modalização em discurso segundo enfatizando as mútuas acusações entre Bush e o talibã a respeito das mortes causadas pelos ataques.

417. [Folha Online - Mundo - EUA reconhecem e lamentam morte de civis no Afeganistão - 08/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30775.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30775.shtml>

327. [Folha Online - Mundo - Em quatro dias, já morreram 70 civis, diz Taleban - 10/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31020.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31020.shtml>

313. [Folha Online - Mundo - EUA fazem novo ataque a Cabul; bombardeios são os mais intensos - 10/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31052.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31052.shtml>

286. [Folha Online - Mundo - Taleban diz que EUA concentram ataques contra civis - 11/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31117.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31117.shtml>

267. [Folha Online - Mundo - "A vitória dos EUA é certa", diz George W. Bush - 11/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31149.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31149.shtml>

245. [Folha Online - Mundo - Um mês depois de atentados, Bush diz que "já se obteve muito" - 11/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31176.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31176.shtml>

A narrativa da guerra põe em cheque ainda a política ofensiva norte-americana, cujos alvos acabam sendo outros (882; 131; 27) que não o talibã que se mantém no poder (865; 859; 849; 846; 845). Enquanto isso o congresso norte-americano (222; 918) sanciona a lei antiterrorismo e abre espaço para que mais países se mostrem aliados, conforme o texto a seguir.

882. [Folha Online - Mundo - Taleban mantém poder enquanto EUA são acusados de matar civis - 25/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32330.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32330.shtml>

131. [Folha Online - Mundo - EUA tentam convencer afegãos que ataques são contra o Taleban - 15/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31521.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31521.shtml>

27. [Folha Online - Mundo - China pede a EUA que evite 'a morte de inocentes' em bombardeios - 19/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31819.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31819.shtml>

865. [Folha Online - Mundo - Taleban anuncia prisão e morte de líder da oposição afegã - 26/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32365.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32365.shtml>

859. [Folha Online - Mundo - Taleban mata líder de oposição que tentava organizar levante - 26/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32385.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32385.shtml>

849. [Folha Online - Mundo - Paquistaneses armados avançam para apoiar o Taleban - 27/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32413.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32413.shtml>

846. [Folha Online - Mundo - "A verdadeira guerra não começou", diz líder espiritual do Taleban - 28/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32440.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32440.shtml>

845. [Folha Online - Mundo - Após 3 semanas de bombardeios, Taleban permanece "intacto" no poder - 28/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32448.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32448.shtml>

222. [Folha Online - Mundo - Câmara dos EUA aprova lei antiterrorismo - 12/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31253.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31253.shtml>

918. Folha Online - Mundo - Câmara de Representantes dos EUA aprova lei antiterrorismo - 24/10/2001

Neste bloco são empregados verbos que denotam processos, como ‘tentar’ (131) e ‘avançar’ (849), além de verbos não-dinâmicos, tais como: ‘permanecer’ (845), traduzindo fatos que implicam pouco dinamismo e que enfatizam apenas um estado de coisas, como em ‘manter; anunciar, aprovar, dizer’, a exemplo do texto a seguir que emprega verbos como: ‘manter; apoiar; mostrar; manifestar; anunciar’. A promulgação da lei antiterrorismo abre espaço para que a China apoie os EUA conforme os títulos (715 e 402) apesar das datas de publicação distintas. Mas é somente em (74) que essa condição se deve a suspensão de sanções econômicas àquele país. A Geórgia e outros países ex-comunistas também declaram apoio aos EUA, assim como Hungria, Quênia, Espanha, Coreia do Sul, Canadá e Japão, cuja razão é mostrada em (456). Dentre os países árabes, Israel declara apoio (452) sem envolvimento direto com a guerra, enquanto a contradição vem do Egito que em (587) se nega a participar das ações americanas e em (363) aceita apoiar o país. Nota-se aqui o uso de modalização epistêmica (74) ‘poder suspender’, traduzindo a especulação sobre as ações do governo americano frente à outros países orientais.

715. Folha Online - Mundo - China mantém "ofensiva diplomática" antiterrorista - 01/10/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30224.shtml>

402. Folha Online - Mundo - China apóia ações antiterroristas dos Estados Unidos - 09/10/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30825.shtml>

74. Folha Online - Mundo - Para conseguir apoio, EUA podem suspender sanções à China - 17/10/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31655.shtml>

456. Folha Online - Mundo - Países mostram pouca simpatia ao Taleban depois de ataques - 08/10/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30687.shtml>

452. Folha Online - Mundo - Israel manifesta apoio aos EUA, mas evita se envolver - 08/10/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30709.shtml>

587. Folha Online - Mundo - Egito não participará de ações militares com os EUA - 04/10/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30379.shtml>

363. Folha Online - Mundo - Egito anuncia apoio aos Estados Unidos - 09/10/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30947.shtml>

A sequência dos acontecimentos volta-se, mais uma vez, a apresentação de provas contra bin Laden. Aparentemente e mesmo sem provas concretas, os EUA conseguem aliados como a OTAN, através da ajuda de Tony Blair afirmando que as provas eram contundentes. A Alemanha também declara ter outras provas, enquanto o talibã exige que sejam publicadas (675; 673; 599; 547; 533; 506). Mais uma vez emprega-se a modalização epistêmica em (675) ‘poder defender’, marcando as especulações sobre os responsáveis pelos atentados, além da modalização em discurso segundo para constatar a evidência de provas contra bin Laden.

675. [Folha Online - Mundo - Otan poderá defender EUA depois de receber provas contra Bin Laden - 02/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30285.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30285.shtml>

673. [Folha Online - Mundo - Otan diz que EUA apresentou provas contra Bin Laden e Al Qaeda - 02/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30286.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30286.shtml>

599. [Folha Online - Mundo - Blair vai ao Parlamento e diz que provas dos EUA são irrefutáveis - 04/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30369.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30369.shtml>

547. [Folha Online - Mundo - Blair apresenta dossiê sobre a culpa de Bin Laden - 05/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30436.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30436.shtml>

533. [Folha Online - Mundo - Governo alemão também diz ter provas contra Bin Laden - 05/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30457.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30457.shtml>

506. [Folha Online - Mundo - Taleban quer publicação de provas contra Bin Laden - 06/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30510.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30510.shtml>

Os ataques norte-americanos persistem com grande número de civis mortos. Tais fatos aumentam os sentimentos de raiva no Paquistão, especialmente na capital Cabul (386; 382; 348), região mais atingida, gerando uma bipolaridade entre o ocidente e o islã. Enquanto alguns países aliados lamentam os ataques desastrosos contra civis, Saddam Hussein (196) questiona a política de não atacar outros países árabes. Pelo mundo, o preconceito contra muçulmanos estende-se pela China (197) e Alemanha (801). Paralelamente, percebem-se conflitos entre EUA e Arábia Saudita (151; 839) devido aos ataques a este país e à supostas ligações entre terroristas em Cabul e a família real saudita que acreditava-se financiar a Al Qaeda. Estes conflitos são marcados por verbos e substantivos de forte implicação negativa, tais como: ‘preocupar-se; não acreditar; colocar restrições; relatar humilhações; piorar’.

- 386.** [Folha Online - Mundo - Taleban divulga novo número de civis atingidos em ataques - 09/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30874.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30874.shtml>
- 382.** [Folha Online - Mundo - Iraque e outros países do Golfo Pérsico preocupam-se com ataques - 09/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30882.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30882.shtml>
- 348.** [Folha Online - Mundo - Medo e raiva crescem em Cabul - 10/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30977.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30977.shtml>
- 196.** [Folha Online - Mundo - Saddam Hussein não acredita que países árabes não serão atacados - 13/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31363.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31363.shtml>
- 197.** [Folha Online - Mundo - China coloca restrições em venda de passagens para muçulmanos - 13/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31362.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31362.shtml>
- 801.** [Folha Online - Mundo - Escritor paquistanês relata humilhação na Alemanha - 30/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32558.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32558.shtml>
- 151.** [Folha Online - Mundo - Arábia Saudita é acusada por jornal de ligação com terrorismo - 15/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31465.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31465.shtml>
- 839.** [Folha Online - Mundo - Atentados pioraram as difíceis relações EUA-Arábia Saudita - 29/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32474.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32474.shtml>

Ainda em 2001 podemos observar as raízes da atual crise econômica norte-americana herdada pelo governo Obama do governo do ex-presidente Bush. O gasto com as ofensivas e o envio de tropas impactou os cofres americanos atingindo também a União Europeia (45; 759) apesar de pacotes de estímulo lançados pela Casa Branca (906). Outro ponto que afeta a economia é a falência de seguradoras com as indenizações às famílias das vítimas do desabamento das torres o que traz o WTC de volta ao cenário narrativo da Folha.

- 45.** [Folha Online - Mundo - Guerra e impacto na economia de atentados marcam cúpula da UE - 18/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31761.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31761.shtml>
- 906.** [Folha Online - Mundo - Câmara dos EUA aprova pacote de US\\$ 100 bi de estímulo à economia - 24/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32278.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32278.shtml>
- 759.** [Folha Online - Mundo - Bush diz que economia dos EUA foi "abalada" pelos atentados - 31/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32634.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32634.shtml>

O WTC entra na narrativa como um adendo, lembrando que a guerra continua na mídia e que os nova iorquinos seguem à sombra dos atentados

(618; 455). Nos escombros são achadas pistas que revelam os últimos momentos dos pilotos, passageiros e terroristas nos aviões (543; 111). Depreende-se destas pistas o papel que a Alemanha (375) pode ter exercido para que os fatos ocorressem, pois se especula que os terroristas tenham tido lições de voo e, conseqüentemente planejado os ataques, neste país. Ocorrem também neste mês as primeiras celebrações pelas vítimas (284; 269), relação esta marcada também por incertezas, através do uso da modalização epistêmica em (284) ‘deve ter’, em relação ao medo de novos atentados.

618. [Folha Online - Mundo - Maioria dos nova-iorquinos apóia reconstrução do WTC - 03/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30343.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30343.shtml>

455. [Folha Online - Mundo - Apesar da tranquilidade, Nova York teme novos atentados - 08/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30691.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30691.shtml>

543. [Folha Online - Mundo - Ligações telefônicas revelam cenas da tragédia no WTC - 05/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30443.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30443.shtml>

111. [Folha Online - Mundo - Divulgadas gravações de últimos diálogos de aviões sequestrados - 16/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31576.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31576.shtml>

375. [Folha Online - Mundo - Um dos pilotos suicidas teve aulas de vôo na Alemanha - 09/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30913.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30913.shtml>

284. [Folha Online - Mundo - Nova York e Washington devem ter cerimônia em memória a vítimas - 11/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31119.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31119.shtml>

269. [Folha Online - Mundo - Pentágono reúne 20 mil em celebração a vítimas de atentados - 11/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31145.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31145.shtml>

Outubro de 2001 termina com mais especulações sobre a figura de bin Laden e sua família e em relação as provas (586; 527) que o denunciam como mentor dos ataques. Entretanto, o que sobrevive na mídia são suas ameaças contra os norte-americanos (490), afirmando que a guerra tem, na verdade, motivos religiosos (489). O terrorista é retratado, portanto, como a encarnação do mal (405). Apesar das ofensivas que buscam prendê-lo continuarem a matar civis, como os bombardeios ao prédio da ONU em Cabul, Bush admite não saber do paradeiro do terrorista (241) e admite ser difícil capturá-lo (876). Tais fatos são traduzidos por um léxico marcado por verbos assertivos: ‘afirma; diz; é; admitem’, ou seja, que não expressam dúvidas quanto ao caráter do terrorista.

- 586.** [Folha Online - Mundo - Provas são suficientes para indiciar de Bin Laden, diz Paquistão - 04/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30380.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30380.shtml>
- 527.** [Folha Online - Mundo - Provas contra Bin Laden "são inconsistentes", dizem especialistas - 05/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30462.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30462.shtml>
- 490.** [Folha Online - Mundo - Bin Laden afirma que EUA "não viverão mais em paz" - 07/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30585.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30585.shtml>
- 489.** [Folha Online - Mundo - Bin Laden diz que guerra contra Afeganistão é "guerra contra o islã" - 07/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30588.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30588.shtml>
- 405.** [Folha Online - Mundo - Secretário dos EUA diz que Bin Laden é "o rosto do mal" - 08/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30804.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30804.shtml>
- 241.** [Folha Online - Mundo - Bush diz não saber se Bin Laden está vivo ou morto - 12/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31200.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31200.shtml>
- 876.** [Folha Online - Mundo - EUA admitem ser "muito difícil" capturar Bin Laden - 26/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32346.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32346.shtml>

Supostas provas contra bin Laden dizem respeito a suspeitas de que o terrorismo desenvolve armas químicas para uma temida guerra bacteriológica. Tal fato acrescenta à narrativa outro tema comentado em 2001: o antraz. Surgem casos de óbito na Flórida (559; 516) e cartas para celebridades com o “pó branco” (374; 200; 891) causando pânico e histeria adicionais (305; 310; 351). O léxico é marcado por substantivos fortes como: ‘guerra bacteriológica; bioterrorismo, agentes biológicos’. Paralelamente, agentes da CIA e do FBI buscam ligações entre estes casos e bin Laden (80), a al Qaeda e a ofensiva contra o terrorismo. Outros casos sobre contaminações ocorrem em postos de correio, através de cartas endereçadas a políticos e membros da Casa Branca. Paquistão, Índia e Bahamas também relatos contaminações peal bactéria. Os verbos e substantivos empregados nesta narrativa reiteram a confusão e as incertezas referentes ao antraz e seus efeitos, a saber: modalização epistêmica em ‘pode ter’; verbos de opinião: ‘acredita’; de implicação negativa: ‘ainda não tem’; de indício de ação: ‘cria pânico’. Vale ressaltar (516) que inicia diretamente com verbo, como uma manchete.

- 559.** [Folha Online - Mundo - Americano afetado por Antraz está em "estado crítico" - 04/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30423.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30423.shtml>
- 516.** [Folha Online - Mundo - Morre na Flórida homem infectado com bactéria antraz - 05/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30479.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30479.shtml>
- 374.** [Folha Online - Mundo - Carta endereçada a Jennifer López pode ter transmitido antraz - 09/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30916.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30916.shtml>
- 200.** [Folha Online - Mundo - Carta enviada à Microsoft em Nevada continha antraz - 13/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31351.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31351.shtml>
- 891.** [Folha Online - Mundo - Bill Clinton recebe frasco com bactéria - 25/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32311.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32311.shtml>
- 351.** [Folha Online - Mundo - Risco de ataque químico cria pânico adicional - 10/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30969.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30969.shtml>
- 310.** [Folha Online - Mundo - Europa se prepara contra a guerra biológica - 10/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31056.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31056.shtml>
- 305.** [Folha Online - Mundo - FBI acredita que água é alvo lógico para terroristas - 10/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31065.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31065.shtml>
- 80.** [Folha Online - Mundo - FBI ainda não tem provas sobre ligação de Bin Laden e antraz - 17/10/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31645.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31645.shtml>

O mês de novembro de 2001 começa, portanto, agitado com mais casos de antraz noticiados e uma ofensiva militar mais forte no Paquistão. Mais de mil pessoas são presas nos EUA suspeitas de ligações com células da Al Qaeda e nos aeroportos a vigilância é intensificada (648; 589; 454), gerando mais uma vez um aumento de gastos da economia americana (597; 306) com serviços de espionagem. Essa agitação é marcada pelos verbos: 'pedir; reforçar; aprovar; pressionar' de implicação de ordem.

- 648.** [Folha Online - Mundo - Casa Branca pede acordo sobre segurança aérea - 06/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32969.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32969.shtml>
- 589.** [Folha Online - Mundo - Bush reforça segurança em aeroportos para garantir viagens de Natal - 09/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33126.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33126.shtml>
- 454.** [Folha Online - Mundo - Congresso dos EUA aprova lei reforçando a segurança aérea - 16/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33496.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33496.shtml>

597. [Folha Online - Mundo - Senado dos EUA aprova aumento de 7.7% em gastos com espionagem - 09/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33104.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33104.shtml>

306. [Folha Online - Mundo - EUA pressionam empresas aéreas a fornecer dados sobre passageiros - 28/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33927.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33927.shtml>

A guerra continua e seus efeitos pelo mundo são sentidos através de atos de restrição a liberdades individuais (357), atos contra a guerra no Paquistão e Afeganistão (656), antissemitismo (283) e a pressão norte-americana aos países aliados (579; 570). Pressionado, igualmente, pela ONU e OTAN, o Paquistão (727; 706) assume posição favorável aos EUA. Nota-se em (357) o uso da passiva analítica em função assertiva sobre evento passado, cujo emprego só pode ocorrer no pretérito perfeito. A função é simples: delimitar uma ação já definida. Em (727), ocorre modalização epistêmica com ‘devem abrir’ retratando a incerteza quanto a postura adotada por países vizinhos em relação a abertura de suas fronteiras ao exército norte-americano.

656. [Folha Online - Mundo - Na Alemanha, 74% são contra participação na guerra dos EUA - 06/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32953.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32953.shtml>

579. [Folha Online - Mundo - Bush usa reunião da ONU para obter apoio - 10/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33147.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33147.shtml>

570. [Folha Online - Mundo - Europeus confirmam apoio "sem limites" aos ataques - 10/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33173.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33173.shtml>

357. [Folha Online - Mundo - Liberdades civis foram reduzidas após atentados - 23/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33736.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33736.shtml>

283. [Folha Online - Mundo - Renasce anti-semitismo na Europa, dizem associações judaicas - 29/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34011.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34011.shtml>

727. [Folha Online - Mundo - Países vizinhos do Afeganistão devem abrir fronteiras, dizem EUA - 01/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32691.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32691.shtml>

706. [Folha Online - Mundo - Mil paquistaneses chegam ao Afeganistão para lutar contra o Taleban - 03/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32777.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32777.shtml>

Enquanto isso, George Bush vive uma contradição: é apoiado pela população de seu país (657; 358), mas tem sua cabeça colocada a prêmio pelos talibãs (384). Apesar desta popularidade, é no fim de 2001 que a

guerra começa a afetar mais diretamente a economia norte-americana (520; 405; 296) em função do alto custo para o envio de tropas, comida e armamentos. A recessão não demoraria a atingir o mundo, cujos efeitos seriam sentidos mais fortemente a partir do ano de 2007. Por esta razão, a narrativa é marcada por incertezas, empregando a modalização epistêmica: ‘pode custar’ e o verbo ‘pedir’ implicando sugestão, ou seja, ausência de força mandatória, além de ‘enfrentar’ que implica a existência de obstáculos e dificuldades.

657. [Folha Online - Mundo - Maioria dos americanos ainda apóiam Bush, diz pesquisa - 06/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32950.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u32950.shtml>

384. [Folha Online - Mundo - Taleban dobra oferta dos EUA, e diz que dá US\\$ 50 mi por Bush - 21/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33660.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33660.shtml>

358. [Folha Online - Mundo - Supremo legitima superpoderes de Bush - 23/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33735.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33735.shtml>

520. [Folha Online - Mundo - Guerra pode custar US\\$ 1 bi por mês - 13/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33309.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33309.shtml>

405. [Folha Online - Mundo - Região dos atentados enfrenta recessão - 20/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33615.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33615.shtml>

296. [Folha Online - Mundo - Bush pede ao Senado aprovação de plano de reativação econômica - 28/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33957.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33957.shtml>

Outro acidente aéreo marca o ano de 2001 com a queda de um Airbus da *American Airlines* (545) no bairro do *Queens* em NY. Sem indícios de atentado terrorista, o acidente abalou novamente os americanos, gerando mais pânico e histeria (548; 526). Paralelamente, bin Laden reaparece (560; 439), confessa o planejamento dos atentados de “11 de setembro”, mas não é capturado pelas tropas norte-americanas. Observe-se o verbo ‘continuar [caçando]’, aspectual de desenvolvimento de um evento; os assertivos ‘é; confirma; confessa’ e também ‘abalar’, implicando mudança negativa de estado.

548. [Folha Online - Mundo - Sede da ONU em NY é fechada por causa de queda de avião - 12/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33241.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33241.shtml>

545. [Folha Online - Mundo - American Airlines confirma que avião levava 255 pessoas - 12/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33249.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33249.shtml>

526. [Folha Online - Mundo - Medo de atentado abala nova-iorquinos - 13/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33301.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33301.shtml>

560. [Folha Online - Mundo - Bin Laden confessa atentado do dia 11 em vídeo, diz jornal - 11/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33212.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33212.shtml>

439. [Folha Online - Mundo - EUA continuam caçando Bin Laden, diz Pentágono - 17/11/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33529.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33529.shtml>

Este ano conturbado termina com os EUA em guerra e um grande número de civis mortos em ataques considerados desastrosos (252). De acordo com a afirmação de Bush (7) a guerra prossegue em 2002, severamente criticada por países antes aliados no combate ao terrorismo como a Rússia (173). Para a imprensa, de um modo geral, o “11 de setembro” deixa de ser apenas uma data para se transformar em marco histórico de vendas, como ocorre com o próprio NYT (115). Enquanto a caça a bin Laden continua, os EUA decidem capturar outro personagem importante dessa narrativa, o líder espiritual do talibã e amigo pessoal de bin Laden, o mulá Mohammed Omar (193). O léxico da guerra enfatiza, portanto, verbos como: ‘prossegue; é; domina’, além de ‘passa a ser’, aspectual que não só marca o início e eventos como reitera a continuidade das ações e, ‘querer’ empregado por Bush para expressar ordem.

252. [Folha Online - Mundo - Bombardeios no fim de semana deixam 100 civis mortos em Jalalabad - 03/12/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34196.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34196.shtml>

7. [Folha Online - Mundo - Guerra dos EUA contra terrorismo prossegue em 2002, afirma Bush - 30/12/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u35330.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u35330.shtml>

173. [Folha Online - Mundo - Gorbachov critica estratégia antiterrorista de Bush - 11/12/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34574.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34574.shtml>

115. [Folha Online - Mundo - Edição especial sobre terrorismo é a maior da história do "NYT" - 15/12/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34792.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34792.shtml>

193. [Folha Online - Mundo - 90º Dia: Caça a Bin Laden e mulá Omar domina cenário afegão - 08/12/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34471.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34471.shtml>

127. [Folha Online - Mundo - Vídeo de Bin Laden é "contudente" prova de culpabilidade, diz Bush - 14/12/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34732.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34732.shtml>

201. [Folha Online - Mundo - Bush diz que guerra só terminará com a "vitória dos EUA" - 07/12/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34452.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34452.shtml>

198. [Folha Online - Mundo - Bush quer evitar erro do pai - 08/12/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34464.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34464.shtml>

[82. Folha Online - Mundo - Data de 11 de setembro passa a ser o "Dia dos Patriotas" nos EUA - 19/12/2001](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34969.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u34969.shtml>

O ano termina e Bush usa o vídeo de bin Laden (127), no qual o terrorista assume o planejamento dos atentados, para reafirmar que a guerra será vitoriosa para os americanos, na tentativa de apagar o fantasma de *Pearl Harbor*, o famoso ataque da marinha imperial japonesa contra tropas navais norte-americanas no Havai em 1941 e que devastou o governo e a imagem de George Bush pai (201; 198). Por fim, George W. Bush institui o “11 de setembro” como o ‘dia dos patriotas’ (82) em homenagem às vítimas. Essa conturbada narrativa sobre guerras, perseguições desastrosas, civis mortos, antraz são os primeiros indícios do desdobramento que o terrorismo iria alcançar mundo afora, na perspectiva do NYT e na FSP. Como se observa na continuidade da narrativa foram inúmeras as especulações e mortes, sem nenhum resultado efetivo. É assim que a narrativa expressa pelos títulos continua em 2002.

6.2 O ano de 2002

Este ano marca o primeiro aniversário dos atentados. Alguns dos principais fatos ocorridos no mundo dizem respeito à prisão de suspeitos de terrorismo em diversos países como Espanha, Rússia, França, Reino Unido e Alemanha. Tais prisões levam ao fechamento do espaço aéreo deste e outros países e ao aumento da segurança interna nestes locais. Tal fato justifica ainda o aumento da vigilância sobre os cidadãos americanos. A guerra entre EUA e o mundo árabe continua, bem como a procura por bin Laden, reforçando preconceitos contra os muçulmanos no mundo todo. A economia mundial sofre uma queda geral nas bolsas, refletida na desvalorização do dólar. É votada ainda a polêmica lei antiterrorismo proposta por Bush. A rede terrorista Al Qaeda se consolida nesse novo cenário terrorista no Paquistão e especula-se que haja vínculos entre a rede terrorista e Saddam Hussein no Kuwait.

6.2.1 “THREATS AND RESPONSES: STRATEGY; Rumsfeld Says Other Nations Promise to Aid Attack on Iraq” (NYT) – ameaças e respostas: estratégia; Rumsfeld diz que outras nações prometem se juntar no ataque ao Iraque

A narrativa de setembro segue o padrão mencionado no ano anterior: manchetes *THREATS AND RESPONSES* (ameaças e respostas) contextualizam o cenário e introduzem o foco *IN HIS OWN WORDS* (em suas próprias palavras) que se projeta no ponto de vista de Donald Rumsfeld (500), secretário de defesa de 2001 a 2006, ao pedir uma postura de firmeza para os americanos sobre o combate ao terrorismo e expressa por verbos empregados em terceira pessoa no plural: *'have got to'* (ter que/deve), característico da modalização deontica, de obrigação e necessidade. Assim, no ano de 2002 as consequências dos atentados nos Estados Unidos e em outras nações seriam mais perceptíveis. Como na época não se sabia o rumo que a guerra iria tomar e até o momento bin Laden não tinha sido capturado como afirmara George W. Bush no ano anterior, um estúdio de Hollywood (58) se oferecia para exibir um programa sobre tolerância que visava o mundo árabe.

500. [TRACES OF TERROR: IN HIS OWN WORDS/Donald H. Rumsfeld: 'The American People Have Got the Staying Power for This'](#) - September 4, 2002 - World - 2122 words
58. [TRACES OF TERROR: ADVERTISING: Hollywood Group Offers First TV Spot on Tolerance Aimed at Arab World](#) - September 5, 2002 - By BILL CARTER - World - 768 words

No mesmo dia, o jornal mostra ações perpetradas (*suit*) por famílias (*kin*) de vítimas (241) do WTC contra a Al Qaeda, bin Laden, o talibã e outras organizações terroristas, com o título *legal actions* (ações jurídicas). A narrativa continua com (626) relatando um estudo sobre os gastos com o combate ao terrorismo que poderia alimentar ou munir os inimigos sobre as estratégias norte-americanas. O curioso é que o vocábulo significa ração de animais domésticos, reiterando uma comparação expressa por um título da *TIMES* em 2001 - *"breed of terrorists"* - no qual *breed* pode ser lido tanto como 'geração' quanto como 'raça (de animais)' de terroristas. Já em (409; 266; 239) os conselheiros de Bush apresentam o caso contra o Iraque, perspectiva endossada pela fala do prefeito Michael Bloomberg (266): *grieve today, grasp tomorrow* (hoje luto; amanhã entendimento), coerente com o léxico da submanchete *perspectives* (perspectivas) que exprime sua visão. Por outro lado, a Casa Branca caminhava a passos lentos (*drags its feet*) para mostrar evidências sobre o Iraque. Nos exemplos a seguir, novamente se observa a ligação das manchetes com o título, cujo destaque vai para *THREATS AND RESPONSES* (ameaças e respostas). Os verbos *'says; is; present; drags'*, respectivamente, 'diz; é; apresenta; se

arrasta/caminha lentamente’ são assertivas e marcam as respostas introduzidas pelos três últimos exemplos em especial.

241. [TRACES OF TERROR: LEGAL ACTION; Suit by Victims' Kin Says Iraq Knew of 9/11 Plans](#)
By TINA KELLEY - September 5, 2002 - By TINA KELLEY - World - 332 words
626. [TRACES OF TERROR: THE BUDGET; New Study on Antiterror Spending Is Fodder for Rival Camps](#) - September 6, 2002 - By RICHARD W. STEVENSON - World - 1110 words
409. [THREATS AND RESPONSES; With Few Variations, Top Bush Advisers Present Their Case Against Iraq](#) - September 9, 2002 - World - 1336 words
266. [THREATS AND RESPONSES: PERSPECTIVES; Grieve Today, Mayor Says, And Then Grasp Tomorrow](#) - September 11, 2002 - By JENNIFER STEINHAUER - World - 1541 words
239. [THREATS AND RESPONSES: CAPITOL HILL; White House Drags Its Feet On Testifying At 9/11 Panel](#) - By JAMES RISEN - September 13, 2002 - By JAMES RISEN - World - 824 words

A história continua com a captura de suspeitos ligados ao “9/11” e a Al Qaeda (151) e mostra a tentativa de canais de TV via satélite em trazer olhares “*unfiltered*” (transparentes, isentos, não tendenciosos) sobre o Oriente Médio (640), a exemplo dos estúdios de Hollywood, além da abertura de bases sauditas ao exército norte-americano (263). Enquanto isso, outros títulos dão conta que o congresso norte-americano já sabia de ameaças previamente ao “11 de setembro”. Porém, sem admitir essa postura, os americanos pressionam a OTAN (441) para uma reação rápida e, como estratégia, Rumsfeld (271) aponta a promessa de ajuda de outras nações no ataque ao Iraque. Nestes títulos o léxico é marcado por assertivas em terceira pessoa: ‘*says; offers; finds; [is] pressing*’ (diz; oferece; relata; está pressionando), sem muita força semântica, mas que redirecionam o discurso para os sujeitos que falam, na tentativa de manter o princípio da isenção para o jornalismo.

151. [THREATS AND RESPONSES: INVESTIGATION; U.S. Says Suspect Tied to 9/11 And Qaeda Is Captured in Raid](#) - By JAMES RISEN - September 14, 2002 - By JAMES RISEN - World - 1236 words
640. [THREATS AND RESPONSES: MEDIA; U.S. Satellite Channel Offers Unfiltered Views From the Middle East](#) - September 16, 2002 - By DEAN E. MURPHY - World - 869 words
263. [THREATS AND RESPONSES: ARAB SHIFT; SAUDIS INDICATING U.S. CAN USE BASES IF U.N. BACKS WAR](#) - September 16, 2002 - By TODD S. PURDUM - World - 1337 words

218. [THREATS AND RESPONSES: CONGRESS; Foreign Threat Was Focus Before 9/11, Panel Finds](#)
By JAMES RISEN - September 18, 2002 - By JAMES RISEN - World - 802 words
441. [U.S. Pressing NATO for Rapid Reaction Force](#) - September 18, 2002 - By ELAINE SCIOLINO - World - 800 words
271. [THREATS AND RESPONSES: STRATEGY; Rumsfeld Says Other Nations Promise to Aid Attack on Iraq](#) - September 19, 2002 - By THOM SHANKER and DAVID E. SANGER - World - 1385 words

Setembro termina com duas ações contraditórias do Líbano (246) e da Malásia (155). O Líbano revoga o visto de um professor (universitário) expulso dos Estados Unidos por supostas ligações com células da Al Qaeda⁴, enquanto a Malásia sugere que um suspeito preso pelos atentados era inocente. O léxico acompanha a narrativa com o verbo ‘*revokes*’ (revogar) que implica ordem, mandado e ‘*suggests*’ (sugerir) que implica suspeita, dúvida, incerteza sobre o suposto terrorista que havia sido preso.

246. [THREATS AND RESPONSES: DEPORTED PALESTINIAN; Lebanon Revokes Visa of Professor Ousted by U.S. in Wake of 9/11](#) - September 22, 2002 - World - 393 words
155. [THREATS AND RESPONSES: Malaysia Suggests Jailed 9/11 Suspect Had Innocent Role](#)
September 28, 2002 - World - 257 words

Outubro, por sua vez, começa com outro atentado, agora em Bali na Indonésia (261) colocando os EUA, conseqüentemente, em alerta máximo mais uma vez (14). Outro suspeito é preso na Alemanha (241) e confessa ligações com os sequestradores dos aviões de NY. Paralelamente, é publicado um relatório (649) cuja conclusão aponta que os EUA não estão preparados para outro ataque terrorista, justificando este estado de alerta.

Já o título (243) atesta que os Estados Unidos poderiam vir a júri pedir a liberação de um processo no valor de 1 trilhão de dólares ligando os Sauditas a Al Qaeda e ao “11 de setembro”. Deve-se cuidar com esta parte

⁴ Este assunto é retomado em 2003 com o título (407): [THE SATURDAY PROFILE: Qaeda Pawn, U.S. Calls Him. Victim, He Calls Himself](#). November 15, 2003 - By CLIFFORD KRAUSS - World - 1213 words, tendo em vista a repercussão do caso em que os EUA o chamam de peça manipulada pela Al Qaeda e o professor se declara vítima.

da narrativa, visto que o que estava sendo relatado até o momento eram os processos movidos por parentes das vítimas contra a família real saudita por estas supostas ligações. O governo norte-americano acompanhava tudo para evitar que o processo colocasse em risco suas relações com a família real. Neste processo discutiam-se supostas ajudas financeiras liberadas pelos sauditas para a rede terrorista Al Qaeda através de grupos islâmicos de caridade e bancos sauditas. Isto nos mostra uma quebra na sequência narrativa dos títulos do NYT.

Por fim, a última notícia de outubro é a liberação de um homem armado, preso em um aeroporto da Bélgica (134). O que se tinha até o momento era a sensação de que as ameaças poderiam vir de qualquer lado e de quem menos se esperava. Todos eram suspeitos em potencial, o clima era de desconfiança e ameaça constantes, exigindo que os EUA se protegessem de possíveis ameaças. Destacamos o primeiro título *TERROR IN BALI* (terror em Bali), alusão aos atentados que mataram cerca de 20 pessoas na cidade, comentado também pela FSP. As consequências, conforme destaque da submanchete, mostram-se incisivas através do verbo ‘[is] seen’ (é visto/tido) na passiva analítica que denota as novas frentes de combate ao terrorismo. O restante, em terceira pessoa: ‘puts; tells; finds; may ask; drop’, respectivamente, ‘adverte; relata; mostra; pode pedir; derruba’, são traduzidos dentro de seus respectivos contextos de uso nos títulos, expressando constatações, exceto pela modalização do verbo ‘poder’ (243) que marca uma possível ação, não acertada.

261. [TERROR IN BALI: THE CONSEQUENCES; Bombing in Bali Seen as Opening New Front in Fight on Terror](#) - October 14, 2002 - By RAYMOND BONNER - World - 1182 words
14. [THREATS AND RESPONSES: SECURITY; C.I.A. Puts Risk Of Terror Strike At 9/11 Levels](#)
October 18, 2002 - By DAVID JOHNSTON - World - 1297 words
241. [THREATS AND RESPONSES: TRIAL IN GERMANY; Terror Suspect Tells of His Links to 9/11 Hijackers](#) - By DESMOND BUTLER - October 24, 2002 - By DESMOND BUTLER - World - 621 words
649. [THREATS AND RESPONSES: GAPS IN SECURITY; Report Finds U.S. Unprepared for Next Terrorist Attack](#) - October 25, 2002 - By JAMES DAO - World - 765 words
243. [THREATS AND RESPONSES: SEEKING COMPENSATION; U.S. May Ask Court to Dismiss a \\$1 Trillion Suit Linking Saudis to Al Qaeda and 9/11](#) - By PHILIP SHENON - October 25, 2002 - By PHILIP SHENON - World - 936 words
134. [THREATS AND RESPONSES: A SUSPECT CLEARED; Swedes Drop Hijacking Charge Against Armed Man at Airport](#) - October 31, 2002 - By DESMOND BUTLER - World - 334 words

Novembro continua com o clima de insegurança na Europa (643) colocando o continente em alerta, especialmente portos e barcas (*ferries*) que se preparam para ataques. Enquanto isso, nos EUA (264) mostra-se que foram poucos os avanços na guerra contra o terror na visão do partido democrata e voltamos mais uma vez (148) as especulações sobre supostas relações entre a Arábia Saudita e os atentados com o sugestivo título “*TRACKING TERRORISM*”, ou seja, no encaço do terrorismo que, no título (613) termina esta parte da narrativa mencionando acusações de senadores norte-americanos que os sauditas não estariam ajudando na luta contra o terror. O léxico mais uma vez encontra nos verbos uma força expressiva: ‘*brace; say/says; accuse*’ (preparam-se; diz; acusa), incisiva maior do que nos títulos precedentes: *brace* é declarativo e pressupõe início de evento; *says* é discurso indireto e *accuse* causativo de negação avaliativa.

643. [THREATS AND RESPONSES: CONTINENT ON ALERT; Port and Ferry Operators In Europe Brace for Bomb](#) - November 13, 2002 - By ALAN COWELL - World - 601 words
264. [THREATS AND RESPONSES: ANTITERRORISM; Little Headway In Terror War, Democrats Say](#) - November 15, 2002 - By DAVID JOHNSTON and ERIC LICHTBLAU - World - 1279 words
148. [THREATS AND RESPONSES: TRACKING TERRORISM; 9/11 REPORT SAYS SAUDI ARABIA LINKS WENT UNEXAMINED](#) - By DAVID JOHNSTON and JAMES RISEN - November 23, 2002 - By DAVID JOHNSTON and JAMES RISEN - World - 1260 words
613. [THREATS AND RESPONSES: THE INVESTIGATION; U.S. Senators Accuse Saudis Of Not Helping to Fight Terror](#) - November 25, 2002 - By DAVID JOHNSTON and PHILIP SHENON - World - 1143 words

O ano de 2002 termina com as seguintes notícias que perfazem a narrativa norte-americana sobre o mundo pós-atentados. A mesma suposta falta de ajuda de países aliados, mencionada acima, em razão dos sauditas, é comentada também pelos alemães em (195). E, como consequência da narrativa da “luta contra o terror”, o racismo (175) aumenta depois dos atentados.

195. [THREATS AND RESPONSES: THE INVESTIGATION; In 9/11 Case, Germans Note Lack of Help From Allies](#) - By DESMOND BUTLER - December 8, 2002 - By DESMOND BUTLER - World - 748 words
175. [Racism Up After 9/11, European Monitor Says](#) - By CRAIG S. SMITH - December 11, 2002 - By CRAIG S. SMITH - World - 347 words

539. [THREATS AND RESPONSES: U.S. DEFENSE: Moscow Miffed Over Missile Shield but Others Merely Shrug](#) - December 19, 2002 - By MICHAEL WINES - World - 972 words

Por fim, o título (539) relata que Moscou humilha o escudo antimíssil norte-americano, coerente com a submanchete *U.S DEFENSE* (defesa norte-americana) enquanto outros supostos aliados não demonstram interesse (*shrug*) neste tipo de defesa. Para lembrar, na época a França não se manifestou e a Alemanha disse que o escudo não seria eficiente numa guerra contra o terrorismo. Aqui os verbos ‘*note* (notar) e *says* (dizer)’ são constatativos, enquanto o terceiro título é o único, até o momento, em tempo passado com *miffed over*’ (ridicularizou), respondendo às ameaças terroristas, conforme a manchete primeira.

Vale ressaltar que os títulos do NYT não são claros o suficiente para reconstruir uma narrativa precisa, visto que suprimem verbos, não são explícitos, empregam muita adjetivação e substantivos, caracterizando um teor bastante dramático, especialmente no que se refere a manchetes e submanchetes. Logicamente, o leitor norte-americano compreende estas sutilezas estando os títulos do NYT vinculados a fatos de interesse deste público, ou seja, descrevendo detalhes como os processos movidos em juízo contra terroristas e bin Laden pelos parentes das vítimas, sequer mencionados pela FSP. Convém lembrar a tabela de Nord (1991) e a pragmática funcionalista neste caso. Segundo Nord, para traduzir de modo funcionalmente adequado, o tradutor deve antes de tudo recriar o contexto de recepção e o efeito e função que o texto teve sobre os leitores no contexto de recepção original, no caso, os leitores norte-americanos. Só então é possível traduzir o texto, ou seja, o conjunto de títulos para os leitores brasileiros neste caso. Esta tarefa determina o que se deve omitir ou expandir, sendo esta a tarefa de tradução que realizamos até agora para que fosse possível resgatar e tecer um fio narrativo para a sequência de títulos do NYT no ano de 2002. Estas diferenças fornecem, ainda, evidências claras de um deslocamento de enfoque também presente nos títulos. O próximo item trata da narrativa do ano de 2003.

6.2.2 “Bush pede paciência na caçada a Bin Laden” (FSP)

Do ponto de vista da FSP, 2002 começa com os desdobramentos dos atentados atingindo fortemente a questão do petróleo como foco principal, motivo para ataques sucessivos ao Iraque (509; 508). Bin Laden quase

desaparece para que outro personagem, Saddam Hussein (137; 30) seja apresentado. Enquanto isso, explosões de carros-bomba em Cabul e no Afeganistão (109; 106) e a paranóia com a segurança nos aviões (99) coloca o mundo árabe contra os EUA, apesar de a Arábia Saudita (679; 584) se mostrar a favor dos norte-americanos. Têm início, ainda, visitas dos inspetores de armas da ONU (547) ao Iraque. O léxico retrata o cenário de guerra com verbos assertivos: ‘é; são; adota; está’; ‘promete’, cuja função é elocutiva, isto é, introduzir o discurso de Tony Blair, além de ‘deixar’, de incidência negativa neste contexto e ‘matar’

509. [Folha Online - Mundo - Petróleo é fator-chave na crise iraquiana - 22/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45576.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45576.shtml>

508. [Folha Online - Mundo - Ásia e África são alternativa ao instável Oriente Médio - 22/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45586.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45586.shtml>

137. [Folha Online - Mundo - Tony Blair promete divulgar dossiê contra Saddam Hussein - 03/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44920.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44920.shtml>

30. [Folha Online - Mundo - Iraque adota posição de desafio diante de Bush e Blair - 08/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45099.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45099.shtml>

109. [Folha Online - Mundo - Explosão de carro-bomba deixa 22 mortos e 65 feridos em Cabul - 05/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44965.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44965.shtml>

106. [Folha Online - Mundo - Carro-bomba mata 15 no Afeganistão; presidente sobrevive a atentado - 05/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44971.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44971.shtml>

99. [Folha Online - Mundo - Aviões terão portas de cabine blindadas contra atentados - 05/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44977.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44977.shtml>

679. [Folha Online - Mundo - Mundo árabe está em guerra com EUA - 11/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45172.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45172.shtml>

584. [Folha Online - Mundo - Arábia Saudita diz aos EUA que vai lutar contra o terrorismo - 12/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45265.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45265.shtml>

547. [Folha Online - Mundo - Iraque aceita retorno dos inspetores de armas da ONU - 16/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45388.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45388.shtml>

A guerra parece não se alterar muito enquanto os personagens se revezam como protagonistas, caso do ex-presidente Clinton (90) que exige a prisão de bin Laden antes de o Iraque ser invadido. Bush, por sua vez, volta a pedir (65) carta branca ao departamento de segurança americano, frente aos primeiros indicativos de queda de sua popularidade (34), o que aumentaria nos anos subsequentes pelo rumo confuso que a ofensiva

antiterrorismo iria seguir. Isto começa a ser sentido quando os primeiros relatórios da invasão do Iraque (726) não encontram vínculos entre Saddam e bin Laden, mesmo assim a invasão em território iraquiano (643; 642) é defendida por Collin Powell. Mais tarde ficaria claro que a invasão do Iraque teve outros motivos além do suposto combate ao terrorismo e que, em razão de o vilão (bin Laden) não ter sido capturado, o papel de inimigo público número 1 coube a Saddam Hussein. Este conjunto de títulos é marcado, portanto, com verbos que implicam poder, ordem, mandados, a saber: ‘quer; pede; defende; decidiu’, traduzidos na fala daqueles que detém o poder como: Clinton, Bush, Powell e a própria entidade ‘governo’ norte-americano. Destaque para o único título que inicia com verbo (34), cuja função chamativa assemelha-se à manchete:

90. Folha Online - Mundo - Bill Clinton quer que Bush capture Bin Laden antes de atacar Iraque - 06/09/2002

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44989.shtml>

65. Folha Online - Mundo - Bush pede Departamento de Segurança com amplos poderes e verbas - 07/09/2002

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45037.shtml>

34. Folha Online - Mundo - Cai o nível de aprovação de Bush - 08/09/2002

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45091.shtml>

726. Folha Online - Mundo - EUA não encontram elo entre Saddam e Al Qaeda, diz jornal - 10/09/2002

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45151.shtml>

643. Folha Online - Mundo - Em entrevista ao "Le Monde", Powell defende ataque ao Iraque - 11/09/2002

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45198.shtml>

642. Folha Online - Mundo - Bush decidiu derrubar Saddam sem realizar consultas, diz jornal - 11/09/2002

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45199.shtml>

As consequências diretas destas primeiras incursões no Iraque apenas aumentam a já antiga paranoia americana com a segurança e as constantes ameaças de terrorismo (696; 689), marcada por verbos de implicação negativa tais como ‘restringem; prende’. Restrições ao espaço aéreo, embaixadas americanas fechadas ao redor do mundo são algumas das medidas tomadas pelo governo Bush, além das já conhecidas prisões de suspeitos de terrorismo (566). O lado positivo da invasão do Iraque reativa o poder de George Bush (504) enfraquecido pelas ofensivas frustradas no Afeganistão e Paquistão, mortes de civis e a desastrosa perseguição a bin Laden. Este contexto é retratado pelos verbos ‘aumenta e reverte’, cuja função é marcar um contexto na qual as circunstâncias eram desfavoráveis

num primeiro momento para o presidente e que seriam, posteriormente, revertidas.

696. [Folha Online - Mundo - EUA restringem espaço aéreo para garantir segurança - 11/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../folha/mundo/ult94u45006.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

689. [Folha Online - Mundo - Aumenta segurança em torno da embaixada dos EUA em Manila - 11/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../folha/mundo/ult94u45184.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

566. [Folha Online - Mundo - FBI prende cinco suspeitos de terrorismo nos Estados Unidos - 14/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../folha/mundo/ult94u45316.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

504. [Folha Online - Mundo - Bush reverte queda de sua popularidade - 23/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../folha/mundo/ult94u45609.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

Com isto, o personagem de bin Laden ganha força como o vilão que escapa do mocinho. Mães querem seu nome para os filhos (97), um novo vídeo (7) reitera sua participação no planejamento dos atentados e reforça a ameaça terrorista aos EUA (574) que já estavam relevando medidas de segurança (497; 495) com o controle de vistos. Tais acontecimentos ocorrem próximos ao primeiro aniversário das torres, conforme a narrativa dos títulos a seguir. Ressaltamos os verbos ‘assumir’ e ‘prometer’ que tornam a figura de bin Laden o centro das atenções. Ambos são verbos que introduzem o discurso, aquilo que é dito, isto é, a fala de bin Laden, culminando na concretização de suas ameaças.

97. [Folha Online - Mundo - Casal recorre à Justiça alemã para chamar o filho de Osama bin Laden - 05/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../folha/mundo/ult94u44978.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

7. [Folha Online - Mundo - Bin Laden assume autoria dos atentados de 11/09 em novo vídeo - 09/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../folha/mundo/ult94u45123.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

574. [Folha Online - Mundo - Grupo de Bin Laden promete atacar os Estados Unidos - 13/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../folha/mundo/ult94u45293.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

497. [Folha Online - Mundo - EUA reduzem nível de alerta contra ataques - 24/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../folha/mundo/ult94u45651.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

495. [Folha Online - Mundo - EUA aceleram liberação de vistos atrasados - 24/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../folha/mundo/ult94u45666.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

O ano de 2002, apesar de marcado pela guerra nos países árabes, tem no primeiro aniversário das torres um acontecimento único que reforça não

só a necessidade de uma retaliação militar como a própria ameaça terrorista. Setembro é marcado por muitas homenagens às vítimas dos atentados, especialmente na Europa (120). O trauma dos americanos ganha ânimo através das imagens veiculadas na mídia (156; 83; 77) e o dia do patriotismo proposto por Bush no final de 2001 é finalmente promulgado (110). Nesta narrativa é interessante notar as especulações sobre a incidência de imagens das torres gêmeas na mídia através da modalização epistêmica com ‘podem causar’ e, logo em seguida, a assertiva ‘satura’ de forte implicação negativa. Em seguida temos ‘se preparam’, verbo aspectual que denota o início das homenagens e, por fim, ‘proclamar’, cuja semântica solene, enfatiza o tom patriótico exigido por George W. Bush.

156. [Folha Online - Mundo - Atentados podem causar diferentes traumas a sobreviventes - 02/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44876.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44876.shtml>

83. [Folha Online - Mundo - Excesso de imagens sobre 11/9 satura os americanos, diz pesquisa - 06/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44998.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44998.shtml>

77. [Folha Online - Mundo - Ver repetidamente cenas dos atentados pode causar danos psicológicos - 06/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45002.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45002.shtml>

120. [Folha Online - Mundo - EUA se preparam para homenagear vítimas após um ano dos atentados - 04/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44942.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44942.shtml>

110. [Folha Online - Mundo - Bush proclama 11 de setembro "Dia Patriótico" - 05/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44961.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44961.shtml>

As homenagens em NY são marcadas por alertas máximos de segurança (698; 719), restrição do espaço aéreo (92) e souvenirs vindo dos escombros (635). Dos títulos referentes ao “11 de setembro” destacamos dois publicados no mesmo dia. Um deles (55) pergunta se a data seria lembrada no futuro e o outro (56) sugere como resposta que o dia nunca teria fim. Hoje, após quase uma década dos acontecimentos, o “11 de setembro” permanece marcado na história (independente da força desta lembrança e para quem) como o dia em que um terrorista ousou atacar o que se conhecia como ‘império’ há uma década e, a julgar pelas inúmeras pesquisas, discussões e investigações que o “11 de setembro” suscita e também pelas consequências que gerou em todos os âmbitos (políticos, ideológicos, pessoais, humanitários, econômicos, sociais) a resposta do (56) parece ser mais atual do que nunca. Por outro lado, é interessante notar a escassez de títulos sobre a Al Qaeda (151; 148), cujas ideias tratam de prováveis ligações da Síria, Líbano e Palestina com a rede terrorista.

Nesta narrativa, o sentido negativo para os verbos é velado, a começar pelo verbo ‘lembrar’ que não só qualifica o enunciado, como também marca um estado permanente de luto para os norte-americanos. Em seguida temos ‘aumentar’ que implica uma situação anterior não satisfatória, daí a condição de alerta máximo para estes dois verbos. Outros três são também fortemente negativos como ‘restringe; deixa e nega’, culminando com a banalização dos souvenirs em (635) e com as perguntas retóricas que abrem o diálogo e o questionamento ao leitor.

698. [Folha Online - Mundo - Um ano depois, EUA lembram 11/09 em estado de alerta máximo - 11/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45168.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45168.shtml>

719. [Folha Online - Mundo - EUA aumentam nível de alerta na véspera de 11/9 - 10/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45153.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45153.shtml>

92. [Folha Online - Mundo - EUA restringirão espaço aéreo em 11 de setembro - 05/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44986.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44986.shtml>

635. [Folha Online - Mundo - Local dos atentados vira atração turística e tema de souvenirs - 11/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45207.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45207.shtml>

55. [Folha Online - Mundo - 11 de setembro: Esse dia será lembrado? - 08/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45052.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45052.shtml>

56. [Folha Online - Mundo - 11 de setembro: O dia que não acabou - 08/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45051.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45051.shtml>

151. [Folha Online - Mundo - Síria deixou Al Qaeda operar no Líbano, diz jornal "Haaretz" - 02/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44888.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44888.shtml>

148. [Folha Online - Mundo - Libaneses e palestinos negam relação com a Al Qaeda - 03/09/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44906.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u44906.shtml>

O ano segue com mais títulos sobre a guerra. O comando militar norte-americano de defesa começa a fichar visitantes muçulmanos e do oriente médio (461) como repercussão da suspeita do envolvimento de outros países árabes com o terrorismo o que para os EUA é uma forma de avanço na luta antiterror (443). O que parece, no entanto, é que os sucessivos desastres da ofensiva e a falta de provas concretas como a prisão de bin Laden faz crescer, entre os americanos (436; 429) protestos contra a guerra no Iraque depois de um ano de incursões (424) pelo Afeganistão. A ideia do deslocamento, do movimento das tropas é traduzida pelos verbos: ‘começam’ e ‘avançam’ sugerindo a ideia de continuidade reiterada depois

pelo título (424), cuja resistência está em ‘fazem; cresce; faz’, verbos referentes aos inúmeros protestos contra a expansão das tropas.

- 461.** [Folha Online - Mundo - EUA começam a fichar visitantes muçulmanos e do Oriente Médio - 02/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45928.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u45928.shtml>
- 443.** [Folha Online - Mundo - EUA avançam na luta contra o terrorismo - 04/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46052.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46052.shtml>
- 436.** [Folha Online - Mundo - Milhares de pessoas fazem protesto em NY contra guerra ao Iraque - 06/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46099.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46099.shtml>
- 429.** [Folha Online - Mundo - Cresce nos EUA o movimento contra guerra ao Iraque - 07/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46126.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46126.shtml>
- 424.** [Folha Online - Mundo - Ação dos EUA no Afeganistão faz 1 ano e não tem prazo para acabar - 08/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46131.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46131.shtml>

Títulos sobre o WTC tornam-se mais escassos, mencionando apenas uma paranoia instalada em NY (346) explorando a data de forma mais sensacionalista e também o Papa (287) que recebe pedaços das torres como lembrança.

- 346.** [Folha Online - Mundo - Loja nos EUA vende kits de sobrevivência em caso de apocalipse - 18/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46633.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46633.shtml>
- 287.** [Folha Online - Mundo - Papa recebe lembranças do World Trade Center - 30/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47154.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47154.shtml>

Os títulos referentes a outras nações do globo concentram-se no petróleo iraquiano (431; 326) e em novos atentados que atingem a ilha de Bali na Indonésia onde no final do ano de 2001 já se cogitava o fechamento de embaixadas americanas e a retirada de seus funcionários. Os títulos (392; 387; 376; 375; 351; 353) registram essa parte da narrativa. A guerra pelo petróleo encontra nos verbos utilizados pela FSP a sustentação da narrativa: ‘querem’ e ‘oferece’ implicando ordem, imposição, enquanto o restante: ‘acusa; condena; complica; deixa; prende’ expressam não só uma avaliação, mas também uma relação de causalidade negativas, condizente com as relações de conflito expressas pela narração.

- 431.** [Folha Online - Mundo - EUA querem se apoderar do petróleo iraquiano, diz Síria - 07/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46118.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46118.shtml>
- 326.** [Folha Online - Mundo - Ministro sírio acusa os EUA de quererem se apoderar do petróleo árabe - 23/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46830.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46830.shtml>
- 392.** [Folha Online - Mundo - Atentado em Bali deixa pelo menos 182 mortos e 132 feridos - 13/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46367.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46367.shtml>
- 387.** [Folha Online - Mundo - Sobe para 189 número de mortos em atentado em Bali; há 309 feridos - 14/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46388.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46388.shtml>
- 376.** [Folha Online - Mundo - Conselho de Segurança condena atentado de Bali - 14/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46424.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46424.shtml>
- 375.** [Folha Online - Mundo - Bali complica, mas não impede, ataque a Iraque - 15/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46432.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46432.shtml>
- 351.** [Folha Online - Mundo - Indonésia oferece recompensa pela prisão de autores do atentado - 18/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46591.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46591.shtml>
- 343.** [Folha Online - Mundo - Indonésia prende suspeito de terrorismo - 20/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46416.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46416.shtml>

Enquanto isso, na Alemanha, provável país onde os terroristas suicidas planejaram os atentados de “11 de setembro” começam o julgamento de um franco-marroquino preso, acusado de envolvimento neste planejamento. Já os títulos sobre a Al Qaeda permanecem escassos e sempre fazendo referências a ameaças da rede contra os EUA (405; 380), através de verbos como ‘nega, alerta’.

- 336.** [Folha Online - Mundo - Alemanha inicia julgamento de suposto cúmplice de atentados de 11/9 - 21/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46747.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46747.shtml>
- 330.** [Folha Online - Mundo - Marroquino nega ter colaborado com terroristas de 11 de setembro - 22/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46779.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46779.shtml>
- 327.** [Folha Online - Mundo - Alemanha faz 1º julgamento de suspeito por atentados nos EUA - 23/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46815.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46815.shtml>
- 405.** [Folha Online - Mundo - FBI alerta para possível ataque da Al Qaeda - 10/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46236.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46236.shtml>
- 380.** [Folha Online - Mundo - Extremista muçulmano afirma que Al Qaeda fará outros ataques - 14/10/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46416.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46416.shtml>

O ano segue com mais títulos sobre a guerra e suas consequências tais como (259) que restringe a entrada de canadenses no país, mesmo o Canadá tendo sido um dos primeiros a se aliar as tropas norte-americanas. Com a popularidade já em visível baixa, a aposta de Bush volta-se para as eleições presidenciais (256). Neste clima os norte-americanos votam para o congresso no qual ganha a maioria republicana (236) impulsionando a candidatura de George Bush. A última gravação de bin Laden mencionada no mês de setembro na qual o terrorista assume a participação nos atentados é analisada pela CIA (206; 204). A consequência da provável autenticidade da fita leva a Itália a reforçar sua segurança (201). Nos EUA, Bush pede paciência até que bin Laden seja preso e cria o departamento de defesa norte-americano sem, no entanto, tomar medidas para conter a propagação das agressões contra muçulmanos (136) no país. O léxico empregado neste bloco é contundente em relação à constatação das ameaças de bin Laden: ‘anunciam; aposta; levam; reforça; pede; assina; registra’ são asserções de ordem, decisão constatando a necessidade de se proteger contra o terrorista.

259. [Folha Online - Mundo - EUA anunciam novas regras para canadenses entrarem no país - 01/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47261.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47261.shtml>

256. [Folha Online - Mundo - Bush aposta nas urnas para voltar às origens - 03/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47295.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47295.shtml>

236. [Folha Online - Mundo - Eleição dá a Bush maioria no Congresso - 07/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47492.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47492.shtml>

206. [Folha Online - Mundo - CIA vai analisar a gravação sonora atribuída a Bin Laden - 12/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47730.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47730.shtml>

204. [Folha Online - Mundo - EUA levam a sério suposta gravação de Bin Laden, diz Bush - 13/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47756.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47756.shtml>

201. [Folha Online - Mundo - Itália reforça vigilância após mensagem atribuída a Bin Laden - 13/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47772.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47772.shtml>

176. [Folha Online - Mundo - Bush pede paciência na caçada a Bin Laden - 19/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48040.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48040.shtml>

149. [Folha Online - Mundo - Bush assina lei que institui superministério de Defesa dos EUA - 25/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48314.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48314.shtml>

136. [Folha Online - Mundo - FBI registra aumento de agressões contra muçulmanos nos EUA - 26/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48362.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48362.shtml>

Consolida-se, desta maneira, o que a mídia chamou de a “cultura do medo” pós-atentados (255) desdobrando-se por todos os países como França, Indonésia, Rússia (233; 214). Qualquer acontecimento violento ou brusco pode ser considerado terrorismo ou ameaça de (212; 201), enquanto que os Sauditas reafirmam seu distanciamento financeiro (154; 144) da al Qaeda. Novamente, verbos de implicação negativa, causativos, traduzem a falta de segurança: ‘culpam; alerta; nega, reforça’, capitalizada pela política americana.

255. [Folha Online - Mundo - Bush capitaliza "cultura do medo" pós-atentados - 03/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47297.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47297.shtml>

223. [Folha Online - Mundo - França e Indonésia culpam Al Qaeda por atentados - 08/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47551.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47551.shtml>

214. [Folha Online - Mundo - UE e Rússia acertam plano de ação contra terrorismo - 11/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47654.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47654.shtml>

212. [Folha Online - Mundo - Tony Blair alerta sobre riscos de atentados - 11/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47673.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47673.shtml>

201. [Folha Online - Mundo - Itália reforça vigilância após mensagem atribuída a Bin Laden - 13/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47772.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47772.shtml>

154. [Folha Online - Mundo - Arábia Saudita nega ter financiado terroristas de 11 de setembro - 23/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48236.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48236.shtml>

144. [Folha Online - Mundo - Princesa saudita nega financiamento a terroristas de 11/9 - 25/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48338.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48338.shtml>

Em meio a crise entre sauditas e norte-americanos, mencionada também pelo NYT, é a vez do Quênia sofrer com os desdobramentos do “11 de setembro” através da explosão de um carro bomba que deixa muitos mortos e feridos, tomando a frente dos títulos no noticiário da FSP conforme os títulos (121; 120; 119; 114). A narrativa corrobora a ideia dos atentados com um único verbo, causativo, ‘deixa’ fortemente negativo em contextos similares. Destaque para o único título sem sujeito (119) que traduz o ambiente devastador causado pelo atentado.

121. [Folha Online - Mundo - Explosão de carro-bomba no Quênia deixa 11 mortos e 15 feridos - 28/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48433.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48433.shtml>

120. [Folha Online - Mundo - Atentado suicida no Quênia deixa 12 mortos e 20 feridos - 28/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48444.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48444.shtml>

119. [Folha Online - Mundo - Sobe para 15 o número de mortos em atentado no Quênia - 28/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48450.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48450.shtml>

114. [Folha Online - Mundo - Atentado no Quênia deixou 16 mortos e 80 feridos - 28/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48453.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48453.shtml>

Enquanto isso, Bin Laden comemora os ataques (207) e a mídia revela que a sua pista (198) já teria sido perdida em 2001. As investigações sobre a última fita de vídeo, conduzida pela CIA, finalmente comprova sua autenticidade (180), enquanto a mídia especula que o terrorista poderia ter feito plástica e “desaparecido” (151). A Al Qaeda começa a receber pouca atenção da imprensa que noticia apenas que a rede estaria tentando montar novas bases no Paquistão. Da mesma maneira diminui o interesse por notícias sobre o WTC, sendo poucos os títulos relevantes, com destaque para as famílias de vítimas que, influenciados pelos atritos do governo com os sauditas, acusam o ex-primeiro saudita pelo financiamento dos atentados (248), as figurinhas (*cards*) para colecionar com o rosto das vítimas do WTC (162) que scandalizou os nova-iorquinos e para os primeiros projetos (161) de reconstrução das torres. Neste bloco, à medida que se afastam do seu referente ou saturam os leitores na mídia, os fatos vão apenas sendo especulados ‘sugerem; pode ter feito’ e marcam constatações triviais ‘circula; revela’ sem muita força apelativa. O destaque fica apenas para dois verbos negativos ‘chocam; acusa’, causativos e de cunho avaliativo.

207. [Folha Online - Mundo - Bin Laden comemora ataques e felicita tchetchenos, diz Al Jazeera - 12/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47715.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47715.shtml>

198. [Folha Online - Mundo - Pista de Bin Laden foi perdida há 1 ano - 14/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47777.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47777.shtml>

180. [Folha Online - Mundo - Testes dos EUA sugerem que gravação de Bin Laden é autêntica - 18/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48004.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48004.shtml>

153. [Folha Online - Mundo - Suposta carta manuscrita de Bin Laden circula na internet - 24/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48263.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48263.shtml>

151. [Folha Online - Mundo - Bin Laden pode ter feito cirurgia plástica, diz jornal - 25/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48303.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48303.shtml>

- 248.** [Folha Online - Mundo - Famílias de vítimas do 11 de setembro acusam ex-ministro saudita - 04/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47374.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u47374.shtml>
- 162.** [Folha Online - Mundo - Figurinhas com imagens de vítimas do 11 de setembro chocam NY - 21/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48115.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48115.shtml>
- 161.** [Folha Online - Mundo - Incorporador revela projeto de arranha-céu na área do WTC - 21/11/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48116.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48116.shtml>

O ano de 2002 termina com a proposição de se criar um ministério de inteligência norte-americano (79), com a chamada de reservistas para proteger bases aéreas norte-americanas (55) e a possibilidade de as tropas agirem também em territórios aliados visando exterminar o terrorismo (54), sem esquecer do medo de atentados durante o feriado de Natal e Ano Novo (22; 18). Para isto temos o verbo ‘propor’, cuja ideia de sugestão imprime ao enunciado um caráter avaliativo, isto é, se for necessário o ministério será criado; um modalizador epistêmico ‘poderá agir’ que especula a mobilização dos soldados, mencionado no título anterior. Este enunciado pressupõe uma relação de causalidade dentro deste contexto se pensarmos que essas tropas irão agir em territórios aliados se alguma coisa causar essa ação, o que nos lembra mais uma vez a política unilateralista adotada pelo governo norte-americano em relação ao combate ao terrorismo. Por fim, um verbo bastante negativo ‘proibir’ traduz a imposição dessas regras aos norte-americanos.

- 79.** [Folha Online - Mundo - Comissão propõe criação de ministério da inteligência nos EUA - 08/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48848.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48848.shtml>
- 55.** [Folha Online - Mundo - Pentágono mobiliza 9.000 soldados para proteger bases aéreas - 16/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49185.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49185.shtml>
- 54.** [Folha Online - Mundo - Força dos EUA poderá agir em países aliados - 17/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49186.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49186.shtml>
- 22.** [Folha Online - Mundo - FBI pede atenção à população para possíveis atentados no Natal - 24/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49537.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49537.shtml>
- 18.** [Folha Online - Mundo - EUA proíbem vôos em Nova York e Califórnia no Ano Novo - 25/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49605.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49605.shtml>

Um ano após os atentados, a visão do mundo sobre os EUA torna-se mais negativa devido às guerras e conflitos em territórios árabes, a morte de inocentes e ao preconceito levantado contra os muçulmanos (82). Especialistas enfatizam mais uma vez (63) que não existe vínculo entre Saddam e a rede Al Qaeda; por outro lado, Yasser Arafat (58) condena bin Laden por usar a causa palestina para incitar o terror. Reflexos do medo de atentados nas festas de final de ano atingem também a cidade de Paris (38) ao passo que os sauditas continuam se mantendo em cima do muro mostrando que mesmo não tendo, aparentemente, financiado organizações terroristas como o grupo de bin Laden, não abriu suas bases aéreas (2) estratégicas para os EUA. Essa negatividade está mais uma vez premente nos verbos e seus complementos: ‘não pode; negam; são proibidos; não há; cresce [visão negativa]’, cuja função é marcar o discurso pesado da condição de guerra permanente que havia se instaurado no mundo.

82. [Folha Online - Mundo - Cresce visão negativa sobre os EUA , segundo pesquisa - 08/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48808.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48808.shtml>

63. [Folha Online - Mundo - Para especialistas, não há vínculos entre Al Qaeda e Saddam - 13/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49065.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49065.shtml>

58. [Folha Online - Mundo - "Bin Laden não pode usar causa palestina para terror", diz Arafat - 16/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49144.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49144.shtml>

38. [Folha Online - Mundo - Aviões de turismo e planadores são proibidos de sobrevoar Paris - 19/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49310.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49310.shtml>

2. [Folha Online - Mundo - Sauditas negam que suas bases aéreas estariam disponíveis aos EUA - 30/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49806.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49806.shtml>

Condizente com a hipótese prevista na figura da ondulatória, quanto mais se expandem, afastados do centro gerador, mais os reflexos da água perdem força. É o que ocorre com títulos referentes aos projetos para a reconstrução do WTC (48). O ferro retirado dos escombros seria depois utilizado como parte da construção de um navio de guerra (10) em homenagem as vítimas. O mesmo reflexo atinge os títulos sobre bin Laden que, ainda não tendo sido capturado como preconizava Bush, ora é tido como morto (98) rindo dos resultados desastrosos dos americanos, ora é noticiado como vivo (31) pela inteligência saudita. Nem a Al Qaeda parece fugir do ostracismo midiático cujos títulos relevantes dão conta de que a rede terrorista ainda é uma ameaça global (50). Tem-se a passiva analítica nos dois primeiros títulos como forma de se avaliar condições futuras; a

modalização deôntica e irônica sobre bin Laden que continuava desaparecido e o verbo ‘permanece’, cuja função é conferir ao enunciado um valor de continuidade, mesmo com ausência de movimento.

48. [Folha Online - Mundo - Projetos para reformulação da área do WTC serão apresentados hoje - 18/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49239.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49239.shtml>

10. [Folha Online - Mundo - Ferro do WTC será usado na construção de um navio de guerra - 27/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49699.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49699.shtml>

98. [Folha Online - Mundo - Bin Laden deve estar rindo no túmulo, diz conselheiro de Abdullah - 03/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48630.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u48630.shtml>

31. [Folha Online - Mundo - Bin Laden está vivo, diz ex-chefe de inteligência saudita - 22/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49448.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49448.shtml>

50. [Folha Online - Mundo - Al Qaeda permanece como ameaça mundial, diz relatório da ONU - 17/12/2002](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49232.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u49232.shtml>

A narratividade do primeiro ano pós-atentados desdobra-se, portanto, entre os resultados confusos de uma guerra que perdeu o rumo, sem a captura do seu maior vilão, e que se expandiu para países e razões distantes daquele sentimento de vingança e retaliação que a tinha motivado. Como resultado, o mundo permanece em estado de alerta para cada movimento ‘anormal’ ou mais violento como sinônimo de possíveis ameaças terroristas; civis são mortos em incursões desorganizadas ou violentas explosões de carros bomba; o antissemitismo renasce em meio a valores democráticos em um mundo considerado ‘moderno’ e ‘tolerante’; o WTC permanece como uma sombra negativa para a cidade de NY e o que se poderia chamar de sina para George W. Bush. Os fios vão sendo tecidos claramente em torno da guerra e seus reflexos mundo afora, constituindo uma trama que se traduz no que a guerra antiterror iria se transformar – um conflito sem sentido, cujas razões seriam diluídas em fins político - ideológicos e petrolíferos. É assim que a narratividade compõe o pano de fundo para 2003.

6.3. O ano de 2003

Neste ano a guerra no Paquistão e na Arábia Saudita se expande também pelo Iraque. Passageiros continuam sendo submetidos a rígidas medidas de segurança nos aeroportos mundiais e a consequência disto são os primeiros relatos de traumas psicológicos em razão dos atentados, além

de simulações contra ataques químicos, mostra de que o terrorismo coloca-se como uma ameaça global e latente. 2003 marca também a degradação da imagem dos EUA e a queda da popularidade de George W. Bush, visto que a Al Qaeda permanece como forte ameaça ao mundo, a exemplo do preconceito contra muçulmanos e árabes. Enquanto isso, o congresso norte-americano aprova a lei antiterrorismo. Este é também o ano do grande atentado terrorista em Riad na Arábia Saudita⁵ e da prisão de Saddam Hussein, fator decisivo na reeleição do presidente Bush.

6.3.1 “TWO YEARS LATER: WORLD OPINION; Foreign Views Of U.S. Darken After Sept. 11” (NYT) – Dois anos depois: opinião mundial; perspectivas estrangeiras sobre os EUA se tornam obscuras depois de “11 de setembro”

A narrativa deste ano é densa e retrata atentados em várias partes do mundo: sinagogas na Síria, em Riad, capital da Arábia Saudita, a prisão de Saddam Hussein e a primeira cúpula islâmica que debate a situação dos muçulmanos no mundo.

O mês de setembro para o NYT inicia (434) comentando que o islamismo, antes moderado passa a atuar de forma mais cruel na Indonésia referindo-se às lutas religiosas no território desde os atentados em Bali, em setembro de 2002. A guerra prossegue agora em Israel, país aliado aos EUA (172), cujo título trata de treze mortos em explosões realizadas por homens bomba (*attackers*). O léxico é forte e se traduz na aspereza de substantivos e verbos como: *‘harsh; bombings; attackers e kill’* (cruel; bombardeios; terroristas e matar). Outra estratégia utilizada pelo NYT é a inversão do advérbio de lugar *‘in two bombings’* (em dois bombardeios) para o início da frase, cuja função é enfatizar o número de bombardeios ocorridos. Note-se que este tipo de construção ocorre sempre após o verbo e não antes no inglês padrão.

434. [Once Mild, Islam Looks Harsher In Indonesia](#) - September 3, 2003 - By JANE PERLEZ - World - 1018 words

172. [In 2 Bombings, Arab Attackers Kill 13 in Israel](#) - September 10, 2003 - By JAMES BENNET and GREG MYRE - World - 1194 words

⁵Um atentado fictício em Riad é retratado no filme “O Reino” (*The Kingdom*) do diretor Peter Berg em 2007.

O título seguinte (46) é bastante sugestivo ao empregar o vocábulo *darken* (sombrio/obscuro) para traduzir o contexto para o qual os Estados Unidos caminhavam em relação a opinião mundial sobre a guerra tendo, novamente, manchete e submanchete inter-relacionadas. Reflexo disto são explosões em uma área curda (377) dirigida aos americanos, mas que matam civis iraquianos. Talvez como forma de provocação ou para mostrar que estaria vivo, tirando a credibilidade dos EUA, um novo vídeo de bin Laden (519) é divulgado pela Al Jazeera⁶ e tido pela CIA como autêntico. O vídeo é divulgado ao mesmo tempo em que sauditas prometem ações contra o terror (168) depois de ter sua relação com o governo Bush estremecida em razão dos processos movidos por famílias das vítimas do WTC (parte da narrativa do NYT em 2002). Enquanto isso um juiz espanhol (138) acusa bin Laden e outros nove terroristas pela conspiração (*plot*) que culminou com o “11 de setembro”. Vale ressaltar a manchete que contextualiza os dois anos dos atentados: *TWO YEARTS LATER* (dois anos depois) e a submanchete *WORLD OPINION* (opinião mundial) e sua relação com ‘*foreign views*’ (perspectiva estrangeira). O léxico desta narrativa não é enfático, mas traduz um clima de alerta constante e ameaças: ‘*have darken; kills; says; is; are promising; is charging*’ (sombrio; mata; diz; é; está prometendo; está acusando).

46. [TWO YEARS LATER: WORLD OPINION: Foreign Views Of U.S. Darken After Sept. 11](#)

September 11, 2003 - By RICHARD BERNSTEIN; Contributing to this report were James Brooke, Frank Bruni, Alan Cowell, Ian Fisher, Joseph Kahn, Clifford Krauss, Marc Lacey, Jane Perlez, Craig S. Smith and Michael Wines. - World - 2546 words

377. [Bomb in Kurds' Area, Aimed at Americans, Kills Iraqi](#) - September 11, 2003 - By JOHN TIERNEY - World - 895 words -

519. [C.I.A. Says bin Laden Tape Is Likely Authentic](#) - By DAVID JOHNSTON - September 13, 2003 - By DAVID JOHNSTON - World - 459 words

168. [TWO YEARS LATER: THE ARAB CONNECTION; SAUDIS PROMISING ACTION ON TERROR](#) - September 14, 2003 - By DON VAN NATTA Jr. with TIMOTHY L. O'BRIEN - World - 2034 words

138. [Spanish Judge Is Charging Bin Laden and 9 in 9/11 Plot](#) - By DALE FUCHS - September 18, 2003 - By DALE FUCHS - World - 517 words

Setembro termina a narrativa através de quatro títulos referentes ao Iraque no sentido de convencer o leitor de que a guerra promovida é na verdade uma luta (*struggle*) com fins libertadores, conforme diria mais tarde

⁶Al Jazeera significa “a ilha” ou “a península” e é a única rede de TV independente do Oriente Médio, localizada em Doha no Catar.

a secretária de estado norte-americana Condoleezza Rice. Em (527) as últimas tropas de combate americanas deixam a Arábia Saudita enquanto os democratas (419) dizem haver progressos no Iraque. Ao mesmo tempo, Bush (353) é recebido com frieza na ONU ao pedir que fortalecessem seu papel no Iraque mesmo tendo decidido capturar Saddam Hussein por conta própria, sem a aprovação da ONU. Em alerta máximo contra a Al Qaeda no Iraque (406), os EUA estão no encalço (*tracking*) de dois suspeitos de terrorismo e ligações com a rede terrorista. Já Donald Rumsfeld (198), secretário de defesa, critica a empreitada militar contra o terrorismo, por acreditar ser esta uma luta de resultados contraditórios. Mais tarde Rumsfeld sugere a reorganização do próprio Pentágono. O item lexical mais forte é sem dúvida o termo *struggle* – luta no sentido de esforço. É em torno dele que verbos e substantivos: ‘*quit; step up attacks; is tracking; sees*’ ou ‘deixa; progride; está rastreando; vê’ orientam a recepção (leitura) da tentativa buscando que o leitor compreenda que a guerra é, na verdade, um esforço de libertação para o Iraque, o que justificaria os combates e promoveria os supostos progressos da guerra:

527. [THE STRUGGLE FOR IRAQ: Last American Combat Troops Quit Saudi Arabia](#) By DON VAN NATTA Jr.
September 22, 2003 - By DON VAN NATTA Jr. - World - 926 words
419. [THE STRUGGLE FOR IRAQ: CONGRESS: Democrats Step Up Attacks on Iraq War](#)
September 25, 2003 - By CARL HULSE - World - 1356 words
353. [THE STRUGGLE FOR IRAQ: THE MOOD; Bush's Day At the U.N.: It's Chilly, Still, There](#)
September 24, 2003 - By DAVID E. SANGER - World - 1304 words
406. [THE STRUGGLE FOR IRAQ: TERRORISTS; On Alert for Al Qaeda in Iraq, U.S. Is Tracking 2 Suspects](#)
September 28, 2003 - By RAYMOND BONNER - World - 902 words
198. [Rumsfeld Sees Need to Realign Military Fight Against Terror](#) - October 23, 2003 - By THOM SHANKER - World - 674 words

O ano termina com um título (407) cuja retórica é bastante complexa. A inversão feita pelo NYT, com o objeto (*Qaeda pawn* – peça da al Qaeda / *Victim* – vítima) a frente do sujeito (*Us call him* – os Estados Unidos o chamam de / *He calls himself* – ele se denomina) denota que ao contrário da FSP, os títulos coletados se referem, em sua maioria, não há notícias curtas como prevê o estilo web, mas a reportagens de cerca de uma página. De alguma maneira este estilo condiz com o que o leitor americano espera do jornal (visão detalhada, completa dos fatos), mas também é uma

evidência de que o NYT utiliza na seção *World* reportagens de sua versão impressa ou que isto faz parte de sua linha editorial. Não se pode esquecer que os títulos, enquanto enunciados dialógicos e intencionais, somente se fazem entender através do contexto em que são realizados. Neste caso, como o NYT não fornece um número de títulos suficientes que funcionem como contextos adjacentes, só se pode encaixar este fato na narrativa com uma leitura atenta.

Este título se refere à prisão de um professor sírio naturalizado canadense, sob evidências ditas circunstanciais, mesmo ele tendo família e toda a documentação e ficha criminal limpas. Depois de ser deportado para Síria e torturado em prisões do país, no ano anterior, ele retorna ao Canadá. Para o leitor brasileiro, este tipo de prisão é um dado irrelevante, sendo a incerteza de uma guerra nuclear e a manutenção de empregos a maior preocupação da população brasileira, como será mostrado posteriormente pela Folha.

Enquanto isso, um dos aliados de Bush, Tony Blair parece encantado com a guerra e diz em (519) que a visita de estado de Bush veio na hora certa, para minimizar o efeito da prisão relatada acima. Por fim, os sauditas (524) pressionados pela ONU e pelos EUA desde 2002, debatem seu futuro. Neste conjunto de títulos, a atenção volta-se aos adjetivos e substantivos que traduzem as circunstâncias dos eventos, ao invés dos verbos, por exemplo: em (407) temos o jogo entre *pawn* (peão de jogo de xadrez) e *victim* (vítima), referindo-se a um civil suspeito de ter ligações com a al Qaeda e em (524) a expressão ‘*under pressure*’ (sob pressão) que denota a tensão entre os sauditas.

407. [THE SATURDAY PROFILE: Qaeda Pawn, U.S. Calls Him. Victim, He Calls Himself.](#)
November 15, 2003 - By CLIFFORD KRAUSS - World - 1213 words
519. [Blair Says Bush's State Visit Comes at 'the Right Time'](#) - By WARREN HOGE
November 18, 2003 - By WARREN HOGE - World - 791 words
524. [Under Pressure to Change, Saudis Debate Their Future](#) - By NEIL MacFARQUHAR - November 23, 2003 - By NEIL MacFARQUHAR - World - 1823 words

O ano de 2003 termina justamente com reações mundiais as prisões de civis de origem árabe como, por exemplo, a reação do Canadá em (158) cuja visão a respeito de questões sociais começa a estremecer (*rifts*) sua relação com os EUA, países antes aliados e em harmonia no plano de retaliação norte-americano, haja vista a prisão do professor de cidadania

canadense. Por outro lado, na Alemanha (525), um juiz liberta um preso suspeito de ligações com a Al Qaeda, enquanto outro suspeito, um agente iraquiano (27) nega ter conhecido um dos sequestradores do 9/11 em Praga antes dos atentados. O léxico apresenta verbos mais contundentes, que implicam movimento e denotam uma dinâmica resultante da luta/esforço preconizados: *'is opening'* (está abrindo) e *'enters'* (entra) evidenciam movimento; *'frees'* (liberta) que, ao longo de toda a narrativa é talvez o único verbo de cunho positivo; *'denies'* (negar) que expressa uma asserção negativa enfática e, *'oust'* (expulsar) causativo também negativo, traduzindo para o leitor as consequências mais significativas da 'guerra ao terror'.

158. [Canada's View on Social Issues Is Opening Rifts With the U.S.](#) - December 2, 2003 - By CLIFFORD KRAUSS - World - 1518 words
525. [German Judge Frees Qaeda Suspect; Cites U.S. Secrecy](#) - By DESMOND BUTLER
December 12, 2003 - By DESMOND BUTLER - World - 1138 words
27. [A REGION INFLAMED: INQUIRY: Iraqi Agent Denies He Met 9/11 Hijacker in Prague Before Attacks on the U.S.](#) - December 13, 2003 - By JAMES RISEN - World - 1209 words
435. [THE CAPTURE OF HUSSEIN: VOICES; News Prompts Americans To Wonder What's Next](#)
December 15, 2003 - By MONICA DAVEY and JEFFREY GETTLEMAN - World - 1278 words
107. [THE STRUGGLE FOR IRAQ: TERROR CAPTIVES; Hussein Enters Post-9/11 Web Of U.S. Prisons](#) - By JAMES RISEN and THOM SHANKER - December 18, 2003 - By JAMES RISEN and THOM SHANKER - World - 986 words
528. [A Nuclear Headache: What if the Radicals Oust Musharraf?](#) - By DAVID E. SANGER and THOM SHANKER; David E. Sanger reported from Crawford, Tex., for this article, and Thom Shanker from Washington. - December 30, 2003 - By DAVID E. SANGER and THOM SHANKER; David E. Sanger reported from Crawford, Tex., for this article, and Thom Shanker from Washington. - World - 994 words

Os desdobramentos de 2003, pela ótica do NYT, noticiam a captura de Saddam Hussein (435) que entra na lista de prisões efetuadas pelo governo pós “11 de setembro” e o medo de uma nova guerra nuclear (528) caso radicais muçulmanos expulsassem Musharraf, então presidente do Paquistão, cargo ocupado até 2008.

6.3.2 “O mundo após dois anos do 11 de Setembro” (FSP)

Da perspectiva da FSP, 2003 se mostra como um dos mais violentos em relação à guerra antiterror e seus reflexos. A narrativa começa com alguns títulos sobre o WTC e o que se percebe é que o medo e a sensação de insegurança permanecem constantes entre americanos, conforme os títulos (67; 10). Observe-se que mesmo tendo sido publicados em datas diferentes, a informação é reiterada na memória do leitor. Os títulos (7; 406; 383) sugerem o clima de pesar nas homenagens às vítimas, enquanto em (341) o leitor é novamente lembrado de que o ferro das torres será utilizado na construção de um novo navio de guerra. Pelo mundo, o presidente Francês também presta homenagens às vítimas (326). Esse clima de luto e insegurança se traduz em verbos e substantivos de teor avaliativo e negativo: ‘temer’; ‘lembrar’, empregado somente em relação às vítimas do WTC, neste caso, aproximando-se do termo em inglês *memorial*; ‘prestar homenagens’; ‘depositar coroa de flores’ e ‘preservar ruínas do WTC’.

67. [Folha Online - Mundo - Maioria dos nova-iorquinos teme novo ataque terrorista - 02/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62525.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62525.shtml>

10. [Folha Online - Mundo - Medo de atentados aumenta entre os nova-iorquinos, diz pesquisa - 08/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62791.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62791.shtml>

7. [Folha Online - Mundo - Ruínas do WTC serão usadas na construção de navio de guerra - 09/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62820.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62820.shtml>

406. [Folha Online - Mundo - Em clima solene, Nova York lembra ataques - 11/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62904.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62904.shtml>

383. [Folha Online - Mundo - Mundo presta homenagem às vítimas do 11 de Setembro - 11/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62928.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62928.shtml>

341. [Folha Online - Mundo - Restos do WTC serão preservados em novo projeto - 17/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63170.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63170.shtml>

326. [Folha Online - Mundo - Chirac deposita coroa de flores em memória das vítimas do 11/09 - 21/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63318.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63318.shtml>

Consolidando uma tendência já observada na narrativa de 2002, títulos referentes à bin Laden e a al Qaeda vão se tornando mais escassos refletindo o desinteresse do leitor por estes assuntos. Os mais relevantes são o título (59) que insiste na captura de Osama e (418; 381, 365) sobre um

novo vídeo do terrorista que gera especulações sobre seu estado de saúde (331). A al Qaeda ainda é representada como uma ameaça (23) mundial, enquanto especula-se (325) que o planejamento do “11 de setembro” teria começado em 1996, razão para as críticas de que os EUA teriam sumariamente ignorado indícios que ajudariam a conter o terrorismo. Note-se que são praticamente os mesmos verbos utilizados em outros grupos de títulos que traduzem o tema direcionado a bin Laden, entre elas assertivas como ‘está; é’; a especulação com ‘mostrar [suposta gravação]’ e o modal epistêmico ‘pode [incentivar]’, além de verbos elocutivos que introduzem o discurso e também sinalizam incerteza como ‘sugere’. Temos ainda ‘ameaçar’ que circunstancia o que é dito, um discurso que fica no ar por parte da al Qaeda e também ‘começaram’, processual e que inicia o evento, no caso os atentados, já em 1996.

59. [Folha Online - Mundo - Busca a Bin Laden está chegando a seu objetivo, diz Paquistão - 03/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62575.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62575.shtml>

418. [Folha Online - Mundo - TV mostra suposta gravação com ameaças de Bin Laden - 10/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62884.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62884.shtml>

381. [Folha Online - Mundo - Vídeo de Bin Laden pode incentivar fanáticos, dizem analistas - 11/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62931.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62931.shtml>

365. [Folha Online - Mundo - CIA diz que voz de Bin Laden em vídeo provavelmente é autêntica - 12/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62968.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62968.shtml>

331. [Folha Online - Mundo - "Voz" de Bin Laden sugere que ele está doente, dizem analistas - 19/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63245.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63245.shtml>

23. [Folha Online - Mundo - Mesmo acuada, Al Qaeda ameaça - 07/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62730.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62730.shtml>

325. [Folha Online - Mundo - Planos do 11 de Setembro começaram em 96, diz membro da Al Qaeda - 22/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63331.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63331.shtml>

Tais títulos auxiliam na manutenção do tema ‘guerra’ na mídia e também na memória dos leitores. Os títulos (46; 42) informam que a popularidade dos EUA cai entre os muçulmanos e que, mesmo sem vínculos aparentes (344; 309; 206), os americanos acreditam que Saddam Hussein tenha ligações com os atentados de “11 de setembro” (33). O resultado disto não é difícil de prever (388): alerta máximo contra ações terroristas, enquanto Clinton que antes exigia a captura de bin Laden, agora condena Bush por ter isolado os EUA do mundo (356). Surge ainda (328;

313) dois novos fatos ligados às medidas de segurança do governo que, em 2005, iriam se tornar um escândalo: militares são acusados de espionagem num antigo cenário que volta à tona, a base militar norte-americana em Guantánamo em Cuba. O léxico é marcado por verbos constataativos/assertivos: ‘nunca foi vinculado; diminui; vê [falhas]; acusa; é’; enquanto outros podem ter a função de avaliativos/ opinativos como ‘acreditam; alertam; acusam’.

46. [Folha Online - Mundo - Popularidade dos EUA no mundo islâmico diminui, diz estudo - 04/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62637.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62637.shtml>

42. [Folha Online - Mundo - Imagem dos EUA passa por degradação no mundo muçulmano - 05/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62649.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62649.shtml>

344. [Folha Online - Mundo - Iraque nunca foi vinculado ao 11 de Setembro, dizem EUA - 17/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63158.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63158.shtml>

309. [Folha Online - Mundo - Atentados de 11 de Setembro motivaram Guerra do Iraque, diz Bush - 25/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63462.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63462.shtml>

296. [Folha Online - Mundo - Congresso dos EUA vê falhas em dados sobre armas - 29/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63599.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63599.shtml>

33. [Folha Online - Mundo - Nos EUA, dois terços acreditam em envolvimento de Saddam no 11/09 - 06/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62697.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62697.shtml>

388. [Folha Online - Mundo - EUA alertam para risco de ataques maiores que o 11 de Setembro - 11/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62925.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62925.shtml>

356. [Folha Online - Mundo - Clinton acusa Bush de ter alienado o país do mundo - 14/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63040.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63040.shtml>

328. [Folha Online - Mundo - Capelão do Exército americano é preso sob suspeita de espionagem - 20/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63274.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63274.shtml>

313. [Folha Online - Mundo - Militar dos EUA é acusado de espionagem em Guantánamo - 23/09/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63380.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63380.shtml>

Os títulos que mostram os desdobramentos, ou seja, os ecos dos atentados terroristas e, mais especificamente, da guerra antiterror mundo afora, não alteram o cenário de insegurança e medo de outros atentados (22; 401) inclusive químicos, conforme (30; 20; 362). Israel é outro país que passa a temer ataques da Al Qaeda (6). Em (43) mostra-se que as relações

França-EUA permanecem instáveis. Não há alterações significativas no léxico, cuja função é traduzir um cenário de medo e insegurança constantes através de verbos e substantivos em assertivas: ‘elabora retirada em massa; simula atentado; teme; é’, ou seja, um estado de terror permanente.

43. Folha Online - Mundo - Dois anos após o 11/9, EUA e França se mantêm separados - 05/09/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62645.shtml>

30. Folha Online - Mundo - Reino Unido elabora retirada em massa de Londres em caso de ataque terrorista - 07/09/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62719.shtml>

20. Folha Online - Mundo - Londres simula atentado químico para se preparar para o "inevitável" - 07/09/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62747.shtml>

362. Folha Online - Mundo - Teste contra ataque bioterrorista já teve resultados, diz Canadá - 12/09/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62988.shtml>

6. Folha Online - Mundo - Israel teme ataque da Al Qaeda como o de 11/9, diz governo - 09/09/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62829.shtml>

22. Folha Online - Mundo - Terror é eterno, diz especialista - 07/09/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62731.shtml>

401. Folha Online - Mundo - Terrorismo é uma ameaça global, diz especialista israelense - 11/09/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u62913.shtml>

No mês de Outubro, bin Laden é praticamente esquecido e apresenta apenas um título relevante sobre seu personagem (229), cujo último vídeo dirigindo ameaças aos EUA é autenticado pela CIA. Isto dá espaço para o surgimento de outro personagem, Zacarias Moussaoui (287; 268), franco-marroquino que seria o quinto piloto suicida do avião que deveria atingir a Casa-Branca. Neste mês a popularidade de Bush (284), sem resultados convincentes sobre o Iraque (270), despenca, enquanto parlamentares atacam sua política e discutem alterações na lei antiterrorismo (257; 223). A população pede a volta das tropas do Iraque (211) e *Pearl Harbor*, já citado em 2002, volta a assombrar o presidente norte-americano (210). O léxico enfatiza os personagens norte-americanos como o presidente, a CIA, os moradores de NY que se posicionam frente à questões jurídicas e políticas da guerra, sendo alguns causativos de atitude: ‘mostra; faz’ e outros que apenas circunstanciam o enunciado: ‘assombram; impede; atacam; apelam’.

- 229.** [Folha Online - Mundo - CIA diz que mensagem gravada de Bin Laden parece autêntica - 20/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64561.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64561.shtml>
- 287.** [Folha Online - Mundo - Juíza dos EUA impede pedido de pena de morte para Moussaoui - 02/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63741.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63741.shtml>
- 268.** [Folha Online - Mundo - EUA apelam da sentença que impede pena de morte contra Moussaoui - 07/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63982.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63982.shtml>
- 284.** [Folha Online - Mundo - Popularidade de Bush chega perto de seu nível mais baixo - 03/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63774.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63774.shtml>
- 270.** [Folha Online - Mundo - Estudo mostra fiasco dos EUA no mundo árabe - 07/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63945.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63945.shtml>
- 257.** [Folha Online - Mundo - Parlamentares americanos atacam política de Bush no Iraque depois do atentado - 12/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64213.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64213.shtml>
- 223.** [Folha Online - Mundo - Congresso dos EUA analisa alterações na lei antiterrorista - 21/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64637.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64637.shtml>
- 211.** [Folha Online - Mundo - Americanos fazem vigília por regresso de tropas dos EUA do Iraque - 25/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64787.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64787.shtml>
- 210.** [Folha Online - Mundo - Problemas de Bush pai assombram seu filho - 26/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64816.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64816.shtml>

Enquanto títulos sobre o WTC praticamente desaparecem, a Al Qaeda sobrevive com o apoio de muçulmanos (245) e informações da existência de células da rede terrorista na América Latina, especialmente na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina). Os verbos ‘aumentar’ e ‘detectar’ são os que traduzem a força e a presença da Al Qaeda no mundo.

- 245.** [Folha Online - Mundo - Guerra ao terror aumenta apoio à Al Qaeda entre muçulmanos, diz estudo - 16/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64371.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64371.shtml>
- 200.** [Folha Online - Mundo - Presença da Al Qaeda teria sido detectada na América Latina - 29/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64961.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64961.shtml>

Outubro lembra ainda os atentados em Bali, Indonésia, ocorridos em 2002, cujo líder (289) é condenado à morte. Já a ONU discute prováveis ataques agora dirigidos à Síria (278) enquanto a liga árabe volta-se contra

Israel, acusado de aumentar a violência na região (277). Como resultado, a cúpula islâmica pede que os EUA deixem o Iraque e condenam Israel (256; 242). A guerra antiterror torna-se, portanto, uma guerra claramente religiosa, pressupondo que os EUA sempre usaram estes conflitos entre os países árabes, além do petróleo, como objetivo real para a retaliação aos atentados ao invés de um combate ao terror. Desta maneira poderiam atuar como pacificadores, conforme Condoleezza Rice em 2002, podendo então ter direito a utilizar o petróleo iraquiano, controlando toda a região. Naturalmente, as críticas ao governo Bush (222; 207) aumentam e, mais uma vez, o léxico se estrutura com o que chamamos de os “verbos da guerra”, avaliativos negativos e de ordem: ‘acusar; discutir; criticar; convocam’. O único mais moderado é ‘pedir’ que, em (256) exerce a função do verbo ‘sugerir’.

289. [Folha Online - Mundo - Líder de ataques em Bali é condenado à morte - 02/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63725.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63725.shtml>

278. [Folha Online - Mundo - Conselho de Segurança fará reunião pública para discutir ataque contra Síria - 05/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63884.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63884.shtml>

277. [Folha Online - Mundo - Liga Árabe acusa Israel de buscar uma escalada de violência na região - 05/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63885.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u63885.shtml>

256. [Folha Online - Mundo - Cúpula islâmica pede aos EUA para sair do Iraque e condena Israel - 13/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64228.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64228.shtml>

242. [Folha Online - Mundo - Primeira cúpula islâmica pós-11/9 discute situação dos muçulmanos - 16/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64377.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64377.shtml>

222. [Folha Online - Mundo - Grupos americanos convocam megaprotesto contra ocupação do Iraque - 22/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64641.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64641.shtml>

207. [Folha Online - Mundo - Democratas criticam política de Bush no Iraque - 27/10/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64863.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u64863.shtml>

Em novembro, Bush (183) tenta se afastar das críticas, reafirmando que iria prender Saddam. Após dois anos, a prisão de Saddam seria uma espécie de compensação por não ter capturado bin Laden, independente das razões para tanto. Bush alerta os sauditas para a ameaça de atentados (171) numa tentativa de restabelecer laços, enquanto outro fantasma volta a assolar a política americana – Guantánamo (156; 148). Bush ainda tenta justificar a guerra (130; 119)

ignorando protestos mundo afora como em Londres (118). Nestes títulos foi empregada a modalização em discurso segundo (diz que) combinados com assertivas ‘ê; estão’, além de avaliativos negativos ‘alertar; ignorar’.

183. Folha Online - Mundo - Bush diz que EUA estão "em guerra" e promete prender Saddam - 05/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65195.shtml>

171. Folha Online - Mundo - EUA alertam sobre ameaça de ataques terroristas na Arábia Saudita - 07/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65271.shtml>

156. Folha Online - Mundo - Justiça dos EUA examinará legalidade de detenções em Guantánamo - 10/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65379.shtml>

148. Folha Online - Mundo - "Guantánamo é um erro maiúsculo dos EUA", diz chanceler espanhola - 11/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65417.shtml>

130. Folha Online - Mundo - Bush diz que faria guerra de novo para tornar mundo mais seguro - 17/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65641.shtml>

119. Folha Online - Mundo - Bush diz que guerra é resposta justificável à agressão - 19/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65717.shtml>

118. Folha Online - Mundo - Bush ignora protestos em Londres e defende a guerra - 19/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65725.shtml>

Pelo mundo, os ataques continuam na Arábia Saudita, afetando especialmente a capital Riad (170; 169; 165; 161; 160) centro da península arábica. Americanos e canadenses estão entre as vítimas e faz com que as já estremecidas relações entre EUA e sauditas fiquem ainda mais conturbadas, apesar de a Al Qaeda ser apontada como responsável (168). A família real saudita anuncia uma caçada aos terroristas (149), enquanto o ministro italiano compara o fato ao “11 de setembro” (145). Outros ataques ocorrem em sinagogas turcas (139; 137), enquanto na Alemanha, dois suspeitos de integrar a Al Qaeda (127) são presos e extraditados para os EUA. Novamente temos aqui os verbos e substantivos de guerra: ‘deixa; mata; foram feridos; extradita’. Destaque para a manchete em (139) cujo verbo ‘aumentar’ vincula-se também ao negativismo da guerra referindo-se ao número de mortos em Bali.

- 170.** [Folha Online - Mundo - Atentado deixa um morto e pelo menos cem feridos na Arábia Saudita - 08/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65320.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65320.shtml>
- 169.** [Folha Online - Mundo - Atentado mata pelo menos 28 e deixa 100 feridos em Riad, diz CNN - 08/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65321.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65321.shtml>
- 168.** [Folha Online - Mundo - Atentado tem características de ação da Al Qaeda, diz autoridade saudita - 08/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65322.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65322.shtml>
- 165.** [Folha Online - Mundo - Três norte-americanos e três canadenses foram feridos durante atentado - 09/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65326.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65326.shtml>
- 161.** [Folha Online - Mundo - Atentado em Riad mata 11 e fere 122, diz governo saudita - 09/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65346.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65346.shtml>
- 160.** [Folha Online - Mundo - Atentado na Arábia põe Riad no centro das preocupações dos EUA - 09/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65365.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65365.shtml>
- 149.** [Folha Online - Mundo - Rei Fahd anuncia resposta firme da Arábia Saudita após atentado - 10/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65401.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65401.shtml>
- 145.** [Folha Online - Mundo - Ministro italiano compara ataque no Iraque ao 11 de Setembro - 13/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65491.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65491.shtml>
- 139.** [Folha Online - Mundo - Aumenta o número de mortos em explosões em sinagogas na Turquia - 15/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65567.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65567.shtml>
- 137.** [Folha Online - Mundo - Ataque contra sinagogas na Turquia mata 20 e fere 300 - 15/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65590.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65590.shtml>
- 127.** [Folha Online - Mundo - Alemanha extradita aos EUA 2 supostos membros da Al Qaeda - 17/11/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65657.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65657.shtml>

A al Qaeda, apesar dos ataques e, como WTC, ocupa cada vez menos destaque na mídia e na memória dos leitores da FSP. Em relação à primeira, os títulos indicam que alguns atentados são contidos em Meca (188) e que existem células terroristas na América do Sul (187). Quanto ao segundo, o foco se volta para a construção de um memorial (117) e para a estação de metrô (110), cuja parada no ‘ponto zero’ (*ground zero*) é reaberta à população. Os enunciados são assertivas ‘é; há’ e constatativos ‘evita; anuncia’, introduzem o discurso.

188. Folha Online - Mundo - Segurança saudita evita ataque da Al Qaeda em Meca, diz ministro - 04/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65144.shtml>

187. Folha Online - Mundo - Assessor dos EUA diz que há células terroristas na América do Sul - 04/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65168.shtml>

117. Folha Online - Mundo - Júri anuncia projetos finalistas para o memorial do WTC - 19/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65727.shtml>

110. Folha Online - Mundo - Estação de metrô do marco zero de Nova York é reaberta - 23/11/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u65893.shtml>

Dezembro encerra o ano de 2003 com novas ameaças terroristas aos americanos na época das festas de final de ano (41; 35; 14; 1). A reação da população é, entretanto, curiosa, pois ao mesmo em que repudiam a guerra, acabam sendo tolerantes com ela (62). Já em outros países, líderes expressam satisfação com a prisão de Saddam Hussein e, para isso, o léxico é marcado por assertivas ‘é; tem’ e verbos que expressam movimentação e mudança: ‘se prepara; aumentam’.

62. Folha Online - Mundo - Cidadão repudia, mas é tolerante com terror - 14/12/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66657.shtml>

41. Folha Online - Mundo - Cresce ameaça de atos terroristas nos EUA, diz TV - 19/12/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66918.shtml>

35. Folha Online - Mundo - EUA aumentam nível de alerta contra terrorismo para "alto" - 21/12/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66993.shtml>

14. Folha Online - Mundo - EUA têm o Natal mais vigiado desde 2001 - 25/12/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u67130.shtml>

1. Folha Online - Mundo - Nova York se prepara para celebrar Ano Novo sob alerta laranja - 30/12/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u67321.shtml>

Mesmo sem vínculos declarados com bin Laden ou a própria Al Qaeda, apesar de confirmado pelo governo americano, Saddam Hussein é preso (60; 58), mas nem por isso a ameaça de terrorismo, especialmente bacteriológico, desaparece (94) e suspeitos terroristas continuam sendo presos pela polícia britânica (90). O franco-marroquino acusado de integrar o grupo de pilotos suicidas que atacaria a Casa Branca é solto na Alemanha (72), enquanto a prisão de Saddam cria uma aparente sensação de segurança

fazendo com que turistas retornem a NY (38), apesar dos britânicos e franceses permanecerem em alerta máximo de segurança, inclusive cancelando voos conforme os títulos (24; 17; 2). Este estado de alerta é traduzido por verbos como ‘reforçam; alerta; prende; cria; cancela’ que exprimem uma atitude de precaução. Neste contexto não há lugar para incertezas, tanto que apenas uma modalização epistêmica é utilizada: ‘pode ajudar’, referindo-se a reeleição de Bush.

94. [Folha Online - Mundo - Otan cria força contra a ameaça nuclear, bacteriológica e química - 01/12/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66159.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66159.shtml>

90. [Folha Online - Mundo - Polícia britânica prende 14 suspeitos de terrorismo - 02/12/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66197.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66197.shtml>

72. [Folha Online - Mundo - Justiça alemã libera marroquino acusado de participação no 11/9 - 11/12/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66538.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66538.shtml>

60. [Folha Online - Mundo - Captura de Saddam pode ajudar Bush nas eleições de 2004 - 14/12/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66676.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66676.shtml>

58. [Folha Online - Mundo - Líderes mundiais expressam satisfação pela prisão de Saddam Hussein - 14/12/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66702.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66702.shtml>

38. [Folha Online - Mundo - Sem trauma, os turistas retomam NY - 21/12/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66962.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66962.shtml>

24. [Folha Online - Mundo - Polícia britânica alerta sobre riscos de atentados no Natal - 23/12/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u67055.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u67055.shtml>

17. [Folha Online - Mundo - França cancela seis vôos entre Paris e Los Angeles por razões de segurança - 24/12/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u67095.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u67095.shtml>

2. [Folha Online - Mundo - Britânicos reforçam segurança para dar boas-vindas a 2004 - 30/12/2003](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u67308.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u67308.shtml>

Finalizando a narrativa, WTC, Bin Laden e Al Qaeda perdem exposição na mídia para a prisão de Saddam e os alertas de segurança para as festas de final de ano. Os títulos falam de pedidos de indenização que, posteriormente, gerariam um colapso nas seguradoras americanas deflagrando uma forte recessão econômica (45, 21) e exploram o sensacionalismo ao publicar que (82) bombeiros, personagens heróis, estariam tendo casos com as viúvas de seus colegas. Enquanto isso um novo vídeo da Al Qaeda sobre os atentados (80) vem à tona e os verbos ‘mostrar;

trocar' sugerem uma dinâmica que conduz a novas consequências geradas pelos atentados.

82. Folha Online - Mundo - Bombeiros trocam família por viúvas de colegas mortos no WTC - 05/12/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66298.shtml>

45. Folha Online - Mundo - Quase todas as famílias das vítimas do 11/9 pediram indenização - 18/12/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66894.shtml>

21. Folha Online - Mundo - Maioria das vítimas do 11/9 reclama indenização - 23/12/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u67064.shtml>

80. Folha Online - Mundo - Vídeo atribuído à Al Qaeda mostra nova tomada de ataques de 11/9 - 05/12/2003

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u66918.shtml>

Para o ano de 2003, o marco mais importante talvez seja a prisão de Saddam Hussein que, mesmo não tendo relações com a rede terrorista de bin Laden encarna, enfim, um vilão concreto, visto que Laden não é sequer encontrado pelas tropas americanas. Entretanto, a prisão é a alavanca final para as eleições presidenciais norte-americanas. A prisão de Saddam acaba satisfazendo o desejo de “retaliação” da população e as cobranças ao governo para resultados concretos. E é com esse último acontecimento que começa o ano das eleições.

6.4 O ano de 2004

No ano do terceiro aniversário dos atentados, as ameaças terroristas permanecem e refletem mundialmente uma crescente recessão econômica. A lei antiterrorismo promulgada no ano anterior mantém a forte segurança nos aeroportos, especialmente os americanos. Este é um ano marcado pelas eleições norte-americanas e debates entre os candidatos Bush e John Kerry, que registram uma participação histórica dos americanos nas urnas. O cenário político é marcado também pelas controvérsias verificadas no relatório sobre o “11 de setembro” que apontava a não existência de armas de destruição no Iraque como havia afirmado Bush, gerando uma crise interna na CIA que culminaria com a demissão de Collin Powell e a chegada de Condoleezza Rice. Aproveitando-se da exposição norte-americana, mais um vídeo de bin Laden traz ameaças diretas aos EUA, aumentando o preconceito e a restrição de direitos aos muçulmanos mundo afora conforme os últimos dois anos.

6.4.1 THE REACH OF WAR; IN VIDEO MESSAGE, BIN LADEN ISSUES WARNING TO U.S. (NYT) – o alcance da guerra; em mensagem gravada, Bin Laden ameaça Estados Unidos.

No ano de 2004 aumentam escândalos (25) de torturas de presos (*detainee*), como as que ocorreram no ano anterior com o professor sírio-canadense, por oficiais do governo Bush, determinando (642) uma maior rapidez por parte do Pentágono para corrigir as condições nas prisões iraquianas. Mais uma vez a submanchete tem a função de entrelaçar os assuntos e contextualizar o cenário para o leitor: *PRISON SCANDAL* introduz a matéria sobre a tortura nas prisões (*detainee abuse*). Enquanto isso, Bush (36) apresenta ao congresso um plano de espionagem de um Czar russo. Destaque para a submanchete que introduz esta relação: *THE 9/11 COMMISSION* refere-se ao plano de espionagem (*congress plan*). Já em (622), a libertação de malásios resulta num racha entre muçulmanos e ocidentais reiterando os motivos ideológicos, políticos e religiosos da guerra. Isto se comprova em (718) e (728) nos quais os títulos tratam do esforço da Alemanha para entender os verdadeiros objetivos de grupos islâmicos e uma nova fita de vídeo em que bin Laden promete outros ataques aos EUA. É interessante lembrar que a Alemanha foi, provavelmente, o maior aliado norte-americano juntamente com a Inglaterra de Tony Blair chegando inclusive a exigir que outros países lutassem a favor dos EUA. Destacamos as manchetes *THE REACH OF WAR* (o alcance da guerra) e *CONFLICT IN IRAQ* (conflito no Iraque). Os verbos, quase todos em terceira pessoa, tratam dos temas usuais da guerra, espionagem, prisões, bin Laden e islamismo, são eles: ‘*says; shows; reflects; struggles; vows*’, respectivamente, ‘*diz; mostra; resulta, se esforça; prometer*’, mas sem a carga negativa usual dos verbos que descrevem a política de guerra. São termos que exprimem estado, sendo que o único que implica movimento é o gerúndio presente em ‘*are hurrying*’ (se apressam) referindo-se a reação de oficiais do pentágono para reverter denúncias sobre torturas em prisões iraquianas.

25. [THE REACH OF WAR: PRISON SCANDAL; New Book Says Bush Officials Were Told of Detainee Abuse](#) - September 12, 2004 - By JOHN H. CUSHMAN Jr. - World - 709 words
36. [THE REACH OF WAR: THE 9/11 COMMISSION; Bush Shows Congress Plan For Spy Czar](#)
September 17, 2004 - By PHILIP SHENON - World - 724 words
622. [Freed Malaysian Reflects on Rift Between Muslims and the West](#) - September 8, 2004 - By THOMAS FULLER - World - 617 words

642. [THE CONFLICT IN IRAQ: ABUSE: Pentagon Officials Are Hurrying to Correct Conditions in Iraqi Prisons](#) - September 9, 2004 - By ERIC SCHMITT - World - 1011 words
718. [Germany Struggles to Assess True Aims of Islamic Group](#) - By RICHARD BERNSTEIN; Souad Mekhennet contributed reporting from Cologne and Berlin for this article. - September 26, 2004 - By RICHARD BERNSTEIN; Souad Mekhennet contributed reporting from Cologne and Berlin for this article. - World - 1306 words
728. [In Tape, Top Aide To Bin Laden Vows New Strikes at U.S.](#) - By JAMES RISEN
September 10, 2004 - By JAMES RISEN - World - 955 words

No mês seguinte o vídeo de bin Laden ainda repercute com ameaças (277) aos EUA, enquanto relatórios (287) mostram que o Pentágono repetidamente ignorou as informações da CIA sobre ligações da Al Qaeda com líderes iraquianos e sauditas. Os ecos do terrorismo retornam a Indonésia (503) com a denúncia de um novo grupo ligado ao terrorismo, enquanto os sauditas culpam os EUA, e sua atuação no Iraque, pelo aumento do terrorismo. Em resposta aos sauditas, o governo norte-americano liberta um prisioneiro saudi-americano capturado no Afeganistão. Os verbos empregados para este bloco são bem mais diretos e incisivos: *'issues; skewed; blame'* ou (lança; ignorar; culpar), sendo *'releases'* (libertar) provavelmente o único de cunho positivo ao longo da narrativa no NYT, em referência à guerra.

272. [THE REACH OF WAR: IN VIDEO MESSAGE, BIN LADEN ISSUES WARNING TO U.S.](#)
October 30, 2004 - By DOUGLAS JEHL and DAVID JOHNSTON - World - 1414 words
287. [THE CONFLICT IN IRAQ: INTELLIGENCE: Pentagon Reportedly Skewed C.I.A.'s View of Qaeda Tie](#) - October 22, 2004 - By DOUGLAS JEHL - World - 961 words
503. [Indonesia Brings New Case Against Cleric Tied to Terror](#) - October 29, 2004 - By RAYMOND BONNER - World - 707 words
568. [Saudis Blame U.S. and Its Role in Iraq for Rise of Terror](#) - October 14, 2004 - By JOEL BRINKLEY - World - 1425 words
626. [U.S. Releases Saudi-American It Had Captured in Afghanistan](#) - October 12, 2004 - By JOEL BRINKLEY and ERIC LICHTBLAU; Joel Brinkley reported from Riyadh for this article, Eric Lichtblau from Washington and Eric Schmitt from Romania. - World - 873 words

O ano de 2004 termina com o título (179) que fala de estudantes afegãos de volta aos colégios, mas sem os antigos livros didáticos, uma provável referência às alterações na história do território árabe como

consequências da guerra e uma declaração de Bush no Canadá (722) na qual diz que ele irá (*reach out to friends*) “estender a mão” aos amigos, ou seja, aos aliados. Aqueles que, como o Brasil, conforme veremos na FSP, não tivessem ajudado no combate ao terrorismo poderiam ser tratados como sendo de esquerda e sofreriam as consequências. Por fim, em (729) na tentativa de conseguir mais ajuda, como subentendido no título acima, Powell e Bush viajam para áreas destruídas pelos ataques americanos.

179. [Afghan Students Are Back, But Not the Old Textbooks](#) - December 27, 2004 - By CARLOTTA GALL - World - 1476 words
722. [Bush, in Canada, Declares He'll 'Reach Out' to Friends](#) - By ELISABETH BUMILLER - December 2, 2004 - By ELISABETH BUMILLER - World - 719 words
729. [ASIA'S DEADLY WAVES: ASSESSMENTS; In Efforts to Organize Aid, Powell and Governor Bush Will Tour Ravaged Areas](#) - December 31, 2004 - By STEVEN R. WEISMAN and DAVID E. SANGER; Steven R. Weisman reported from Washington for this article, and David E. Sanger from Crawford, Tex. - World - 929 words

Temos neste bloco duas assertivas *are* (estão) e *declares* (declara) para marcar a mudança de contexto histórico para alunos afegãos e a frase de Bush que estenderá a mão aos amigos que viessem a enfrentar problemas com o terrorismo. Já o último título, um dos poucos enunciados expressos no futuro, utiliza o verbo *tour* (excursionar) cuja implicação é geralmente positiva referindo-se a lazer, para mostrar a ironia da visita ‘turística’ do presidente aos territórios devastados do Paquistão e Afeganistão.

6.4.2 “Após três anos do 11/9, terrorismo mantém Bin Laden "vivo" (FSP)

Pela perspectiva da FSP, os desdobramentos de 2004 focalizam o turbulento ano de eleições presidenciais, cujas consequências seriam sentidas pelo mundo todo. Conforme o esperado, Bush se candidata ao segundo mandato (35) prometendo um país mais seguro e pedindo aos americanos que se mantivessem firme no propósito da guerra e na perseguição aos terroristas (233). Em contrapartida, o democrata John Kerry (234; 226) questiona seus meios para vencer as eleições e prega a liberdade e não a guerra. O léxico traduz este ambiente de debates através de assertivas e verbos causativos como ‘fazer; tornar’ ou elocutivos como ‘prometer; afirmar’ e ‘diz que’ que introduz discurso indireto.

35. [Folha Online - Mundo - Bush se torna candidato e promete fazer dos EUA país mais seguro - 03/09/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76210.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76210.shtml>

234. [Folha Online - Mundo - John Kerry diz que liberdade vencerá o terrorismo - 11/09/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76468.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76468.shtml>

233. [Folha Online - Mundo - Bush faz um apelo pela perseguição dos terroristas - 11/09/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76469.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76469.shtml>

226. [Folha Online - Mundo - Kerry afirma que Bush é capaz de tudo para conquistar reeleição - 12/09/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76498.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76498.shtml>

Para o mundo não há mudanças reais a princípio. Alemanha e França continuam as voltas com suspeitos de terrorismo (220; 219) enquanto um antigo aliado, a Rússia, através do primeiro ministro Vladimir Putin (200) critica a imprensa pelo seu papel passivo no combate ao terror e também pela falta de divulgação dos assassinos da escola de Beslan, na época, também vistos como terroristas.

220. [Folha Online - Mundo - Polícia francesa detém suspeitos de envolvimento no 11/9 - 15/09/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76576.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76576.shtml>

219. [Folha Online - Mundo - Alemanha expulsará marroquinos suspeitos de terrorismo - 15/09/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76580.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76580.shtml>

200. [Folha Online - Mundo - Putin critica papel da imprensa na luta contra o terrorismo - 24/09/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76842.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76842.shtml>

O WTC já não oferece informações que o mantenham na mídia e o que se titula é a homenagem das embaixadas americanas ao redor do mundo, as vítimas dos atentados (252; 236). A Al Qaeda e Osama bin Laden são praticamente esquecidos. Al Zarqawi (232) cometa a humilhação americana no Iraque pelas falhas nas prisões e captura de terroristas como fora anunciado pelo governo Bush, enquanto é visto como controlador do Afeganistão (8). Temos apenas dois verbos assertivos 'homenageia/lembra' e a modalização em discurso segundo que marcam este trecho.

252. [Folha Online - Mundo - Embaixada dos EUA em Londres homenageia vítimas do 11/9 - 10/09/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76441.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76441.shtml>

236. Folha Online - Mundo - Minuto de silêncio lembra atentados terroristas do 11 de Setembro em NY - 11/09/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76462.shtml>

232. Folha Online - Mundo - Em gravação, Al Zarfawi diz que EUA foram humilhados no Iraque - 11/09/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76478.shtml>

8. Folha Online - Mundo - "Braço direito" de Bin Laden diz que controla Afeganistão - 09/09/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u76411.shtml>

No mês de outubro, títulos sobre a guerra voltam a dominar os títulos em razão de novos acontecimentos. Em ano de eleição presidencial, é comum cobrar do candidato explicações sobre sua conduta, ainda mais se concorre a um novo mandato. Portanto, o governo (184; 182; 178; 175; 174) é convocado a prestar tais declarações e apresentar relatórios sobre estes três anos de conflitos. Apesar de insistir nas armas iraquianas, Donald Rumsfeld secretário de defesa nega ligações entre Al Qaeda e Saddam e as supostas armas que motivaram a invasão do Iraque e a prisão de Saddam Hussein. Sem argumentos, Bush reitera que Saddam era uma ameaça iminente (171; 169) e que precisava ser contida. Tais afirmações dividem a opinião pública, porém Bush se mantém a frente de Kerry (137; 133). Não se pode esquecer que, parar a guerra aquela altura, sem vitórias concretas, ou seja, sem a figura de Osama bin Laden preso, seria igualar os eventos de “11 de setembro” ao fracasso em *Pearl Harbor*. Não seria possível também justificar os gastos bilionários, mortes de civis, incluindo americanos, em conflitos sem propósito, assumindo a figura do perdedor, aquele que é passado para trás pelo vilão mais esperto e inteligente. Isso significaria o fim do orgulho e de valores seculares como persistência e determinação para os americanos, termos bastante empregados em discursos presidenciais como os de Barak Obama nos dias atuais. O léxico, por sua vez, emprega verbos de implicação negativa: ‘negar; divide’ e assertivas de ordem: ‘insistem; domina, reafirma, mantém’ para marcar estas contradições.

184. Folha Online - Mundo - EUA negam relatório e insistem em armas no Iraque - 03/10/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77112.shtml>

182. Folha Online - Mundo - Rumsfeld nega laço Saddam-Al Qaeda e diz ter sido mal interpretado - 05/10/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77170.shtml>

- 178.** [Folha Online - Mundo - Guerra do Iraque domina debate de candidatos a vice nos EUA - 06/10/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77190.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77190.shtml>
- 175.** [Folha Online - Mundo - Bush reafirma que Saddam podia ter fornecido armas a terroristas - 06/10/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77206.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77206.shtml>
- 174.** [Folha Online - Mundo - Relatório dos EUA nega que Saddam tivesse armas de destruição - 06/10/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77210.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77210.shtml>
- 171.** [Folha Online - Mundo - Saddam representava uma "ameaça intolerável", diz governo dos EUA - 06/10/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77211.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77211.shtml>
- 169.** [Folha Online - Mundo - Bush admite falta de armas, mas diz que Saddam era ameaça - 07/10/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77236.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77236.shtml>
- 137.** [Folha Online - Mundo - Governo Bush divide radicalmente a opinião pública, diz Gallup - 21/10/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77659.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77659.shtml>
- 133.** [Folha Online - Mundo - Bush mantém liderança de dois pontos sobre Kerry, diz pesquisa - 23/10/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77713.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77713.shtml>

O mundo já não lembra mais do “11 de setembro” propriamente dito, mas de outros atentados igualmente violentos como em Bali (160) ou o “11 de Março” na Espanha. Neste, ocorreram explosões na principal estação de trem de Madri, matando 191 pessoas. Enquanto isso, paquistaneses são detidos neste país (103) por financiarem a Al Qaeda. A Alemanha, por sua vez, extradita mais um militante islâmico como o suspeito franco-marroquino (158) mencionado no ano anterior, julgado pela sua participação nos planejamentos do “11 de setembro” e diz que o país está preparado para uma longa batalha contra o terror (123). Destaque para os verbos que acompanham as ações da Alemanha, um performativo de ordem ‘extradita’ e outro um declarativo que indica o início de um evento ‘prepara-se’, sem esquecer ‘mostrar’ que é causativo para a repercussão dos atentados de Madri.

- 160.** [Folha Online - Mundo - Cerimônia lembra dois anos dos atentados em Bali - 12/10/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77372.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77372.shtml>
- 158.** [Folha Online - Mundo - Alemanha extradita militante islâmico para a Turquia - 12/10/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77386.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77386.shtml>

141. Folha Online - Mundo - TV espanhola mostra imagens de atentado de 11 de Março - 19/10/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77606.shtml>

123. Folha Online - Mundo - Alemanha se prepara para prolongada luta contra o terrorismo - 27/10/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77823.shtml>

103. Folha Online - Mundo - Paquistaneses detidos em Barcelona financiavam a Al Qaeda - 31/10/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77942.shtml>

Como a rede terrorista já não desperta mais a atenção da mídia, bin Laden volta a cena com um novo vídeo ameaçando os EUA (117;113; 112; 109) e provocando a reação dos candidatos Bush e Kerry que tentam impedir a divulgação da fita, prometendo matá-lo. Emprega-se, para isto, mais uma vez o causativo ‘mostra’ que implica em efeitos sobre a população e também verbos de força e ordem como ‘reagir e impedir’, cujo teor negativo é reduzido através de ‘tentar’ de implicação processual. O último, ‘prometer’ é elocutivo e introduz um discurso cuja ideia é, geralmente, de incerteza.

117. Folha Online - Mundo - Al Jazira mostra suposto vídeo de Bin Laden ameaçando EUA - 29/10/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77893.shtml>

113. Folha Online - Mundo - Bush e Kerry reagem às declarações de Bin Laden em vídeo - 29/10/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77898.shtml>

112. Folha Online - Mundo - EUA tentaram impedir divulgação de fita com Bin Laden - 29/10/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77901.shtml>

109. Folha Online - Mundo - John Kerry promete perseguir e matar Bin Laden - 30/10/2004

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77905.shtml>

No mês seguinte, novembro, a al Qaeda continua sem interesse para a imprensa. Já a guerra se mantém no centro das discussões em razão de dominar e definir rumos militares, econômicos e políticos do mundo e das eleições norte-americanas conforme o título (97). Novembro marca, portanto, a participação histórica dos americanos nas eleições (92) em meio a uma crise da administração Bush. Primeiro, o general e membro do conselho de segurança nacional, Collin Powell (70) sai de cena e Bush nomeia Condoleezza Rice (63) para o seu lugar e, posteriormente é divulgada na imprensa (49) denúncia de torturas em prisões de Guantánamo e Abu Graib, no Paquistão. Logicamente, os verbos são constatativos de

ordem positiva: ‘define; sinaliza; confirma; nomeia’ para as eleições e negativa ‘deixam; rejeita’, para as mudanças no governo e as acusações de tortura.

97. [Folha Online - Mundo - Eleição nos EUA define rumo militar, econômico e político do planeta - 02/11/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77993.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u77993.shtml>

92. [Folha Online - Mundo - Filas enormes sinalizam participação histórica na eleição dos EUA - 02/11/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78028.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78028.shtml>

70. [Folha Online - Mundo - Powell e mais três secretários deixam o governo Bush - 15/11/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78483.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78483.shtml>

63. [Folha Online - Mundo - Bush confirma escolha e nomeia Condoleezza Rice para substituir Powell - 16/11/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78510.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78510.shtml>

49. [Folha Online - Mundo - Pentágono rejeita acusações de tortura em Guantánamo - 30/11/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78870.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78870.shtml>

Apesar destes escândalos, o conservadorismo americano reelege Bush (89), fato recebido com uma perigosa indiferença por líderes mundiais (90). Era sabido que Kerry pouco poderia fazer para frear a guerra e justificar a derrota da nação frente aos americanos; porém, não se sabia onde mais a política bélica de George Bush chegaria para justificar os erros já cometidos e planejar mais ataques. Assim, o líder talibã (75) mulá Mohamed Omar, personagem desta narrativa em 2001 como líder espiritual desta organização e amigo pessoal de Osama, diz que vai livrar o Afeganistão dos EUA, enquanto um jornalista da Al Jazira (61), maior emissora de televisão do Catar, é novamente detido na Espanha acusado de ligações com a al Qaeda. Verbos constatativos ‘reelege e volta’ indicam a constância dessas ameaças.

89. [Folha Online - Mundo - Conservadorismo americano reelege Bush e ajuda Lula, diz professor - 03/11/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78097.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78097.shtml>

90. [Folha Online - Mundo - Países mostram indiferença com resultado de eleições nos EUA - 03/11/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78088.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78088.shtml>

75. [Folha Online - Mundo - Líder do Taleban quer "libertar" Afeganistão de "marionetes" dos EUA - 13/11/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78380.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78380.shtml>

61. [Folha Online - Mundo - Jornalista da Al Jazira volta a ser detido na Espanha - 19/11/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78572.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78572.shtml>

O ano de 2004 termina com mudanças forçadas na administração Bush. O congresso apoia a reforma do serviço de inteligência (29; 19) promulgada por Bush dias depois. Este é um bom momento, pois a paranoia sobre ameaças terroristas volta a dominar os EUA devido aos feriados de final de ano. O medo agora é com uma possível guerra bacteriológica através da contaminação de alimentos (23). Por fim, os americanos que ora se posicionam contra a guerra do Iraque, mostram o desejo de conter os direitos de muçulmanos (17). Destaque para verbos de ordem: ‘promulga; quer’ e de opinião ‘preocupa’.

29. [Folha Online - Mundo - Congresso dos EUA dá aprovação final à reforma de Inteligência - 08/12/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79086.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79086.shtml>

23. [Folha Online - Mundo - Eventual ato terrorista contra alimentos preocupa os EUA - 12/12/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79186.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79186.shtml>

19. [Folha Online - Mundo - Bush promulga reforma geral da inteligência - 17/12/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79308.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79308.shtml>

17. [Folha Online - Mundo - Quase metade dos americanos quer limitar direitos dos muçulmanos - 18/12/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79325.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79325.shtml>

Essa atitude, tão radical quanto os próprios rebeldes muçulmanos, reitera o que se afirmava há três anos: que as liberdades civis seriam reduzidas após o “11 de setembro”. Os resultados ou desdobramentos desta afirmação são sentidos na Inglaterra que decide criar um decreto antiterrorista considerado como ilegal (20); na Austrália quando um passageiro italiano brinca e alerta a segurança num voo e também na Espanha (6) onde a corte condena outros marroquinos acusados de terrorismo.

20. [Folha Online - Mundo - Câmara dos Lordes britânica decreta legislação antiterrorista ilegal - 16/12/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79284.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79284.shtml>

15. [Folha Online - Mundo - Italiano faz brincadeira em voo e gera alerta de segurança na Austrália - 19/12/2004](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79358.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79358.shtml>

6. Folha Online - Mundo - Corte espanhola condena marroquinos acusados de terrorismo - 27/12/2004
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79600.shtml>

O ano de 2004 termina relativamente morno, sem maiores acontecimentos além das lembranças dos atentados em Madri, Rússia e Indonésia. O evento maior domina o cenário político com a reeleição de Bush por mais quatro anos (*four more years*) e a posse de Rice como conselheira de segurança nacional. Essa aparente calma seria, então, necessária para que se pudesse dar conta do que viria no ano seguinte: tragédias ambientais, escândalos de gestão administrativa e mortes na força.

6.5 O ano de 2005

Como resultado das controvérsias apresentadas no relatório do ano anterior sobre o “11 de setembro”, 2005 marca a descrença dos norte-americanos sobre as vitórias prometidas por Bush no Iraque, mesmo com a vigência das ofensivas. As regras de segurança nos aeroportos tornam-se menos rígidas, facilitando um novo atentado onze dias antes do 4º aniversário do “11 de setembro”. Mas o ano de 2005 ficaria ainda marcado por duas grandes tragédias ambientais: o furacão Katrina que devasta Nova Orleans e um terremoto que mata milhões no Paquistão. Este é também o ano em que Tony Blair é eleito estadista do ano; Saddam Hussein é julgado e condenado a força; o parlamento britânico e o australiano apoiam a lei antiterrorismo americana e a popularidade de Bush aumenta com a reeleição, apesar do escândalo de escutas telefônicas, não autorizadas, de cidadãos norte-americanos.

6.5.1 *Bush Lets U.S. Spy on callers without courts (NYT) – Bush permite espionagem de cidadãos americanos sem autorização legal.*

O título (36) descrito no ano anterior sobre a espionagem do Czar Russo repercute no ano de 2005 dominado pelos escândalos de escutas secretas e espionagens ilegais feitas pelo governo Bush, e negadas pela

então secretária de estado Condoleezza Rice⁷, sobre cidadãos norte-americanos. Em (304) oficiais do departamento de estado pedem novos rumos para os reflexos do “11 de setembro”, enquanto notícias do declínio dos EUA (485) começam a surgir, ainda que consideradas prematuras. Já na Espanha (311), ocorre a primeira sentença de prisão pelos atentados. Em outubro, Bush se manifesta (573) dizendo que, desde 2001, dez planos de ataques terroristas foram contidos. Entretanto, em (568) os indonésios se mostram céticos sobre se os EUA realmente divulgam evidências de terrorismo. O último título (447) aponta 10 razões pelas quais a violência do extremismo que leva o nome do Islã esbarra no silêncio dos muçulmanos, mesmo os mais moderados. Os verbos são todos empregados em terceira pessoa, destacando-se ‘*urges*’ (pede urgência); ‘*issues*’ (promulga); ‘*declares*’ (declarar) cujo ideia de ordem é premente, além de ‘*foiled*’ (falharam); ‘*shares*’ (compartilha); e ‘*meets*’ (encontra, se depara’) de ordem negativa quando associados ao substantivo ‘terror’.

304. [State Dept. Official Urges Inclusive Tack on 9/11](#) - By STEVEN R. WEISMAN - September 1, 2005 - By STEVEN R. WEISMAN - World - 679 words
485. [Tidings of U.S. Decline Seem a Bit Premature](#) - September 14, 2005 - By ROGER COHEN - World
311. [Spain Issues First Prison Sentence for 9/11](#) - September 27, 2005 - By RENWICK McLEAN - World - 980 words
573. [THE STRUGGLE FOR IRAQ: PRESIDENT'S ADDRESS; 10 Plots Foiled Since Sept. 11, Bush Declares](#) - October 7, 2005 - By DAVID E. SANGER; Douglas Jehl contributed reporting from Washington for this article, and Marjorie Connelly from New York. - World - 1332 words
568. [Indonesians Skeptical About Whether U.S. Shares Terror Evidence](#) - October 19, 2005 - By RAYMOND BONNER - World - 568 words
447. [10 Reasons Terror Meets Silence From Muslims](#) - October 26, 2005 - By ROGER COHEN - World

Em novembro, a Alemanha volta à cena em (34) com o título: Corte ouve recusas e/ou protestos sobre legislação referente à derrubada de aviões sequestrados. O título cumpre sua função de resumir a notícia, sem dúvida, mas não detalha o que a lei autoriza. Nesta, o ministro de defesa alemão poderia ordenar a derrubada de qualquer aeronave civil se acreditasse que tivesse sido sequestrada. Civis e pilotos protestaram (*challenge*) dizendo que não é correto matar passageiros para salvar outras vidas. Sozinho o título não faz sentido ao leitor brasileiro e, provavelmente, nem ao leitor

⁷Rice substituiu Collin Powell em 2005 como secretária de estado norte-americana no segundo mandato de George Bush, sendo conselheira do presidente durante seu primeiro mandato.

norte-americano em razão de não explicitar dados sobre a lei, o que indicaria uma boa razão para a leitura da notícia. Já em (305), voltamos com os vídeos de bin Laden e seu exército, cuja frieza é retratada pela palavra (*chilling*) no que se refere ao tom de voz gravado nas fitas e que representa, segundo o NYT, o radicalismo islâmico na Europa. Neste caso, o título faz uso de adjetivação para qualificar a frieza da voz de bin Laden (*chilling*) e o radicalismo do islã (*radicalism*) na Europa, provas de que isenção e imparcialidade são apenas parâmetros epistemológicos na imprensa. Já em (130) o jornalista pergunta se as mortes de americanos no Iraque estão salvando vidas nos EUA, questionamento similar ao do título (34) sobre abater aviões de passageiros para salvar outros cidadãos. O léxico empregado utiliza verbos constatativos ‘*hears*’ (ouve) e ‘*lets*’ (permite), além do gerúndio em pergunta retórica que induz uma espécie de contato, diálogo e questionamento ao leitor.

34. [World Briefing | Europe: Germany: Court Hears Challenge To Law On Downing Hijacked Planes](#) - November 10, 2005 - By Victor Homola (NYT) - World - 72 words
305. [From Tapes, a Chilling Voice Of Islamic Radicalism in Europe](#) - November 18, 2005 - By ELAINE SCIOLINO; Brian Wingfield contributed reported from Milan for this article, and Elisabetta Povoledo from Rome. - World - 2542 words.
- 130 [Are U.S. Deaths in Iraq Saving Lives in the U.S.?](#) -November 30, 2005 - By ROGER COHEN – World
63. [Bush Lets U.S. Spy on Callers Without Courts](#)
December 16, 2005 - By JAMES RISEN and ERIC LICHTBLAU; Barclay Walsh contributed research for this article. - World - 3754 words

Notícias sobre a espionagem de cidadãos norte-americanos aparecem somente em Dezembro na seção *World* do NYT com o título (63) no qual Bush permite que ligações telefônicas sejam monitoradas sem autorização do congresso, prova de que esta notícia para o mundo tinha pouca relevância, ao contrário de sua importância para americanos e brasileiros, visto que na FSP foram muitas as notas sobre o fato, até porque estas escutas clandestinas fazem parte também do noticiário nacional com vários grampos telefônicos já noticiados no congresso e órgãos públicos.

6.5.2 O ano de 2005: “Bush admite ter autorizado escutas secretas” (FSP)

O mês de setembro focaliza, inevitavelmente, fatos sobre o furacão Katrina, a exemplo do Times. Os assuntos referentes ao fato centram-se no

número de mortos (28); na tentativa de Bush de usar o fato para melhorar sua imagem perante os norte-americanos (10; 140; 148) que não acreditam mais em vitórias na já desgastada guerra contra o Iraque (128). O evento do Katrina mostra-se aqui não como um desdobramento dos atentados terroristas, mas como um evento (ou uma nova tragédia na visão dos norte-americanos) da mesma magnitude em razão do número de pessoas afetadas, da devastação provocada e das atitudes, consideradas inconsistentes, do presidente norte-americano em resposta as consequências do furacão. O verbo ‘desaprovar’ é uma evidência bastante negativa disso.

28. Folha Online - Mundo - Louisiana divulga primeiro número oficial de mortos pelo Katrina - 04/09/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87436.shtml>

10. Folha Online - Mundo - Maioria nos EUA desaprova resposta de Bush ao Katrina, diz pesquisa - 08/09/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87583.shtml>

148. Folha Online - Mundo - Em busca de apoio, Bush fala do Katrina ao lembrar 11 de setembro - 11/09/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87665.shtml>

140. Folha Online - Mundo - Pesquisa mostra aumento da desaprovação de Bush frente ao Katrina - 13/09/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87704.shtml>

128. Folha Online - Mundo - Só 21% dos americanos acreditam em vitória dos EUA no Iraque - 23/09/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88007.shtml>

No mundo, continuam as acusações aos sauditas (16) por relações com atentados terroristas, enquanto os alemães (20; 7) banem grupos extremistas e fiscalizam mesquitas no país. Neste mês é lembrado ainda o 4º ano dos atentados terroristas (156), enquanto al Zawahri, o número dois da Al Qaeda (134) assume a autoria dos atentados em Londres, conhecido como o “7 de julho”. Este atentado, contra o sistema de transportes londrino, deixou 52 mortos e o vídeo a que o título se refere foi preparado pela Al Qaeda em comemoração ao aniversário dos ataques de “11 de Setembro”. Destacamos as assertivas com verbos constatativos e de implicação negativa e de ordem tais como: ‘não pode; acusa; bane’.

20. Folha Online - Mundo - Alemanha bane organizações por suposta ajuda a grupos extremistas - 05/09/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87480.shtml>

16. Folha Online - Mundo - Terrorista jordaniano no Iraque acusa líderes sauditas em gravação - 06/09/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87512.shtml>

7. [Folha Online - Mundo - Conservador alemão quer "toda mesquita" fiscalizada no país - 09/09/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87605.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87605.shtml>

156. [Folha Online - Mundo - EUA lembram 4º aniversário do 11 de Setembro - 11/09/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87649.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87649.shtml>

134. [Folha Online - Mundo - Número 2 da Al Qaeda assume autoria de ataques em Londres em vídeo - 19/09/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87897.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87897.shtml>

Outros ataques seguem, a exemplo do atentado em Londres, em Bali na Indonésia, matando vinte e cinco pessoas (118; 114; 113) e conduzidos por homens bomba. O reflexo nos Estados Unidos é imediato com o aumento da segurança no metrô de Nova York (107). Porém, o que mais surpreende é uma declaração do presidente americano (106) que diz ter seguido ordens divinas ao atacar o Iraque, o que faz com que os democratas exijam no congresso (92) novas estratégias de combate ao terror. Note-se o título (114) que inicia com verbo e marca o imediatismo do jornalismo online, tendo sido provavelmente uma informação recebida minutos antes na redação. É interessante observar que os fatos narrados pelos outros títulos deste bloco se desdobram de forma semelhante à narrativa maior do “11 de setembro”, girando em torno do título (118), sobre a população de NY.

118. [Folha Online - Mundo - Novo atentado ocorre a 11 dias do "aniversário" do massacre de 2002 - 01/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88246.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88246.shtml>

114. [Folha Online - Mundo - Sobe para 25 número de mortos em Bali; cem estão feridos - 01/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88256.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88256.shtml>

113. [Folha Online - Mundo - Suicidas foram autores de ataques na ilha de Bali, diz polícia - 02/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88270.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88270.shtml>

107. [Folha Online - Mundo - Nova York aumenta segurança em metrô devido a ameaça terrorista - 06/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88389.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88389.shtml>

106. [Folha Online - Mundo - Bush diz que invadiu Iraque e Afeganistão seguindo "ordens de Deus" - 06/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88395.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88395.shtml>

92. [Folha Online - Mundo - Democratas exigem de Bush uma nova estratégia antiterrorista - 26/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88989.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88989.shtml>

A tendência de escassez de notícias à medida que os fatos se afastam do seu referente permanece sobre o WTC, a Al Qaeda e o próprio bin Laden. Como exemplos, citamos o bloco a seguir para o mês de outubro. No WTC são achados fragmentos de ossos em local próximo as torres (89), durante as obras para a construção do memorial às vítimas; a Al Qaeda (96; 91) pede aos muçulmanos que ajudem as vítimas do terremoto no Paquistão, ocorrido em setembro, especulando-se que bin Laden também tenha sido atingido (104). Enquanto isso, a rede terrorista é acusada, ainda, de usar a internet para treinar terroristas, informação divulgada por diversas revistas em 2001. Os verbos de maior força empregados neste bloco se referem a Al Qaeda: ‘pede; usa’ exprimindo ordem e comando, enquanto ‘são achados’ e ‘atinge’ são apenas constatativos.

89. [Folha Online - Mundo - Fragmentos de ossos são achados em cima de edifício próximo a WTC - 28/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89045.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89045.shtml>

96. [Folha Online - Mundo - Al Qaeda pede que muçulmanos ajudem vítimas de tremor no Paquistão - 23/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88892.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88892.shtml>

91. [Folha Online - Mundo - Al Qaeda usa internet para treinar terroristas, dizem especialistas - 28/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89033.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89033.shtml>

104. [Folha Online - Mundo - Terremoto atinge suposto esconderijo de Bin Laden, diz AP - 09/10/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88465.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u88465.shtml>

O ano de 2005 chega ao fim com notícias, de certa maneira, comuns no cenário mundial, como se observa em (85; 79; 61; 59). Os títulos tratam das polêmicas leis-antiterroristas; do julgamento de acusados de terrorismo e da ação da CIA em território britânico, em razão dos atentados de “7 de julho”. O léxico utiliza verbos de caráter avaliativo: ‘criticar’; de ordem ‘pedir’, além de causativos: ‘aprovar; absolver’.

85. [Folha Online - Mundo - Parlamento australiano aprova novas leis antiterroristas - 03/11/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89205.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89205.shtml>

79. [Folha Online - Mundo - Blair critica opositores às leis antiterroristas - 06/11/2005](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89298.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89298.shtml>

61. Folha Online - Mundo - Itália absolve três islâmicos acusados de terrorismo internacional - 28/11/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89982.shtml>

59. Folha Online - Mundo - Grupo pede investigação de suposta ação da CIA no Reino Unido - 30/11/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90028.shtml>

As notícias sobre guerras já não são, também, tão frequentes; porém ainda marcam a narrativa relatando os efeitos dos últimos acontecimentos em Londres e Bali. O sentimento de medo volta à Nova York (76), enquanto o governo norte-americano defende o uso de torturas em interrogatórios (72) e não vê a possibilidade de retirada das tropas do Iraque (67), o que aparenta ser contraditório em relação à informação do título (63) que atenta para o fato de que o presidente George W. Bush sabia que não havia ligações entre o Iraque os atentados de “11 de setembro”. Enquanto isso, a Al Qaeda é acusada (75) de outros atentados pelo mundo, somando-se àqueles ocorridos em Londres e na Indonésia. Três verbos devem ser ressaltados aqui ‘defende’ e ‘culpam’ que expressa opinião, são avaliativos, além da modalização em discurso segundo (diz que) no título (67).

76. Folha Online - Mundo - Hotéis de NY aumentam a segurança depois de ataques na Jordânia - 10/11/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89430.shtml>

72. Folha Online - Mundo - Conselheiro americano defende uso de tortura em interrogatório - 13/11/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89544.shtml>

67. Folha Online - Mundo - Bush diz que retirada de tropas do Iraque não será imediata - 19/11/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89693.shtml>

63. Folha Online - Mundo - Bush sabia da falta de provas ligando o Iraque ao 11/9 - 23/11/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89801.shtml>

75. Folha Online - Mundo - Autoridades culpam Al Qaeda por vários atentados em todo o mundo - 10/11/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89431.shtml>

O mês de Dezembro fecha o ano de 2005 marcado pelo prêmio de estadista do ano ostentado por Tony Blair (53), pelas tentativas de outros atentados a capital britânica (14) e por suspeitas de bases terroristas em território japonês (7). Destaque para ‘tentar’ que implica processo e ameniza o efeito negativo do verbo que o segue ‘atacar’.

53. Folha Online - Mundo - Tony Blair é o "estadista da década", afirma instituto internacional - 08/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90296.shtml>

14. Folha Online - Mundo - Terroristas tentaram atacar Londres oito vezes, diz prefeito - 26/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90917.shtml>

7. Folha Online - Mundo - Polícia suspeita de base terrorista no Japão - 30/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u91037.shtml>

Já as notícias sobre a guerra contra o terror voltam-se, a exemplo do NYT, para os escândalos de espionagem ilegal do governo americano (40). Rice, já como secretária de estado e o presidente Bush (39; 38) negam o fato a princípio. O presidente, porém, (34; 33) admite as escutas e é defendido por Rice (32). Rapidamente o congresso intervém dizendo tê-las autorizado (33), o que segundo a FSP vinha ocorrendo (1) desde 2001. Observa-se a paridade de verbos como ‘negar’ e ‘admitir’ em títulos que são praticamente a paráfrase um do outro. A função deste recurso é fixar a informação para o leitor, além de evidenciar o estilo do jornalismo online, isto é, o imediatismo da notícia editada em tempo real. Veja que de (34) para (33) o que muda, é apenas o adjetivo: de ‘secreta’ para ‘clandestina’, sugerindo a ideia da ilegalidade, enquanto que a mudança de (39) para (38) está no sujeito. O teor é o mesmo, sendo reiterado em (32) e (30) que denotam a corrida para proteger a imagem do presidente norte-americano. Por fim, vale mencionar os verbos que abrem e fecham este bloco: ‘monitorar’ e ‘mantém’, cuja ideia sugere processo e movimento, coerentes com a narrativa.

40. Folha Online - Mundo - EUA monitoram civis sem autorização legal, diz jornal - 16/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90601.shtml>

39. Folha Online - Mundo - Rice nega espionagem ilegal de civis nos EUA - 16/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90610.shtml>

38. Folha Online - Mundo - Bush se nega a comentar suposta existência de escutas ilegais - 16/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90619.shtml>

34. Folha Online - Mundo - Bush admite ter autorizado escutas secretas - 17/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90637.shtml>

33. Folha Online - Mundo - Bush admite ter autorizado escuta clandestina nos EUA - 17/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90645.shtml>

32. Folha Online - Mundo - Rice defende decisão de Bush de espionar cidadãos americanos - 18/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90672.shtml>

30. Folha Online - Mundo - Congresso autorizou Bush a espionar, diz secretário de Justiça - 19/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90695.shtml>

1. Folha Online - Mundo - EUA mantêm desde 2001 megaoperação secreta de espionagem - 30/12/2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u91057.shtml>

Apesar de ferir o direito à liberdade civil e individualidade, fortemente valorizados na cultura norte-americana, o caso das escutas clandestinas foi esquecido no ano seguinte substituído, em importância, por novos atentados em Bagdá e mais um acidente aéreo em NY.

6.6 O ano de 2006

Este ano é marcado por novos vídeos contendo ameaças de Osama bin Laden, por um novo acidente aéreo que volta a causar pânico entre a população de NY, por mais atentados na cidade de Bagdá. Em relação ao ano anterior percebe-se um aumento no número de títulos publicados tanto pela FSP quanto pelo NYT (ver: gráficos 5.1 e 5.2). Isto se deve em razão da repercussão de fatos de anos anteriores como as prisões secretas norte-americanas, a finalização do julgamento de Saddam Hussein e os relatórios sobre a guerra no Iraque, além da promulgação da lei antiterrorismo. A narrativa começa pelos títulos do NYT que traduz os fatos concentrando-se no ponto de vista europeu e da guerra iraquiana.

6.6.1 “Al Jazeera Shows Tape of bin Laden and Planners of 9/11” (NYT)
– *Al Jazeera mostra vídeo de bin Laden com outros terroristas do “11 de Setembro”.*

Em (188) fitas de vídeo sobre bin Laden e os terroristas do “11 de Setembro” são mostradas pela Al Jazeera. Isto gera uma comparação (343) feita por Bush entre os terroristas, Lênin e Hitler, tida como um ‘tiro certo’ (*footwork*) no sentido de traduzir a natureza dos sequestradores. Isto serve, em alguma medida, para reacender a disposição dos norte-americanos sobre a guerra do Iraque. Com a popularidade em queda, Bush traz a público prisioneiros da CIA e de Guantánamo para serem julgados em

tribunais militares por crimes de guerra. Bush concede, assim, feições ao terrorismo que segue em franca atuação na região de Cabul⁸ (231) onde explosões mataram 16 pessoas perto da embaixada norte-americana e na Síria (222) onde homens armados atiraram contra a embaixada norte-americana deixando 3 mortos. Após estes ataques, o Paquistão fala de uma ameaça vinda dos EUA após o 9/11, na rede CBS. Esta ameaça consistia no bombardeio intenso à cidade caso o Paquistão não cooperasse na luta contra o terrorismo. Por outro lado, (306) agentes espíões norte-americanos afirmam que a guerra do Iraque piora as ameaças terroristas em vez de acabá-las, como se vê no último título (184) que fala de um marroquino suspeito de ter ligações com os sequestradores do 9/11 que vai a julgamento em Paris. O NYT emprega verbos performativos ‘*shows; kills; hit; linking faces*’. Apenas o último título tem um verbo oculto ‘is’ na voz passiva. Outros dois: ‘*tells; says*’ são assertivos em discurso indireto.

188. [Al Jazeera Shows Tape of bin Laden and Planners of 9/11](#) - September 8, 2006 - By MICHAEL SLACKMAN; Souad Mekhennet contributed reporting from Frankfurt and Scott Shane from Washington. - World - 878 words
- 343 [Linking Faces to Terror: Bush's Clever Footwork](#) - September 9, 2006 - By ROGER COHEN - World
231. [Suicide Bomber Kills 16 in Kabul Near Embassy](#) - September 9, 2006 - By CARLOTTA GALL and ABDUL WAHEED WAFIA; Judy Dempsey contributed reporting from Berlin. - World - 1072 words
222. [GUNMEN IN SYRIA HIT U.S. EMBASSY; 3 ATTACKERS DIE](#) - September 13, 2006 - By CRAIG S. SMITH; Contributing reporting were Souad Mekhennet in Frankfurt, Thom Shanker and Mark Mazzetti in Washington and Christine Hauser in New York. - World - 1253 words
56. [Pakistan Tells Of U.S. Threat After 9/11, CBS Reports](#) - September 22, 2006 - World - 632 words
306. [Spy Agencies Say Iraq War Worsens Terrorism Threat](#) - September 24, 2006 - By MARK MAZZETTI - World - 1317 words
184. [World Briefing | Europe: France: Moroccan Linked To 9/11 Hijackers On Trial](#) - By JOHN TAGLIABUE (NYT) - September 28, 2006 - By JOHN TAGLIABUE (NYT) - World - 132 words

Em outubro, outro marroquino consegue novo apelo da sentença (13) desta vez na Alemanha, enquanto novos vídeos (14) mostram dois dos sequestradores dos aviões antes dos atentados de 2001. Em função do julgamento dos dois marroquinos suspeitos de terrorismo na Europa (França e Alemanha), uma onda de preocupações com o islamismo

⁸Capital e também maior cidade do Afeganistão.

(217) toma conta de toda a Europa. Neste bloco, ‘spread; shows’ exercem função constativa. O primeiro título não tem verbo aparente.

13. [World Briefing | Europe: Germany: New Appeal For Man In 9/11 Cell](#) - October 13, 2006 - By VICTOR HOMOLA (NYT) - World - 155 words
14. [Tape Shows 2 Hijackers in Year Before 9/11](#) - October 2, 2006 - World - 194 words
217. [Across Europe, Worries on Islam Spread to Center](#) - October 11, 2006 - By DAN BILEFSKY and IAN FISHER; Dan Bilefsky reported from Brussels, and Ian Fisher from Rome. Contributing were Sarah Lyall and Alan Cowell from London, Mark Landler from Frankfurt, Peter Kiefer from Rome, Renwick McLean from Madrid and Maia de la Baume from Paris. - World - 1431 words

O ano de 2006 termina, para o NYT, enfatizando ainda o julgamento do marroquino (19), cuja condenação é efetivada na Alemanha. Julgamentos paralelos ocorrem também na Inglaterra (235) na tentativa de traçar o caminho de militantes do islã e sentenciam um britânico-muçulmano (342) por planejar ataques terroristas. Verbos constativos sugerindo discurso são maioria: ‘*sentenced; says; parallels; denounces*’. Apenas três sugerem ações performativas: ‘*expands; traces; hears*’.

19. [World Briefing | Europe: Germany: Court Expands 9/11 Conviction](#) - November 17, 2006 - World - 152 words
235. [British Terror Trial Traces a Path to Militant Islam](#) - November 26, 2006 - By ELAINE SCIOLINO and STEPHEN GREY; Ariane Bernard contributed reporting. - World - 2756 words
342. [British Muslim Sentenced For Plotting Terror Attacks](#) - November 8, 2006 - By ALAN COWELL - World - 664 words
363. [Blair Says Homegrown Terrorism Is Generation-Long Struggle](#) - November 11, 2006 - By ALAN COWELL - World - 997 words
554. [DIPLOMATIC MEMO: On to Vietnam, Bush Hears Echoes of 1968 in Iraq 2006](#) - November 17, 2006 - By DAVID E. SANGER - World - 1071 words
330. [Some Lessons for U.S. in Vietnam and Iraq Parallels](#) - December 2, 2006 - By ROGER COHEN - World - 2558 words
348. [THE STRUGGLE FOR IRAQ: Iraqi President Denounces U.S. Strategy on Security](#) - December 11, 2006 - By KIRK SEMPLE - World - 1112 words

Na sequência desta narrativa, Blair (363) admite que o terrorismo “caseiro” (*homegrown*) é uma luta que deverá se estender por gerações. Exemplos disto são (554) e (330) que tratam de uma visita de Bush ao Vietnã e que faz o jornal traçar paralelos com a guerra iraquiana. Este é um

exemplo de deslocamento de enfoque e marca cultural, pois somente o leitor que conhece a guerra do Vietnã, especialmente os norte-americanos, conseguem ter o alcance real desta comparação e dos sentimentos entre a população. A narrativa termina com a denúncia (348) do presidente iraquiano sobre falhas na estratégia de segurança norte-americana que deveria treinar tropas iraquianas. Havia um grande número de conselheiros militares trabalhando junto ao exército iraquiano, o que estava ameaçando a soberania do país. Esta informação não está explícita no título, mas sim no lide da notícia, o que nos leva a constatar que a técnica de construir o título a partir do lide funciona, mas neste caso só para o leitor americano, pois não oferece pistas para entender que a estratégia de segurança tem a ver com o treinamento de tropas iraquianas e sim com a presença de tropas americanas guardando vilas ou cidades afetadas pela guerra.

Mais uma vez os títulos vão desempenhando a função da narrativa, unidos para formar um novo texto sobre o “11 de Setembro”. Na sequência, o ano de 2006 é narrado pela FSP enfatizando ameaças de atentados, tentativas de combate ao terrorismo, cerimônias sobre o “11 de Setembro”, mudanças entre os aliados políticos dos EUA, além de denúncias sobre torturas de presos em Guantánamo.

6.6.2 “Casa Branca confirma veracidade de vídeo com preparação do 11/9.” (FSP)

O mês de setembro para a FSP concentra-se na temática mundo, Estados Unidos e guerra, bin Laden, Bush, al Qaeda e o “11 de Setembro” fundamentada em algumas contradições. Em relação ao ‘mundo’ os títulos tecem, principalmente, histórias de atentados e mortes no Paquistão, Afeganistão e Índia (20; 147; 132), de rejeição aos ataques ao Iraque (143) e de uma tomada de posicionamento da União Europeia (149; 157; 178) sobre a restrição de liberdades civis (239), razão pela qual os Estados Unidos estabelecem um acordo com a UE (131) sobre a coleta de dados de passageiros nos aeroportos norte-americanos. Este ponto marca mais um deslocamento de enfoque em razão de os leitores da FSP se interessarem pelo turismo neste continente, enquanto o NYT focaliza apenas os julgamentos dos suspeitos terroristas. Outro ponto de preocupação são as prisões secretas das CIA, assuntos que vinham sendo debatidos desde o ano de 2005, além do atentado a Londres de 07 de Julho do mesmo ano. Paralelamente, segue o julgamento de Saddam Hussein (228; 206) no Iraque. Os verbos são em sua maioria performativos e de forte cunho negativo

caracterizando a narrativa destes próximos quatro anos de um modo geral, por mostrarem ou apontarem resultados diretos das ações iniciadas nos anos anteriores, por exemplo: mata; retoma julgamento; aponta negligência; anuncia morte; rejeita; descarta; acusa.

20. [Folha Online - Mundo - Pior ataque suicida desde 2001 mata 16 na capital do Afeganistão - 08/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99868.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99868.shtml>

239. [Folha Online - Mundo - Europa se diz preocupada com "limitação" da liberdade após 11/9 - 10/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99944.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99944.shtml>

228. [Folha Online - Mundo - Iraque retoma julgamento de Saddam após pausa de 19 dias - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99963.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99963.shtml>

206. [Folha Online - Mundo - Iraque retoma amanhã julgamento de Saddam por genocídio - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100092.shtml)

178. [Folha Online - Mundo - União Européia condena prisões secretas da CIA - 15/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100092.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100092.shtml>

157. [Folha Online - Mundo - Relatório aponta negligência a vítimas dos ataques a Londres - 22/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100289.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100289.shtml>

147. [Folha Online - Mundo - Ataques matam 20 no Afeganistão; Taleban diz que Bin Laden vive - 26/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100371.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100371.shtml>

149. [Folha Online - Mundo - Reino Unido anuncia morte de membro da Al Qaeda no Iraque - 25/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100358.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100358.shtml>

143. [Folha Online - Mundo - Premiê australiano rejeita relatório americano sobre Guerra do Iraque - 26/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100387.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100387.shtml>

132. [Folha Online - Mundo - Índia descarta participação da Al Qaeda e acusa Paquistão por atentados - 30/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100496.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100496.shtml>

131. [Folha Online - Mundo - EUA faz acordo com a UE sobre dados de passageiros - 30/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100502.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100502.shtml>

Já em relação aos Estados Unidos observam-se algumas controvérsias na narrativa como se, realmente, tivéssemos diálogos entre seus personagens e o leitor. Isso pode ser observado nos títulos (44; 175) sobre a tentativa do governo norte-americano de apagar a figura de bin Laden da mídia, dada pelo verbo performativo ‘minimizar’. Observe-se a diferença das datas de publicação entre cada um dos títulos, marcando o diálogo. Outra questão é sobre o julgamento de Saddam Hussein. Enquanto

é realizado no Iraque, os títulos (8; 244) negam seu vínculo com a Al Qaeda e sugerem que o país estaria mais seguro com o ditador no poder. Note-se o performativo ‘negar’ associado com a ausência de respostas sobre o paradeiro de bin Laden e a inexistência de vínculos entre o terrorista e o Iraque.

44. [Folha Online - Mundo - Relatório dos EUA minimiza Bin Laden e foca ameaça de Irã e Síria - 05/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99788.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99788.shtml>

175. [Folha Online - Mundo - Bush nega que busca por Bin Laden tenha ficado em segundo plano - 15/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100106.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100106.shtml>

8. [Folha Online - Mundo - Relatório do Senado dos EUA nega vínculo entre Saddam e Al Qaeda - 08/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99896.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99896.shtml>

244. [Folha Online - Mundo - EUA estariam mais seguros com Saddam no poder, diz senador - 10/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99938.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99938.shtml>

Fato é que a chamada “guerra contra o terror” (17) continua, enquanto figuras importantes do governo demonstram apoio a Bush (11; 231), agradecem às nações aliadas como o Canadá e Síria (204; 193) e se mantêm vigilantes pelo medo de novos atentados (192; 176). Apesar disso, órgãos de segurança discutem métodos de interrogatórios (172), assunto ligado às prisões secretas e torturas publicadas no ano anterior. Em meio às questões da guerra, analistas da universidade de Harvard (165) afirmam que os americanos jamais derrotaram os talibãs, quase uma resposta a dois títulos também contraditórios, publicados dez dias antes (240; 236): um atesta que após cinco anos, o país estava mais fraco e isolado, enquanto Condoleezza Rice rebatia que a nação estava mais segura e forte. Verbos de constatação (são; estão; afirma que; é) marcam assertivas contraditórias sobre a posição dos EUA: isolados do mundo, mas seguros, de acordo com Rice, característica também dos performativos (agradece; racham; nunca conseguiram) sobre o apoio dos aliados e diferenças internas na CIA.

17. [Folha Online - Mundo - Cinco anos depois de 11/9, EUA mantêm "guerra" contra o terror - 08/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99878.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99878.shtml>

11. [Folha Online - Mundo - Bloomberg afirma que plano da Al Qaeda contra NY "fracassou" - 08/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99884.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99884.shtml>

231. [Folha Online - Mundo - Dick Cheney justifica seu apoio à invasão ao Iraque - 10/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99884.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99960.shtml>

204. [Folha Online - Mundo - Rice agradece ao Canadá por ajuda após o 11 de Setembro - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99978.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99978.shtml>

193. [Folha Online - Mundo - EUA agradecem à Síria por evitar atentado contra embaixada - 12/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100014.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100014.shtml>

192. [Folha Online - Mundo - Estação rodoviária de NY é esvaziada por objeto suspeito - 12/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100020.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100020.shtml>

176. [Folha Online - Mundo - EUA incluem Israel em lista de países com restrições religiosas - 15/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100105.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100105.shtml>

172. [Folha Online - Mundo - FBI e CIA racham sobre métodos de interrogatório - 17/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100150.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100150.shtml>

165. [Folha Online - Mundo - EUA nunca conseguiram derrotar o Taleban, diz analista de Harvard - 20/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100091.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100091.shtml>

240. [Folha Online - Mundo - Cinco anos depois, EUA estão mais fracos e sós - 10/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99942.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99942.shtml>

236. [Folha Online - Mundo - EUA são mais seguros hoje do que antes do 11 de Setembro, diz Rice - 10/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99952.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99952.shtml>

Como forma de sustentar a afirmação de Rice, os títulos (25; 7; 2) dão conta de ações antiterroristas e para barrar a Al Qaeda, condizente com a exigência por mais esforços exigidos pelo comitê de inteligência norte-americano (163). Por fim, mais uma contradição aparece na narrativa de 2006 com o título (235) que comenta sobre o crescimento da imigração de muçulmanos para os EUA, apesar de manifestações contra a guerra e o governo Bush mundo a fora.

25. [Folha Online - Mundo - Pentágono promete derrubar aviões seqüestrados por terroristas - 08/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99862.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99862.shtml>

7. [Folha Online - Mundo - Ex-presidente diz que responsáveis por 11 de Setembro não irão para o paraíso - 09/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99906.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99906.shtml>

2. [Folha Online - Mundo - EUA travam corrida contra o tempo para barrar a Al Qaeda - 09/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99886.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99886.shtml>

163. [Folha Online - Mundo - Comitê de inteligência dos EUA quer mais esforços antiterroristas - 20/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100250.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100250.shtml>

235. [Folha Online - Mundo - Imigração de muçulmanos para os EUA cresce depois do 11/9, diz "NYT" - 10/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99953.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99953.shtml>

Bin Laden é um dos personagens que volta à cena em 2006. Isto porque, de acordo com os títulos (40; 30) o terrorista ainda não tinha sido capturado mesmo depois de cinco anos, tendo então o Senado liberado milhões para mais uma tentativa. Coincidentemente, aparece um novo vídeo do terrorista (33; 27) com os sequestradores dos aviões em 2001. Como o mês é marcado por contradições, mais uma aparece envolvendo a notícia sobre a suposta morte de bin Laden (155; 154) a qual é, imediatamente, desconsiderada por Rice. Este bloco é marcado por verbos performativos (ainda tenta prender; destina; divulga; mostra) e constatativos (diz; afirma) cuja função é mostrar que a figura de bin Laden permanece na história desafiando constantemente a sua prisão.

40. [Folha Online - Mundo - Cinco anos após 11/9, Paquistão ainda tenta prender Bin Laden - 06/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99814.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99814.shtml>

30. [Folha Online - Mundo - Senado dos EUA destina US\\$ 200 mi para capturar Bin Laden - 07/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99853.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99853.shtml>

33. [Folha Online - Mundo - Al Jazira divulga vídeo de Bin Laden com seqüestradores do 11/9 - 07/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99849.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99849.shtml>

27. [Folha Online - Mundo - Novo vídeo mostra Bin Laden com seqüestradores do 11/9 - 07/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99859.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99859.shtml>

155. [Folha Online - Mundo - Jornal francês diz que Bin Laden morreu de tifo - 23/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100301.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100301.shtml>

154. [Folha Online - Mundo - Condoleezza Rice afirma não ter informações sobre suposta morte de Bin Laden - 23/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100313.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100313.shtml>

Outra contradição está na categorização personagens: enquanto bin Laden (antagonista do mal) volta à mídia, Bush (protagonista do bem) também é lembrado pedindo a união dos norte-americanos (201) na guerra contra o terror, cujos combates são financiados por mais 70 bilhões do governo (139). Ao mesmo tempo nega uma guerra civil no Iraque com a prisão e o julgamento de Saddam (51; 145) mencionados anteriormente e ameaças ao Paquistão (159). O presidente admite ainda a existência das prisões secretas (38; 37; 1) da CIA. Observe-se que a data de publicação dos

dois primeiros títulos é a mesma, confirmando mais uma vez o caráter de instantaneidade da narrativa digital (MOHERDAUI, 2007). Por fim, Bush culpa a falta de cooperação entre o FBI e a CIA pela não captura de Bin Laden (35; 162), prometendo enviar tropas ao Paquistão para caçá-lo. Mais uma contradição é vista com o título (159) no qual George Bush nega qualquer ameaça a este país, apesar do envio de tropas. Note-se que a maioria dos títulos inicia pelo sujeito ‘Bush’ construído por verbos eminentemente constatativos (afirma; diz; nega; admite; reconhece; promete) significando discurso e pouca ação (defende; recebe).

201. [Folha Online - Mundo - Bush defende união do povo americano na guerra ao terror - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99986.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99986.shtml>

51. [Folha Online - Mundo - Bush afirma que não há guerra civil no Iraque - 02/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99680.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99680.shtml>

145. [Folha Online - Mundo - Bush nega que Guerra do Iraque aumente risco de terror - 26/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100379.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100379.shtml>

139. [Folha Online - Mundo - Bush receberá mais US\\$ 70 bi para guerra contra terror - 28/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100440.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100440.shtml>

159. [Folha Online - Mundo - Bush nega suposta ameaça ao Paquistão após 11/9 - 22/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100287.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100287.shtml>

38. [Folha Online - Mundo - Bush admite prisões secretas e captura de suspeitos fora dos EUA - 06/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99821.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99821.shtml>

37. [Folha Online - Mundo - Bush reconhece existência de prisões secretas da CIA fora dos EUA - 06/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99832.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99832.shtml>

1. [Folha Online - Mundo - Bush diz que prisões secretas da CIA têm "valor inestimável" - 09/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99931)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99931>

35. [Folha Online - Mundo - Falta de cooperação entre agências ajudou Bin Laden, diz Bush - 07/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99846.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99846.shtml>

162. [Folha Online - Mundo - Bush promete enviar tropas ao Paquistão para caçar Bin Laden - 21/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100265.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100265.shtml>

Outro destaque do início do ano de 2006 é a organização terrorista Al Qaeda. Em um vídeo, convoca ocidentais para o islã (50; 49; 26), mas é acusada de passar uma visão distorcida desta religião e perder o apoio de muçulmanos, razão pela qual seria levada a convocar ocidentais para suas

missões suicidas. Dias antes do aniversário dos atentados, lança ameaças aos norte-americanos (32; 227) e mais uma contradição aparece entre os títulos (15; 202). Nestes analistas afirmam que a organização ainda tem forças, enquanto a CIA afirma que fora dizimada. A posição dos analistas é corroborada pelos títulos (205; 188; 153) nos quais se nota que a presença da Al Qaeda ainda é forte, voltando suas ameaças à Israel e outros aliados norte-americanos, tais como Europa e França. Enquanto Bush é caracterizado pelo dizer no bloco acima, a Al Qaeda se estrutura pela ação (convoca; faz ameaças; ameaça; mira) de cunho negativo. Mesmo os verbos constatativos (decreta; reflete; diz; afirma) reforçam a característica de liderança do grupo associados a substantivos e adjetivos que remetem a guerra: 'alerta máximo; visão distorcida'.

50. Folha Online - Mundo - Al Qaeda convoca ocidentais a se converterem ao Islã - 02/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99686.shtml>

49. Folha Online - Mundo - Vídeo da Al Qaeda reflete "visão distorcida" do islã, dizem EUA - 02/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99696.shtml>

26. Folha Online - Mundo - Instituto britânico diz que Al Qaeda perdeu apoio de muçulmanos - 07/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99861.shtml>

32. Folha Online - Mundo - Chefe da Al Qaeda no Iraque faz novas ameaças a americanos - 07/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99852.shtml>

227. Folha Online - Mundo - Em 5º aniversário do 11/9, Al Qaeda ameaça fazer novos ataques - 11/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99966.shtml>

15. Folha Online - Mundo - Ameaça da Al Qaeda persiste 5 anos após ataques, dizem analistas - 08/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99879.shtml>

202. Folha Online - Mundo - Cinco anos após o 11/9, CIA afirma que Al Qaeda foi "dizimada" - 11/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99981.shtml>

205. Folha Online - Mundo - Al Qaeda ameaça Israel e aliados dos EUA no golfo Pérsico - 11/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99976.shtml>

188. Folha Online - Mundo - Al Qaeda mira novamente a Europa e ameaça França - 14/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100059.shtml>

153. Folha Online - Mundo - Israel decreta alerta máximo contra ameaça da Al Qaeda - 25/09/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100336.shtml>

O mês termina com menções ao aniversário de cinco anos dos atentados de “11 de Setembro”, fato que não é mencionado na narrativa do NYT. Aliás, nenhuma alusão é feita às cerimônias pelo NYT na seção *World*. A narrativa da FSP confirma como sendo verdadeiro o vídeo de bin Laden (10) já mencionado anteriormente em (33) e as ameaças da Al Qaeda (216). Na sequência percebe-se o uso da repetição como recurso discursivo na linguagem jornalística para resgatar os fatos do ano de 2001 para o leitor, juntamente com considerações do próprio jornal sobre os atentados e também da União Europeia, conforme os títulos (14; 9; 234; 223), denominando os atentados de “terrorismo global”. Os verbos para o “11 de Setembro” aqui são basicamente performativos: ‘lembram; lembrará; relembrem; homenageiam; inaugura; encerram; reitera; veja’ uma característica marcante em todos os blocos que tratam do aniversário dos ‘atentados’.

10. [Folha Online - Mundo - Casa Branca confirma veracidade de vídeo com preparação do 11/9 - 08/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u99885.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

216. [Folha Online - Mundo - EUA lembram 5 anos do 11/9; Al Qaeda faz novas ameaças - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u99971.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

14. [Folha Online - Mundo - Veja a seqüência dos ataques de 11 de setembro de 2001 - 08/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u99880.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

9. [Folha Online - Mundo - Ataques de 11/9 são considerados ápice do terrorismo global - 08/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u99889.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

234. [Folha Online - Mundo - Reino Unido recordará com discrição o 11/9 - 10/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u99954.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

223. [Folha Online - Mundo - Em aniversário de 11/9, UE reitera condenação ao terrorismo - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u99969.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

Outra sequência da narrativa da FSP menciona as celebrações do ponto de vista norte-americano (225; 12; 242; 232; 200) visto como uma “tragédia” e “ataques”. Este bloco mencionada ainda a participação da OTAN nestas celebrações e do presidente Bush que encerra as cerimônias com colunas de luz no local onde ficavam as torres gêmeas.

- 225.** [Folha Online - Mundo - Cinco anos depois, EUA lembram ataques de 11/9 - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99967.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99967.shtml>
- 12.** [Folha Online - Mundo - Nova-iorquinos relembram tragédia em 5º aniversário de ataques - 08/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99881.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99881.shtml>
- 242.** [Folha Online - Mundo - Otan homenageará todas as vítimas do 11 de setembro - 10/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99940.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99940.shtml>
- 232.** [Folha Online - Mundo - Bush inaugura atos pelo quinto aniversário do 11/9 - 10/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99958.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99958.shtml>
- 200.** [Folha Online - Mundo - Colunas de luz encerram cerimônias do 11 de Setembro em NY - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99987.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99987.shtml>

Marcando uma tendência para o noticiário e, conseqüentemente, a narrativa do ano de 2006, temos mais uma contradição referente ao personagem George W. Bush, culpado pelos norte-americanos, políticos e outras personalidades (219; 197; 152) pelos atentados e por utilizá-lo para fins políticos, como foi o caso de sua reeleição. Além disso, em (209) nota-se ainda a perturbação causada pelos atentados no país que fecha seu espaço aéreo por razões de segurança. Os verbos performativos negativos ‘culpar; acusar, usar medo; desviar voos’ marcam a insatisfação dos norte-americanos em relação a Bush, de forma distinta da aprovação do presidente em 2001.

- 219.** [Folha Online - Mundo - Mais americanos culpam Bush pelo 11 de Setembro, diz pesquisa - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99970.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99970.shtml>
- 197.** [Folha Online - Mundo - Edward Kennedy acusa Bush de explorar politicamente 11 de Setembro - 12/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99992.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99992.shtml>
- 152.** [Folha Online - Mundo - Bush usou medo causado pelo 11/9 para fins políticos, diz escritora - 25/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100245.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100245.shtml>
- 209.** [Folha Online - Mundo - Em aniversário de 11/9, EUA desviam vôo por razões de segurança - 11/09/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99972.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99972.shtml>

Em outubro de 2006, o personagem de bin Laden e a Al Qaeda saem de cena por não apresentarem títulos relevantes. Entretanto, o WTC, o “11 de Setembro” e o presidente Bush, que vinham sendo pouco mencionados,

voltam a narrativa. Bush aparece mais isolado ao invés de exclusivamente associado à questões da guerra no Iraque e outras invasões; sobre o “11 de Setembro”, a narrativa se fecha em torno da secretária de estado Condoleezza Rice, cujos relatos mais uma vez determinam contradições. Nos títulos (129; 128), ambos do dia 1º de outubro, divulga-se que a CIA teria alertado o governo norte-americano sobre a possibilidade de atentados cerca de dois meses antes, fato que Rice nega ter ignorado (127; 126) segundo notícias publicadas no dia seguinte. Ainda sobre os eventos de 2001, verbos performativos bastante negativos ‘alertar; negar; ignorar’ caracterizam as diferenças e acusações entre a CIA e membros da política norte-americana.

129. [Folha Online - Mundo - Chefe da CIA alertou Rice dois meses antes do 11/9 - 01/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100518.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100518.shtml>

128. [Folha Online - Mundo - CIA alertou Rice dois meses antes do 11/9; jornal exibe vídeo - 01/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100531.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100531.shtml>

127. [Folha Online - Mundo - Rice nega ter ignorado advertência da CIA sobre 11/9 - 02/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100541.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100541.shtml>

126. [Folha Online - Mundo - Condoleezza Rice nega ter ignorado advertência da CIA sobre 11/9 - 02/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100555.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100555.shtml>

Ao mesmo tempo e, após as cerimônias (109), o governo anuncia continuar as buscas por restos mortais (98; 96; 87) no local onde ficavam as torres. Bush, por sua vez, promulga a polêmica lei antiterrorismo (107) que já vinha sendo debatida desde Outubro de 2003 (223). Em 2004 esta lei foi considerada ilegal pelos britânicos e no final de 2005⁹ retorna ao cenário político internacional. Posteriormente, George Bush ainda teve sua administração afetada por vitórias democratas nas eleições do senado norte-americano, conforme os títulos (85; 84). Este bloco é marcado pela dinâmica dos verbos de ação: ‘dedica; retomadas; acham; expandem; promulgar; deve alterar; faz’ no sentido de tentar reverter a imagem negativa de Bush entre a população.

109. [Folha Online - Mundo - Bush dedica monumento à Força Aérea para mortos em defesa dos EUA - 14/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100555.shtml)

⁹Ver títulos: 85; 79; 61; 59 do mês de dezembro de 2005.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100913.shtml>

98. Folha Online - Mundo - Retomadas as buscas pelas vítimas dos atentados de 11 de setembro - 21/10/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101112.shtml>

96. Folha Online - Mundo - Equipes acham mais restos humanos sob escombros das Torres Gêmeas - 22/10/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101143.shtml>

87. Folha Online - Mundo - EUA expandem buscas por restos mortais de vítimas de 11/9 - 27/10/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101263.shtml>

107. Folha Online - Mundo - Presidente Bush promulga polêmica lei antiterrorista - 17/10/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101022.shtml>

85. Folha Online - Mundo - Vitória democrata deve alterar administração Bush, diz pesquisa - 28/10/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101278.shtml>

84. Folha Online - Mundo - Bush faz críticas aos democratas em campanha eleitoral nos EUA - 28/10/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101315.shtml>

No mundo, as repercussões da lei antiterrorismo chegam ao Canadá, antigo aliado norte-americano que a considera inconstitucional (94). No Afeganistão, a Otan (124) assume o controle das operações de combate e dias depois (79) anuncia a morte de 140 supostos terroristas na região. No Iraque (97), conflitos violentos entre milícias radicais xiitas fazem mais vítimas, exigindo de Bush reuniões constantes com comandes das suas tropas para reavaliar a situação do país e no Paquistão (81; 78) mais vítimas são feitas em suposto ataque contra rebeldes que, posteriormente, descobriu-se ser uma escola religiosa. O último título (115) foi incluído neste bloco para demonstrar duas características do jornalismo online: sua atemporalidade e a questão da memória coletiva. Coincidentemente, um monomotor se chocou contra um prédio em Manhattan em 11 de outubro, causando pânico e medo entre a população local. Imediatamente a FSP propõe ao leitor relembrar fatos semelhantes ocorridos na mesma região e também na Flórida e Itália. Os efeitos da guerra mundo afora também são traduzidos por verbos de ação negativos tais como ‘matam; deixa mortos; ataca’.

94. Folha Online - Mundo - Canadá afirma que lei antiterrorista é inconstitucional - 24/10/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101196.shtml>

124. Folha Online - Mundo - Otan assume nesta semana o controle das operações no Afeganistão - 03/10/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100570.shtml>

- 79.** [Folha Online - Mundo - Otan mata 140 supostos talebans em três dias no Afeganistão - 30/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101366.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101366.shtml>
- 97.** [Folha Online - Mundo - Onda de violência já deixa saldo de 28 mortes no Iraque - 21/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101118.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101118.shtml>
- 81.** [Folha Online - Mundo - Paquistão mata 80 em ataque mais violento contra supostos rebeldes - 30/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101358.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101358.shtml>
- 78.** [Folha Online - Mundo - Exército do Paquistão ataca escola religiosa e mata 80 pessoas - 30/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101371.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101371.shtml>
- 115.** [Folha Online - Mundo - Saiba mais sobre outras colisões de aviões contra arranha-céus - 11/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100819.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100819.shtml>

O mês termina com algumas notícias sobre a guerra que já começam a se tornar escassas se comparadas aos blocos dessa narrativa em anos anteriores. O título (122) alude ao caso das escutas telefônicas que tomou a mídia no final de 2005. Já o título (110) retoma a queda do monomotor e o debate sobre a segurança dos arranha-céus. Os dois últimos tratam de atos polêmicos da CIA: o primeiro (92) referente ao uso de aviões comerciais para a transferência de suspeitos de terrorismo para o Oriente Médio e Ásia central, em razão de tolerarem o uso de tortura e o segundo (90) justamente a tentativa de abafar investigações da União Europeia sobre torturas em bases militares.

- 122.** [Folha Online - Mundo - Justiça autoriza governo dos EUA a manter escutas telefônicas - 04/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100617.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100617.shtml>
- 110.** [Folha Online - Mundo - Acidente com avião em Nova York relança debate sobre segurança - 12/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100850.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100850.shtml>
- 92.** [Folha Online - Mundo - CIA usou empresas comerciais de aviação em prisões polêmicas - 25/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101210.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101210.shtml>
- 90.** [Folha Online - Mundo - Jornal acusa CIA de abafar investigação européia sobre tortura - 26/10/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101231.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101231.shtml>

No mês de novembro percebe-se uma narrativa mais distante do seu referente. Títulos referentes à: George W. Bush; bin Laden; WTC; Al Qaeda e “11 de Setembro” não aparecem na FSP, o mesmo valendo para o mês de Dezembro a seguir. Neste final de 2006, a FSP emprega mais uma

vez o recurso da repetição (atemporalidade / memória coletiva), trazendo para o leitor uma cronologia do julgamento de Saddam Hussein (74), único personagem deste bloco. Nestes casos, a FSP emprega sempre verbos imperativos, de ordem para o leitor. No mundo, os fatos relevantes tratam de políticas econômicas e de imigração norte-americanas (75) que afetam cidadãos de outros países e da condenação de um marroquino na Alemanha (57) pela ligação com os atentados de 2001.

74. Folha Online - Mundo - Veja cronologia do julgamento de Saddam Hussein desde sua captura - 05/11/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101519.shtml>

75. Folha Online - Mundo - Pactos comerciais e imigração dependem de eleições nos EUA - 04/11/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101497.shtml>

57. Folha Online - Mundo - Alemanha condena marroquino por ligação com 11/9 - 16/11/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101873.shtml>

O noticiário da guerra marca as oscilações da economia norte americana (72) frente aos gastos, tidos como milionários com o envio de tropas militares ao Iraque, Afeganistão e Paquistão. Já o título (47) trata dos ataques de democratas a política de Bush no Iraque, alertando o país para mudanças de planos (47) de governo e o (43) afirma que prisões de islamitas começaram antes mesmos dos atentados em 2001, confirmando a narrativa do início do ano referente a Condoleezza Rice¹⁰. Nesta sequencia a CIA alegava ter informado a secretária de estado norte-americano sobre os atentados, dois meses antes de estes ocorrerem, alerta que Rice negava ter ignorado.

72. Folha Online - Mundo - Ciclos de recessões e expansões marcam economia dos EUA - 06/11/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u101494.shtml>

47. Folha Online - Mundo - Democratas dizem para Iraque esperar mudança de planos dos EUA - 25/11/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u102145.shtml>

43. Folha Online - Mundo - Vãos da CIA começaram antes do 11/9, diz jornal alemão - 30/11/2006

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u102314.shtml>

O ano de 2006 termina com muita violência em Bagdá com explosões e muitos mortos na cidade (7; 4); com pressões militares sobre George

¹⁰Ver sequencia de títulos: (129; 128; 127; 126) do ano de 2006

W. Bush (19) em relação a mudanças no Iraque e com o fim do julgamento de Saddam Hussein condenado à força (5). Mais uma vez, a FSP emprega o recurso da (re)construção do real para o leitor (1) retomando as guerras no Iraque sob o domínio do ditador através do uso do verbo ‘ver’ no imperativo. O cenário é marcado novamente por verbos de ação negativos como ‘deixam mortos; explode; pressiona; pode executar Saddam’.

7. [Folha Online - Mundo - Explosões simultâneas deixam ao menos 15 mortos em Bagdá - 26/12/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u103132.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u103132.shtml>

4. [Folha Online - Mundo - Carro-bomba explode próximo a restaurante e mata dez em Bagdá - 27/12/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u103178.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u103178.shtml>

19. [Folha Online - Mundo - Cúpula militar dos EUA pressiona Bush por mudança no Iraque - 14/12/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u102811.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u102811.shtml>

5. [Folha Online - Mundo - Corte confirma sentença e pode executar Saddam Hussein em 30 dias - 26/12/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u103144.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u103144.shtml>

1. [Folha Online - Mundo - Veja as guerras protagonizadas pelo Iraque sob o domínio de Saddam - 30/12/2006](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u103266.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u103266.shtml>

Na sequência temos a narrativa de 2007 focalizando, mais uma vez, o continente Europeu. Em relação ao léxico, é possível apontar um ‘léxico de guerra’ bastante contundente para estes próximos quatro anos, o que condiz com o próprio enfoque dado a narrativa ao se afastar do referente.

6.7 O ano de 2007

Em 2007, o mundo ainda se vê ameaçado pelo terrorismo alastrado por diversos países como Austrália, Espanha, Alemanha e Itália nos quais suspeitos são presos e julgados. O terror no continente europeu, a exemplo do que se noticiava em 2006, também é tema presente na narrativa do NYT, assim como incursões pelo território Paquistânês. Este é também o ano em que foi amplamente noticiada a destruição, conduzida pela CIA, de fitas de vídeo nas quais tinham sido gravadas torturas conduzidas em interrogatórios de membros da Al Qaeda. Esta sequência é mais evidenciada na FSP, incluindo até um

desfecho, do que pelo próprio NYT que as enfatiza em apenas um bloco de títulos. A FSP focaliza ainda a visita do presidente iraniano a NY e novos vídeos de bin Laden nos quais o terrorista aparece elogiando os terroristas do “11 de Setembro” e em mortes de civis no território paquistanês. Vejamos como este deslocamento de enfoque marca a tradução da narrativa nos dois jornais.

6.7.1 “*Seeking Terror's Causes, Europe Looks Within*” (NYT) – *Buscando as causas do terror, a Europa volta os olhos para si mesma.*

A narrativa começa com “*ad campaign*” (372), ou seja, a batalha para conquistar os americanos baseada em dois polos: os conservadores que apoiam a empreitada de Bush no Iraque e do outro os declarados grupos anti-guerra. Sem verbo, o substantivo ‘*battle*’ (batalha) concentra a atenção do leitor. As campanhas milionárias começam a ser veiculadas na televisão a espera do outro relatório sobre a guerra iraquiana. A campanha vencedora (373) é a do governo mostrando que os EUA estavam dispostos a continuar apoiando os iraquianos. O verbo no futuro ‘*is likely to continue*’ (está propenso à) expressa ideia de probabilidade. Enquanto isso três suspeitos de planejar ataques terroristas são presos na Alemanha (221) ao mesmo tempo em que a Europa (285) expressa preocupação para entender o motivo de ataques terroristas voltando os olhos para si mesma (*looks within*). Estes dois últimos títulos se tem verbos performativos: ‘*seizes; seeking causes*’ (prender; buscar causas).

372. [THE AD CAMPAIGN; Battle Over Iraq Strategy](#) - September 5, 2007 - By KATHARINE Q. SEELYE - World - 637 words
373. [U.S. Is Likely to Continue Aid to Pakistan](#) - November 5, 2007 - By DAVID E. SANGER and DAVID ROHDE; David E. Sanger reported from Washington, and David Rohde from Islamabad, Pakistan. - World - 1194 words
221. [Germany Seizes 3 It Says Planned Terror Attacks](#) - September 6, 2007 - By MARK LANDLER; Souad Mekhennet contributed reporting from Frankfurt, Mark Mazzetti and Brian Knowlton from Washington, and Sheryl Gay Stolberg from Australia. - World - 1626 words
285. [Seeking Terror's Causes, Europe Looks Within](#) - September 11, 2007 - By JANE PERLEZ - World - 1160 words

Mas, é em dezembro de 2007 que um escândalo, na visão de ambos os jornais, vem à tona envolvendo a CIA e a destruição de fitas de vídeo (54) sobre interrogatórios de membros da Al Qaeda. A narrativa segue com (80) no qual o departamento de justiça norte-americano e o porta-voz da

CIA dão início ao inquérito sobre a destruição destes vídeos que em (153) faz com que a agência perceba que está perdendo apoio dos cidadãos em relação aos seus métodos de ação. No entanto, o departamento de justiça (55) busca, na sequência, retardar este inquérito, enquanto comissões de estudo sobre as causas do “11 de Setembro” (33) reafirmam que a CIA reteve os vídeos, impedindo sua divulgação, o que possivelmente indicava um motivo para que fossem, então, destruídos. Este caso repercutiu bastante no enfoque dado pelo NYT, mas pouco se falou sobre isso na abordagem da FSP. Verbos performativos constroem o contexto do NYT: *‘destroyed; start; is sought; finds’* (destruir; começar; é buscado; encontra).

54. [C.I.A. DESTROYED 2 TAPES SHOWING INTERROGATIONS](#) - December 7, 2007 - By MARK MAZZETTI; Eric Lichtblau and Scott Shane contributed reporting. - World - 1714 words
80. [Justice Dept. and C.I.A. Watchdog Start Inquiry of Interrogation Videos' Destruction](#) - December 9, 2007 - By MARK MAZZETTI and DAVID JOHNSTON; William Glaberson contributed reporting from Washington, and Margot Williams from New York. - World - 1291 words
153. [NEWS ANALYSIS: The C.I.A. and the Tapes: Sensing Support Shifting Away From Its Methods](#)
December 13, 2007 - By SCOTT SHANE - World - 913 words
55. [Delay Is Sought By Justice Dept. On C.I.A. Inquiry](#) - December 15, 2007 - By DAVID JOHNSTON and MARK MAZZETTI; David Johnston reported from Washington, and Mark Mazzetti from New York. - World - 1059 words
33. [9/11 Panel Study Finds That C.I.A. Withheld Tapes](#) - December 22, 2007 - By MARK MAZZETTI; Scott Shane contributed reporting. - World - 1168 words

Através da FSP é possível perceber depois que essas fitas continham indícios de tortura de presos durante interrogatórios em prisões iraquianas, de Guantánamo e da própria CIA, fazendo com que os EUA negassem, na época, o apelo de uma vítima para que a CIA não fosse investigada. O caso estendeu-se com denúncias de democratas e o silêncio de George Bush e da Casa Branca. O ano termina com os EUA ainda sem encontrar Osama bin Laden, o que vai conduzindo a narrativa do NYT para a eleição de Barack Obama, o registro de uma queda recorde das bolsas americanas, a ocupação contínua dos americanos no Paquistão e a notícia de novos atentados a embaixada americana no Iêmen no ano de 2008. Antes, porém, temos a tradução dos fatos segundo o enfoque da FSP.

6.7.2 “Bin Laden exige que europeus saiam do Afeganistão.” (FSP)

A narrativa da FSP sobre o ano de 2007 concentra-se em temas como Estados Unidos e guerra e mundo. Temas como o WTC e os eventos propriamente ditos do “11 de Setembro”, por exemplo, desaparecem da mídia ao longo do ano. Os personagens de George W. Bush e bin Laden raramente são mencionados, com apenas um título relevante para cada um a cada mês, a exemplo da própria Al Qaeda. Por outro lado, a FSP retoma o escândalo da destruição de fitas secretas da CIA com gravações de tortura de presos.

O mês de setembro é o que mais marca a titulação referente aos desdobramentos do “11 de Setembro” no mundo e a guerra norte-americana contra o terrorismo. Personagens como o Dalai Lama aparecem na narrativa (124) expressando o desejo de encontrar bin Laden (verbo de opinião: querer), enquanto a Austrália nega o visto a um jornalista (111) que, sabia-se, tinha entrevistado o terrorista. Em Berlim, na Inglaterra e Itália (106; 105; 83) novos suspeitos de terrorismo são presos, enquanto que um atentado no Afeganistão (81) mata mais de trinta pessoas. Os verbos performativos (negar; protestar; prender) mostram a dinâmica destas ações, enquanto os constatativos (é condenado; deixa mortos) traduzem os efeitos das ações de guerra.

124. Folha Online - Mundo - Dalai Lama quer se encontrar com Osama bin Laden - 11/09/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u327516.shtml>

111. Folha Online - Mundo - Austrália nega visto a jornalista que entrevistou Bin Laden - 13/09/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u328012.shtml>

106. Folha Online - Mundo - Manifestantes protestam em Berlim contra missão no Afeganistão - 15/09/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u328728.shtml>

105. Folha Online - Mundo - Britânico é condenado por divulgar material terrorista na internet - 17/09/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u329027.shtml>

83. Folha Online - Mundo - Polícia prende iraquiano suspeito de terrorismo na Itália - 28/09/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u332280.shtml>

81. Folha Online - Mundo - Atentado suicida deixa mais de 30 mortos no Afeganistão - 29/09/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u332497.shtml>

Outro evento que ganha repercussão na narrativa da FSP é a visita do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad¹¹, um personagem mais recente na memória dos leitores. A sequência de títulos (101; 95; 94; 91; 87) fala de sua primeira visita aos Estados Unidos, negando que exista uma ameaça de guerra entre os dois países. Os verbos constatativos marcam estas ações: ‘é vetado; mantém visita; seria farsa’. A polêmica fica por conta de sua presença no chamado “marco zero”, local onde ficavam as torres gêmeas, gerando o comentário “farsa” (87) por parte de Rice. Não foram encontradas notícias sobre sua efetiva visita ao local.

101. [Folha Online - Mundo - Presidente do Irã é vetado no marco zero em Nova York - 19/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u329877.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u329877.shtml>

95. [Folha Online - Mundo - Agenda de Ahmadinejad em Nova York mantém visita ao "marco zero" - 23/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u330744.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u330744.shtml>

94. [Folha Online - Mundo - Presidente Ahmadinejad nega que Irã e EUA caminhem para guerra - 23/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u330776.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u330776.shtml>

91. [Folha Online - Mundo - Irã não precisa de uma bomba nuclear, diz presidente - 24/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u330914.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u330914.shtml>

87. [Folha Online - Mundo - Visita de Ahmadinejad ao marco zero seria uma farsa, diz Rice - 24/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u331105.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u331105.shtml>

Em relação à temática sobre os Estados Unidos e a guerra, o que se observa é o início de discussões sobre a redução das tropas no território Iraquiano (134; 103; 80), também aventadas pelo NYT, e as decisões da Corte norte-americana. Do outro lado, a população demonstra preferência pela estabilização do Iraque (127), enquanto evitam falar sobre Guantánamo (prisão localizada em uma base americana em Cuba) e sofrem com frequentes ameaças a bomba no país (122; 102). Já o Pentágono (109) censura o último vídeo sobre os já conhecidos ‘atentados terroristas’ encontrado na base de Guantánamo, contendo trechos da fala de Khalid Sheikh Mohammed, conhecido na época como o cérebro do “11 de

¹¹ Ahmadinejad é o sexto presidente do Irã e teve seu mandato iniciado em 3 de agosto de 2005. É considerado um dos mais polêmicos políticos do mundo contemporâneo, tendo feito vários ataques ao governo norte-americano, mas ao mesmo tempo, é visto como um homem profundamente religioso, devido a sua ligação com o Líder Supremo Ali Khamenei.

Setembro”. Mesmo inseridos numa temática maior, os títulos deste bloco apresentam a tradução de uma narrativa fundamentada em acontecimentos mais dispersos a respeito da situação norte-americana. Esta constatação nos levou a unir neste grupo o único título sobre o presidente Bush (97) que começa a perder gradativamente o interesse da mídia. Sobre este título Bush diz confiar numa solução diplomática para que o Irã desista do seu programa nuclear. Contraditoriamente, no entanto, Bush apoiou a decisão de não permitir sua visita ao “marco zero”. Verbos constatativos relacionados a “dizer” se destacam: ‘sugere; preferem’ como verbos de opinião, além de ‘dizer; discutir; censurar’.

134. [Folha Online - Mundo - Comandante dos EUA no Iraque sugere redução de tropas neste mês - 10/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u327240.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

103. [Folha Online - Mundo - Secretário-geral da ONU diz que violência prejudica paz em Darfur - 17/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u329222.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

80. [Folha Online - Mundo - Suprema Corte dos EUA volta a discutir "guerra contra terrorismo" - 30/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u332674.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

127. [Folha Online - Mundo - Ameaça de bomba força retirada em hospital dos EUA - 11/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u327491.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

122. [Folha Online - Mundo - Americanos preferem estabilizar Iraque a encontrar Bin Laden - 11/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u327548.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

102. [Folha Online - Mundo - Americanos "não se importam" com Guantánamo, diz professor - 19/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u329676.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

109. [Folha Online - Mundo - Pentágono censura áudio de líder dos atentados de 11 de setembro - 13/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u328327.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

97. [Folha Online - Mundo - Bush diz confiar em solução diplomática com Irã - 20/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

[http://www1.folha.uol.com.br/fo.../ult94u330093.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo...)

Enquanto isso e depois de um longo período longe da mídia, Bin Laden (3) reaparece em novo vídeo pregando o fim da guerra do Iraque se os americanos se convertessem ao islamismo. Dias depois, durante celebrações do “11 de Setembro”, são divulgados mais conteúdos do vídeo com elogios aos pilotos suicidas. As críticas (32; 131) focalizam a aparição de bin Laden como estratégica para sobreviver, mostrando-se vivo e ativo. Sua aparição marca o sexto aniversário do “11 de Setembro” com novas ameaças desta vez com foco no governo do Paquistão (98) por lutar contra

o islã. Na sequência, Bush fala sobre uma possível redução de tropas em resposta ao título (134) do bloco anterior. Os verbos que marcam bin Laden são performativos de dizer: ‘declarar; elogiar; confirmar’ em assertivas.

3. [Folha de S.Paulo - Após três anos, Bin Laden ressurge em vídeo - 08/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0809200701.htm)

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0809200701.htm>

32. [Folha Online - Mundo - Em novo vídeo, Bin Laden elogia um dos autores do 11/9 - 11/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u327359.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u327359.shtml>

131. [Folha Online - Mundo - Aparição de Bin Laden é estratégia de sobrevivência, diz professor - 11/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u327382.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u327382.shtml>

108. [Folha Online - Mundo - Discurso de Bush confirma previsão de início de redução de tropas - 13/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u328342.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u328342.shtml>

98. [Folha Online - Mundo - Em áudio, Bin Laden declara "guerra" ao governo do Paquistão - 20/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u330067.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u330067.shtml>

Já a Al Qaeda, que também vai desaparecendo gradativamente da mídia, aparece em apenas três notícias no bloco a seguir. As notícias dão conta do verdadeiro líder da organização, o egípcio Ayman al Zawahiri e, seguindo o bloco anterior, especialmente o título (98), o grupo terrorista confirma ameaças ao presidente paquistanês Pervez Musharraf (100). Mais uma vez a narrativa digital se consolida através da instantaneidade e atualização constantes, neste e no bloco anterior (títulos: 98; 99) publicados na mesma data. Em (98) quem faz as ameaças é Bin Laden que, segundo o título (120) é apenas um líder de fachada para a Al Qaeda. Já em (99) as ameaças são feitas pela Al Qaeda. Acessando o link de ambos os títulos (98; 99) percebe-se muitas frases e parágrafos inteiros repetidos nos dois. Mais uma vez os verbos de “dizer” marcam a tradução: ‘declarar; afirmar; prometer’.

120. [Folha Online - Mundo - Segundo no comando é verdadeiro cérebro da Al Qaeda, afirmam EUA - 11/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u327658.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u327658.shtml>

100. [Folha Online - Mundo - Al Qaeda declara guerra a Musharraf e promete vídeo de Bin Laden - 20/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u329910.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u329910.shtml>

99. [Folha Online - Mundo - Em novo vídeo, Al Qaeda promete "guerra" contra o Paquistão - 20/09/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u329942.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u329942.shtml>

Seguindo a tendência dos personagens de Bush e bin Laden e da Al Qaeda, também o próprio “11 de Setembro” vai deixando o foco da narrativa da FSP. Os únicos títulos sobre o assunto (133; 129; 82) narram as cerimônias pelos seis anos dos ‘atentados’, tidos como ainda vivos na memória do povo norte-americano. O advérbio de intensidade ‘ainda’ reforça o verbo ‘ser’ assertivo e “lembrar” é novamente associado a 2001. Por fim, tem-se a expulsão do presidente da associação das vítimas por ter mentido que era sobrevivente dos ‘atentados’ às torres.

133. Folha Online - Mundo - 11 de Setembro ainda é parte da vida dos americanos, indica pesquisa - 10/09/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u327302.shtml>

129. Folha Online - Mundo - EUA lembram ataques de 11/9 com cerimônia no Marco Zero - 11/09/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u327413.shtml>

82. Folha Online - Mundo - Associação de vítimas do 11/9 expulsa presidente por mentir - 29/09/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u332433.shtml>

No mês seguinte, outubro, a temática ‘mundo’ concentra-se na Síria (79) que diz ter direito de responder a uma incursão de Israel por ser território sem autorização; nos britânicos (76) que condenam mais uma vez a guerra contra o terror; no Dalai Lama (55) que novamente se manifesta contra a guerra no Iraque e na Espanha (54) que divulga sentenças contra supostos colabores nos atentados terroristas de “11 de Março de 2004¹²”, considerados os mais violentos no ocidente desde o “11 de Setembro”.

79. Folha Online - Mundo - Síria diz que tem direito de responder suposta incursão de Israel - 01/10/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u332986.shtml>

76. Folha Online - Mundo - Especialistas britânicos classificam "guerra contra o terror" como desastre - 07/10/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u334670.shtml>

55. Folha Online - Mundo - Dalai-lama diz a Bush que desaprova política americana no Iraque - 29/10/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u340933.shtml>

¹²Neste dia, dez bombas explodiram em quatro trens lotados que se dirigiam à estação madrilenha de Atocha. Os atentados, que foram reivindicados pela Al Qaeda, contribuíram para a surpreendente vitória do socialista José Luis Rodríguez Zapatero nas eleições que, manteve a promessa de retirar o contingente militar espanhol do Iraque. Os ataques deixaram 191 mortos e 1.841 feridos.

54. [Folha Online - Mundo - Espanha divulgará nesta quarta sentença sobre atentados de Madri - 30/10/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u340989.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u340989.shtml>

Sobre os Estados Unidos e a guerra antiterror resta apenas um título (75) sobre a questão das torturas de suspeitos de ligação com os atentados terroristas por agentes da CIA. Neste, um cidadão alemão teve seu apelo à justiça negado para não expor segredos da agência de inteligência norte-americana.

75. [Folha Online - Mundo - EUA negam apelo de suposta vítima de tortura para proteger CIA - 09/10/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u335232.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u335232.shtml>

O mesmo número de títulos publicados vale para bin Laden (62) e a Al Qaeda (74). No primeiro, o terrorista pede que seus aliados se unam no Iraque em novo vídeo. Na época líderes sunitas tinham se aliados aos Estados Unidos. Já a Al Qaeda continua como a maior ameaça terrorista para os norte-americanos confirme divulgação da própria Casa Branca. Destaque novamente para o advérbio de intensidade “ainda” que reforça o verbo “ser” assertivo marcando a Al Qaeda e o “11 de Setembro” como os dois assuntos de maior interesse para os norte-americanos.

62. [Folha Online - Mundo - Em nova gravação, Bin Laden pede que insurgentes se unam no Iraque - 22/10/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u338844.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u338844.shtml>

74. [Folha Online - Mundo - Al Qaeda ainda é maior ameaça aos EUA, afirma Casa Branca - 09/10/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u335272.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u335272.shtml>

O mês de Novembro de 2007 mantém o número reduzido de títulos vinculados à narrativa dos atentados. No mundo apenas o Japão (53) aparece como relevante em razão de retirar seus navios de guerra do Afeganistão. Enquanto isso, nos Estados Unidos, o FBI (47) alerta para riscos de atentados à shoppings com grande contração de pessoas; (43) alerta para o grande número de soldados mortos no Afeganistão; (39) para o fato de ainda existirem falhas na segurança de aeroportos e, por consequência, (35) divulga a exigência das impressões digitais de todo e qualquer turista em Washington, prova de que mesmo depois de seis anos, a paranoia com o terrorismo continuava tão forte quanto em 2002. Verbos performativos marcam este bloco: “retirar; alertar; mostrar; exigir (de

ordem)”. Apenas uma assertiva marca os fatos sobre a guerra no Afeganistão.

53. Folha Online - Mundo - Japão retira hoje navios de apoio aos EUA no Afeganistão - 01/11/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u341663.shtml>

47. Folha Online - Mundo - FBI alerta para possíveis ataques em shoppings nos EUA - 08/11/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u343967.shtml>

43. Folha Online - Mundo - Número de soldados mortos no Afeganistão é recorde, diz agência - 10/11/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u344475.shtml>

39. Folha Online - Mundo - Aeroportos dos Estados Unidos mostram falhas de segurança - 15/11/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u345814.shtml>

35. Folha Online - Mundo - Washington exige de turistas impressões de todos os dedos das mãos - 27/11/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u349117.shtml>

Os personagens de Bush e Bin Laden aparecem com apenas um título relevante para cada um. Em (51) Bush tece comparações sobre bin Laden com Lênin e Hitler, na intenção de frisar mais uma vez a crueldade e frieza do já nomeado terrorista. Bin Laden, por sua vez, (31) continua a exigir a saída de aliados norte-americanos, desta vez europeus, do Afeganistão. Com esses dois títulos a narrativa de 2007 se encaminha para o mês de Dezembro que, ao contrário dos anteriores, traz para o leitor um noticiário mais extenso sobre o mundo e a guerra antiterror.

51. Folha Online - Mundo - Bush compara Osama a Lênin e Hitler - 02/11/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u342211.shtml>

31. Folha Online - Mundo - Bin Laden exige que europeus saiam do Afeganistão - 29/11/2007

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u349840.shtml>

O primeiro título (12) revela que um cidadão conhecido como “talibã australiano” havia conhecido bin Laden e recebido treinamento em campos do Afeganistão. Já em (4) é a vez da Bélgica dizer que ainda mantém medidas de segurança contra ataques terroristas. Imagina-se que a esta altura o leitor já esteja acostumado com o noticiário “especializado” sobre guerras e terrorismo, mas que pode, por outro lado, ter esquecido o referente, ou seja, o fato-fonte. Como forma de ativar a memória coletiva, os dois últimos títulos (1; 2) resgatam a crise vivida no Paquistão e dão conta do número de mortos, em razão das

últimas guerras naquele país. Verbos performativos “conhecer; manter; matar” e “entender” no imperativo traduzem a dinâmica destes fatos.

12. [Folha Online - Mundo - "Taleban australiano" conheceu Bin Laden, diz imprensa local - 20/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356781.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356781.shtml>

4. [Folha Online - Mundo - Bélgica mantém medidas de prevenção contra ameaça terrorista - 23/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357646.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357646.shtml>

2. [Folha Online - Mundo - Entenda a crise política vivida pelo Paquistão - 27/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u358460.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u358460.shtml>

1. [Folha Online - Mundo - Terrorismo matou quase 800 pessoas no Paquistão em 2007 - 27/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u358475.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u358475.shtml>

Já o bloco da narrativa referente a guerra norte-americana é um dos mais extensos no ano e também um dos mais coesos, mostrando claramente um desfecho para alguns títulos publicados anteriormente referentes aos escândalos sobre torturas em bases militares afegãs e de Guantánamo. Os primeiros quatro títulos (26; 25; 24; 22) retomam a destruição dos vídeos que, segundo especialistas poderia livrar suspeitos da própria agência, não havendo meio de comprovação de torturas. Aproveitando o fim do mandato de Bush, os democratas pedem uma investigação sobre o caso, fato que a Casa Branca se recusava a comentar. Como medida de segurança, o título (21) reitera o que os Estados Unidos iriam adotar já no mês anterior (título 35): o registro das impressões digitais de turistas estrangeiros no país. Isto se fez necessário em razão dos títulos seguintes (19; 18; 16) que revelariam novos dados sobre o caso da destruição dos vídeos. Logicamente o trecho é marcado pelo performativo ‘destruir’ e um substantivo derivado ‘destruição’. Nestes, um ex-agente revela que as práticas de fato aconteciam, contrariando negações da Casa Branca. O desfecho desta narrativa é dado pelos democratas que aprovam uma lei proibindo seções de torturas. Outros performativos ‘recusar; registrar; revelar; aprovar; reafirmar’, além do performativo de ordem ‘pedir’ e do modalizador epistêmico ‘pode livrar’ também traduzem o caso envolvendo a CIA marcando atos de investigação e defesa.

26. [Folha Online - Mundo - CIA destrói dois vídeos que mostravam interrogatórios de membros da Al Qaeda - 07/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u352631.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u352631.shtml>

25. [Folha Online - Mundo - Destruição de fitas da CIA pode livrar acusados, diz advogado - 07/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u352727.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u352727.shtml>
24. [Folha Online - Mundo - Democratas pedem investigação de destruição de fitas da CIA - 07/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u352771.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u352771.shtml>
22. [Folha Online - Mundo - Casa Branca se recusa a comentar destruição de vídeos da CIA - 10/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u353550.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u353550.shtml>
21. [Folha Online - Mundo - EUA registram impressões de todos os dedos de estrangeiros - 10/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u353578.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u353578.shtml>
19. [Folha Online - Mundo - Ex-agente da CIA revela práticas de tortura em interrogatórios - 11/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u353718.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u353718.shtml>
18. [Folha Online - Mundo - Casa Branca reafirma que EUA "não torturam" - 11/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u354005.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u354005.shtml>
16. [Folha Online - Mundo - Deputados dos EUA aprovam lei que proíbe a CIA de torturar detentos - 13/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u354819.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u354819.shtml>

O caso da destruição dos vídeos termina com um pedido da Casa Branca ao NYT (13) para corrigir um artigo publicado sobre os vídeos; com (11) os deputados exigindo explicações sobre as fitas, estendendo os títulos (24) e (16) acima; com a defesa da Casa Branca (7) na justiça e, de forma semelhante ao que os leitores brasileiros conhecem sobre as políticas no Brasil, com o adiamento (5) da sentença do juiz. Os performativos ‘pedir’, ‘defender’ e ‘adiar’ marcam ações da Casa Branca e de desfecho sobre o caso das fitas da CIA.

13. [Folha Online - Mundo - Casa Branca pede ao "NYT" que corrija artigo sobre destruição de fitas - 19/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356636.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356636.shtml>
11. [Folha Online - Mundo - Câmara dos EUA pedirá explicação sobre destruição de fitas da CIA - 20/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356793.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356793.shtml>
7. [Folha Online - Mundo - Casa Branca se defende na Justiça no caso das gravações da CIA - 21/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357354.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357354.shtml>
5. [Folha Online - Mundo - Juiz adia decisão sobre investigação de fitas secretas da CIA - 22/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357482.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357482.shtml>

George W. Bush aparece apenas através de advogados (14) que discutem a destruição dos vídeos, visto que o presidente (9) se recusava a comentá-la. Enquanto isso, surge mais uma especulação terrorista (29) dizendo que bin Laden intentava agregar antraz em pastas de cocaína e que os Estados Unidos (3) continuavam sem pistas sobre o terrorista havia anos. Sobre a Al Qaeda, a única notícia (10) surpreende com uma coletiva virtual da organização para jornalistas do mundo inteiro, mostrando o seu poder de alcance através da internet. Para finalizar, o único título a respeito dos “11 de Setembro” dá conta, na verdade, de que a comissão para investigação dos ‘atentados’ (6) sabia da existência dos vídeos destruídos pela CIA. Apenas dois verbos performativos se destacam: ‘discutir; convocar’. O restante se caracteriza por constatativos: ‘dizer; estar’ e ‘queria; sabia’ no passado no sentido apenas de incerteza e especulação. Apesar do uso do presente do indicativo ser mais comum pelo efeito de atualidade dos fatos, o uso do pretérito não é descartado nas regras para elaboração de títulos.

14. [Folha Online - Mundo - Advogados de Bush discutiram destruição de fitas da CIA, diz "NYT" - 19/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356452.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356452.shtml>

9. [Folha Online - Mundo - Bush diz que não irá comentar caso de destruição de fitas da CIA - 20/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356975.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356975.shtml>

29. [Folha Online - Mundo - Bin Laden queria colocar antraz em cocaína, diz filho de traficante - 04/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u351220.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u351220.shtml>

3. [Folha Online - Mundo - EUA estão longe de encontrar Bin Laden, diz "New York Times" - 24/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357768.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357768.shtml>

10. [Folha Online - Mundo - Al Qaeda convoca jornalistas para entrevista coletiva virtual - 20/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356892.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u356892.shtml>

6. [Folha Online - Mundo - Comissão do 11/9 sabia de vídeos destruídos pela CIA, diz jornal - 22/12/2007](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357417.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u357417.shtml>

Lembramos ao leitor que a comissão que investigava o “11 de Setembro” havia solicitado estes vídeos em 2003 e 2004¹³. Alguns tinha sido já destruídos em 2005, visto que mostravam também o uso de técnicas de tortura. Os fios que unem as traduções referentes à destruição destes vídeos na FSP e também no NYT de 2003 a 2007, não só tecem uma nova narrativa como fornecem evidências que conduzem a comprovação das

¹³Ver: título (25; 49) de 2004; (72) de 2005; (90) de 2006.

hipóteses formuladas para esta tese. O ano de 2007 chega ao fim marcado, portanto, pelas guerras no Paquistão e Afeganistão, pelos escândalos no governo Bush e pela sensação constante de insegurança disseminada mundo afora.

6.8 O ano de 2008

O ano de 2008 é lembrado pelas quedas nas bolsas americanas e asiáticas, reflexo da crise econômica; pelos sete anos da guerra no Afeganistão e pelos ‘atentados’ contra a embaixada americana no Iêmen. O então já presidente Barack Obama, cuja vitória é celebrada como possibilidade de reabertura dos Estados Unidos para o mundo, estrutura um plano para ajudar financeiramente empresas e montadoras no país. Outro escândalo envolvendo a CIA e torturas em interrogatórios é notícia na mídia; presos da base militar de Guantánamo são liberados e sai o relatório sobre armas no Iraque previamente divulgado em 2007. O que se percebe nesta parte da narrativa é que o terrorismo se mantém como fio condutor e articulador da história, entrelaçando os fatos ainda que dispersos, uma tendência para estes dois últimos anos analisados. A seguir a tradução dos fatos pelo NYT.

6.8.1 “*Muslims in India Put Aside Grievances to Repudiate Terrorism.*” (NYT) – *Muçulmanos na Índia deixam mágoas de lado para repudiar terrorismo.*

Em (34) a notícia é proveniente do Cairo, Egito, país que em 2001 não integrou a lista de aliados dos EUA. O título diz que boatos (*rumors*) sobre os ‘atentados’ de 2001 se consolidam (*harden*) na sabedoria popular no sentido de acreditar que bin Laden e a Al Qaeda não foram os únicos responsáveis pelos atentados e que contaram com a ajuda dos EUA e de Israel para o seu planejamento. Para isto o NYT usa uma oração relativa (*that harden*) que concentra o foco de atenção do leitor. Já na Venezuela (196) acredita-se que os EUA não vão garantir a segurança (*won’t vouch*) em todos os voos enquanto vítimas do “11 de Setembro” (298) debatem em fórum sobre terrorismo na ONU.

34. [MEMO FROM CAIRO: 9/11 Rumors That Harden Into Conventional Wisdom](#)
September 9, 2008 - By MICHAEL SLACKMAN; Nadim Audi contributed reporting. - World - 1139 words
196. [WORLD BRIEFING | THE AMERICAS: Venezuela: U.S. Won't Vouch For Safety of Flights](#)
September 9, 2008 - By THE ASSOCIATED PRESS - World - 67 words
298. [Terror Attack Victims Speak at Forum On Terrorism](#)
September 10, 2008 - By NEIL MACFARQUHAR - World - 327 words

Paralelamente, a guerra no Paquistão em (220) se consolida em confrontos diretos com o talibã, enquanto (218) comenta sobre um estudo norte-americano que detalha o caos deixado em regiões vizinhas ao Afeganistão. O mesmo estudo (320) encontra evidências de que informações dúbias fizeram com que três canadenses fossem torturados em prisões sírias. Um deles pode ter sido o professor sírio-canadense preso ao desembarcar no aeroporto sírio no ano de 2004. Já as novas eleições americanas para a presidência dão a vitória para Barack Obama que recebe insultos e ameaças da Al Qaeda (38) em razão de a organização não acreditar que o presente Obama pudesse defender a causa negra. O último título (39) traz um relatório sobre a cidade de Islamabad na Jordânia, segundo o qual menciona os paquistaneses, alertados pelo inimigo (*ringed by foes*) temem novas incursões dos norte-americanos. Vale lembrar que o Paquistão era, na época, o único país muçulmano com armas nucleares e que acreditava que os EUA tinham ligações secretas com Afeganistão e Índia para derrubar o país. Neste bloco o NYT emprega verbos performativos: *'finds itself; is said to detail; offers; fear'* (se encontra; detalha; faz; teme).

220. [Confronting Taliban, Pakistan Finds Itself at War](#) - October 3, 2008 - By JANE PERLEZ and PIR ZUBAIR SHAH - World - 1904 words
218. [U.S. STUDY IS SAID TO DETAIL CHAOS IN AFGHANISTAN](#) - October 9, 2008 - By MARK MAZZETTI and ERIC SCHMITT - World - 1251 words
320. [Study Finds Dubious Information Helped Lead to Torture of 3 Canadians by Syria](#) - October 22, 2008 - By IAN AUSTEN - World - 754 words
38. [Al Qaeda Offers Obama Insults and a Warning](#) - November 20, 2008 - By MARK MAZZETTI and SCOTT SHANE - World - 826 words
39. [MEMO FROM ISLAMABAD: Ringed by Foes, Pakistanis Fear The U.S., Too](#) - November 23, 2008 - By JANE PERLEZ - World - 1445 words

O ano de 2008 termina, para o NYT, noticiando outro 'atentado' terrorista na Índia (96) que, por sua vez, responsabilizou o Paquistão pelas mortes, um provável efeito do temor dos paquistaneses em razão

de uma suposta aliança entre Índia, EUA e Afeganistão. Já em (43) estes ataques a Bombaim (Mumbai) repercutem como testes para a habilidade paquistanesa em conter militantes inimigos. Em resposta aos ataques dirigidos a Bombaim, muçulmanos indianos (133) deixam de lado mágoas (*grievances*) para repudiar os ‘atentados’. O Paquistão, por sua vez (82), rende um grupo terrorista suspeito pelos ‘atentados’ na Índia. Por fim, países como a Bélgica (110), onde catorze pessoas são presas, entre elas uma mulher jihadista¹⁴, tentam se proteger temendo novos ‘atentados’ terroristas (*amid fears*), enquanto um investigador da ONU é expulso de Israel (169) acusado de hostilidade pelo governo israelense. Verbos performativos marcam a dinâmica deste bloco: ‘*are testing; put aside; raids; arrests; is expelled*’ (estão testando; deixam de lado; surpreende; prende; é expulso).

96. [India Says Pakistanis Carried Out Attacks](#) - December 2, 2008 - By ROBERT F. WORTH; Reporting was contributed by Jeremy Kahn, Somini Sengupta and Ruth Fremson in Mumbai, India, Jane Perlez in Islamabad, Pakistan, and Mark Mazzetti and David E. Sanger in Washington. - World - 1186 words
43. [Mumbai Attacks Are Testing Pakistan's Ability to Curb Militants](#) - December 4, 2008 - By JANE PERLEZ and SOMINI SENGUPTA; Jane Perlez reported from Lahore, and Somini Sengupta from Mumbai, India. Eric Schmitt contributed reporting from Washington, and Jeremy Kahn from Mumbai, India. - World - 1527 words
133. [Muslims in India Put Aside Grievances to Repudiate Terrorism](#) - December 8, 2008 - By ROBERT F. WORTH - World - 1005 words
82. [Pakistan Raids Group Suspected In Attacks](#) - December 9, 2008 - By JANE PERLEZ and SALMAN MASOOD; Eric Schmitt contributed reporting from Washington; Yusuf Jameel from Srinagar, Kashmir; and Robert F. Worth from Mumbai, India. - World - 1340 words
110. [Belgium Arrests 14, Including Female Online Jihadist, Amid Fears of Terrorist Plot](#) - December 12, 2008 - By STEVEN ERLANGER; Basil Katz contributed reporting. - World - 773 words
169. [U.N. Rights Investigator Expelled by Israel](#) - December 16, 2008 - By ISABEL KERSHNER - World - 629 words

Os fatos expressos pelos títulos do NYT se opõe a narrativa da FSP, mesmo para o número inferior de títulos em 2008. Esta tendência verifica-se como uma constante desde o ano de 2001 e acreditamos que, em razão do modo como a narratividade de ambos os jornais se

¹⁴Jihad: termo islâmico cuja ideologia é uma obrigação religiosa dos muçulmanos. Em árabe significa luta ou esforço. Incita os muçulmanos a lutarem “em nome de Deus” para melhorar a si próprio e á sociedade.

desenvolve até o momento, que o leitor seja o responsável indireto por estas duas construções, conforme Zipser (2002). O leitor do NYT tem outras seções do jornal para buscar os fatos em detalhes, portanto o leitor da seção World se mostra distinto, buscando desdobramentos que realmente tenham alguma repercussão mundial. Em sentido oposto, a tendência mostrada pela FSP é a de uma abordagem que parece ser mais detalhada em razão do número maior de títulos publicados, em razão de o leitor não compartilhar do contexto-referente. Vejamos como se articulada a narrativa da FSP.

6.8.2 “Ministro do Interior da Índia reconhece falhas do governo em ataques.” (FSP)

Na tradução da FSP para o início de 2008 observa-se a ausência de títulos relacionados a bin Laden e ao WTC, tendência que se consolida neste e também no próximo ano. Com efeito, uma nova narrativa começa a se delinear a partir dos fatos que vinham se desenrolando até o momento. A guerra antiterror já não tem mais tão claros os objetivos que a desencadearam em 2001, enquanto ameaças e explosões tornam-se resultado direto de uma ofensiva sem rumo aparente, ou seja, sem que se saiba ao certo a razão. Isto fica claro nos primeiros cinco títulos (8; 227; 224; 216; 220) que narram contínuos atentados, explosões e mortos no Paquistão. A ofensiva norte-americana tinha sido considerada uma provocação, visto que o Paquistão era um aliado americano (8). Muitos ataques americanos nas fronteiras do país com o Afeganistão (região onde se acreditava ser o reduto da Al Qaeda e do talibã) causaram milhares de mortes. Enquanto isso outro ataque a um hotel na capital faz cinquenta vítimas, tendo sido considerado o maior do país. Muito provavelmente, o leitor não deve se lembrar o que, de fato, impulsionou todas essas guerras. O léxico empregado é predominantemente performativo: ‘mata; investiga; explode; faz; esvazia’ e negativo.

8. Folha de S.Paulo - Ação americana mata civis no Paquistão - 04/09/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0409200813.htm>

227. Folha Online - Mundo - Presidente do Paquistão promete eliminar o "câncer do terrorismo" - 20/09/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u447109.shtml>

224. Folha Online - Mundo - Paquistão investiga maior atentado da história do país; mortos somam 53 - 21/09/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u447348.shtml>

220. [Folha Online - Mundo - Após explodir hotel no Paquistão, grupo terrorista faz novas ameaças - 22/09/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u447721.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u447721.shtml>

216. [Folha Online - Mundo - Paquistão esvazia aeroporto de Islamabad após ameaça de ataque - 25/09/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u448646.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u448646.shtml>

Um exemplo de como a narrativa começa a ganhar outros contornos está na presença de um personagem mais atual, o então candidato à presidência Barack Obama que, à época das eleições condena um ataque terrorista a embaixada norte-americana no Iêmen (236; 232), enquanto mais um suspeito de terrorismo (214) é detido no Canadá. Dois verbos de constatação ‘condena; é declarado’ empregados em assertivas marcam também reações negativas dos envolvidos neste contexto, aliados a substantivos igualmente negativos ‘atentado; culpado’.

236. [Folha Online - Mundo - Obama condena atentado à Embaixada dos EUA no Iêmen - 17/09/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u445995.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u445995.shtml>

232. [Folha Online - Mundo - Iêmen prende 25 suspeitos por atentado contra Embaixada dos EUA - 18/09/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u446221.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u446221.shtml>

214. [Folha Online - Mundo - Jovem é declarado culpado de pertencer a grupo terrorista no Canadá - 25/09/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u448893.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u448893.shtml>

Retomando a incursão dos norte-americanos expressa no título (8), Estados Unidos e Paquistão (286) voltam a procurar bin Laden desta vez numa incursão aérea por todo o território paquistanês. Ao mesmo tempo, repercute o atentado na embaixada americana no Iêmen (240; 239), cuja destruição acredita-se seja de responsabilidade da Al Qaeda (237), deixando dez mortos. Novamente verbos performativos e substantivos de carga semântica negativa são empregados na narrativa da FSP: ‘adotam guerra; condenam atentado; atentado deixa mortos’.

286. [Folha Online - Mundo - EUA e Paquistão adotam guerra aérea na caça a Bin Laden, diz jornal - 10/09/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443474.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443474.shtml>

240. [Folha Online - Mundo - Atentado contra Embaixada dos EUA no Iêmen deixa ao menos dez mortos - 17/09/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u445775.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u445775.shtml>

239. [Folha Online - Mundo - EUA condenam atentado contra sua embaixada no](#)

[momento de silêncio - 11/09/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443692.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443692.shtml>

275. Folha Online - Mundo - Tropas americanas no Afeganistão lembram vítimas de 11 de Setembro - 11/09/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443792.shtml>

274. Folha Online - Mundo - Milhares fazem minuto de silêncio por mortos no 11 de Setembro nos EUA - 11/09/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443805.shtml>

273. Folha Online - Mundo - Wall Street faz homenagem às vítimas de 11 de Setembro - 11/09/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443820.shtml>

271. Folha Online - Mundo - Medo de ataque terrorista é o menor desde 11 de Setembro, diz pesquisa - 11/09/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443854.shtml>

268. Folha Online - Mundo - Obama e McCain fazem trégua e homenageiam vítimas de 11 de Setembro - 11/09/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443927.shtml>

267. Folha Online - Mundo - Bush e Rumsfeld homenageiam vítimas de atentado ao Pentágono - 11/09/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443928.shtml>

O mês de outubro segue a tendência da ondulatória – quanto mais afastada do referente, mais enfraquecida e tênue fica a onda, ou seja, títulos referentes ao WTC, Al Qaeda e George Bush desaparecem da narrativa que, mais uma vez, volta-se para a temática ‘mundo’. Segundo o Paquistão (182; 168), desde que as incursões norte-americanas contra o terrorismo no Afeganistão não deram resultado, o país tornou-se o alvo dos ataques das tropas aliadas em razão da fronteira com àquele país. O avanço das tropas americanas provoca críticas também do presidente russo (162) que teme pela segurança da Europa. Já no Canadá (128) mais um suspeito é condenado, desta vez pelos atentados em Londres, enquanto outro atentado no Afeganistão (123) deixa cinco mortos. As ações negativas são marcadas por ‘deixar’ e pelo verbo ‘ser’ assertivo frequentemente associado à ‘condenação’.

182. Folha Online - Mundo - Paquistão se considera "bode expiatório" de fracasso no Afeganistão - 02/10/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u451242.shtml>

168. Folha Online - Mundo - Ex-premiê do Paquistão diz querer dialogar com líder do Taleban - 07/10/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u453552.shtml>

162. Folha Online - Mundo - Presidente russo critica EUA e pede pacto de segurança com Europa - 08/10/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u454072.shtml>

128. Folha Online - Mundo - Canadense é condenado por elo com plano de atentado

[no Reino Unido - 29/10/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u461814.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u461814.shtml>

123. Folha Online - Mundo - Atentado suicida em Ministério deixa cinco mortos no Afeganistão - 30/10/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u462110.shtml>

Bin Laden, por sua vez, aparece via o noticiário de uma rede de televisão em razão de um suposto livro que estaria escrevendo sobre a Al Qaeda (132). Consideramos tal fato algo irrelevante do ponto de vista do interesse direto do leitor, mesmo em contexto estrangeiro marcando mais uma vez os contornos que vão traçando um novo caminho para a narrativa. A explicação mais plausível pode estar na falta de elementos novos e significativos para a narrativa. Entretanto, como forma de não permitir que ao assunto caísse no esquecimento, o título (177) relata que as vítimas dos atentados de 2001 (177) ganham um memorial por ocasião destes sete anos dos atentados.

132. Folha Online - Mundo - Bin Laden está escrevendo um livro sobre a Al Qaeda, diz TV - 25/10/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u460098.shtml>

177. Folha Online - Mundo - Vítimas do 11 de Setembro ganharão memorial antes de 2011 - 03/10/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u451687.shtml>

Por fim, a guerra norte-americana contra o terror retoma a questão das torturas em prisões iraquianas (149; 145) amplamente debatido e exposto na mídia ao longo dos últimos dois anos, especialmente 2007, com a destruição das fitas secretas da CIA e o desfecho de prisões de suspeitos terroristas pelo mundo. Estes desdobramentos culminam com a reedição da lista dos terroristas (134) mais perigosos no mundo, divulgada pelos Estados Unidos. Três assertivas contundentes marcam este pequeno trecho: ‘foi endossada; proíbe; tem’ associando os verbos a substantivos negativos: ‘tortura e terroristas’.

149. Folha Online - Mundo - Tortura em interrogatórios da CIA foi endossada em memorandos, diz jornal - 15/10/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u456424.shtml>

145. Folha Online - Mundo - Pentágono proíbe formalmente tortura em interrogatórios - 15/10/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u456697.shtml>

134. Folha Online - Mundo - Lista dos EUA de terroristas perigosos tem 2.500 nomes - 23/10/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u459236.shtml>

Acompanhando a tendência do enfraquecimento das temáticas, o mês de novembro de 2008 não traz títulos relevantes sobre o WTC e o “11 de Setembro”. Por outro lado, as temáticas ‘mundo’, ‘guerra antiterror americana’, além de ‘Al Qaeda’, ‘bin Laden’ e ‘George Bush’ retornam a narrativa em razão da eleição de ‘Barack Obama’ como o novo presidente norte-americano (101). Este fato causando uma reação positiva em alguns analistas russos (102) os quais previam uma reaproximação com os Estados Unidos neste novo governo. Ressaltamos que a vitória de Obama seria, primeiramente, parte da temática referente aos Estados Unidos; porém, integramos esses títulos à temática ‘mundo’ em razão da repercussão mundial do fato: a esperança de cessar a reverberação dos conflitos decorrentes das guerras e do terrorismo vividos no governo Bush.

Continuando este bloco, temos a Espanha (106; 104; 95) que nega asilo político ao filho de bin Laden e o ex-premiê espanhol (76) que comenta o fato de a história fazer justiça a George Bush após a vitória de Barack Obama. Por fim, os títulos (55; 54) tratam de forças terroristas na Índia em decorrência dos últimos atentados a Bombaim no início do ano. Verbos performativos e dinâmicos marcam trechos distintos da narrativa: i) ‘pede asilo; decide se dará; nega asilo’ sobre o filho de bin Laden; ii) ‘tropas celebram; russos preveem; ex-premiê defende Bush’ para o sentido positivo da vitória de Obama e iii) ‘terrorismo provoca; expande força’ para a reação das Índia ante ameaças terroristas.

106. [Folha Online - Mundo - Filho de Bin Laden pede asilo político na Espanha - 04/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u463793.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u463793.shtml>

104. [Folha Online - Mundo - Espanha decide em 72 horas se dará asilo a filho de Bin Laden - 04/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u463924.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u463924.shtml>

95. [Folha Online - Mundo - Governo da Espanha nega asilo a filho de Bin Laden - 05/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464550.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464550.shtml>

101. [Folha Online - Mundo - Tropas americanas no Afeganistão celebram vitória de Obama - 05/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464237.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464237.shtml>

102. [Folha Online - Mundo - Analistas russos prevêem aproximação com os EUA - 05/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464210.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464210.shtml>

76. [Folha Online - Mundo - Ex-premiê espanhol defende Bush e diz que a história lhe fará justiça - 14/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u467819.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u467819.shtml>

55. [Folha Online - Mundo - Terrorismo provoca dança das cadeiras no governo indiano - 30/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u467819.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u473421.shtml>

54. [Folha Online - Mundo - Índia expande força antiterrorista após ataques que mataram 195 - 30/11/2008](#)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u473432.shtml>

Em relação à guerra destacam-se os títulos (109; 107) referentes a críticas sobre a visita de um general norte-americano ao Paquistão e a “herança” deixada por Bush à Obama. Paralelamente, o NYT denuncia que os Estados Unidos permite ataques a células da Al Qaeda em outros países (88). O jornal é criticado pelo diretor da CIA (89) que comenta sobre um atentado em Londres em 2006, semelhante ao “11 de Setembro” e que tinha sido contido pela agência, justificando a perseguição à Al Qaeda expressa no título anterior. Por fim, um juiz (67) liberta presos de Guantánamo por falta de provas com ligações terroristas.

109. [Folha Online - Mundo - General americano visita o Paquistão e recebe críticas - 03/11/2008](#)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u463641.shtml>

107. [Folha Online - Mundo - "Herança maldita" espera o próximo presidente dos EUA - 04/11/2008](#)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u462351.shtml>

88. [Folha Online - Mundo - EUA permitem ataques contra Al Qaeda em vários países, diz "NY Times" - 10/11/2008](#)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u466075.shtml>

89. [Folha Online - Mundo - Diretor da CIA diz que agência impediu ataque semelhante a 11 de Setembro - 14/11/2008](#)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u467599.shtml>

67. [Folha Online - Mundo - Juiz federal dos EUA ordena libertação de cinco presos de Guantánamo - 21/11/2008](#)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u470239.shtml>

A Al Qaeda (79; 71; 59), chamada de “herança maldita” deixada por Bush à Obama ameaça países como África, Europa e a península Árabe, justificando a preocupação do presidente russo (título 162 deste ano) com a segurança do continente e as críticas sobre o plano de governo de Obama. A locução verbal com ideia de ordem ‘querer atacar’ e os constatativos ‘criticar; atribuir’ e ‘dizer’ marcam a voz da Al Qaeda.

79. [Folha Online - Mundo - Al Qaeda quer atacar África, Europa e a península Árabe, diz CIA - 14/11/2008](#)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u467733.shtml>

71. [Folha Online - Mundo - Número dois da Al Qaeda diz que legado de crimes está à espera de Obama - 19/11/2008](#)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u469378.shtml>

59. [Folha Online - Mundo - Al Qaeda critica planos de Obama e atribui crise econômica ao 11 de Setembro - 28/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u472817.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u472817.shtml>

O personagem de Bin Laden, por sua vez, volta a narrativa de forma indireta com os títulos (110; 108) que tratam da prisão de um ex-secretário do terrorista; de (81) que dá conta do isolamento do terrorista preocupado com a própria sobrevivência e segurança, fato reiterado pelo título (70) no qual a porta voz da presidência informa que bin Laden continua vivo, apesar do seu silêncio. O verbo ‘condena/condenado’ em assertivas, além do constativo ‘está isolado’ marcam a ideia de perseguição ao terrorista.

110. [Folha Online - Mundo - Tribunal militar condena ex-secretário de Osama bin Laden - 03/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u463572.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u463572.shtml>

108. [Folha Online - Mundo - Ex-secretário de Bin Laden é condenado à prisão perpétua nos EUA - 03/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u463697.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u463697.shtml>

81. [Folha Online - Mundo - Bin Laden está isolado e luta pela própria sobrevivência, diz CIA - 14/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u467625.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u467625.shtml>

70. [Folha Online - Mundo - Casa Branca afirma que Bin Laden continua vivo - 19/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u469561.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u469561.shtml>

Já George W. Bush (100; 94) deixa o governo, com o mais alto índice de rejeição da história da Casa Branca, com inúmeros problemas para Barack Obama que em (98) se traduz em esperança para o fim da guerra terrorista. Em (86) Obama propõe diálogos com o Irã, fato que em 2010 iria se mostrar contraditório em razão de críticas e sanções norte-americanas àquele país devido a pesquisas com urânio enriquecido. Esta posição dos Estados Unidos reacende críticas ao novo presidente (77; 72). Muslim Khan, porta-voz do Talibã e um dos homens mais procurados do mundo, não acredita no novo governo norte-americano e diz que Obama não honrava a militância negra. Bush é marcado pelo verbo ‘deixar’ ainda associado a substantivos e adjetivos negativos ‘legado de problemas’ e ‘graves problemas’. Obama é marcado por ‘chegar’ para gerar expectativas ou o ‘novo mundo’ e incertezas expressas pelo modalizador epistêmico ‘pode incluir’. A reação talibã ao novo governo é traduzida pelo ‘não’ e por ‘negar’ a confiança no novo presidente.

- 100.** [Folha Online - Mundo - Em baixa, Bush sai do governo e deixa legado de problemas a Obama - 05/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464248.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464248.shtml>
- 94.** [Folha Online - Mundo - Após oito anos no poder, Bush deixa graves problemas para Obama - 05/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464673.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464673.shtml>
- 98.** [Folha Online - Mundo - Vitória de Obama anuncia chegada de um "novo mundo", diz imprensa britânica - 05/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464311.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464311.shtml>
- 86.** [Folha Online - Mundo - Estratégia de Obama para Afeganistão pode incluir diálogo com Irã, diz jornal - 11/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u466430.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u466430.shtml>
- 77.** [Folha Online - Mundo - Líder do Taleban diz não ter fé em Obama e nega mudança nas relações - 14/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u467798.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u467798.shtml>
- 72.** [Folha Online - Mundo - Obama não honra militância negra americana, diz terrorista - 19/11/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u469333.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u469333.shtml>

O ano de 2008 termina sem título relevantes sobre bin Laden ou o WTC; por outro lado, a temática ‘mundo’ e ‘Bush’ volta à tona na tradução da FSP. Os três primeiros títulos (52; 51; 44) descrevem novos atentados no Paquistão e Afeganistão. Já os títulos (31; 29; 28) narram a prisão de supostos integrantes da Al Qaeda na Bélgica, incluindo uma mulher. Enquanto isso e, diante de novos atentados, uma cúpula (26) formada por Paquistão, China, Índia, União Europeia entre outras nações se unem para pedir a cooperação internacional na defesa do Afeganistão contra o terrorismo que, ironicamente, alguns dias depois seria atingido por outro ataque terrorista (3) com um carro-bomba. Nesta última sequência, verbos e substantivos de cunho negativo: ‘deixa mortos’; ‘anuncia prisão’; ‘prende’; ‘acusa’; ‘combater terrorismo’ constroem e concluem a narrativa de 2008.

- 52.** [Folha Online - Mundo - Ataque a caminhão com suprimentos da Otan deixa dois mortos no Paquistão - 01/12/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u473546.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u473546.shtml>
- 51.** [Folha Online - Mundo - Ataque suicida deixa ao menos oito civis mortos no Afeganistão - 01/12/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u473592.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u473592.shtml>
- 44.** [Folha Online - Mundo - Atentados coordenados deixam dois mortos e 12 feridos no Afeganistão - 04/12/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u474992.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u474992.shtml>
- 31.** [Folha Online - Mundo - Bélgica anuncia prisão de 14 supostos membros da Al Qaeda - 11/12/2008](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u478039.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u478039.shtml>
- 29.** [Folha Online - Mundo - Polícia belga prende mulher considerada lenda viva da](#)

[Al Qaeda - 11/12/2008](#)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u478379.shtml>

28. Folha Online - Mundo - Bélgica acusa supostos membros da Al Qaeda: viúva está entre presos - 12/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u478602.shtml>

26. Folha Online - Mundo - Cúpula pede mais cooperação regional para combater terrorismo no Afeganistão - 14/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u479330.shtml>

3. Folha Online - Mundo - Atentado com carro-bomba deixa ao menos dois mortos no Afeganistão - 29/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u484104.shtml>

Já os títulos referentes a guerra antiterrorismo, apesar de não estabelecerem um fio coeso entre si por tratarem de assuntos diversos, sustentam a narrativa a partir de fatos traduzidos anteriormente. Este é o caso de (45) que demonstra o nível de insegurança entre os eleitores norte-americanos sobre um possível atentado em 2009 em razão das políticas estabelecidas para o governo Obama. Enquanto isso o ex-candidato Dick Cheney (20) não só defende práticas de tortura nos interrogatórios de presos em bases militares como também a política do governo Bush, pelo fato de ninguém saber quando o terrorismo poderia realmente acabar. Por outro lado, o vice de Obama (16), Joe Biden, forma sua equipe de comunicação, fundamentada na ética e na transparência dos relatos sobre a guerra. Posteriormente, em 2010, milhares de documentos secretos sobre as guerras no Paquistão, Afeganistão e Iraque vazariam na imprensa causando um escândalo na política da Casa Branca.

45. Folha Online - Mundo - Para 60%, EUA podem ser alvo de ataque terrorista em 2009 - 03/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u474719.shtml>

20. Folha Online - Mundo - Vice dos EUA defende prática de asfixia simulada em interrogatórios - 16/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u479890.shtml>

16. Folha Online - Mundo - Vice-presidente eleito dos EUA anuncia equipe de comunicação - 16/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u480158.shtml>

A Al Qaeda, por sua vez, é mostrada como uma moderna organização terrorista (33) ao se utilizar da internet e outros recursos para recrutar seguidores. Em (15) diz-se que a organização se instalou no Iraque

somente depois que os Estados Unidos invadiram o país¹⁵ para tirar Saddam Hussein do poder, o que leva o leitor a entender que, antes da guerra e apesar da ditadura de Saddam, o Iraque não sofria com ações terroristas. Uma constatação empregada no tempo passado ‘chegou’ e um modalizador deôntico ‘deve ser entendida’ marcam a força da Al Qaeda.

33. Folha Online - Mundo - Al Qaeda deve ser entendida como "organização moderna", diz autor - 10/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u443633.shtml>

15. Folha Online - Mundo - Al Qaeda chegou ao Iraque após EUA, diz Bush - 17/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u480389.shtml>

Ainda sobre interrogatórios e torturas em prisões iraquianas, afegãs e bases militares norte-americanas, o título (36) fala de presos em Guantánamo que estariam a ponto de admitir sua culpa nos atentados de “11 de Setembro”. Já os títulos (32; 6) especulam sobre as consequências destes atentados em relação ao cerceamento dos direitos humanos e as razões que culminaram naquele evento.

36. Folha Online - Mundo - Suspeitos de agir no 11 de Setembro devem admitir culpa em Guantánamo - 08/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u476731.shtml>

32. Folha Online - Mundo - 11 de Setembro e fortalecimento da China minaram direitos humanos, dizem especialistas - 10/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u477634.shtml>

6. Folha Online - Mundo - Leia introdução de livro que investiga as razões do 11 de Setembro - 25/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u431437.shtml>

Bush, já fora do governo, retorna a mídia com uma espécie de “*mea culpa*”. O presidente reconhece que o Iraque não tinha armas (47), que sua política no oriente médio não saiu como planejado e que (41) a guerra teria sido mais longa do que o previsto. Por outro lado, nos títulos (24; 22; 13) reitera seu apoio ao Afeganistão e afirma que os resultados, apesar do que se vê ao longo dos anos, eram inquestionáveis até o momento. O presidente admite, ainda, ter escrito (9) para famílias de soldados norte-americanos mortos nos últimos anos como forma, segundo ele, de agradecimento e conforto. Neste bloco, verbos de ‘dizer’ marcam a dinâmica para George

¹⁵A resposta de Bush dada na notícia publicada com este título é interessante por apresentar o título desta tese: “(...) respondeu Bush: “*No mundo pós-11 de Setembro*, Saddam Hussein era uma ameaça. E depois que ele foi retirado, a Al Qaeda se instalou.” (grifos nossos).

Bush: ‘reconhece; diz; reitera; admite; afirma’ traduzindo a ideia de que o seu governo fora marcado muito mais por prováveis ‘achismos’ do que ações efetivas.

47. Folha Online - Mundo - Bush reconhece que relatório sobre armas no Iraque foi seu maior erro - 02/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u473961.shtml>

40. Folha Online - Mundo - Bush diz que sua política no Oriente Médio não saiu como o previsto - 05/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u475819.shtml>

41. Folha Online - Mundo - Guerra do Iraque foi mais longa e cara que o esperado, admite Bush - 05/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u475691.shtml>

24. Folha Online - Mundo - No Afeganistão, Bush reitera apoio americano no combate ao terror - 15/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u479400.shtml>

22. Folha Online - Mundo - Bush diz que luta contra terrorismo no Afeganistão será longa - 15/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u479475.shtml>

13. Folha Online - Mundo - "Nossos resultados são inquestionáveis", afirma Bush - 17/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u480666.shtml>

9. Folha Online - Mundo - Bush escreveu a 4.000 famílias de soldados mortos - 23/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u482580.shtml>

Estes títulos marcam o que se pode chamar de uma despedida do governo Bush, abrindo a mídia para o presidente eleito Barack Obama (49; 14; 12). Estes poucos títulos narram os primeiros atos de governo: manutenção de parte da equipe política; recebimento de manuais sobre como agir em crises terroristas e a promessa de acabar com Guantánamo nos dois primeiros anos. Obama, por sua vez, é marcado por verbos que conduzem a ação: ‘mantém; receberá; quer fechar’.

49. Folha Online - Mundo - Obama mantém secretário de Bush na Defesa e escala veteranos na Segurança - 01/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u473759.shtml>

14. Folha Online - Mundo - Obama receberá da Casa Branca manuais sobre como agir em crises - 17/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u480420.shtml>

12. Folha Online - Mundo - Obama quer fechar prisão de Guantánamo em dois anos - 18/12/2008

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u480857.shtml>

Assim, com a esperança de uma ‘nova era’ e novas políticas, conforme a imprensa, 2008 termina projetando uma nova postura não mais unilateralista, para os Estados Unidos. Com a entrada de Obama a tradução dos fatos, delineada por esta nova narrativa tecida, consolida seu novo perfil afastando-se completamente do referente, o “11 de Setembro”, visto agora apenas como mais um fato na história. E assim a tradução se encaminha para o último ano.

6.9 O ano de 2009

2009 marca o último ano desta proposta para tecer os desdobramentos do “11 de Setembro” através de títulos de notícias. Os fatos deste ano, mais vivos na memória do leitor, mostram de forma contundente que o “11 de Setembro” se transformou em um evento cujos resultados se afastaram do propósito original tal qual o divulgado pela imprensa em 2001, o qual pretendia-se ideológico, patriótico e de reafirmação para os norte-americanos. O rumo tomado pelos desdobramentos deste evento culminou em guerras, atentados, prisões, torturas e espionagem, mortes e objetivos políticos duvidosos, além do que se chamou frequentemente de ‘paranoia’ para traduzir o medo de novas ações terroristas. O efeito sobre o leitor, ao final desta narrativa, é não saber o que de fato a originou, visto que o referente fica esquecido no tempo¹⁶. Em outras palavras, o “11 de Setembro” perde a relevância e a direção, conforme os títulos deste ano e os relatos na imprensa em 2010.

6.9.1 “*Passport Is First Evidence Of 9/11 Suspect in 2 Years.*” (NYT) – *Passaporte é primeira evidência de suspeito do “11 de Setembro” em dois anos.*

Esta última parte da narrativa do NYT, a exemplo da FSP, concentra-se sobre a guerra afegã, o Paquistão e mais prisões de suspeitos terroristas. O ano começa com (215) sobre a decisão de Obama de enviar mais tropas para o Afeganistão e o papel do G.O.P para sancionar a decisão

¹⁶The simple political narrative of the Afghanistan war — that this was the good war, in which the United States would hunt down the perpetrators of the Sept. 11 attacks — has faded over time, with popular support ebbing, American casualties rising and confidence in the Afghan government declining – NYT - <http://www.nytimes.com/2009/09/03/world/asia/03policy.html> (215, ano de 2009).

do presidente. O G.O.P. é uma marca cultural que somente o leitor norte-americano é capaz de identificar. A sigla refere-se ao “*Grand Old Party*”, o partido republicano norte-americano. Sendo Obama democrata, sem os votos do G.O.P. ele não poderia aprovar essa resolução no senado. Especulando sobre a decisão e o novo governo, o NYT emprega um dos únicos modalizadores epistêmicos da narrativa: ‘*may be vital*’ (pode ser vital). Já o Paquistão (271) afirma (*says*) ter prendido o porta-voz do talibã na região conhecida como Swat. Por fim, (264) trata de guardas iraquianos que haviam sido contratados pelos Estados Unidos para manter a segurança em Bagdá. Procuradores que investigavam o caso identificaram um comportamento padrão (verbo constativo: *see pattern*) na forma como esses guardas agiram ao matar dezenas de pessoas na cidade, sem saber se eram suspeitos ou não de terrorismo.

215. [G.O.P. May Be Vital to Obama In Afghan War](#) - September 3, 2009 - By HELENE COOPER - World - 1089 words

271. [Pakistan Says It Has Arrested the Spokesman for the Taliban in Swat](#) - September 12, 2009 - By JANE PERLEZ and PIR ZUBAIR SHAH - World - 635 words

264. [Prosecutors In Iraq Case See Pattern By Guards](#) - September 14, 2009 - By JAMES RISEN - World - 953 words

No mês seguinte a narrativa mostra-se mais articulada expondo um fio condutor entre os acontecimentos que remetem à guerra no Afeganistão e focos como Al Qaeda, talibã e Paquistão. É o caso de (219) que se volta para os debates e novas estratégias relativas a guerra afegã construídas pelo governo Obama, abordadas também pela FSP. Isso é reiterado em (214) no qual um repórter do NYT relata os meses em que ficou preso (*held*) pelo talibã no Paquistão. Ao mesmo tempo, em (101) Ahmed Wali Karzai, irmão do presidente afegão, diz ter sido pago pela CIA para, entre outros serviços, recrutar uma força paramilitar afegã a favor dos norte-americanos. Tal fato poderia abrir precedentes para que ambos os lados tivessem acesso a segredos ou planos militares que iriam além dos supostos objetivos da luta contra o terror. Muitos destes documentos secretos acabaram divulgados na internet em 2010. Em seguida, o exército paquistanês anuncia (19) ter encontrado uma pista sobre o “11 de Setembro” em incursões pelos quartéis-generais (*stronghold*) talibãs. A pista tinha relação com uma célula da Al Qaeda na Alemanha, país onde se acreditava que os atentados

tivessem sido planejados¹⁷, revelada em (21). Tratava-se do passaporte de um cidadão alemão, Said Bahaji, que nos últimos dois anos foi a evidência mais concreta sobre o planejamento do “11 de Setembro”. Verbos constatativos se destacam empregados na passiva: *held by*; *said to be paid* (capturado pelo; diz ter sido pago) e ativa: ‘*is evidence*’ (é evidência).

219. [Afghan War Debate Now Leans to a Focus on Al Qaeda](#) - October 8, 2009 - By PETER BAKER and ERIC SCHMITT; David E. Sanger and Thom Shanker contributed reporting. - World - 1170 words - [Eight Years in Afghanistan](#)

214. [HELD BY THE TALIBAN](#) - October 18, 2009 - By DAVID ROHDE - World - 4629 words

101. [Brother of Afghan Leader Said to Be Paid by C.I.A.](#) - October 28, 2009 - By DEXTER FILKINS, MARK MAZZETTI and JAMES RISEN; Dexter Filkins reported from Kabul, and Mark Mazzetti and James Risen from Washington. Helene Cooper contributed reporting from Washington. - World - 1805 words

19. [Pakistani Army, in Its Campaign in Taliban Stronghold, Finds a Hint of 9/11](#) - October 30, 2009 - By JANE PERLEZ and MARK MAZZETTI; Jane Perlez reported from Sherwangaï, Pakistan, and Mark Mazzetti from Washington. Pir Zubair Shah contributed reporting from Peshawar, Pakistan. - World - 1135 words

21. [Passport Is First Evidence Of 9/11 Suspect in 2 Years](#) - October 31, 2009 - By SOUAD MEKHENNET and SABRINA TAVERNISE; Ismail Khan and Pir Zubair Shah contributed reporting from Peshawar, Pakistan. - World - 836 words

Em novembro, o único título relevante sobre os atentados é (142) no qual relata-se que depois dos últimos ataques a Bombaim em 2008, bastante comentados também pela FSP, a segurança indiana estava mais alerta (verbo constatativo: *is up after attacks*), apesar de sua fragilidade (*weaknesses*) ainda ser constante (*remains*). No mesmo título, um link leva o leitor a um artigo comentando sobre o fato de Bombaim ainda permanecer vulnerável no aniversário dos atentados.

142. [India's Guard Is Up After Attacks, but Weaknesses Remain](#) - November 25, 2009 - By LYDIA POLGREEN and VIKAS BAJAJ; Hari Kumar contributed reporting. - World - 1148 words - [Mumbai Still Vulnerable on Anniversary of Attacks](#)

¹⁷375. [Folha Online - Mundo - Um dos pilotos suicidas teve aulas de vôo na Alemanha - 09/10/2001](#) - <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u30913.shtml> (FSP, ano de 2001).

A narrativa termina no NYT comentando que, no discurso de Obama ao congresso (182) percebia-se que a incursão pelo Paquistão seria ampliada (*expanded* é verbo com função de adjetivo) e que a experiência (28) das tropas militares (*unit's experience*) oferecia um panorama (verbo constativo: *offers glimpse*) sobre a etapa seguinte da guerra afegã. Estranhamente Obama não falou sobre o Paquistão, local onde os terroristas mais procurados pelos Estados Unidos estavam escondidos. Os três últimos títulos, por outro lado, tratam de assuntos diversos relacionados a guerra. Em (63) um jornalista da Al Jazeera detido por forças paquistanesas na fronteira do Afeganistão em 2001 é acusado de espionagem e falsificação de documentos. O jornalista volta ao seu antigo emprego na rede de televisão somente quando presos de Guantánamo começaram a ser retirados da base em 2008. Já em (51) sabe-se que uma das filhas mais novas de bin Laden que vivia no Irã pede asilo (verbo performativo: *seeks refuge*) na embaixada saudita em Teerã e que o título (7) comenta que a China estaria disposta (verbo constativo: *is willing*) a investir alto (*spend big*) no comércio do Afeganistão, mais precisamente em relação a metalurgia, explorando uma área que tinha sido um quartel general da Al Qaeda em Cabul.

182. [Between the Lines of the President's Speech, an Expanded Campaign in Pakistan](#) - December 2, 2009 - By DAVID E. SANGER and ERIC SCHMITT; Mark Mazzetti contributed reporting. - World - 971 words
28. [Unit's Experience Offers Glimpse of Next Phase of the Afghan War](#) - December 18, 2009 - By ERIC SCHMITT - World - 952 words
63. [From Guantánamo to Desk at Al Jazeera](#) - December 23, 2009 - By BRIAN STELTER - World - 1233 words
51. [Bin Laden Daughter in Iran Seeks Refuge](#) - December 24, 2009 - By SCOTT SHANE; Robert F. Worth contributed reporting from Beirut, Lebanon. - World - 703 words
7. [UNEASY ENGAGEMENT: China Is Willing to Spend Big In Afghanistan, on Commerce](#) - December 30, 2009 - By MICHAEL WINES; Li Bibo contributed research from Beijing. - World - 2289 words

Este último ano da narrativa do NYT é o que mais se aproxima do enfoque da FSP no que se refere aos temas. Por outro lado, como percebemos no próximo item que finaliza este novo texto com a a FSP, o deslocamento de enfoque é sensível não apenas em relação ao número de títulos publicados, mas principalmente na qualidade das informações, no detalhamento e na escolha do enquadramento do tema 'guerra afegã'. Fala-se de suspeitos sendo presos, do envio de mais tropas para as regiões em guerra, do posicionamento contrário de antigos aliados norte-americanos,

Nos EUA a guerra atinge recordes de oposição (420; 290). Observe-se o intervalo de quase quinze dias entre os títulos para reforçar o relato. Presos afegãos em Cabul (305) recebem da Corte norte-americana o direito de recorrer de suas sentenças de prisão com testemunhas de defesa, ato elogiado (287) pela Cruz Vermelha. Os EUA prendem novos suspeitos (246), sendo que um (200) é acusado de planejar um atentado a trens em NY. Os últimos dois títulos (244; 243) dão conta de uma situação irreversível relativa à derrota norte-americana no Afeganistão em razão da morte de civis e a posição de isenção da Casa Branca sobre o envio de mais tropas àquele país. Um modalizador epistêmico especula sobre esse desfecho. Já verbos constatativos que remetem a ‘dizer’ são maioria: ‘tem rejeição; elogia; diz que; declara inocência’.

420. [Folha Online - Mundo - Oposição à Guerra do Afeganistão atinge recorde nos EUA, diz pesquisa - 02/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u618472.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u618472.shtml>

305. [Folha Online - Mundo - EUA dão a presos afegãos o direito de recorrer à sentença, diz imprensa - 13/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u623330.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u623330.shtml>

290. [Folha Online - Mundo - Guerra do Afeganistão tem rejeição recorde nos EUA, diz pesquisa - 15/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u624186.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u624186.shtml>

287. [Folha Online - Mundo - Cruz Vermelha elogia plano do Pentágono para presos afegãos - 15/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u624338.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u624338.shtml>

246. [Folha Online - Mundo - EUA prendem três suspeitos após investigação sobre terrorismo - 20/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u626550.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u626550.shtml>

244. [Folha Online - Mundo - Morte de inocentes pode levar à derrota no Afeganistão, diz comandante dos EUA - 21/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u626893.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u626893.shtml>

243. [Folha Online - Mundo - Casa Branca diz que não recebeu pedido formal por mais tropas no Afeganistão - 21/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u626903.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u626903.shtml>

200. [Folha Online - Mundo - Suspeito de planejar ataque terrorista a trens declara inocência em NY - 29/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u630827.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u630827.shtml>

Outro vídeo de bin Laden, divulgado pela Al Qaeda (304; 298; 217), mostra o terrorista doente e pedindo que a Alemanha deixe o Afeganistão. Note-se o intervalo de quase uma semana entre os títulos, no sentido de reforçar a notícia para o leitor, provavelmente adicionando novos detalhes a primeira publicação. Nestes títulos, verbos

performativos: ‘divulga; revela; dizem; pede’ remetem ao ‘dizer’ e destacam opiniões sobre bin Laden.

304. [Folha Online - Mundo - Al Qaeda divulga novo áudio de Osama bin Laden - 13/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u623448.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u623448.shtml>

298. [Folha Online - Mundo - Gravação revela um Bin Laden enfraquecido, dizem analistas - 14/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u623691.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u623691.shtml>

217. [Folha Online - Mundo - Em gravação, Bin Laden pede que Alemanha saia do Afeganistão - 25/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u629207.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u629207.shtml>

A Al Qaeda, por sua vez e mesmo após oito anos (359) ainda é representada como sendo uma ameaça aos EUA, razão pela qual Obama (342) insiste na perseguição do grupo. Como resposta, a organização diz que Obama (226) será vencido. As ramificações da Al Qaeda provam, no entanto, que uma derrota seria bastante difícil, visto que em (302) uma de suas células assume para si a responsabilidade de um atentado contra Israel, enquanto um dos suspeitos do planejamento do “11 de Setembro” (251) admite ligações com a organização terrorista. Estes fatos motivam elogios (211) de Ayman Al Zawahri, número dois da Al Qaeda, sobre o líder paquistanês do talibã. Destacamos o diálogo entre os dois primeiros: ‘ainda assusta’ e ‘nunca deixaremos de perseguir’ entre o grupo terrorista e o presidente Obama. O restante dos verbos: ‘assume; admitiu, dizem; elogia’ remetem novamente ao ato de ‘dizer’.

359. [Folha Online - Mundo - Oito anos depois de 11 de Setembro, Al Qaeda ainda assusta os EUA - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622078.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622078.shtml>

342. [Folha Online - Mundo - Nunca deixaremos de perseguir a Al Qaeda, diz Obama - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622534.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622534.shtml>

302. [Folha Online - Mundo - Grupo vinculado à Al Qaeda assume disparo de foguetes contra Israel - 14/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u623521.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u623521.shtml>

251. [Folha Online - Mundo - Suspeito de planejar atentado em NY admitiu contato com Al Qaeda, dizem autoridades - 18/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u626231.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u626231.shtml>

226. [Folha Online - Mundo - Em vídeo, número dois da Al Qaeda diz que Obama será vencido - 23/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u627935.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u627935.shtml>

211. [Folha Online - Mundo - Número dois da Al Qaeda elogia líder do Taleban no Paquistão - 28/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u630095.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u630095.shtml>

Mas, se a Al Qaeda continua forte, George Bush se mantém em baixa. O único título que menciona o já ex-presidente é (322) sobre o oitavo aniversário do “11 de Setembro”, sendo que o restante apenas relata celebrações que relembram os ‘atentados’. Em (403) a Corte norte-americana permite que presos detidos após “o 11 de Setembro” processem um ex-promotor. Já (371) e (369) divulgam fotos inéditas do evento¹⁸ e seus mentores, enquanto o leitor da Folha pode relembrar ou conhecer os fatos em (358), demonstrando a condição atemporal da memória para o jornalismo online. Já o título (350) comenta o fato de que NY incentiva moradores e turistas a pegarem escombros das torres para garantir a construção de mais memoriais e, assim, se livrar do lixo acumulado no marco-zero. Tal fato mostra um contraponto com os três últimos títulos (345; 331; 328) no qual os americanos homenageiam as vítimas do “11 de Setembro”. Verbos performativos constroem este trecho: ‘rezar; divulgar; vazar; homenageiam; decide; lembram’.

322. [Folha Online - Mundo - Bush reza por vítimas do 11 de Setembro no 8º aniversário da tragédia - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622734.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622734.shtml>

403. [Folha Online - Mundo - Preso após 11 de Setembro pode processar ex-procurador-geral, decide corte - 04/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u619782.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u619782.shtml>

371. [Folha Online - Mundo - Museu divulga cenas inéditas de 11 de Setembro; tragédia faz oito anos amanhã - 10/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622057.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622057.shtml>

369. [Folha Online - Mundo - Fotos de um dos mentores do 11 de Setembro vazam na internet - 10/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622094.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622094.shtml>

358. [Folha Online - Mundo - Relembra a sequência dos ataques de 11 de setembro de 2001 - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622129.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622129.shtml>

350. [Folha Online - Mundo - Oito anos depois, são vários os escombros do 11 de Setembro - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622462.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622462.shtml>

345. [Folha Online - Mundo - NY homenageia vítimas do 11 de Setembro em Marco Zero inacabado - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622517.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622517.shtml>

¹⁸http://noticias.uol.com.br/album/10021011setembro_album.jhtm?abrefoto=11#fotoNav=4

331. [Folha Online - Mundo - Americanos lembram 11 de Setembro no Marco Zero e no Pentágono - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622652.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622652.shtml>

328. [Folha Online - Mundo - Cidadãos voluntários no 11 de Setembro são homenageados em NY - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622678.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622678.shtml>

Obama (365) presta homenagem às vítimas no Pentágono e na Casa Branca (346). Em seguida temos duas posições sobre a guerra afegã: em (286) o presidente recebe o comunicado oficial para o envio de mais soldados (em 243 esse comunicado ainda não havia sido feito), enquanto insiste que a guerra (201) é missão da OTAN e não dos EUA, na tentativa de sustentar suas promessas de campanha em relação à retirada das tropas do país. Verbos performativos marcam também a atuação de Obama este trecho: lembra; faz silêncio; diz’.

365. [Folha Online - Mundo - Obama lembra atentados de 11 de setembro com cerimônia no Pentágono - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622402.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622402.shtml>

346. [Folha Online - Mundo - Obama faz minuto de silêncio na Casa Branca pelo 11 de Setembro - 11/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622511.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u622511.shtml>

286. [Folha Online - Mundo - Conselheiro de Obama diz que EUA devem precisar de mais tropas no Afeganistão - 15/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u624361.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u624361.shtml>

201. [Folha Online - Mundo - Guerra do Afeganistão é missão da Otan e não dos EUA, diz Obama - 29/09/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u630808.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u630808.shtml>

Em outubro, o WTC, o “11 de Setembro” não apresentam títulos relevantes, visto que os dois primeiros só aparecem na mídia quando se aproxima o mês de setembro para homenagear as vítimas. Bush, como ex-presidente, também não representa mais um personagem relevante. Mesmo a temática ‘efeitos da guerra no mundo’ começa a se tornar escassa. Neste momento, são os britânicos (153) que se posicionam contra a guerra afegã, apesar de o conselho de segurança da ONU (136) ampliar o prazo para a retirada das tropas. Já a Austrália (82) condena cinco pessoas por tentativas de atentados ao país, enquanto um general alemão (10) defende um ataque que matou civis afegãos. Discurso indireto e dois verbos performativos: ‘amplia prazo de missão; condena’ aliados a sujeitos determinados nos títulos asseguram o efeito de distanciamento e testemunho dos fatos.

153. [Folha Online - Mundo - Maioria dos britânicos se diz contrária à guerra no Afeganistão - 07/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634660.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634660.shtml>

136. [Folha Online - Mundo - Conselho de Segurança amplia prazo de missão militar no Afeganistão - 08/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u635494.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u635494.shtml>

82. [Folha Online - Mundo - Austrália condena cinco por planejar atentado terrorista no país - 15/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u638762.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u638762.shtml>

10. [Folha Online - Mundo - General alemão diz que ataque aéreo que matou civis afegãos foi apropriado - 29/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u644963.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u644963.shtml>

Em relação à guerra e os EUA, o país considera o complô (157) para explodir bombas no país como a maior ameaça terrorista desde 2001. Já sobre o posicionamento dos Estados Unidos em relação ao Afeganistão, McCain (112) afirma que não aumentar o número de soldados na região seria um erro grave, enquanto o Pentágono (94) desmente o envio de tropas sem consulta a população. Este bloco termina com um verbo imperativo, 'leia', cuja função é direcionar o leitor (24) para a cronologia da guerra, uma estratégia para reaproximar o leitor do referente, os atentados de 2001.

157. [Folha Online - Mundo - EUA consideram complô frustrado uma das maiores ameaças desde 11/9 - 06/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634411.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634411.shtml>

112. [Folha Online - Mundo - Rejeitar aumento de tropas no Afeganistão seria erro "histórico", diz McCain - 11/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u636643.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u636643.shtml>

94. [Folha Online - Mundo - Pentágono desmente envio não-anunciado de soldados ao Afeganistão - 13/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u637399.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u637399.shtml>

24. [Folha Online - Mundo - Mais de 900 americanos já morreram na guerra do Afeganistão; leia cronologia - 27/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u643965.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u643965.shtml>

Em meio a guerra afegã, bin Laden (75) perde momentaneamente a imagem de terrorista e assume a de pai de família. A Al Qaeda, por sua vez, e o talibã negam representar uma ameaça terrorista ao mundo (146); porém políticos norte-americanos (142) insistem que a força da organização sobrevive tanto que o talibã afegão (132) critica o Nobel da paz de Obama por não acreditarem que o atual presidente represente uma estratégia de paz, especialmente depois do envio de 20 mil soldados ao Afeganistão. Novamente verbos que remetem ao 'dizer': 'diz; nega ser ameaça; dizem; critica' constroem a narrativa.

- 75.** [Folha Online - Mundo - Bin Laden batia nos filhos e gostava de plantar girassóis, diz ex-mulher - 17/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u639425.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u639425.shtml>
- 146.** [Folha Online - Mundo - No 8º ano da guerra afgã, Taleban nega ser ameaça a outros países - 07/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634801.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634801.shtml>
- 142.** [Folha Online - Mundo - Senadores dos EUA dizem que Al Qaeda pode se restabelecer no Afeganistão - 07/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u635080.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u635080.shtml>
- 132.** [Folha Online - Mundo - Taleban do Afeganistão critica Nobel da Paz a Obama - 09/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u635782.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u635782.shtml>

Obama, já consolidado como um personagem da narrativa (159), insiste no progresso ao combate ao terrorismo, analisando o futuro do Afeganistão (149; 59) e parabenizando o FBI a polícia de NY pelas ações antiterror. Por outro lado e apesar do Nobel (143; 125), Obama é levado a discutir novas estratégias de guerra recebidas com desconfiança por líderes das regiões em conflito, reiterando o bloco anterior. Para construir os fatos verbos que remetem ao ‘dizer’ são novamente empregados: ‘diz; analisa; discute; parabeniza’ fazendo com que o discurso predomine a ação.

- 159.** [Folha Online - Mundo - Obama diz que EUA fazem progresso real no combate ao terror - 06/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634173.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634173.shtml>
- 149.** [Folha Online - Mundo - No 8º aniversário da guerra, Obama analisa futuro do Afeganistão - 07/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634697.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634697.shtml>
- 143.** [Folha Online - Mundo - Obama recebe documento com pedido de mais tropas para o Afeganistão - 07/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634925.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u634925.shtml>
- 125.** [Folha Online - Mundo - Após Nobel da Paz, Obama discute estratégia para guerra do Afeganistão - 10/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u636329.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u636329.shtml>
- 59.** [Folha Online - Mundo - Obama parabeniza FBI e Polícia de Nova York por luta contra terrorismo - 20/10/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u640866.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u640866.shtml>

Em novembro, o dia dos atentados e o WTC voltam a narrativa. Em (832), a Arábia Saudita, país que oscilava entre os norte-americanos e os muçulmanos desde 2001, ataca rebeldes no Iêmen local onde a embaixada dos EUA já havia sofrido atentados terroristas. O Reino Unido, que também volta a narrativa, inicia inquérito sobre a guerra no

Iraque (312) tendo Tony Blair, maior aliado de Bush, como testemunha. Verbos performativos marcam as ações de guerra: ‘bombardeia; inicia inquérito’.

832. [Folha Online - Mundo - Arábia Saudita bombardeia rebeldes no norte do Iêmen e envia tropas para a fronteira - 05/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u648368.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u648368.shtml>

312. [Folha Online - Mundo - Reino Unido inicia inquérito sobre Guerra do Iraque: Blair é testemunha - 24/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u656687.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u656687.shtml>

Os EUA, por sua vez, decidem indenizar muçulmanos detidos pelo “11 de Setembro” (930), enquanto outro general americano (747) pede mais soldados para o Afeganistão. O leitor deve se lembrar aqui do ato cometido por um major de origem muçulmana (732), em uma base americana do Texas, que resultou em mortos e feridos. Este major é acusado de ligações com a Al Qaeda. Quase como uma revisitação, consulados americanos voltam a receber cartas com um pó branco, lembrando o ano de 2001 com o antraz. Para finalizar, discute-se a decisão de julgar ou não (507; 411) acusados do “11 de Setembro” em NY, enquanto a CIA estuda recrutar árabes em território americano (364), através da televisão, para conseguir intérpretes para os julgamentos e para lidar com situações diplomáticas no Irã. Verbos que expressam futuro denotam especulações e promessas: ‘vão indenizar; teria ligação; tentará recrutar’ como desfechos de ações anteriores. Os outros: ‘critica; defende julgar; pede’ remetem ao dizer e denotam opiniões.

930. [Folha Online - Mundo - EUA vão indenizar cinco muçulmanos detidos após o 11/9 - 03/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u647262.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u647262.shtml>

747. [Folha Online - Mundo - General americano pede envio de mais tropas ao Afeganistão - 08/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u649435.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u649435.shtml>

723. [Folha Online - Mundo - Major que atacou base nos EUA teria ligação com al Qaeda, diz jornal - 09/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u649725.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u649725.shtml>

682. [Folha Online - Mundo - Consulados de NY recebem cartas com pó branco suspeito - 10/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u650328.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u650328.shtml>

507. [Folha Online - Mundo - Ex-prefeito critica decisão de julgar suspeitos do 11/9 em Nova York - 15/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u652846.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u652846.shtml>

411. [Folha Online - Mundo - Procurador-geral defende julgar acusados do 11/9 em corte civil - 18/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u654189.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u654189.shtml>

364. [Folha Online - Mundo - CIA tentará recrutar árabes nos EUA com anúncios na TV - 20/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u655324.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u655324.shtml>

Bin Laden quase não representa mais ameaças. Em (134) especialistas dizem que o terrorista só não foi preso por falta de coordenação entre EUA e Paquistão.

134. [Folha Online - Mundo - Falta de coordenação poupou Bin Laden da prisão, dizem especialistas - 30/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u659692.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u659692.shtml>

Sobre o “11 de Setembro” pouco se publica. A atenção se volta para o julgamento de terroristas que tiveram alguma participação no fato em 2001. Famílias das vítimas (549) posicionam-se contra o julgamentos destes presos em NY e o país se mostra dividido (540) quanto a ação que é conduzida (561) em NY, fazendo com que o procurador-geral norte-americano (546) exija pena de morte para os presos. Verbos de opinião: ‘dizem; divide; pede pena de morte’ constroem este contexto.

549. [Folha Online - Mundo - Famílias de vítimas do 11 de Setembro dizem que levar terroristas a NY é "grande erro" - 13/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u652053.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u652053.shtml>

561. [Folha Online - Mundo - Homem que planejou ataques de 11 de Setembro será julgado em NY - 13/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u651944.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u651944.shtml>

540. [Folha Online - Mundo - Julgamento dos acusados do 11 de Setembro em NY divide os EUA - 13/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u652173.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u652173.shtml>

546. [Folha Online - Mundo - Procurador-geral dos EUA pede pena de morte para mentores do 11 de Setembro - 13/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u652069.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u652069.shtml>

Obama decide mandar mais tropas para o Afeganistão (709) e, posteriormente, (311) reúne-se com militares para definir novas estratégias para o país. Provavelmente cobrado em relação aos julgamentos em NY, Obama (401) posiciona-se a favor. As ações do presidente são performativas porém denotam um grau de incerteza:

‘deve enviar’ é modalizador epistêmico e ‘se reúne para analisar’ implica ação futura.

709. [Folha Online - Mundo - Obama deve enviar tropas adicionais ao Afeganistão em janeiro, diz agência - 10/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u650086.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u650086.shtml>

401. [Folha Online - Mundo - Obama diz que "ninguém se ofenderia" com morte de responsáveis por 11 de setembro - 18/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u654505.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u654505.shtml>

311. [Folha Online - Mundo - Obama se reúne com militares para analisar estratégia no Afeganistão - 24/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u656693.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u656693.shtml>

Novamente revisitado ou mesmo um fechamento para os eventos que se iniciaram em 2001, o WTC volta a cena em dois títulos (987; 974) que comentam sobre a construção de um navio de guerra com o aço das torres gêmeas. O título ao qual nos referimos é o (10) de Dezembro de 2002. O contexto é dado pelos verbos performativos: ‘faz; será inaugurado’ fechando o ciclo iniciado em 2002.

987. [Folha Online - Mundo - Navio com aço do World Trade Center faz homenagem no Marco Zero - 02/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u646591.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u646591.shtml>

974. [Folha Online - Mundo - Navio construído com aço das Torres Gêmeas será inaugurado por Obama - 03/11/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u646760.shtml)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u646760.shtml>

Já em dezembro de 2009, as torres gêmeas, o ex-presidente Bush e o “11 de Setembro” são apenas lembranças. Títulos sobre a guerra e seus efeitos globais, além do presidente Obama dominam os últimos trechos desta história. O título (113) menciona que o talibã havia mandado reforços para o Afeganistão em resposta ao aumento do número de soldados americanos. O verbo ‘chegar’ performativo no futuro especula a ação. Já no Afeganistão (65) o ministro alemão afirma que o poderio militar não venceria a guerra, enquanto o Iêmen (14) diz que um dos suspeitos de ligação com o “11 de Setembro” poderia ter morrido em atentado terrorista. Novamente a ideia de especulação é dada com o emprego de um verbo no futuro inserido em discurso indireto e pelo modalizador epistêmico “pode ter morrido”. Por fim, aumenta o número de soldados britânicos mortos (86) e o Iêmen (82) sofre outro atentado. Dois performativos ‘eleva; sofre’ em assertivas constroem este contexto.

- 113.** [Folha Online - Mundo - Reforços chegarão ao Afeganistão em semanas; Taleban minimiza - 02/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660637.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660637.shtml>
- 86.** [Folha Online - Mundo - Ataque a soldado eleva a cem as mortes britânicas no Afeganistão - 07/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u663035.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u663035.shtml>
- 82.** [Folha Online - Mundo - Iraque sofre um dos ataques mais violentos do ano; veja cronologia - 08/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u663342.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u663342.shtml>
- 65.** [Folha Online - Mundo - No Afeganistão, ministro alemão diz que guerra não será vencida por meios militares - 11/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u664983.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u664983.shtml>
- 14.** [Folha Online - Mundo - Iêmen diz que militante ligado a massacre nos EUA pode ter morrido em ataque - 24/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u670824.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u670824.shtml>

Como efeito, a guerra finaliza a narrativa com o maior número de títulos relacionados. Em (109) os Estados Unidos estudam enviar presos de Guantánamo para diversos países fechando a base conforme promessas do governo Obama. Entre os presos, um suspeito preso desde 2001, é mandado de volta ao Iraque (73). Outros seis retornam ao Iêmen (26) em meio a ações violentas na região. Por essa razão (12), surgem informações de que o ataque ao Iêmen e o massacre na base militar do Texas, em novembro, estariam ligados. Em resposta (9), os Estados Unidos sugerem uma represália mostrando (1) que já esperavam alguma movimentação da Al Qaeda para o Natal, devido ao envio de novas tropas (30) para o Afeganistão. Verbos performativos no presente expressam a dinâmica das ações: ‘planejam; enviam; parte; procuram’. Apenas um modalizador epistêmico sugere incerteza ‘deve enviar’, enquanto outros dois ‘sugere; pedem’ expressam opiniões.

- 109.** [Folha Online - Mundo - EUA planejam mandar mais da metade dos presos de Guantánamo a outros países - 03/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u661376.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u661376.shtml>
- 73.** [Folha Online - Mundo - EUA enviam para o Kuwait homem que ficou 8 anos detido em Guantánamo - 09/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u664337.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u664337.shtml>
- 30.** [Folha Online - Mundo - Primeiro grupo dos 30 mil soldados extras dos EUA parte para Afeganistão - 16/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u667338.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u667338.shtml>
- 26.** [Folha Online - Mundo - Em passo crucial, EUA devem enviar seis presos de Guantánamo de volta ao Iêmen - 18/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u668424.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u668424.shtml>

12. Folha Online - Mundo - Republicano sugere ligação entre tentativa de ataque e massacre em base dos EUA - 26/12/2009

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u671424.shtml>

11. Folha Online - Mundo - Após tentativa de atentado em voo, EUA pedem que países elevem segurança - 26/12/2009

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u671444.shtml>

9. Folha Online - Mundo - EUA procuram alvo no Iêmen para possível represália por tentativa de atentado - 30/12/2009

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u672704.shtml>

1. Folha Online - Mundo - EUA sabiam que Al Qaeda preparava "surpresa de Natal", diz agente - 30/12/2009

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u673041.shtml>

Sem novas pistas há muitos anos (95), Bin Laden é praticamente esquecido pelas agências de investigação norte-americanas. Em função disto, um general americano (77) afirma que considera a Al Qaeda derrotada. Verbos constatativos, no entanto, sugerem contradição entre essas afirmações: ‘não tem pistas; vincula derrota’, isto é, mesmo sem pistas sobre o terrorista, o país o considera derrotado. A única notícia sobre o terrorista vem do Reino Unido que proíbe o filho do terrorista (110), que havia pedido asilo (negado) à Espanha em 2008, de se casar no país.

110. Folha Online - Mundo - Reino Unido proíbe filho do terrorista Bin Laden de se casar no país - 03/12/2009

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u661317.shtml>

95. Folha Online - Mundo - EUA não têm pistas confiáveis sobre Bin Laden há anos, diz Gates - 06/12/2009

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u662490.shtml>

77. Folha Online - Mundo - General dos EUA vincula derrota da Al Qaeda a queda de Bin Laden - 09/12/2009

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u664002.shtml>

A narrativa termina com o comunicado de Barack Obama (122), sobre seus planos para a nova etapa da guerra, aos presidentes do Paquistão e Afeganistão. Obama sinaliza (121) o envio das tropas para treinar forças afegãs em discurso a nação, o que possibilitaria planejar a saída definitiva dos soldados norte-americanos (120) daquele país. O plano, orçado em milhões de dólares (119), recebe apoio (118) de Hamid Karzai, presidente afegão. O último título, entretanto, coloca em dúvida (111) o plano de Obama, mas a esperança de que tenha êxito permanece em 2010. Verbos no futuro ou que implicam esta ideia: ‘irão treinar; planeja iniciar; ação custará; crescem dúvidas’ buscam delinear os próximos passos das ações sobre a guerra.

- 122.** [Folha Online - Mundo - Obama comunica a presidentes do Paquistão e Afeganistão os novos planos para a guerra - 01/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660359.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660359.shtml>
- 121.** [Folha Online - Mundo - Soldados extras irão treinar forças afegãs, diz Obama na TV - 01/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660414.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660414.shtml>
- 120.** [Folha Online - Mundo - Em discurso à nação, Obama planeja iniciar saída do Afeganistão em 2011 - 01/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660424.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660424.shtml>
- 119.** [Folha Online - Mundo - Obama diz que nova estratégia para o Afeganistão custará US\\$ 30 bi - 02/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660455.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660455.shtml>
- 118.** [Folha Online - Mundo - Karzai apoia anúncio de Obama de mais tropas e plano de retirada para Afeganistão - 02/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660482.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u660482.shtml>
- 111.** [Folha Online - Mundo - Crescem dúvidas sobre prazo de Obama para deixar o Afeganistão - 03/12/2009](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u661214.shtml)
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u661214.shtml>

Este bloco finaliza a tradução configurada pelos títulos do NYT e da FSP para os eventos que sucederam ao “11 de Setembro”, segundo a ótica destes jornais. No item a seguir, tecemos considerações sobre os resultados obtidos relativos ao léxico, filtros culturais e o deslocamento do enfoque gerado por ambos os textos, comparando os textos resultantes.

6.10 SOBRE O TEXTO TECIDO

Uma vez tecido este novo texto, esta narrativa tradutória, algumas comparações tornam-se relevantes para que se possa demonstrar a atuação do léxico no enfoque dado aos textos, conduzindo a temáticas, funções, cenários e personagens distintos que os representam culturalmente.

Quem lê/accssa o jornal online ou notícias em sites procura informação rápida, ágil, instantânea conforme exigências de um contexto de vida moderno. Neste sentido, o que se observa nestes sites e jornais é uma narrativa voltada aos fatos mais importantes do dia ou da semana e, geralmente, apresentada apenas através dos títulos. Para este estudo, no entanto, a função narrativa do título é compreendida de forma mais ampla ao se retomar o prolongamento dos ‘atentados terroristas’ por oito anos. Nesse sentido encontrar um fio condutor capaz de conferir alguma unidade ao texto é essencial, até mesmo para poderem ser comparados. Um primeiro

item que chama a atenção é a **temática** revelada pelo agrupamento dos títulos.

A tradução configurada pelo NYT apresenta-se fragmentada no sentido de não haver uma temática explícita e capaz de agrupá-los em torno de um assunto em comum. O resultado mostra vários temas dispersos e ancorados em manchetes escritas em maiúsculas, as quais agrupadas separadamente parecem tecer inclusive uma narrativa a parte, por exemplo: (2001) *A NATION CHALLENGED*; (2002) *TRACES OF TERROR; THREATS AND RESPONSES*; (2003) *THE STRUGGLE FOR IRAQ; A REGION INFLAMED; THE CAPTURE OF HUSSEIN*; (2004) *THE REACH OF WAR; THE CONFLICT IN IRAQ*. De 2005 a 2009 algumas se repetem ou não são empregadas. Em outros momentos, as manchetes vinculam-se a submanchetes para só, então, apresentar o título efetivamente: (2001) *A NATION CHALLENGED* estabelece vínculo com *ANOTHER EVIDENCE* que, por sua vez, introduz o título da reportagem: *another tape ties bin Laden to hijackings*. Nessa difusão, o NYT revela a seguinte temática:

- **Temática do NYT:** nação desafiada (*nation challenged*); bin Laden; Iraque (*Iraq*); americanos (*Americans*); vítimas (*victims*); ações jurídicas e julgamentos (*court and trials*); ameaça e terror (*threat and terror*); Sauditas (*Saudis*); Bush; mundo (*world*); guerra (*war*).

Acreditamos que esta dispersão ocorra em razão do leitor e da característica do texto da notícia. O leitor compartilha do contexto referente, conhece e vivenciou os fatos. Portanto, a função de conectar os títulos é depositada quase que integralmente nele, que fica responsável por atribuir a coerência necessária entre os títulos. Os textos, por sua vez, não seguem a tendência web para notícias curtas e resumidas. São, na verdade, reportagens de uma ou duas páginas, assinadas, provavelmente em razão da linha editorial do NYT, cuja proposta é o envolvimento do público em relatos detalhados e assinados. E, segundo o depoimento de leitores e que podem ser acessados no próprio site do NYT, esta narratividade é apreciada e vista como sinônimo de apuração detalhada da notícia.

A FSP, por sua vez, revela uma tradução com temática mais transparente e definida. Os títulos são mais facilmente agrupados e expressam um fio condutor mais nítido. No entanto, enquanto texto tecido, a tradução da FSP é mais linear e rasa, empregando títulos mais diretos e superficiais, no sentido de que o leitor brasileiro não precisa inferir nada a partir deles. Eles são o que são a exemplo dos fatos que traduzem. Da mesma maneira o leitor motiva essa postura da FSP ao não compartilhar do contexto referente o que, da maneira como o jornal interpreta, exige estratégias de linguagem objetivas, de repetição e/ou remetência constante a

fatos precedentes, de modo que o leitor não encontre dificuldades para preencher as lacunas entre as informações. Para tanto, emprega-se o imperativo (Veja quadro cronológico; Leia mais sobre) que ativa os fatos na memória do leitor. Sendo assim, a FSP constrói a tradução de maneira que o leitor esteja constantemente atualizado e informado com (suposta) objetividade e neutralidade, sem o uso de substantivos e/ou adjetivação valorativa e com uma temática mais recorrente:

- **Temática da FSP:** mundo; Bush; guerra/EUA; WTC; “11 de Setembro”; Al Qaeda; bin Laden.

Com efeito, o Tema faz parte dos fatores internos do modelo de Nord (1991). No entanto, nas traduções do NYT e da FSP a temática é revelada através do contexto que constitui o entorno, isto é, a exterioridade onde os fatos acontecem. Isto nos permite a ousadia de, ao menos neste estudo, propor deslocar o Tema para os *fatores externos* do modelo de Nord junto ao seu determinante, o leitor/receptor entendendo o ‘tema’ como aqueles acontecimentos considerados relevantes que integram a pauta do jornal. É neste momento que o leitor deve estar atento para não confundir o tema (pauta; assunto) com o referente (o fato) supostamente neutro.

Somente depois de filtrada, designada e nomeada é que a temática ganha em significação no interior do discurso. Isto porque a leitura do texto transcorre a partir da perspectiva do emissor, isto é, o NYT e a FSP. É o emissor quem cria significados de acordo com as denominações ou designações conferidas aos temas e dentro das circunstâncias da recepção do texto e do leitor. É aí que o leitor desavisado é levado a confundir a opinião com o referente, como diz Rajagopalan (2003), isto é, a aceitar a denominação dada ao fato como neutra e isenta quando, na verdade, é uma opinião avaliativa. Este é o caso, por exemplo, dos termos ‘atentados; terrorismo’ e ‘aliados’, além do “léxico da guerra”. Atentar para os nomes e seus atributos faz com que o discurso revele aquilo que tenta camuflar: os filtros que incidem no relato do fato noticioso e que marcam o enfoque atribuído aos fatos pelo emissor.

É neste entorno, culturalmente marcado, que os significados são formados e que a **função predominante** se destaca. Parte dos fatores externos do modelo de Nord (1991), a função aproxima-se da esfera social do modelo de Esser (1998) e da teoria de Bakhtin (2002) sobre o fato de os enunciados nascerem do seu entorno social e incide diretamente sobre os fatores internos, ou seja, o como o autor (neste caso, os jornais) escreve, evidenciando modalidades retóricas específicas para ambos.

No NYT, a **função** da narrativa tradutória é informativa, expressiva e persuasiva, visto que o leitor final compartilha do contexto referente, sendo levado a se posicionar a contra e/ou a favor desse contexto conforme

a tradução articulada pelo jornal. Isto se comprova na ausência de uma temática definida cujo efeito (especialmente para o leitor estrangeiro) consiste na crença de que os desdobramentos concentravam-se apenas nas atitudes do então presidente George W. Bush e em poucas notícias sobre atentados nos países envolvidos. Sem acessar outros títulos, mesmo dentro do NYT, o leitor não saberia da proporção dos eventos que sucederam o ano de 2001. Assim, portanto, a função, temática e a extensão das reportagens, todas assinadas, evidenciam uma **modalidade retórica predominantemente argumentativa** (figura 6.1) para o NYT com uso frequente de substantivos (nomeação) e adjetivação. Em outras palavras, o discurso articulado pelo NYT faz uso da argumentação como estratégia que imprime no imaginário do leitor o efeito da valoração e envolvimento com os fatos, sem que o jornal perca em credibilidade e isenção. Por esta razão, alguns padrões sintáticos resultam em inversões dramáticas e até mesmo poéticas, tendência de artigos de opinião, e que remete também a esfera subjetiva do modelo de Esser (1998) na qual o tradutor-jornalista atua mais diretamente. O efeito do texto é o de um país apaziguador e promotor da tolerância, a saber: título (58) de 5 de setembro de 2002: *TRACES OF TERROR: ADVERTISING; Hollywood Group Offers First TV Spot¹⁹ on Tolerance Aimed at Arab World* (VESTÍGIOS DE TERROR; PUBLICIDADE; grupo de Hollywood oferece primeiro comercial sobre tolerância voltado ao Mundo Árabe) e (640) de 16 de setembro de 2002: *THREATS AND RESPONSES: MEDIA, US Satellite Channel Offers Unfiltered Views From the Middle East* (AMEÇAS E RESPOSTAS: MEDIA, canal de satélite dos Estados Unidos propõe visões imparciais sobre o Oriente Médio).

Já a **função da narrativa da FSP** é referencial, fática, metalinguística e argumentativa, visto que segue as normas de elaboração de títulos presentes nos manuais de redação brasileiros e constrói uma temática cíclica, presumidamente isenta e neutra empregando a estratégia do discurso indireto e da modalização epistêmica, além de uma postura de afastamento do referente com reportagens não assinadas. Sendo assim, pode-se afirmar que a **modalidade retórica é predominantemente informativa** (figura 6.1), visto que os leitores da FSP não compartilham do referente. Em outras palavras, a informatividade é a estratégia discursiva empregada pela FSP para construir no imaginário do leitor o efeito da isenção e neutralidade, pois não há o mesmo interesse em justificar a guerra para o leitor brasileiro como o faz o NYT. Pelo viés tradutológico, o discurso da FSP engendra a estratégia do acolhimento do Outro, fazendo

¹⁹*Spot*: comercial curto para rádio e televisão.

com que o leitor aceite a denominação ‘ataques; terrorismo; atentado’ como a tradução literal dos eventos jornalísticos, conferindo ao relato o grau necessário de afastamento e objetividade.

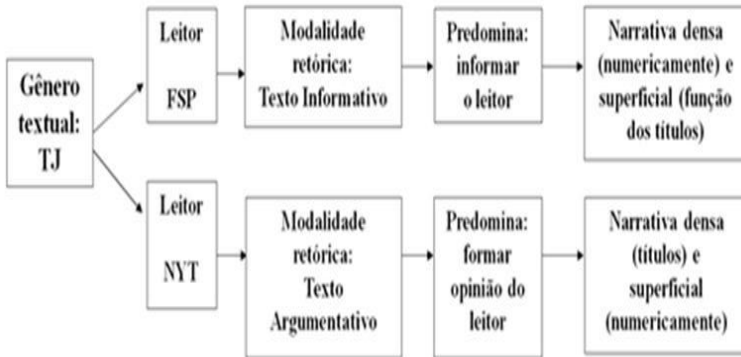


Figura 6.1: Modalidade retórica do NYT e da FSP
Fonte: Dados da Pesquisa (2010)

Cabe aqui um esclarecimento sobre a predominância dessas funções. Chaparro (2007, p.12) afirma não ser possível essa classificação sem incutir uma valoração subjetiva, aproximando-se da esfera subjetiva (Esser, 1998) e do papel central do tradutor no processo tradutório (NORD, 1991). Ocorre que, ao considerar o texto como passível dessa valoração, é inevitável ressaltar aspectos relevantes. A crítica de Chaparro (ibid, p.13) é a de que a crença na objetividade força a cisão opinativo X informativo, considerada uma “fraude teórica” pelo autor: “fala-se em separação de opinião e informação como se a manchete não contivesse um ponto de vista, ou não fosse o resultado de uma intervenção opinativa provavelmente complexa”. Não existe realmente uma fronteira entre opinião e informação, mas uma relação dialética permanente, pensamento compartilhado também por Charaudeau (2009, p.206) que fala de “critérios de organização dos textos” ao comentar sobre duas esferas do discurso: “procedimento de organização” e “texto configurado”, confirmando seu entrelaçamento e não sua separação. Portanto, a “cisão” ao se atribuir uma função predominante para o NYT e a FSP é apenas aparente e segue o mesmo princípio de coexistência das funções da linguagem nos textos quando uma, inevitavelmente, predomina sobre as outras tendo em vista o contexto da intenção, propósito e efeito do texto sobre o leitor o que parece ser

desconsiderado por Chaparro ao ficar preso as discussões sobre os princípios éticos da imprensa.

Vale observar ainda o desaparecimento gradual de alguns temas, à medida que se afastam do referente ou perdem relevância, enquanto notícia, para outros acontecimentos. Exemplo disso são títulos referentes ao WTC para a FSP: 2001 = 77 títulos; 2002 = 62 títulos; 2003 = 27 títulos; 2004 = 7 títulos. Esta dinâmica não é explícita no NYT o qual não faz menção as torres ao longo da tradução. Com efeito, a temática da FSP responde mais prontamente à analogia da ondulatória mencionada no **Capítulo 4**. Alguns temas, como as ondas provocadas na superfície, desaparecem à medida que a perturbação central se dissipa. O mesmo vale para outros temas como: “11 de Setembro”; “George W. Bush” e “Al Qaeda”.

Outra categoria narrativa trata dos **personagens** que, no caso do NYT estão em desvantagem numérica em relação à FSP, além de se desenvolvem pouco no quadro geral de ações. Em outras palavras, apresentam-se como o texto em si; esparsos no NYT e recorrentes na FSP. Já o **cenário**, por outro lado, é relativamente o mesmo. As poucas diferenças se devem ao deslocamento de enfoque para os jornais. O NYT não menciona Nova York nesta seção por ter outra específica (*New York and Region*) na qual, provavelmente, faz menção ao seu aliado maior Londres. Consequentemente, Tony Blair também é enfatizado na FSP com os demais personagens.

- **Personagens NYT:** Bush; bin Laden; Rumsfeld; americanos; democratas; congresso, sauditas; terroristas/suspeitos; alemães e Saddam Hussein.
- **Cenário NYT:** Iraque; Arábia Saudita; Alemanha; Afeganistão; Paquistão; Espanha; CIA; Guantánamo; EUA; Bombaim; Canadá - além de Moscou; Malásia; Israel e Indonésia.
- **Personagens FSP:** Bush; bin Laden; Saddam; Clinton, Rice; Alemães, Tony Blair; terroristas/suspeitos; sauditas; vítimas; FBI/CIA; EUA; Pentágono; Paquistaneses; Afegãos; talibã, al Qaeda; Powell; Israel; militares.
- **Cenário FSP:** Iraque; Arábia Saudita; Alemanha; Afeganistão; Paquistão; Espanha; CIA; Guantánamo; EUA; Bombaim; Canadá - além de NY; Iêmen e Londres.

As figuras (6.2 e 6.3) a seguir ilustram esses dados através de uma linha em que é possível observar não só a variação temática entre os jornais, como também entre os personagens e o cenário onde a narrativa se ambienta. Essa variação reitera a figura da ondulatória vista no Capítulo 4 para exemplificar os desdobramentos do “11 de Setembro” no tempo e no espaço e o deslocamento de enfoque nos jornais pesquisados.

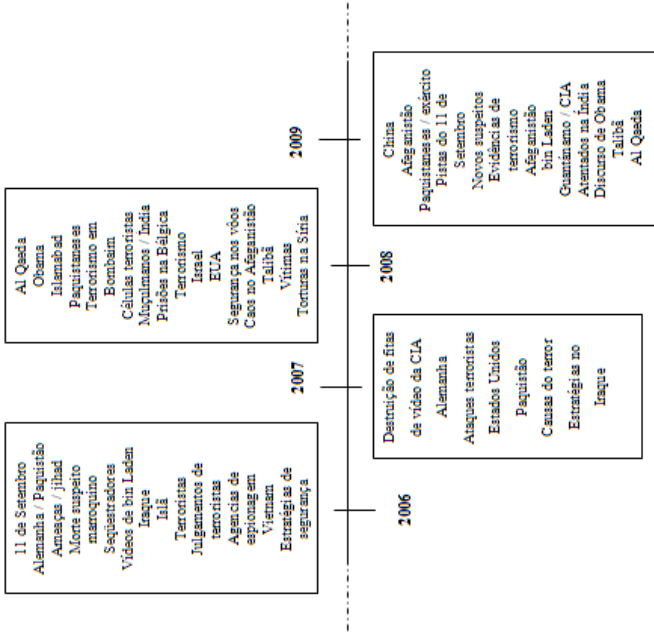
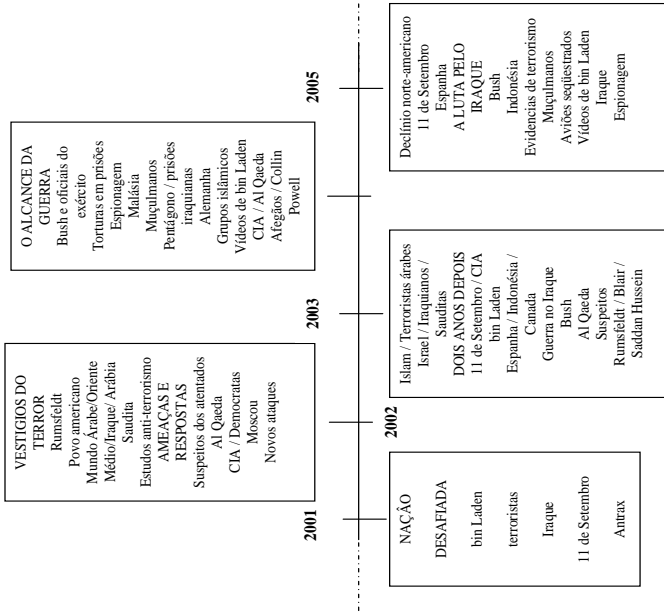


Figura 6.2: Linha do Tempo NYT – 2001-2009.
Fonte: Dados da Pesquisa (2010)



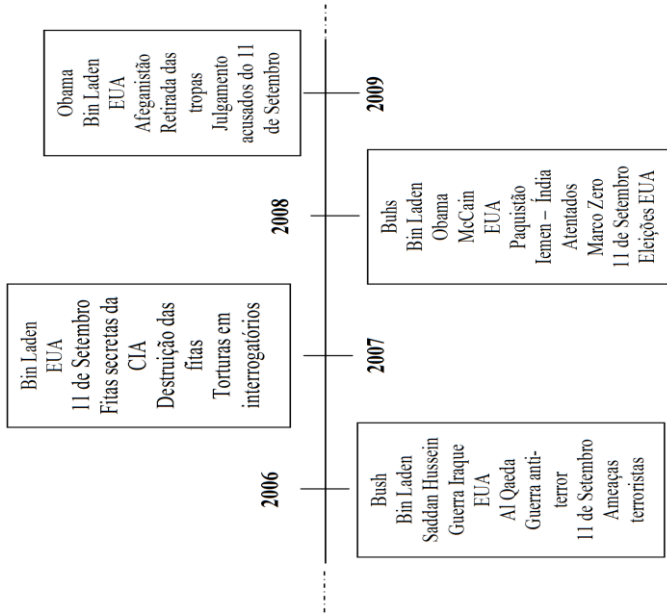
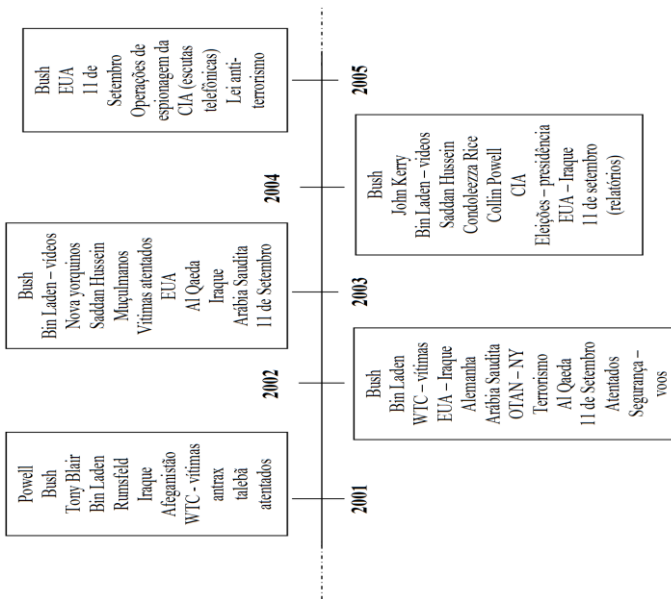


Figura 6.3: Linha do Tempo FSP – 2001-2009.
Fonte: Dados da Pesquisa (2010)



Sobre os fatores **tempo e memória**, as traduções apontam para: i) um tempo sempre atual, utilizando-se o presente do indicativo e ii) uma memória atemporal, instanciada, guardada em bancos de dados e podendo ser reaccessada a qualquer momento através de mecanismos de busca, o que a torna coletiva, isto é, propriedade de um grupo de leitores. Todo o processo descrito pela psicologia cognitiva²⁰ (aquisição, armazenamento e recesso da memória) é transferido para o site ou portal, responsável por organizar o conteúdo em *frameworks* ou *schematas* que controlam esse processo de resgate da informação. Um acontecimento paralelo ou link é suficiente para reconstruir os significados, visto que os recursos para a expansão do conteúdo não são cognitivos, mas tecnológicos. Nesse sentido, as traduções tecidas podem ser compreendidas de duas maneiras: i) uma **narrativa circunstancial**, em sentido amplo, referindo-se apenas as condições do evento num determinado momento sócio-histórico-cultural e ii) uma **narrativa contextual**, em sentido restrito, relacionada aos sujeitos, situações, significações e memória evocadas para os leitores. Isto é, de fato,

²⁰Ver: Brunning et alli. *Cognitive Psychology and Instruction*. Ohio: Prentice Hall, 2003.

tradução: um fragmento de relação, um momento cultural criado entre contextos distintos.

Essa articulação discursiva (contextual) tem nas **escolhas lexicais** dos jornais o aspecto que consolida o processo de (re)significação do leitor, considerando-se que se está recriando eventos passados, arquivados na memória do leitor ou em bancos de dados. O léxico permite, assim, confirmar o deslocamento de enfoque (circunstancial) apontando alguns filtros culturais.

As escolhas lexicais do NYT empregam, frequentemente, substantivos, adjetivações e pontuação o que, segundo os manuais de redação brasileiros seriam uma falha do redator. Como essas reportagens são todas assinadas, pressupomos uma liberdade maior destes profissionais (ou mesmo do próprio jornalista) para a elaboração dos títulos, reforçando a predominância da função argumentativa. Os verbos são empregados sempre no presente do indicativo; há pouco uso do discurso indireto (*says that* - diz que) e apenas uma ocorrência de modalização (*may-* poder). Com o leitor compartilhando do contexto, não existem especulações ou incertezas; assim, é possível, muitas vezes, deslocar o objeto a frente do sujeito e do verbo, colocar o resultado em primeiro plano e conseguir uma expressividade maior na tradução, por exemplo: PERFIL DO SÁBADO²¹; peça da al Qaeda, os Estados Unidos o chamam. Vítima, ele se denomina. Essa é uma estratégia que apela para a emoção do leitor, gerando um efeito quase poético.

A FSP, por sua vez, segue os manuais e, portanto, não emprega adjetivação ou substantivos; porém, utiliza muitos modalizadores epistêmicos, especialmente nos últimos quatro anos da narrativa, traduzindo um grau de incerteza e especulação sobre os rumos que a 'guerra antiterror' iria seguir com o término da chamada 'era Bush'. Conforme visto acima, essa incerteza não existiu para o NYT, garantindo uma imagem de força e segurança do país perante o mundo. A FSP emprega também muito do discurso indireto o que lhe assegura uma imagem de neutralidade, isenção e credibilidade junto ao leitor.

As escolhas lexicais possibilitam também representar o cenário específico da guerra, contextualizando os eventos que sucederam o ano de 2001. A este grupo denomina-se "vocabulário de guerra", comprovando mais uma vez o deslocamento de enfoque presente nas traduções, através das palavras sublinhas. As palavras semelhantes Nos primeiros quatro anos (2001 a 2005) e, conforme já mencionado, o NYT utiliza adjetivos e

²¹THE SATURDAY PROFILE: *Qaeda Pawn, US Calls Him. Victim, He Calls Himself.*

substantivos, enquanto a FSP enfatiza a ação através de verbos causativos e de ordem (exemplos: *querem*, *pedem*, *mandam*, *exigem*; *ordena*):

- **NYT**²²: *terror*; *terrorismo*; *caçada*; *matar*; *captura*; *culpa*; *prisões*; *guerra*; *acusar*; *ameaças*; *seqüestro*; *armado*; *desafios*; *vítimas*; *sofrimento*; *alerta*; *conflitos*; *aviso/advertência*; *bombardeios*; *combate*.
- **FSP**: *terror*; *terrorismo*; *caçar*; *matar*; *capturar*; *culpar*; *prender*; *guerra*; *acusa*; *ameaçar*; *terroristas*; *temor*; *medo*; *condena*; *proíbe*; *expulsa*; *critica*; *rejeita*; *ataques*; *alertas*; *atinge*.

Todas este léxico é recorrente nos jornais ao se referirem sobre a guerra. Já nos últimos quatro anos (2006 a 2009) percebe-se uma mudança significativa que enfatiza o afastamento dos fatos do referente e encaminha a parte inicial da tradução para o desfecho. É o caso do uso de tempo futuro e modalização epistêmica na FSP, característicos de especulações e incertezas projetadas, ao contrário do NYT, cujos verbos se mantêm no tempo presente. Neste mesmo período, o léxico do NYT perde a força dos primeiros quatro anos, incluindo aí o uso de manchetes em maiúsculas, apontando poucas ações significativas na narrativa. Já na FSP, os verbos com carga negativa e de ordem e o discurso indireto se intensificam:

- **NYT**²³: *ameaça*; *mata*; *prisões*; *destruição*; *guerras*; *tormento*; *juílgamentos*; *escuridão*; *sequestradores*; *terror*; *terrorismo*; *terroristas*; *denuncia*; *batalha*; *medo*; *repúdio*; *ataques*; *alerta*; *caos*; *confrontos*;
- **FSP**: *ameaça*; *mata*; *prende*; *destrói*; *declara* (guerra) *condena*; *ataca*; *rejeita*; *deixa* (*mortos*; *problemas*); *nega* (*guerra*; *mortos*; *ameaças*); *critica*; *proíbe*; *ordena*; *custará*; *sugere*; *não será vencido*; *devem enviar*.

Observam-se ainda outros pontos em comum: a ênfase nos julgamentos dos suspeitos presos em todo o mundo nos primeiros anos e verbos como ‘matar; ameaçar; prender; destruir’ ora enfatizados como verbos ora como substantivos também marcando enfoques distintos.

Por fim, vale lembrar a também a **diferença numérica de títulos** coletados entre os jornais, conforme mostrado no Capítulo 5 e pela própria extensão da tradução neste capítulo. Isto se explica pela filtragem de assuntos de interesse na direção imprensa → público (NYT), marcando o que deve ser noticiado quanto na direção público → imprensa (FSP), sobre o que se pressupõe ser de interesse do leitor. Com efeito, o jornalismo é um “fato de língua” (GOMES, 2000), na medida em que os fatos se concretizam na linguagem e são articulados como discurso segundo os

²²*Terror; terrorism; track; capture; highjack; armed; kill; threats; challenges; victims; grieve; alert; accuse; war; conflicts; blame; warning; bombings; combat; prisons.*

²³*Threat; torment; trials; dark; wars; hijackers; terror; terrorism; terrorists; kill; denounces; battle; destruction; fear; arrests; repudiate; attacks; warning; chaos; confronts.*

princípios reguladores da imprensa. Essa diferença estatística também é reveladora de um enfoque diferenciado aos eventos subsequentes a 2001, conforme a **topicalização**²⁴ levantada ao longo dos oito anos analisados:

- **NYT:** prisões indevidas de cidadãos árabes; disputas jurídicas sobre indenizações pelas famílias das vítimas; supostas evidências contra bin Laden; atentados em Bali, prisões de suspeitos na Alemanha; conflitos com a família real saudita; vídeos contendo ameaças de bin Laden; prisões e julgamentos de suspeitos em vários países; temor constante; investigações do Pentágono e da CIA;
- **FSP:** prisões de suspeitos; supostas provas/evidências contra bin Laden; conflitos com os sauditas; prisões de cidadãos árabes; ataques terroristas em Bali; a busca por indenizações pelas famílias das vítimas; vídeos contendo ameaças de bin Laden; medidas de segurança nos aeroportos; caçada a bin Laden; homenagens/celebrações as vítimas do WTC; guerra; apoio de aliados; ataques ao Paquistão e Afeganistão; cerceamento à liberdades civis; queda do nível de aprovação de Bush; antissemitismo; julgamento de um marroquino na Alemanha acusado de participação nos atentados; paranoia americana; espionagem ilegal de norte-americanos pela Casa Branca; torturas em prisões iraquianas e Guantánamo; reeleição de Bush; demissão de Powell; chegada de Rice; mundo contra a guerra ao terror.

Essas diferenças no uso do léxico pelos jornais possibilitaram identificar algumas **marcas culturais** (tabela 6.1) nos títulos, recurso que aproxima o leitor do texto ao ativar mecanismos cognitivos vinculados a pressuposições e ao contexto situacional. No NYT, essas marcas (filtros) são nomes próprios que não necessitam da explicitação dos cargos que ocupam; referências ao escudo antimísseis e Moscou da época da guerra-fria, ao Vietnam sendo comparado ao Iraque e o G.O.P. (*Grand Old Party*) como é chamado o partido republicano norte-americano. Na FSP destacam-se expressões comuns da oralidade, tais como: ‘megaoperação; verbas; bode expiatório’.

Tabela 6.1: Marcas culturais nos títulos do NYT e FSP

²⁴Entende-se **topicalização** por sintagma nominal anterior, externo à sentença, normalmente já ativado no contexto discursivo. Para diferenciá-lo de **tema**: ideia central em torno da qual a história se desenvolve (ver: Capítulo 4, item 4.4.). Ao redor de um tema pode-se discorrer sobre vários tópicos.

<i>The New York Times</i>	Folha Online
<ul style="list-style-type: none"> • (2001) <u>A NATION CHALLENGED -- AN OVERVIEW: DEC. 25, 2001: A Muted Christmas. Corporate Obligations, the Anthrax Mystery</u> - December 26, 2001 - By JANE GROSS - World - 801 words • (2002) <u>TRACES OF TERROR: IN HIS OWN WORDS/Donald H. Rumsfeld: 'The American People Have Got the Staying Power for This'</u> - September 4, 2002 - World - 2122 words • (2002) <u>THREATS AND RESPONSES: U.S. DEFENSE: Moscow Miffed Over Missile Shield but Others Merely Shrug</u> - December 19, 2002 - By MICHAEL WINES - World - 972 words • (2006) <u>Some Lessons for U.S. in Vietnam and Iraq Parallels</u> - December 2, 2006 - By ROGER COHEN - World - 2558 words • (2006) 554. <u>DIPLOMATIC MEMO; On to Vietnam. Bush Hears Echoes of 1968 in Iraq 2006</u> - November 17, 2006 - By DAVID E. SANGER - World - 1071 words • (2009) 215. <u>G.O.P. May Be Vital to Obama In Afghan War</u> - September 3, 2009 - By HELENE COOPER - World - 1089 words 	<ul style="list-style-type: none"> • (2001) os EUA vão a forra com o mundo ou sem ele. • (2002) Tony Blair promete divulgar dossê contra Saddam Hussein. • (2002) Bush pede Departamento de Segurança com amplos poderes e verbas • (2002) local dos atentados vira atração turística e suvenires • (2003) NY se prepara para celebrar Ano Novo sob alerta laranja • (2004) Governo Bush divide radicalmente a opinião pública, diz Gallup. • (2005) EUA mantêm desde 2001 megaoperação secreta de espionagem • (2006) jornal acusa CIA de abafar investigação europeia sobre tortura • (2008) Paquistão se considera "bode expiatório" de fracasso no Afeganistão • (2008) polícia belga prende mulher considerada lenda viva da Al Qaeda.

Fonte: Dados da pesquisa (2010)

Com estas considerações conclui-se o capítulo de análise, no qual foi construída uma nova narrativa para os eventos que sucederam o “11 de Setembro”. Através da comparação entre a temática; função; personagens e cenário; tempo e memória; léxico e marcas culturais revelados pelo novo texto, foi possível constatar que o deslocamento de enfoque existe mesmo no espaço limitado da enunciação de títulos jornalísticos. Neste sentido, quando dispostos em conjunto, a força enunciativa dos títulos adquire uma capacidade narrativa em contextos culturais distintos caracterizando, assim, o novo texto tecido como uma tradução nos moldes da narrativa jornalística. Com esses dados, retornamos aos três eixos de sustentação dessa proposta de tese: i) os processos de enunciação como processos de construção de efeitos de sentido em contextos situacionais determinados; ii) a expansão do conceito de representação cultural em tradução, do texto para fatos sequenciais e iii) a questão de os títulos, mesmo física e semanticamente delimitados, serem capazes de construir esses efeitos de sentido e representar culturalmente os eventos analisados inscrevendo a

narrativa no discurso jornalístico em razão de serem títulos jornalístico e também tradutório ao gerarem novos textos a partir de suas relações. São estes os dados que fundamentam as considerações finais desta proposta de tese no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos. (...)
Quem ler por último lerá melhor. (GENETTE, 1982)*

No início deste percurso, apresentou-se como tema de pesquisa um estudo voltado a títulos de notícias em jornais online sobre o mundo pós “11 de Setembro”. Inserido na interface tradução-jornalística, conforme tendência atual interdisciplinar em meio acadêmico, destacou-se o fato de as pesquisas no campo dos estudos da tradução enfatizarem elementos sempre voltados a um texto-fonte, mesmo no contexto da interface, enquanto na área jornalística os estudos sobre titulação enfatizarem a função maior dos títulos como resumos das notícias, vinculados também ao texto noticioso que representam. Mesmo em obras referentes à tradução funcional de títulos (NORD, 1993) abrangendo sua função, dificuldades lexicais, sintáticas, pragmáticas, contexto e características de gênero textual não há menção

específica ao título jornalístico ou a sua função narrativa. Essa constatação revelou também um número pequeno de estudos sobre títulos constituindo, geralmente, um item apenas dentro de um universo maior de pesquisas acadêmicas.

Nesse sentido, a proposta desta tese, além de voltar seu estudo aos títulos como foco principal, foi a de utilizá-los como elementos únicos para reconstruir a narrativa dos eventos que sucederam os ‘atentados terroristas de “11 de Setembro”’ entre os anos de 2001 a 2009. Para tanto, propôs-se também a coleta dos títulos nos bancos de dados de dois jornais representativos do contexto norte-americano e brasileiro - as versões online do NYT e da FSP.

Como problema de pesquisa questionou-se o fato de o título ser visto apenas como um elemento acessório no âmbito dos estudos que privilegiam o texto como fonte maior de análise no campo dos estudos da tradução, além de ser considerado um elemento cristalizado na função, aparentemente única, de atrair a atenção do leitor para o texto da notícia, no universo jornalístico. Porém, se o título exerce essa função de encantamento e sedução a ponto de concretizar a leitura da notícia, sua representatividade pode e deve ser considerada maior até do que o próprio texto, visto que sem o título o leitor não sabe da existência da notícia e, conseqüentemente, não se interessa por ela.

A este questionamento foram unificadas premissas que se mostraram pertinentes ao longo da pesquisa, vinculadas à argumentação teórica da tese, a saber: i) o código linguístico não é a única variável envolvida no processo de produção textual; do contrário a tradução seria meramente uma transcodificação isenta e o jornalismo a representação imparcial dos fatos; ii) os paralelos entre tradução e jornalismo permitem compreender a tradução como tradução e representação cultural de fatos noticiosos; iii) os títulos tecem histórias paralelas que também se configuram como traduções dos fatos noticiosos e, iv) o texto tecido responde aos modelos de Esser (1998) e Nord (1991), (re)contextualizando os fatos para o leitor.

A partir destas premissas e do tema proposto, foram estabelecidas duas hipóteses de pesquisa: a primeira afirmando que a sequencialidade dos títulos construiria uma narrativa, cuja modalidade retórica seria predominante argumentativa para o NYT e predominantemente informativa para a FSP e a segunda de que o novo texto construído representaria, culturalmente, os eventos ocorridos após o “11 de Setembro” através das escolhas lexicais e de categorias da narrativa que, por sua vez, revelariam também a maneira como o leitor fora construído, culturalmente, segundo a perspectiva dos jornais analisados.

Resultado da relação de interdependência entre as hipóteses, o questionamento central da tese era se os textos formados pelos títulos destes jornais construiriam, efetivamente, essa narrativa configurada como tradução dos eventos e em caráter diacrônico. No contexto desta lógica, questionamentos subjacentes surgiram referentes: à diferença numérica (constante ou não) entre os *corpora* coletados; às diferenças lexicais significativas capazes de revelar marcas culturais em enunciados sintéticos; ao fato de se o pesquisador poderia não recorrer ao texto da notícia contando apenas com as informações providas pelos títulos; ao fato de se as categorias narrativas e o léxico conseguiriam revelar um leitor prospectivo e qual o tipo de narrativa que as novas traduções construiriam.

Em seguida, confrontando a literatura jornalística e tradutória com trabalhos acadêmicos envolvendo a titulação, formulou-se a tese que os títulos do NYT e da FSP poderiam tecer uma nova narrativa histórica a respeito do mundo pós “11 de Setembro” e que, devido às escolhas lexicais e as categorias narrativas distintas e resultantes dos contextos culturais envolvidos, esse novo texto formado seria compreendido como a tradução destes eventos, revelando marcas culturais específicas e um leitor culturalmente prospectivo.

Buscando validar a tese proposta formulou-se o objetivo geral envolvendo a produção desta nova narrativa e a análise dos elementos lexicais e narrativos que comprovassem o deslocamento de enfoque dados aos fatos ao longo destes oito anos e, conseqüentemente, a sua representação cultural enquanto tradução dos fatos. Deste, foram elaborados objetivos específicos, fundamentados nos questionamentos da pesquisa descritos anteriormente, como forma de delimitar o estudo para a comprovação da tese. A fim de alcançar os objetivos, respondendo aos questionamentos propostos e testando as hipóteses, desenvolveu-se uma metodologia de análise coerente com o modo de atuação do funcionalismo em tradução, isto é, partiu-se do maior (a coleta de dados integral) para o menor (o refinamento do objeto de pesquisa), conforme também o uso da pirâmide invertida para o relato jornalístico e as sistematizações de Nord (1991) e Esser (1998) que partem ambas, do entorno social para as estruturas internas da produção tradutória e jornalística, respectivamente.

Como forma de sustentar as análises, o argumento teórico foi articulado em três eixos principais, a saber: a teoria enunciativa; a teoria da representação cultural em tradução e o discurso como narratividade jornalística. Sendo assim, num primeiro momento discutiu-se a linguagem e a enunciação como o entorno de aproximação entre as áreas da tradução e do jornalismo e também processos formadores de sentido vinculados a um contexto sócio histórico. Em seguida, foram abordados aspectos da interface

tradução-jornalismo dentro da qual se insere o conceito da tradução como representação cultural, cujas bases são fundamentadas na teoria enunciativa e, por fim, foram apresentadas algumas funções atribuídas aos títulos, inclusive na área dos estudos tradutórios e também considerações sobre a narratividade jornalística, ou seja, o modo de narrar do jornalismo deslocada para a área do discurso como construto do real. Uma vez estabelecidos estes parâmetros, foi possível construir os textos e reconstruir a historicidade inerente aos eventos que desdobraram a partir dos eventos deflagrados em 2001.

Na busca por respostas aos questionamentos propostos, surgiram duas constatações. A primeira é que, em alguns momentos, não foi possível empregar unicamente as informações contidas nos títulos para organizar a narrativa, especialmente nos últimos quatro anos (2006-2009). Isto se explica porque à medida que os eventos foram, gradativamente, perdendo lugar na mídia e se afastando do referente (2001), o contexto maior também se perdeu fazendo com que o leitor ou, neste caso, o tradutor (primeiro leitor do texto) passasse a não compartilhar dos fatos como nos quatro primeiros anos. Isso acabou gerando lacunas espaciais e temporais que dificultaram a busca por elementos de coesão e coerência necessários para manter a narratividade.

No entanto, recorrer ao corpo da notícia não invalida as hipóteses no sentido de que a análise e produção textual, à luz do funcionalismo e da teoria enunciativa, preveem o contexto (o entorno social, o texto noticioso) como lugar de produção de sentidos, ou seja, o espaço em que novos significados são construídos de acordo com as circunstâncias. Vinay e Dalbernet (1995, p.147), por exemplo, ressaltam a importância de observar o sentido dos títulos no processo tradutório em razão de fazerem referência ao contexto e a marcas culturais extralinguísticas. Em outras palavras, recorrer ao contexto reitera uma postura tradutória que subjaz a tese permitindo que o texto, inserido num contexto situacional específico, funcione culturalmente para o leitor final, além de marcar a própria postura do tradutor como investigador cuidadoso, um intelectual, que busca em outros saberes fundamentações e explicações para o seu projeto de tradução.

A segunda constatação refere-se à grande parte dos trabalhos acadêmicos que analisam os títulos como um aspecto a mais para a produção/análise textual, destinando a eles apenas um capítulo dentro de um universo maior de pesquisa voltado a outros temas. Neste caso, o leitor pode argumentar que este estudo segue a mesma tendência, em razão do Capítulo 4, o que poderia gerar uma impertinência quanto à construção do argumento teórico. Isso, porém, não se verifica. O fato de apenas um capítulo detalhar a origem e funções do título não significa que os outros não estejam

interligados a ele, mas sim que o abordam sob diferentes aspectos: enunciativos, textuais e tradutórios e, finalmente, jornalísticos, em razão de terem sido coletados nesta área. Ressalta-se ainda que este estudo insere-se no campo da tradução, perspectiva de onde se analisa o *corpus* como elemento central para o processo tradutório nesta proposta. É nesse sentido que Nord (1993) comenta sobre a dificuldade em se traduzir títulos de qualquer espécie (literários, poéticos, fictícios ou não), visto que o título, por sua natureza predominantemente sintética, tem o poder de ativar no leitor todo um conjunto de esquemas cognitivos e de memória, capazes de torná-los significativos na leitura, isto é, capazes de serem facilmente reconhecidos com estando relacionados a determinados fatos previamente conhecidos – daí a importância do contexto para que construam sentido e daí a distância, neste caso, dos títulos do NYT e a dificuldade de compreendê-los em muitos momentos.

Para (re)construir a narrativa, e cumprir com o objetivo geral, optou-se, seguindo as etapas metodológicas descritas no Capítulo 5, por inserir os títulos em pequenos blocos ao longo do texto sem alterar o layout dos mesmos, como forma também de demonstrar o tratamento diferenciado dado pelos jornais quanto a sua elaboração o que, por si só, já seria representativo de um deslocamento de enfoque. Nesse sentido foi conduzida também a verificação das escolhas lexicais (que representam o fato linguística e culturalmente) à medida que o texto ia sendo construído, visto que as estratégias empregadas pelos jornais eram significativas. Dessa maneira foi possível comprovar as hipóteses formuladas.

Os resultados obtidos com os dois textos finalizados demonstram que, quando vistos em conjunto os títulos ampliam sua função primeira de resumir a notícia e ativar os conhecimentos prévios do leitor para a função maior de narrar o fato, bem como suas consequências. Sendo assim, é possível produzir um novo texto que atua de forma paralela à notícia sem que se deixe de contextualizar os fatos para o leitor. Já as escolhas lexicais revelaram a recorrência do NYT quanto ao uso de substantivos, adjetivos, inversões sintáticas e títulos em maiúsculas, além da ausência de modalizadores e discurso indireto para representar o fato. Por outro lado, a FSP incorreu no uso frequente de verbos performativos e constatativos, modalizadores e discurso indireto, evidências de um enfoque (representação) diferenciado conferido aos eventos que sucederam o referente em 2001. Estes dados reiteraram posteriormente a predominância da modalidade retórica argumentativa para o NYT, cujos textos são todos assinados, e informativa para a FSP, cujas reportagens não trazem o nome do jornalista. Convém lembrar que as modalidades retóricas governam *o que e como* as ideias são discursivamente organizadas, enfatizando o

entrelaçamento linguagem-cultura (AZENHA, 1999). Essas modalidades evidenciadas pelos relatos do NYT e da FSP atuam como estratégias discursivas, no sentido de criarem no imaginário do leitor uma atitude de aceitação e não de ruptura com a sequência narrativa dos eventos. Portanto, não se verifica nenhuma cisão entre informação e argumentação conforme argumentariam Chaparro (2007) e Charaudeau (2009), mas tão somente o posicionamento dos jornais através da *dispositio* (disposição das ideias); da *elocutio* (expressão apropriada para essas ideias) e, logicamente da *memoria* dos fatos inculcada sobre os leitores.

Essas modalidades ficaram evidenciadas também nas categorias narrativas que demonstraram não só uma temática específica abordada pelos jornais como também a predominância de certos personagens e cenários que ou desapareceram gradativamente ou ganharam projeção ao longo da narrativa, caso de George W. Bush, Barack Obama, bin Laden, Inglaterra, Paquistão, Afeganistão e Iêmen. Assim, portanto, a representação cultural dos fatos, através dos textos formados pelos títulos, é confirmada através de um conjunto de fatores, a saber: número de títulos publicados; escolhas lexicais empregadas; temática predominante na narrativa; função de ambos os textos; personagens e cenários com ênfases distintas; modalidades retóricas específicas. Com efeito, Bakhtin (2002) afirma que a interação e a troca não residem somente no nível da informação, mas também nas mensagens e significados propagados por ela. Essa constatação permite afirmar que a narrativa de ambos os jornais se constitui, na verdade, da tradução dos desdobramentos de 2001 no sentido de que a tradução é em si um ato discursivo, cujo objetivo maior é criar efeitos de sentido sobre um leitor prospectivo.

Alcançado, portanto, o objetivo geral foi possível responder aos questionamentos e, conseqüentemente, cumprir com os objetivos específicos:

- O léxico revela marcas culturais mesmo dentro da concisão dos títulos e,
- Recorrer ao contexto é necessário, conforme já constatado, visto que nele são encontrados dados geradores de significados, o que não invalida em nenhum momento a tese proposta, visto que cada enunciado deriva de outros enunciados (BAKHTIN, 2000, p.291). Assim, portanto, é fácil reconhecer que os títulos são determinados pelas situações comunicativas (local, tempo, meio, propósito) nas quais estão inseridos.

Duas outras considerações se fazem necessárias em relação aos questionamentos secundários. A primeira diz respeito ao grau de

afastamento das informações traduzidas pelos títulos em relação ao referente. A medida que se afastam, diminuem gradativamente oscilando, para o NYT, em 2006 (marcado por desdobramentos de ações ocorridas em anos anteriores como o julgamento e morte de Saddam Hussein; a entrega de relatórios sobre a guerra iraquiana e a revelação de torturas em prisões norte-americanas no Iraque); 2008 (o ano em que Barack Obama é eleito presidente e 2009 (o ano em que as tropas norte-americanas começam a deixar o Iraque e novas estratégias são planejadas para a guerra. Para a FSP as oscilações ocorrem apenas em 2008 e 2009 e pelos mesmos motivos. Já as categorias narrativas e o léxico revelam um leitor prospectivo e diferenciado, em razão das modalidades retóricas predominante; afinal, a interpretação é o que constitui a significação. Na recepção fica evidente a dependência funcional do título sobre o leitor, pelas experiências e inferências que este coloca em prática no momento da leitura. Já a narrativa é, ao mesmo tempo, circunstancial (um evento caracterizado num determinado momento sócio-histórico-cultural) e contextual (sujeitos, situações, significações e memória evocadas para os leitores) e não mais finita ou estática como afirma Newmark (1981, p.159).

Respondidos os questionamentos e confirmadas as hipóteses valida-se a tese de que os títulos tecem uma nova narrativa para os fatos noticiosos, traduzindo os mesmos de maneiras culturalmente distintas. Isto porque diferentes leituras e traduções respondem à dinâmica da própria cultura e da língua; logo, um mesmo texto funciona de maneiras diferentes em culturas e temporalidades específicas conforme sugerem Nord (1997b) e Bakhtin (apud SOBRAL, 2009, p.90). Com efeito, e a partir da intencionalidade que nasce das relações fundantes através da linguagem, lembramos o a afirmação de Sobral (2008, p. 57) sobre o fato de que traduzimos discursos e não apenas palavras. Assim, se pensamos a tradução como representação cultural não podemos ignorar a força valorativa das marcas que constituem os textos e as identidades de seus interlocutores. Isso possibilita, a nosso ver, pensar a representação cultural a partir da própria relação interlocutória entre sujeitos e instituições sociais (caso do jornalismo), ponto que motiva a intencionalidade e a construção da realidade através da organização (narração e representação simbólicas) dos fatos, ou seja, do que antes se encontrava disperso no mundo real. Nesse contexto, o título é visto como uma unidade tradutória, cuja funcionalidade satisfaz as convenções da cultura de chegada e as expectativas do leitor, além de manter a fidelidade a sua intenção do autor/emissor (neste caso ao fato-fonte, num contexto ampliado), conforme Nord (1991, p.48-9). Nesse sentido o título ganha duas outras

funções que expandem os limites da própria estrutura linguística: títulos podem narrar fatos e traduzi-los culturalmente.

A isso se soma mais uma constatação conferida pela tese: o conceito de mundo. Inicialmente restrita ao título de seção do jornal e ao mundo em que vivemos, a concepção de mundo também se torna discursiva e estratégica, o que significa dizer que, a partir da construção dos novos textos tecidos com os títulos do NYT e da FSP; da tradução como ato de língua e da narratividade deslocada para o campo do discurso (SOARES, 2009), o mundo pós “11 de Setembro” passa a ser ele mesmo construído e representação do real do ponto de vista desses jornais. Essa dinâmica explica, portanto, a tradução como uma categoria textual diferenciada, independentemente de sua modalidade (técnica; literária; poética; jornalística), em razão de existir sempre num momento único de diálogo que se estabelece entre diferentes contextos e culturas.

7.1 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Conforme Soares (2009, p.29), quando se superam os limites de um discurso, outros se abrem a partir das novas margens estabelecidas pelo anterior e, assim, sucessivamente. Nesse sentido, entende-se que uma tese é apenas um primeiro momento de um processo dialético que pode se tornar ininterrupto e gerar novas proposições e estudos, como bem diz Genette na epígrafe deste capítulo. Isso significa que o objeto de estudo se reinventa constantemente, pois jamais está plenamente finalizado. A fim de que os títulos sejam testados em outras línguas, outros jornais e vinculados a outros assuntos em dimensões temporais diversas não contempladas nesta proposta e sempre dentro de uma perspectiva tradutória, sugere-se como desdobramentos as seguintes proposições em jornais online e/ou impressos e em pares linguísticos diversos:

- Estudo da(s) função(ões) dos títulos (NORD, 1993; 1995; 1997b) e da construção de narrativas tradutórias sobre eventos jornalísticos sincrônicos, coletados num mesmo ano ou mês, analisando também marcas culturais ;
- Testar a função narrativa dos títulos com outros fatos jornalísticos como a Copa do Mundo, por exemplo, em caráter sincrônico e/ou diacrônico, tendo a sintaxe como ferramenta para demonstrar o deslocamento de enfoque e marcas culturais nos títulos;

- Estudo enfatizando as pressuposições envolvidas na interpretação do leitor sobre os títulos e a interferência histórica, política e cultural nesse processo de construção de sentidos e de tradução funcional;
- Estudo sobre textos e títulos em conjunto, num espaço de tempo delimitado, a fim de se analisar como o texto traduz o fato (lexical ou sintaticamente) e como o título traduz este mesmo fato ativando as pressuposições do leitor.

Com estas propostas enfatizamos a questão maior da pesquisa científica e acadêmica: renovar, contestar e ampliar o conhecimento já existente e de maneira constante. Convidamos, então, o leitor para retomar a epígrafe desse trabalho (DERRIDA, 1986, p.127) retextualizada considerando as traduções construídas com os títulos: um texto não é um conteúdo limitado por suas margens, mas sim uma rede diferencial, uma trama de marcas culturais, contextuais, circunstanciais e enunciativas que remetem sempre a outras marcas, infinitamente.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação a grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ANTUNES, Elton. **Videntes Imprevidentes: temporalidade e modos de construção de sentido de atualidade em jornais impressos diários**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea, UFBA, 2007. *Unpublished*.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática.** São Paulo: Atica, 2007.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Tradução de Danilo Marcondes de Souza filho.

_____. **How to do things with words.** Oxford University Press, 1962.

AZENHA Jr., João. **Tradução Técnica e Condicionantes Culturais: Primeiros Passos para um Estudo Integrado.** Humanitas: FFLCH/USP, 1999.

BAHKTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes 2000. Tradução feita a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo, Hucitec, 1992. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lucia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz.-

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. Tradução de Paulo Bezerra.

_____. **Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?** In: MENDES, M. (org.) **Tradução e Multidisciplinaridade.** Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BARTHES, Roland et. alli. **Análise estrutural da narrativa.** 4ª ed., Petrópolis: Vozes, RJ, 1976. Tradução de Maria Zelia Barbosa Pinto.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1988, p.284-293. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri.

BRANCO, Sinara de Oliveira. **The application of Chesterman's (1997 & 2000) translation strategies to the analysis of translated online news reports following Nord's (1991 & 1997) functionalist approach**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em inglês e literatura correspondente da Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Unicamp, 1997.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 61-78.

BRUNING, R.H.; RONNING, R.R.; SCHRAW, G. J. **Cognitive Psychology and Instruction**. 4ª ed., Ohio: Prentice Hall, 2003.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. 3ª Ed., São Paulo: Summus, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto. Tradução de Ângela N. S. Corrêa, 2009.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da Reportagem Impressa: um curso sobre sua estrutura**. 2ª ed., São Paulo: Ática, Série Fundamentos, 1995.

COMASSETTO, Leandro. **As razões do título e do lead**. Concórdia: UNC, 2003.

DELISLE, Jean e WOODSWORTH, Judith. **Os Tradutores na História**. São Paulo: Ática, 1998. Tradução de Sérgio Bath.

DERRIDA, Jacques. Survivre. Journal de bord. In: DERRIDA, J. **Parages**. Paris: Galilée, 1986.

DITTRICH, Ivo José. **Retórica dos títulos em reportagens impressas**. Comunicação & Educação, USP - São Paulo, v. 01, p. 20-25, 2006.

DIK, Simon. **The Theory of Functional Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. Revisão da Tradução: Eduardo Guimarães

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5ª ed., São Paulo, Ática, 1991.

ESSER, Frank. **Die Kräfte hinter den Schlagzeilen: Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich**. München: Verlag Karl Albert, GmbH. Freiburg, 1998.

FAUSTO NETO, A. **Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazua no discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FERRARI, Maria Helena e SODRÉ, Muniz. **Técnica da reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo, Summus, 1986.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 3ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.

FERREIRA, Marcio Poetsch. **A retórica do título e o polemismo: o desafio da conquista da atenção do público leitor no contexto da comunidade blogueira**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação Social da PUC-RS, 2009.

FIRTH, John. **Personality and Language in Society**. *Sociological Review*, 1957, nº 42, p.37-53.

FONTCUBERTA, Mar de. **Pistas para compreender o mundo: a notícia**. Coleção Media e Sociedade. Lisboa, 2002. Tradução de Fernando Cascais.

FOWLER, Roger. **Language in the News: discourse and ideology in the press**. Routledge, London, 1991.

FRANZON, Erica. **Os valores-notícia em telejornais**. Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

GANCHO, Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002– série princípios.

GANS, H. **Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time**. New York: Vintage Books, 1980.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Ed. du Seuil, 1982.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Hacker Editores, Edusp, 2000.

GUERINI, Andréia e FURLAN, Mauri. **História da Tradução**. Material didático utilizado na programa de pós-graduação em estudos da tradução, PGET/UFSC, 2002. *Unpublished*.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to Functional Grammar**. 2ª ed., Edward Arnold: London, 1994.

JORGE, Thais de Mendonça. **A notícia em mutação: estudo sobre o relato noticioso no jornalismo digital**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Jornalismo, UnB, 2007. *Unpublished*.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os Segredos do Texto**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOVAC, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**. 2ª ed., São Paulo: Geração Editorial Trad.: Wladir Dupont, 2004.

KRISTEVA, J. **Historia da Linguagem**. Coleção Signos, Lisboa, 1974.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2001.

_____. **Linguagem Jornalística**. 5ªed., Editora Ática, Série Princípios, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 10ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. Barueri: Manole, 2004.

LOPES, Lina Gameiro. **A tradução de textos – dificuldades e problemas**. Confluências: Revista de tradução científica e técnica, n. 02, p. 109-111, Maio, 2005. Disponível em: <http://www.confluencias.net/cfl/2008/04/> . Acessada pela última vez em: Setembro, 2010.

LONARDONI, Marines. Aconteceu, virou manchete – um estudo dos vetores de manchetes jornalísticas. In: VASCONCELLOS, Silvia Inês C.C. de. (org.). **Os discursos jornalísticos**. Itajaí: Editora da Univali; Maringá, Eduem, 1999a.

_____. A Submanchete em foco: suas funções no discurso jornalístico. in: VASCONCELLOS, Silvia Inês C.C. de. (org.). **Os discursos jornalísticos**. Itajaí: Editora da Univali; Maringá: Eduem, 1999b. LOURO, Inês da Conceição dos Anjos. **Título de revista: Algumas Estratégias de Construção - Um estudo Contrastivo de Revistas Brasileiras e Americanas**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. USP., 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. São Paulo: Pontes: Editora da Unicamp, 1989. Tradução de Freda Indursky.

MALINOWSKIB. The problem of meaning in primitive languages. In: OGDEN, C.K. & RICHARDS, I.A. **The Meaning of Meaning**. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1923.

MANDLER, George. **Cognitive Psychology. An essay in Cognitive Science**. University of California, San Diego. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, Hillsdale, New Jersey, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Cognição, linguagem e práticas internacionais**, Lucerna, RJ, 2005.

MARTINS, Eduardo. **O Estado de São Paulo – Manual de Redação e Estilo**. 3ªed., São Paulo: 1997.

MARTINS, Márcia A.P. **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

MATTELART, M. & MATTELART, A. **O Carnaval das imagens**. São Paulo: Brasiliense, 1989. Tradução de Suzana Calazans.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. Coleção Novas Buscas em Comunicação, volume 24.2ª ed., São Paulo: Summus, 1988.

MEDITSCH, Eduardo. **Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação - ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo**. Comunicação originalmente apresentada ao Grupo de Estudos em Jornalismo no X Congresso da Compós, em Brasília, 2003.

MEQUELETTI, Eliane. **Na leitura de títulos, sobre títulos e subtítulos: A construção de efeitos de sentido**. Web Revista Discursividade – Estudos linguísticos, Núcleo de Estudos em Análise do Discurso, NEAD, n.06, Julho/2010. Disponível em:

<http://www.cepad.net.br/discursividade/EDICOES/03/arquivos3/04%20Eliane%20Aparecida%20Mequeletti.pdf> Acessada pela última vez em Set. de 2010.

MITTMANN, Solange. **O processo tradutório: uma reflexão à luz da análise do discurso**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em letras da UFRGS. Porto Alegre, 1999, 231 pgs.

MOHERDAUI, Luciana. **Guia de estilo WEB: produção e edição de notícias online**. 3ª ed., São Paulo: SENAC, 2007.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. NY: Routledge, 2002.

NETO, José Borges. **Ensaio de Filosofia da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática Funcional**. Coleção: Texto e Linguagem. Martins Fontes, São Paulo, SP, 2004.

NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation**. Pergamon Press, Oxford: England, 1981.

NOBREGA, Maria Helena da. **Análise funcional de advérbios e adverbais modalizadores no texto jornalístico**. Tese apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas –USP – São Paulo, 2000.

NORD, Christiane Nord. **Translating as a Purposeful Activity: functionalist Approaches Explained**. St Jerome Publishing, Manchester, UK. 1997(a)

_____. **Text Analysis in Translation**. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1991. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow.

_____. Defining Translation Functions: The Translator Brief as a guideline for the trainee translator. *In: Ilha do Desterro: Translation Studies in Germany*. Edited by LÖRSCHER Wolfgang, Editora da UFSC, p. 39-53, 1997 (b).

_____. **Text-functions in translation. Titles and Headings as a Case in Point**, *Target* 7:2, 1995, p. 261-284.

_____. Funcionalismo y lealtad: algunas consideraciones en torno a la traducción de títulos. In: RADENS, Margot & CONESA, Juan (eds.) **II Encuentros Complutenses en torno a la traducción**. Madrid, 1990, p.153-162.

_____. La traducción como actividad intencional: conceitos, crítica, malentendidos. In: TRIGO, Elena Sánchez & FOUNCES, Oscar Díaz (eds.) **Traducción e Comunicación**. Vol.3, Vigo: Servicio de Publicaciones, 1992, p.109-124.

_____. **Einführung in das funktionale Übersetzen: am Beispiel von Titeln und Überschriften**. Tübingen: Basel: Francke, 1993.

NOVO MANUAL DA REDAÇÃO. Folha de São Paulo, 7ªed., 1998.

NUNES, Carlos Alberto. **Notícia e Linguagem**. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

PINHO, Jorge B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação online**. São Paulo: Summus, 2003.

PINHO, Jorge M. C. A. e. **Tradutor – em busca de novos rumos**. Cadernos de Tradução. n. 14, pp.209-228, 2004.

POLCHLOPEK, Silvana. **A Interface Tradução-Jornalismo - Um Estudo dos Condicionantes Culturais e de Verbos Auxiliares Modais em Textos Comparáveis das Revistas Veja e Time**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, 2005. *Unpublished*.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis, Insular, 2005.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Designação: A arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais**. Revista de Estudos Linguísticos, vol.32, p.1-4, 2003. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr006.htm>. Acessada pela última vez em: Set. de 2010.

REISS, Katharina. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**. Munich, Max Heuber Verlag, Heuber Hochschulreihe, 1970.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo, Ática, 1988.

RODRIGUES, A. D. **Delimitação, natureza e funções do discurso midiático**. In PORTO, S. Dayrell (org). **O jornal: da forma ao sentido**. Coleção Comunicação. Editora UnB, 2ª ed. Tradução de Sergio Grossi Porto, 2002.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e Diferença**. São Paulo: UNESP, 2000.

RODRIGUES, Ernesto. **No próximo bloco**. São Paulo: Loyola, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, Col. Comunicação, 2003.

SIGNORINI, Inês (org.) **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. 2ª ed., São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Edna Lúcia da & MENEZES, Estera M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Dissertação**. 4ª ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Gislene. **Jornalismo Científico: a prática jornalística como exercício de entendimento do mundo**. Monografia apresentada para o concurso de professor adjunto do departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

_____. **Narratividade Jornalística**. Comunicação Coordenada apresentada ao III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, de 27 a 29 de novembro de 2005, Florianópolis/ SC. Disponível em CD ROM.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies: an integrated approach**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1988.

SOARES, Rosana de Lima. **Imagens veladas: AIDS, imprensa e linguagem**. São Paulo: Anna Blume, 2001.

_____. **Narratividade Jornalística**. Comunicação Coordenada originalmente apresentada no III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR. Florianópolis, SC. CD ROM. **Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, p. 1-15, 2005.

_____. **Margens da Comunicação: discurso e mídias**. São Paulo: Annablume, 2009.

SOBRAL, Adail. **Dizer o mesmo aos outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

_____. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA FILHO, Gelson Amaro de. **Jornalismo On-line: Guia Teórico e Prático**. Disponível em <http://www.webjornalismo.cjb.net>, 2006. Acessado pela última vez em Março de 2010.

SOUZA, Daniel Moreira de. **Animadas personagens brasileiras [recurso eletrônico]: a linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro**. Dissertação apresentada ao Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006b. Acesso pelo link: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0410891_06_Indice.html. Acessada pela última vez em Novembro de 2009.

SQUIRRA, S. **Jornalismo Online**. São Paulo: ECA-USP, 1998.

STRAUHS, Faimara do Rocio. **Gestão do conhecimento em laboratório acadêmico: proposição de metodologia**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. *Unpublished*.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no séc. XX**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2001.

van DIJK, Teun A., **Macrostructures: an interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition**, Hillsdale, N.J.: L. Erlbaum Associates, 1980.

_____. **News as discourse**, Hillsdale, NJ : L. Erlbaum Associates, 1988.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies – and beyond**. Amsterdam and Philadelphia, PA: John Benjamins, 1995.

VERMER, Hans. **Skopos und Translationsauftrag**. Heidelberg: Institute für Übertsetzen und Dolmeschen, Universität Heidelberg, 1986.

WARD, Mike. **Jornalismo Online**. São Paulo: Roca, 2006. Tradução de Silvana Capel dos Santos.

WEININGER, Markus. **A Verbalklammer: estruturas verbais descontínuas em alemão**. Tese apresentada ao departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2000.

VINAY Jean Paul; DARBELNET, Jean. **Comparative Stylistics of English and French: a methodology for translation**. Philadelphia: John Benjamins, USA, 1995.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução de: Karina Jannina.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato a reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural**. Tese apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ZIPSER, Meta Elisabeth & POLCHLOPEK, Silvana. **Introdução aos Estudos da Tradução**. Curso de Licenciatura de Letras Inglês na Modalidade a Distância. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2009.

APÊNDICE A – CARACTERÍSTICAS GERAIS DA LINGUAGEM JORNALÍSTICA

No jornalismo, a linguagem não é apenas um campo de ação, mas a sua dimensão constitutiva. É a condição pela qual o jornalista constrói o efeito, a sensação de real para o leitor. Neste sentido, a *enunciação jornalística* é bastante singular em função de esse campo deslocar-se sempre como um lugar que *retrata* e cria o lugar do Outro, a partir de leis e regras determinadas. A primeira tentativa dessa enunciação é reconhecer as expectativas do leitor através dos valores notícia presentes em seu entorno social. Esses valores são atributos concedidos ao fato e que lhe agregam o poder de “virar notícia”. Já a segunda é superar a limitação do imediatismo que, ao se tratar do jornalismo online, vem conseguindo desenvolver estratégias discursivas para dar conta do real.

Mas, o que garante a eficácia da adesão do leitor à matéria jornalística é também, segundo Lage (1993, p.25), o *como* a notícia argumenta os constituintes do fato, sua maneira de persuadir o leitor a aceitar a notícia como retrato fiel dos fatos. De acordo com van Dijk (1980, p.125) isso é possível porque persuadir não implica necessariamente argumentar de forma clara: "Os argumentos explícitos ou implícitos influem

no trabalho cognitivo que realizamos quando consideramos a aceitação de uma proposição afirmada pelo falante". Portanto, segundo van Dijk, o jornalista se vale da natureza factual dos acontecimentos, da construção de uma estrutura relacional sólida para o relato, tornando-o familiar ao leitor mesmo sendo novo. Dessa maneira, o jornalista é capaz de organizá-los em narrativas, por exemplo, inserindo na informação atitudes e emoções que não só facilitam a memorização como também motivam certos comportamentos que favorecem ainda mais o papel da imprensa de informar e formar opiniões.

Em virtude disto, o caráter de novidade contido em uma notícia é limitado, além de ser consequência direta de pressuposições que sustentam a continuidade da informação na mídia tal como ocorreu nos primeiros dias que se sucederam ao "11 de Setembro" e em relação a especulação sobre quem os tinha planejado, porque e que tipo de retaliação viria decorrente disso por parte dos Estados Unidos.

A seleção dos acontecimentos pressupõe, da parte do jornalista e a exemplo das escolhas do tradutor, um julgamento em grande parte implícito, acerca da relevância e do seu interesse para o público, julgamento este relacionado a uma visão de mundo própria do jornalista e também compartilhada com o leitor. Portanto, ao enunciar o jornalista parte do pressuposto de que o leitor tem interesse em conhecer o que relata. Com essas pressuposições, o relato jornalístico prima pelo seu valor e função referencial, pressupõe a veracidade e a autenticidade dos fatos; a exemplo do que ocorre com o tradutor e o seu cliente, há uma espécie de contrato também entre leitor e jornalista nesta medida. Mas, como garantir que a notícia atinja o maior número possível de leitores, com um grau mínimo de ambiguidades, apreendendo o seu sentido a partir da experiência de mundos vividos e situados dentro de horizontes heterogêneos? Como garantir que o leitor final construa sentidos a partir do texto traduzido?

É no processo de recepção, mediante um conjunto de regras e de instruções construídas pelo campo da produção do discurso jornalístico que se consolidam os princípios da área e o papel do jornalista e também do tradutor. Ao pensar nesse processo de recepção do leitor, escolher ângulos, focos e selecionar a ordem das informações que irão compor o relato da notícia quebra com a mística de um jornalismo intocável, conforme discutido também por Esser (1998), até mesmo porque a notícia (ou o jornalismo) não se traduzem apenas por técnicas de redação, mas talvez e principalmente pelo poder de decisão que envolve selecionar as informações as quais o público vai ou não ter acesso. Por outro lado, princípios como: neutralidade, equilíbrio, imparcialidade, independência, verdade, clareza, exatidão, liberdade, objetividade são, ainda, vistos como

essenciais à prática, mas não circunscrevem a atividade em si (TRAQUINA, 2003; ABRAMO, 2003; ERBOLATO, 1991; KOVACH, 2004). Servem apenas como pilares que poderíamos chamar de ‘filosóficos’, isto é, subjetivos ao jornalista, para demarcar a profissão e definir sua função primeira que, de acordo com Kovach (2004, p. 31) é, “fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar”.

Essas demarcações existentes na prática jornalística podem ainda ser substituídas pela ética que atua como um “reforço de contornos próprios para o jornalismo de cada cultura” (ZIPSER, 2002, p.29). Atualmente disciplinas relacionadas às teorias do jornalismo buscam associar à ética e esses princípios como diretamente associados ao jornalista através da disciplina da checagem de dados, fontes e através do compromisso pessoal com o leitor, não mais exclusivamente com a prática coordenada pelas redações. Sobre essa questão, comenta Eugênio Bucci:

Todo jornalista, de repórter ao editor, seleciona e dá pesos diferentes aos elementos de informação que passam por suas mãos. Isso é inevitável (...) e representa o exercício de considerável poder: o de decidir como determinado aspecto da realidade será apresentado à opinião pública. A primeira questão ética que se põe para o jornalista é aprender a não abusar desse poder (...) (cf O Globo: Manual de redação e estilo, *apud* Bucci, 2000, p.209).

Objetividade é sinônimo de neutralidade, mas de acordo com o *Novo Manual da Redação da Folha de São Paulo* (1998, p. 19) “não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções”. Continua, então, o manual com a receita de credibilidade: “[escrever com] Exatidão. Qualidade essencial do jornalismo. A credibilidade de um jornal depende da exatidão das informações que publica e da fiel transcrição de declarações. Seja obsessivamente rigoroso”. (*Novo Manual da Redação da Folha de São Paulo*, 1998, p. 19). Entretanto, conforme Soares (2001, p.25-6) os jornalistas, enquanto sujeitos falantes organizam as notícias que relatam

anulando qualquer pretensão à neutralidade pela simples razão de que os fatos são mediados pela linguagem para que possam existir.

Já o manual dO *Estado de São Paulo* (MARTINS, 1997, p.118) compreende a neutralidade como sinônimo de distanciamento e frieza, “o que não significa nem apatia e nem desinteresse”, conduzindo a reportagem de tal forma que o leitor possa tirar suas próprias conclusões dos fatos, lembrando aos profissionais que “(...) o jornal tem leitores de todas as tendências, raça, credos e religiões. Por isso, procure sempre ser isento no noticiário (...)”. Das instruções contidas nesses dois manuais, a conhecida “teoria do espelho”²⁵ que entende que as notícias são como são porque é assim que a realidade as determina, encontra o seu fim. O jornalismo é, portanto e a exemplo da tradução, produção de sentidos e, se não se pode relatar o fato da maneira mais exata, a obrigação do jornalista-tradutor é, pelo menos, “falar a verdade”, relatando o assunto da melhor maneira possível.

Para Silva (2002, p.8), a linguagem ou o discurso jornalístico é um elemento que auxilia a busca de respostas para compreender, o que denomina de “*matéria do jornalismo*”. A inserção do texto jornalístico exige que os profissionais da imprensa obedeçam a padrões institucionais estabelecidos, visando informar e formar o cidadão. Nesse sentido, ainda que o relato jornalístico não de conta do real, mas apenas de um efeito ou sensação de, as *marcas* do enunciador precisam se organizar de tal forma que essa sensação continue presente não só no momento em que o fato ocorre, mas principalmente através dos seus desdobramentos na imprensa. Estas marcas podem ser entendidas de duas maneiras: através de padrões que demarcam o discurso ou a linguagem jornalística e através de filtros culturais empregados pelo jornalista para aproximar o fato do leitor. Vejamos os padrões citados por Nilson Lage (1997) para organizar a linguagem jornalística:

- Factual - busca se ater à veracidade dos fatos e à certeza das fontes. Seu caráter informativo deriva de sua referencialidade, do contexto. Corresponde à função descritiva da língua, aquela que se reporta ao mundo objetivo dos acontecimentos, exterior ao processo de comunicação, aquela que encontra na fotografia a comprovação do real. Na opinião de Nilson Lage (1997, p.38), a linguagem jornalística é a conciliação entre a norma da língua padrão (vigente através dos manuais de redação) e o registro coloquial: “ela é basicamente constituída de

²⁵A Teoria do Espelho prega que as notícias são uma fotografia fiel da realidade. O que o leitor lê no jornal, vê na TV ou ouve no rádio é exatamente o que aconteceu. A idéia-chave ressalta a separação entre as opiniões e os fatos, defendida nos manuais de redação.

palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal”. Para Gomes (2000, p.20) “é a confirmação da aliança social”, exercendo o que a autora chama de “função testemunhal” (Idem).

- Objetiva - não é partidária, mas imparcial, sem juízos pessoais; informa ao invés de persuadir; é direta, simples, de fácil e rápida compreensão pelo leitor; posiciona as informações mais importantes primeiro (diagrama da pirâmide invertida²⁶). Sobre isso Nilson Lage (1997, p.40) comenta: “A situação corrente em jornalismo é a de um emissor falando para um grande número de receptores (...) conjunto disperso e não identificado, cujo conhecimento só é possível por amostragem estatística”. Tal fato pressupõe, segundo o autor que, *adjetivos testemunhais* (*grande* salário, *edifício alto*, episódio *chocante*) e *aferições subjetivas* devem ser eliminados, pois dependem essencialmente do juízo, dos valores do jornalista e, substituídas por dados que permitam ao leitor tirar suas próprias conclusões, ou seja, o jornalismo descreve, não classifica. Ainda segundo o autor, “o texto jornalístico procura conter informação conceitual, o que significa suprimir usos linguísticos pobres de valores referenciais”, evitando o uso de frases feitas (ibid., p.36).
- Justa – deve ouvir e investigar todos os lados e posições envolvidas para, então, reportá-las igualmente, com equilíbrio. Não deve ser intencionalmente vaga ou ambígua, nem tão pouco fazer pré-julgamentos.
- Acessível – Na opinião de Lage (ibid. p.38), a linguagem jornalística é a conciliação entre a norma da língua padrão (vigente através dos manuais de redação) e o registro coloquial: “ela é basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal”. A princípio não utiliza termos técnicos; porém, se utilizá-los, deve explicá-los, ou estabelecer comparações para facilitar a compreensão do leitor sem, no entanto, subestimá-lo empregando uma linguagem muito simplificada.
- O uso da terceira pessoa (ele/ela) é obrigatório porque fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si, à retórica referencial apoiando-se no contexto (ibid., p.39). Já os

²⁶Cf. Campos (<http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Artigos/noticia.htm>) - Pirâmide Invertida é um jargão jornalístico para identificar o formato de textos em que a parte mais importante da notícia ou da informação é colocada no primeiro parágrafo, assim o jornalista conseguia adequar-se ao espaço editorial e poupar tempo ao leitor informando o máximo no mínimo. Ela é invertida porque essas informações foram o que seria a base nas pirâmides físicas.

números, conferem alta confiabilidade, exatidão, apuração. Para Gomes (2000, p.21), isso equivale à função de vigilância exercida pela imprensa (ou quarto poder, no senso comum); um jornalismo de observação e denúncia do exercício do poder. E, finalmente, quanto a questões ideológicas, Lage admite que “as grandes e pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico” (LAGE, 1997, p.42).

Atualmente e após a reestruturação da Folha de São Paulo, é possível dizer que estas regras valem também para o jornalismo no ambiente online, apesar das tentativa de padronização desse estilo.

APÊNDICE B – CATEGORIAS E ESTRATÉGIAS PARA ELABORAÇÃO DO TÍTULO

Num primeiro momento, a tendência natural é considerar o título como parte integrante do corpo do texto, mesmo que tenha destaque, isto é, seja elaborado a parte. Isto se deve talvez pela própria maneira como aprendemos a escrever nas aulas de redação da escola: primeiro você escreve o texto e dele depreende um título condizente, o que implica que é a mesma pessoa – o autor – quem se encarrega das duas tarefas: escrever o texto e pensar no título. Por extensão, considera-se que sua elaboração seja responsabilidade do jornalista que escreve o texto da reportagem, o que não se verifica. Seja na mídia impressa ou online, a titulação é responsabilidade do editor ou redator e representa uma segunda etapa do processo de elaboração da notícia.

Lembramos que o título é elaborado partindo-se do lide, devendo ser suficientemente interessante para atrair a curiosidade do leitor. Porém, a titulação depende ainda do veículo de comunicação (cada um titula de forma específica), da orientação deste veículo (valores políticos, socioculturais, empresariais, profissionais para lembrar as esferas presentes no modelo de Esser), do idioma, da tradição jornalística e cultural, do gênero jornalístico (artigo, editorial, entrevista, etc.), da seção, da página (o título pode se tornar, eventualmente, a manchete principal²⁷), localização, corpo e tipo de letra (FONTCUBERTA, 2002; COMASSETTO, 2003).

²⁷Maria Rosane Ribeiro no site http://74.125.93.132/search?q=cache:da0waNo6KIYJ:oglobo.globo.com/quemle/Programa/glossario_de_jornalismo.doc+%22retranca%22&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br fornece um ‘Glossário de Jornalismo’ no qual o verbete “título” tem como explicação apenas um link para outro verbete ‘manchete’, sugerindo a idéia de um ser, eventualmente, sinônimo do outro.

A edição, segundo o Manual de Redação da Folha (1998, p.121) compreende o preparo e a disposição do material jornalístico no conjunto de páginas e implica selecionar e fazer opções de modo a destacar um quadro completo, hierarquizando os fatos e reunindo, em torno da reportagem, textos de apoio e material iconográfico para situar o leitor. Neste caso, segundo o manual, títulos e legendas exercem papel importante: devem ser claros, precisos e descrever a ação em curso e, no caso específico dos títulos, destacar o elemento mais importante ou inusitado do texto. Pinho (2003, p.193; 196) destaca sua elaboração no tópico ‘redator web e titulação online’, esclarecendo os meios disponíveis para tanto no item ‘orientação do redator para a web’.

Segundo o autor, a titulação online concentra-se em duas fases: na redação e edição do texto. Na primeira, a tarefa do editor e do redator é criar títulos e resumos curtos e explicativos, enquanto na segunda, a apresentação deve ser consistente por todo o documento e todos os tópicos ou títulos devem figurar no sumário ou na lista de conteúdo em cada nível da titulação, a saber: ante título, entretítulo e subtítulo. Para tanto, o redator deve seguir um conjunto de regras simples a fim de manter a ordem e a objetividade em cada um destes níveis referentes aos aspectos gráficos da reportagem e cuja função é diferenciar e destacar o título em relação ao texto, considerando também as ilustrações²⁸.

O ante título, também denominado sobre título ou título de seção, antecede o título funcionando como uma parametrização geral para o leitor. Por essa razão, são editados em fonte menor ou diferente, por exemplo: uma matéria sobre a seleção brasileira provavelmente ocupa a seção de esportes, sendo este o título de seção do caderno. O título de seção, contudo, pode se repetir em vários cadernos do jornal, mas o ante-título não. Importante é perceber que muitas vezes antes do título, podem existir outras informações editadas em corpo e fontes distintos. Logo abaixo do título, em fonte menor, localiza-se o subtítulo, ou ‘olho’, conforme Medina²⁹ (1988, p.122) como uma espécie de “prolongamento do lide e do título e que pode, dependendo de sua localização na página ser chamado de manchete ou submanchete. Sua possibilidade está ligada a diagramação e ao uso de áreas livres”, caso seja valorizado pelo jornal. É comum também que perto do título existam ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos, infográficos, tabelas, mapas, recurso multimídia) e que se constituem em importantes fontes atrativas para

²⁸Por razões de foco e pelos limites naturais aos quais a proposta se adapta, não abordaremos nenhuma análise referente a ilustrações para o corpus.

²⁹Medina a principio relaciona a metáfora do ‘olho’ apenas ao subtítulo, porem mais adiante no seu texto aplica a metáfora a todas as categorias dizendo que “olhos” referem-se ao antes, depois ou aos títulos espalhados pela pagina (MEDINA, 1988, p.122).

o leitor; neste caso título e figuras podem ser vistos como um todo semelhante ou complementar³⁰. Toda essa estrutura (título de seção, ante título, título, subtítulo e eventuais ilustrações) mantém a função de atrair o leitor antes mesmo que ele se detenha em outro detalhe do próprio texto, como hiperlinks. Pode-se dizer que todo esse conjunto forma um texto a parte, no qual o título é o seu elemento principal, visto que está sempre presente.

Cabe ainda uma observação a respeito dos entretítulos que constituem informações extraídas geralmente do corpo do texto e inseridas no meio da reportagem em fonte e cor diferentes. Sua função é basicamente ressaltar algum ponto específico da argumentação do texto ou antecipar alguma informação que venha em seguida. São também chamados “olhos” (MEDINA, 1988); porém, embora devam também atrair a atenção do leitor, não são vizinhos ao título e, portanto, não são determinantes para a escolha da reportagem ou para a narrativa do fato.

As figuras B.1 e B.2 a seguir ilustram esta descrição sobre a tipologia dos títulos em dois momentos. Na primeira temos a página de uma edição do NYT sobre o “11 de Setembro” do ano de 2001. Nesta versão impressa, mais tradicional, percebe-se a presença da manchete, submanchete, títulos das matérias, entretítulos, por exemplo. Já a figura B.2 traz a primeira página da Folha Online de 2006, também sobre o mesmo assunto na qual se percebe apenas a presença dos títulos, sejam eles manchetes ou não e nenhum conteúdo de texto:

³⁰Ressaltamos que, para esta proposta, os títulos são analisados sem vínculos com quaisquer outros elementos gráficos, visto que o propósito é analisar a capacidade de o título narrar e representar culturalmente a notícia. Considerar os elementos gráficos extrapola, portanto, o contexto de análise dos mais de 3 mil títulos coletados, o que mereceria um estudo a parte.



Figura B.1: Títulos de primeira página do NYT sobre o "11 de Setembro" (impresso)

Fonte: *The New York Times*, 2001



Figura B.2: *Homepage* da Folha Online – quinto aniversário - 24/08/06

Fonte: Folha On Line, 2006.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/119cincoanosdepois>.

Percebe-se que a Folha Online trabalha com as características de produção para o ambiente online: apenas títulos de seção e títulos das notícias. Isso configura uma possibilidade dinâmica de leitura para o usuário que acessa somente os links que lhe forem convenientes sem que, no entanto, fique desinformado sobre o restante dos acontecimentos estejam eles vinculados a um único evento, como neste exemplo da Folha ou a outras notícias quaisquer. Esta ação é ilustrada na figura B.3 que mostra uma das notícias acessadas através de links prévios na FSP, também sobre o “11 de Setembro” do ano de 2001. Conforme já mencionado e segundo Moherdau (2007), o texto em si é curto, adequado ao formato web em torno de 100 palavras, traz o título de seção, o título da notícia e os mecanismos que possibilitam ao leitor interagir com a redação ou o jornalista diretamente.

mundo → Título de seção

Comunicar erros
Enviar por e-mail
Imprimir } Mecanismos de interatividade com o leitor

11/09/2001 - 11h59 → Horário - marca do imediatismo

da Folha Online

Pânico se alastra e avião cai na Pensilvânia

Opânico e os atentados nos Estados Unidos já se estendem por boa parte do país. Na Pensilvânia, um avião caiu na cidade de Pittsburgh. A CNN informa que não se sabe se a queda está ligada aos atentados terroristas. Rodrigo Clement, 30, gerente de um clube de golfe próximo a Filadélfia, capital da Pensilvânia, diz que todo o comércio da cidade está fechado e que o trânsito está parado. Um carro-bomba teria explodido no Departamento de Estado dos EUA, em Washington. Todos os prédios públicos do país estão fechados.

Figura B.3: Notícia online da FSP sobre o “11 de Setembro” - 11/09/2001

Fonte: Folha Online

Não basta, entretanto, conhecer as categorias sem compreender as estratégias para a elaboração dos títulos, considerando que estabelecem um vínculo de atração do leitor para a reportagem. Algumas dessas estratégias são descritas em Pinho (2003, p. 198-204) e Nunes (2003, p. 31-7), além dos manuais de redação da Folha de São Paulo (1998) e do Estado de São Paulo (1997). Embora voltados a mídia impressa essas estratégias vão de encontro aos princípios da mídia online: concisão e precisão semântica. O redator responsável pela titulação precisa manter a clareza e a objetividade o que nos leva a concordar com Medina (1988, p.119) sobre o fato de que a maioria das estratégias se destaca pelo que não deve ser feito; porém, mesmo rígidas essas regras garantem informatividade, concisão e a carga semântica ideal para o contexto no qual é publicada. As estratégias são diretrizes epistemológicas de seleção cuja função é assegurar o interesse do leitor sobre o que é publicado, cuja base é essencialmente sociocultural, isto é, traduzida através de critérios de noticiabilidade. Assim, além de “etiquetar” a reportagem, o título engendra também uma complexa rede de interpretação sobre os acontecimentos e sua materialização. Se um dos pressupostos do trabalho do tradutor e do jornalista é justamente sua visibilidade no texto

produzido, em razão das escolhas do que e do como dizer, não se pode ter uma atitude isenta, ainda que existam regras. Para o jornalismo online (PINHO, 2003) são três as possibilidades de titulação, a saber:

- **Títulos simples:** a estrutura mais comum da notícia é o ante título e o título, sendo que o primeiro é geralmente composto de uma palavra que indica o assunto, pessoas ou a editoria, razão pela qual é chamado também de ‘título de seção’, conforme os exemplos (1) e (2). O título simples é sintético e permite listar várias matérias para apreciação do leitor em espaços reduzidos, conforme o exemplo (3). Nestes casos é comum indicar a hora de publicação da notícia. Dependendo da diagramação, podem vir em cores e fonte maior.

(1) *Iraque*

País se prepara para ataque imediato dos EUA, diz Saddam.

(2) *Iraque 2*

Maioria dos americanos apoia ação militar para derrubar Saddam.

(3) 15h14m – Eleição – SC

Luiz Henrique explica na TV como vai governar Santa Catarina.

As partes sublinhadas indicam onde prováveis links poderiam guiar o leitor para a reportagem como nos exemplos (1) e (2) ou, então, para a seção do jornal onde a reportagem é publicada, como no exemplo (3). Neste pode ainda haver recursos (ícones) que permitem impressão, envio do link da matéria por e-mail a outros usuários, envio de e-mail para o jornal com comentários.

- **Títulos com resumo em uma frase:** este recurso pode ser empregado para notícias de maior destaque. A frase deve ser curta para oferecer ao leitor os contornos da notícia mostrando que, através de link(s), o usuário poderá acessar aquela informação, caso do exemplo (4):

(4) NY é candidata aos jogos olímpicos de 2012

As rivais de Nova York serão Madri ou Sevilha, Rio de Janeiro, Paris, Estocolmo, Londres, Toronto, Roma, Moscou e uma cidade alemã, que será escolhida entre Dusseldorf, Frankfurt, Leipzig e Hamburgo.

Como se pode observar, o resumo não contém as mesmas palavras do título nem tampouco informações do lide, pois há o risco de o leitor perder o interesse pela busca da informação ou, em maior grau, até pelo próprio jornal.

- **Títulos com resumo em um parágrafo:** são mais elaborados do que a versão em uma frase. Sua função não é só atrair ou persuadir o leitor a continuar lendo a reportagem, mas também formar no leitor uma percepção sobre a informação conforme o exemplo (5). O objetivo é o de gerar impacto nos usuários que tenham pouco interesse sobre o assunto em questão:

(5) Saddam diz que seu país está preparado para a guerra.

O presidente iraquiano afirmou em entrevista ao jornal egípcio Elosboa que está pronto para um ataque americano: “Nos preparamos como se a guerra fosse acontecer em uma hora”, disse. Do outro lado do atlântico, os americanos continuam firmes em sua determinação de desarmar o Iraque à força caso a ONU não seja mais “eficaz” em suas missões.

Disposto desta maneira, o título oferece ao leitor uma visão mais completa da situação e da disposição dos líderes dos dois países, mas ainda não resume a informação como no lide. Outra maneira de agregar o parágrafo pode ser feita através de links para outras notícias relacionadas ao fato e que explorem outros ângulos do relato, como o exemplo (6) que trata do aumento do preço dos combustíveis – as partes sublinhas indicam a possibilidade de linkagem.

(6) Gasolina sobre 12,09%, o diesel, 20,5% e o gás de cozinhas, 22,8%

Essas são as elevações medias para os distribuidores. Segundo a Petrobras, para o consumidor não deve passar de 9% para a gasolina, 17% para o diesel e 12% para o GLP.

>> Postos do Rio já cobram mais pela gasolina

>> Aumento dos combustíveis já começou no DF

A notícia publicada no Estado de São Paulo (1/11/2002) inclui informações sobre o RJ e o DF, de interesse do leitor local. Essa disposição é coerente com a estrutura da notícia online que fragmenta as reportagens maiores em blocos de texto divididos em vários documentos e unidos por links.

A classificação descrita em Pinho (2003) pode ser complementada com Fontcuberta (2002, p.93) que os divide em temáticos (aquilo de que se fala) e remáticos (o que se diz acerca do tema), sugerindo que possam ser mais ou menos informativos, a saber: Expressivos: evocam um fato presumidamente conhecido com palavras soltas: “É Tri!”. O redator subentende um leitor especialista na seção de esportes; Apelativos: chamam a atenção para o fato, presumidamente desconhecido, e são frequentes em jornais sensacionalistas ou com notícias de impacto “Crime cruel na Rua Sete de Setembro”; Temáticos ou simplificadores: não demonstram análise ou juízo de valor, visto que enunciam sem identificar a notícia, provavelmente de pouca relevância: “A saúde moral do congresso”; Informativos: explicam o objeto, a ação e circunstâncias: “Mais um morro invadido pela polícia no Rio”. Estes títulos podem ser ainda estáticos ou dinâmicos. O primeiro descreve resultados ou efeitos de ações, elidindo o verbo e baseando-se no participio: “O governo, preocupado com a crise econômica”. O segundo focaliza a ação e emprega verbos no presente ou futuro: “MASP exhibe obras de Rodin”.

Na figura B.4, a seguir, apresentamos a sistematização dos tipos de títulos, conforme mencionados por Fontcuberta (2002):

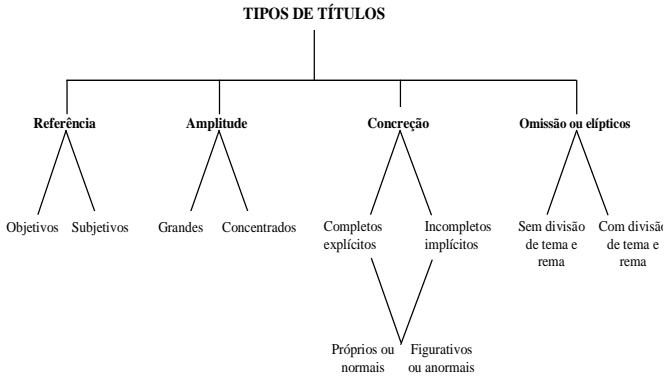


Figura B.4: Tipos de Títulos

Fonte: Fontcuberta (2002).

Segundo esta tipologia as funções atribuídas aos títulos estão sempre fundamentadas no contexto textual; logo, para que cumpram sua função convém mencionar o que se pode chamar de “a linguagem da titulação”, a exemplo da linguagem jornalística, isto é, princípios que orientam o redator na captura da essência da reportagem para que esta possa ser traduzida no título.

Sendo, portanto, o título a porta de entrada para a matéria, deve motivar o clique, direcionar o olhar, conquistar o interesse do leitor. Para tanto, um bom título é fundamental. Segundo o Manual de Redação do Estado de São Paulo (MARTINS, 1997, p.282), são 46 as regras para sua elaboração que, segundo o manual, exercem a função de resumir a informação principal do texto ou descrever o fato com precisão, confirmando a mesma postura para o jornal online. Por outro lado, o Manual de Redação da Folha (1998) dedica pouco mais de uma página para o que considera como “tudo o que o leitor vai ler sobre o assunto” ou “o fator que vai motivá-lo ou não a enfrentar o texto”. Segundo o Novo Manual³¹ da Redação, as normas traduzem a concepção de jornalismo do veículo,

³¹<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/>

portanto sua função não é padronizar, mas definir *conselhos de redação* para uma boa reportagem.

Medina (1988) e Nunes (2003) corroboram o fato de as regras serem rígidas, porém necessárias para a mantabilidade da função dos títulos. Pinho (2003) adverte, contudo, que a titulação pode seguir linhas de elaboração ou programação visual específicas de acordo com cada redação. Acreditamos, embora o autor não confirme com exemplos concretos, que estas especificidades sejam necessárias apenas para portais de notícias ou mesmo revistas femininas disponibilizadas online, visto que as edições online da Folha e do NYT se orientam pelos mesmos princípios de titulação do jornal impresso: concisão, precisão, dizer o máximo num espaço mínimo. As alterações, lembramos, referem-se apenas ao tratamento do conteúdo da notícia, bem como a sua disposição gráfica e uso de recursos adicionais como iconização e linkagem.

Bons títulos são, portanto, objetivos, claros, completos, tais como: “*Governo desiste de aumentar impostos*” ou ainda “*Assaltantes roubam 500 mil e prendem 12 reféns*”. Confusão é tudo o que o jornal quer evitar para o leitor, como no caso de ambiguidades em “*Presos acusados de roubo*”, no qual a dúvida é se os presos (da cadeia X) foram acusados de roubo ou se foram presos os acusados de roubo. Vale também lembrar o que informa Pinho (2003) sobre o fato de que o título ou a manchete da primeira página não precisa ser igual a manchete da mesma notícia no ‘interior’ do jornal, visto que entre uma e outra pode haver limites de espaço e caracteres, ou seja, cabe a regra do estilo harmônico e agradável. Tal fato reitera a afirmação de início de parágrafo: quanto mais informações o leitor tiver, melhor será o título que deve dizer o máximo que conseguir: *Senado aprova e argentinos já têm divórcio; Acidente com ônibus no Cairo mata 50 crianças; Polícia frustra sequestro, mata três e resgata reféns*.

Portanto a descrição que propomos a seguir tem por objetivo, a exemplo do que fizemos com a linguagem jornalística no capítulo anterior, demonstrar a complexidade da titulação. As regras abaixo são encontradas no manual do Estado de São Paulo (1997), da Folha (1998) e reiteradas em Pinho (2003) e Nunes (2003). Elas não seguem a ordem publicada nos manuais e algumas foram unidas em uma única regra por relação de similaridade. Optamos ainda por separá-las em dois grupos (o que fazer; o que não fazer) de forma a comprovar a observação de Medina (1988, p.119) sobre o fato de as regras penderem muito mais pelo que deve ser evitado do que pelo que deve ser seguido. Sendo assim, o que chamamos de “gramática do título” estabelece os seguintes aspectos linguísticos para a sua elaboração:

O que fazer:

- Usar verbos na voz ativa e no presente do indicativo para ganhar em impacto e expressividade: Ex.: *Israelenses e palestinos assinam (e não assinaram) acordo de paz / Reitor chama (e não chamou) polícia para poder trabalhar.*
- Maiúsculas³² sempre na primeira palavra do título e para nomes próprios. Nenhuma palavra pode ser separada em sílabas, nem mesmo se forem ligadas por hífen.
- O artigo pode ser dispensado para economizar caracteres, mas pode ser conservado com formas de valor absoluto como: o maior, o máximo, o mais novo, o único, etc.
- Títulos jornalísticos criativos são exceções e não a regra: *Não, não chega de saudade / A difícil vida fácil.*
- No caso de um título auxiliar, ele deve complementar e não repetir informações: *Museus descobrem fraude (Arte pré-colombiana não passa de obra de artista mexicano).* Um exemplo negativo é: *Medidas vão reduzir a liquidez (O CMN aprovará amanhã medidas para reduzir o excesso de dinheiro em circulação).*
- Se a notícia for sobre fenômenos meteorológicos ou acidentes, por exemplo, pode-se recorrer à causa e efeito: *Acidentes matam 20 nas rodovias paulistas / Mau tempo adia a rodada do campeonato.*
- Uma solução criativa pode ser o emprego de jogo de títulos numa mesma página: *Edu, o do Palmeiras, vai jogar. Edu, o da Portuguesa, quer descansar.*
- Em relação aos nomes (pessoa, cidade, coisa), convém sempre usar o nome correto, evitando aumento de caracteres: *Greve de ônibus e metrô deixa a "Cidade Luz" sem transporte.* Deveria-se usar "Paris".
- Somente títulos de editoriais, artigos ou comentários assinados podem expressar opinião: *Imposição do bom senso; Uma decisão desastrosa; O passado condena no Uruguai.* O exagero não é bem vindo: *Empresários morrem de medo de novo congelamento; Lei americana enfirece os europeus.*
- As normas de pontuação também são rígidas. Em geral, não se usa dois-pontos ou vírgulas para retrancas: *Fiança: cresce o número de acidentes; Apartamentos, o ministro vai explicar.* Não se usa também ponto de interrogação: *O cacau, a caminho da privatização?* Aspas somente para

³²NO Estado recomenda-se os títulos sempre em minúsculas (caixa baixa). A (caixa-alta) só é empregada em casos muito especiais como manchetes que exijam maior destaque que as normais.

palavras que, segundo as normas da redação, vão em itálico ou negrito: *Gil grava "Chão de Estrelas"*. Títulos entre aspas somente para sub-retrancas e títulos auxiliares de entrevistas. E, finalmente, ponto final somente se houver autorização da Redação: *Tiros na mata. Para salvar jacarés; A cidade quer o porto. Mas não a esse preço.*

- Títulos sem sujeito nem sempre ficam enigmáticos e podem ser aceitos: *Condenado a 12 anos sem provas.*
- Os tempos verbais constituem norma a parte, visto que conferem rigor e força ao conteúdo expresso. Em geral, deve-se sempre utilizar o presente do indicativo. Referências ao futuro somente com indicação de tempo: *Presidente dos EUA chega amanhã*, ou se a ação já tiver iniciado: *Brasil voltará a negociar com o FMI*. Se a ação estiver no passado, utiliza-se o pretérito, como em casos de balanços ou levantamentos: *Consumo de combustíveis aumentou 15% em abril; Indústria demitiu 50 mil até agora*. A questão dos tempos verbais é característica da titulação atual, além de ser outra unanimidade na literatura jornalística. Elaborada com verbos no presente sugere ao leitor que os fatos narrados estão em andamento, ou seja, é possível ler o mesmo site ou jornal várias vezes e manter o efeito de atualidade.
- O verbo **ter** deve ser usado nos seus significados reais e não como curinga. Um exemplo de emprego do verbo de forma não aceitável é: *Crianças têm campanha no colégio sobre eleições.*

O que não fazer:

- Adjetivos não substituem a informação específica; portanto: *Comissão propõe profundas mudanças no IR; Realizado o maior assalto a banco do ano; Governo baixa medidas duras para tentar conter o déficit ou Média de mortes teve aumento brutal*, não indicam ao leitor o contexto em que as situações ocorrem.
- Não se deve repetir palavras numa mesma página (à exceção de artigos, preposições ou contrações curtas).
- Fórmulas semelhantes numa mesma página somente em caso de “jogo de títulos” e se houver algum espaço em branco entre linhas. Deve-se evitar a abreviação de nomes próprios, bem como a indicação de cargos ocupados (*gov. Pereira, alm. Valença*).
- Não se deve utilizar os verbos **dizer**, **declarar** ou **afirmar** para entidades: *Eletropaulo diz que contas de luz podem estar erradas*. O correto é substituí-los por: *admite, nega, contesta*, etc. Isto porque, o site ou o jornal acabam por assumir um posicionamento que vai de encontro à parcialidade e a não-objetividade ou encampanação, isto é, quando se atribui uma informação a alguém ou alguma coisa. A menos que o jornal

as tenha apurado, elas devem ser evitadas, como: *Uruguai não está nem um pouco preocupado* (quem disse isso?). Quem edita deve zelar pela publicação de versões e pontos de vista discordantes sempre que houver.

- Conjunções no início de títulos devem ser evitadas: *E o governo já admite que vai demitir mais servidores*; *E até a lei do meio ambiente foi desrespeitada*.
- Como o título deve ser claro e conciso, o excesso de informações deve ser evitado, pressupondo um efeito contrário, bem como cuidar para que estas informações não sejam obscuras: *BNDES socorre giro de micro, pequeno e médio* [empresário].
- O uso do verbo **foi** deve ser evitado, especialmente quando se recorre ao particípio, pois é totalmente dispensável: *(Foi) Aprovada a estatização dos bancos no Peru*; *(Foi) Iniciada a corrida aos cargos no governo*.
- O Futuro do pretérito (antigo condicional) deve ser evitado, pois transmite idéia de insegurança, eventualidade e falta de convicção ao leitor. Observe: *Curtocircuito teria causado o incêndio na Paulista*; *Excesso de informação causaria estresse*. O melhor recurso é utilizar **pode**, **deve**, **possível**, **provável** (modalizadores epistêmicos) ou **ameaça**, **espera** e outras palavras que contornem a situação. O futuro do pretérito só ocorre em caso de formulação de hipóteses: *Ex-ministro afirma que reeditar o Plano Cruzado seria até hilariante*.
- Gerúndio: deve ser evitado não só em títulos, como também em notícias, reportagens, artigos, comentários, críticas, crônicas. Sempre é possível substituí-lo por uma forma no presente: *Cartel de Medellín invadindo o Brasil*.
- Jogo de palavras – não se justifica e confere aos títulos um gosto bastante duvidoso: *Preço do sapato aperta consumo*; *Chegada de Nobel da Paz causa guerra*; *Minivaca produz maxileite*
- “Muletas” esticam as linhas, ficam redundantes, não têm função alguma e se tornam muito evidentes: *Presidente critica um deputado*; *Empresa demite os seus funcionários / Corinthians já teme o América*; *O leão foge do circo*. Que leão? Que circo? A empresa pode demitir outros funcionários que não os seus?
- Advérbios: em se tratando dos jornais impressos, presume-se que as notícias foram publicadas na véspera. Já nos jornais online, presume-se a edição em tempo real o que nem sempre acontece. Neste caso, o tempo presente torna o título mais forte: *Presidente anuncia acordo com credores* (e não: *Presidente anunciou ontem acordo com credores*); *Santos vence o Guarani* (e não: *Santos venceu ontem o Guarani*).

- Rebuscamento. Pronomes oblíquos passam uma idéia de sofisticação: *Ladrões esperam família acordar para assaltá-la* e, palavras estranhas ao universo do leitor ou termos muito sofisticados não estabelecem uma comunicação direta com o leitor. Formas como as que seguem não são, portanto aconselhadas: *Polícia cala sobre a fuga de 2 mil / Ministro diz que o gatilho de servidor é controverso / Centavo, moeda tão vil que ninguém se abaixa para pegar / Inseto americano mimetiza predador para poder fugir*
- Para finalizar, rimas terminadas em “ão” não conferem boa sonoridade e deixam no ar a sensação de incompletude através do inevitável “o que?”. Veja: *Ministro nega pressão política para demissão* (demitir quem?) ou *Ministro admite congelar, após ajuste de preços* (congelar o que?).

Contando o número de regras para cada um dos grupos, nota-se que o segundo tem apenas uma a mais, mesmo algumas tendo sido aglutinadas. Apesar de não haver caráter científico nesta amostragem, o número de regras de sentido negativo, isto é, que devem ser evitadas, indica a confirmação das afirmações de Medina (1988). Independente disto, como sugere Nunes (2003), os títulos *per se* são capazes de gerar estudos específicos, tendo em vista estes e outros cuidados com a linguagem e editoração, visto que a titulação circunstância o fato e agrega o inusitado, o impacto da informação sobre o leitor.

APÊNDICE C – ENQUETE SOBRE TÍTULOS NO JORNALISMO ONLINE

<http://spreadsheets.google.com:80/viewform?formkey=dC1IMEIIa0ZyQjJsRkotZ0R3b2ZRR0E6MA>

Enquete sobre Jornalismo Online

Olá! - Por favor, responda às perguntas abaixo e obrigada por sua participação!

1. Você costuma ler jornais pela internet (Folha, O Globo, O Estado de São Paulo, outros)?

SIM - 91 respostas (59,9%)

NÃO – 61 respostas (40,1%)

2. Você costuma ler notícias em sites/portais de notícias (uol, IG, terra, outros)?

SIM – 120 respostas (78,9%)

NÃO – 32 respostas (21,1%)

3. Ao acessar estes sites (jornais online/portais de notícias) você...

lê somente os títulos das notícias – 57 respostas (37,5%)

lê o título e a reportagem/notícia completa - 88 respostas (57,9%)

** não responderam – 7 (4,6%)

4. Em relação aos títulos, você diria que eles...

influenciam a escolha da reportagem/notícia que você vai ler – 140 respostas (92,1%)

não influenciam em nada, pois você lê a reportagem/notícia independente do título - 5 respostas (3,3%)

** não responderam – 7 (4,6%)

**** Total de 152 respondentes no período de Setembro à Outubro de 2009.**

APÊNDICE D – DA FOLHA ONLINE (FSP) E DO *THE NEW YORK TIMES* (NYT)

A opção pela Folha Online e pelo *Times* é de ordem prática para facilitar a coleta do *corpus*. Em razão da interatividade promovida por essa modalidade de jornalismo, a coleta do *corpus* tornou-se viável, o que não aconteceria com suas versões impressas. Esclarecemos que, apesar da característica online de ambas as fontes, as siglas empregam o nome dos jornais como o público geralmente os conhece para facilitar a compreensão e a memória visual. Outro fator que nos levou a optar por estes dois periódicos foi o caráter de pioneirismo de ambos na mídia online e também por serem jornais de grande alcance (e não raro críticas) entre os leitores em seus respectivos países.

A FSP surgiu em 1960 com a fusão de três títulos da empresa: a Folha da Manhã, da Tarde e da Noite. Nos anos 80 torna-se a primeira redação informatizada da América do Sul, com a instalação de terminais de computador e em 1996 é lançado pelo Grupo Folha Online, primeiro serviço online de grande porte no país. No mesmo ano, o Universo Online e o Brasil Online, do Grupo Abril, se fundem em nova empresa, o Universo Online S.A. a Folha Online é, segundo o site <http://www.folha.uol.com.br/>, o “primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa”, conforme é visto na figura 5.1 que ilustra a homepage da Folha Online. Nesta versão da FSP não existe o horário indicando as últimas atualizações, porém, logo abaixo da data existe um *tag* com a chamada “em cima da hora” na qual, a exemplo das legendas em programações televisivas, o leitor fica sabendo dos últimos acontecimentos em tempo imediato. A hora de publicação das notícias é apresentada junto ao texto em si, conforme exemplificado pela figura D.1 do capítulo anterior.

Dados de 2000, indicados no site, afirmam que o leitor tem uma visão predominantemente liberal dos fatos; está na faixa dos 40 anos; tem alto padrão de renda e escolaridade; é católico, possui televisão por assinatura e utiliza a Internet. Fora da região de São Paulo, o leitor está na faixa dos 36 anos; é mais elitizado (classe A), sendo 29% com pós-graduação. Para o diretor de Redação da **Folha**, Otavio Frias Filho, o fato de o leitor ficar mais velho e mais instruído reflete a inserção do jornal no *establishment* da opinião pública brasileira. 'É a realização de um objetivo antigo da **Folha**.'

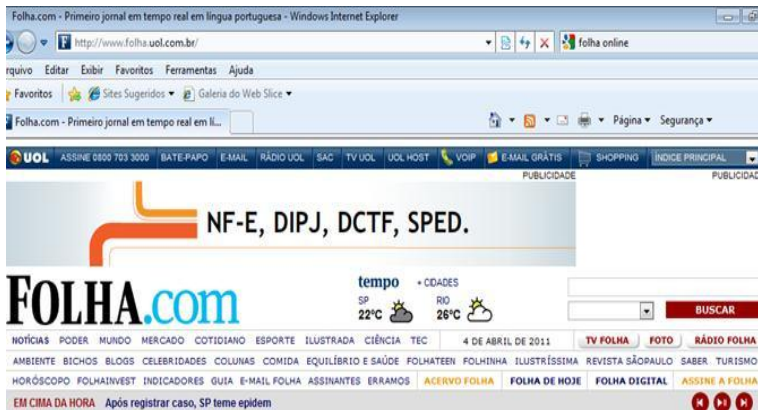


Figura. D.1 – *Homepage* da Folha Online.

Fonte: Folha Online, 2011.

Já a opção pelo *The New York Times*, fundado em 1851 em NY, deve-se a sua importância e relevância para o contexto norte-americano, sendo reconhecido pelos leitores dentro e fora dos Estados Unidos. O site <<http://www.nytc.com/>> indica que o NYT é propriedade do *The New York Times Company* que publica outros 18 jornais incluindo o *International Herald Tribune* e o *The Boston Globe*. O jornal tem forte presença na web desde 1995 sempre no topo do ranking dos jornais online. Dados do site mostram que o NYT teve 555 milhões de acessos em março de 2005 e 146 milhões no mesmo período em 2008, além de produzir 22 dos 50 blogs de jornais mais populares nos Estados Unidos. Seu website foi indicado como o jornal online norte-americano mais popular recebendo mais de 18 milhões de visitantes em dezembro de 2008. A figura 5.2 ilustra a *homepage* do NYT com data e horário de atualização do jornal (*last update*) que é constante, diferentemente da FSP. Observe-se, a exemplo do jornal brasileiro, o *slogan: breaking news, world news and multimedia*. Para o usuário/leitor que deseje ler o jornal online da mesma que a edição impressa, o *Times* disponibiliza ainda o “*today’s paper*” (jornal de hoje) como link na *homepage* no topo à esquerda, incluindo um recurso que permite ao leitor folhear o jornal virtualmente.



Figura D.2: *Homepage do The NYT.*

Fonte: *The New York Times*, 2011

Finalizamos, assim, as considerações extras sobre as informações contidas nesta tese e que podem auxiliar o leitor a compreender melhor o tema estudado e a desenvolver trabalhos futuros na área da tradução-jornalística, da linguística textual e do discurso.



